

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
EM CIÊNCIAS: QUÍMICA DA VIDA E SAÚDE**

Eduarda Tais Breunig

**CLÁSSICOS DA LITERATURA INFANTIL SOB O OLHAR DO ENSINO
DE CIÊNCIAS: UMA PROPOSTA PARA OS ANOS INICIAIS**

Santa Maria, RS,
2020

Eduarda Tais Breunig

**CLÁSSICOS DA LITERATURA INFANTIL SOB O OLHAR DO ENSINO
DE CIÊNCIAS: UMA PROPOSTA PARA OS ANOS INICIAIS**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial a obtenção do título de **Mestre em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde.**

Orientadora: Prof^a Dr^a. Andréa Inês Goldschmidt

Santa Maria, RS
2020

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

Breunig, Eduarda Tais
Clássicos da Literatura Infantil sob o Olhar do
Ensino de Ciências: Uma Proposta para os Anos Iniciais /
Eduarda Tais Breunig.- 2021.
310 p.; 30 cm

Orientadora: Andréa Inês Goldschmidt
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Naturais e Exatas, Programa de
Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e
Saúde, RS, 2021

1. Literatura Infantil 2. Ensino de Ciências 3. Anos
Iniciais do Ensino Fundamental 4. Alfabetização
Científica 5. Clássicos infantis I. Goldschmidt, Andréa
Inês II. Título.

sistema de geração automática de ficha catalográfica da UNAM. dados fornecidos pelo autor(a). sob supervisão da direção da divisão de processos técnicos da biblioteca central. bibliotecária responsável rosula schoenfeldt patta em 10/1728.

Declaro, EDUARDA TAIS BREUNIG, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Eduarda Tais Breunig

**CLÁSSICOS DA LITERATURA INFANTIL SOB O OLHAR DO ENSINO DE
CIÊNCIAS: UMA PROPOSTA PARA OS ANOS INICIAIS**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial a obtenção do título de **Mestre em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde.**



Aprovado em 20 de agosto de 2021:

Andréa Inês Goldschmidt
(Presidente/orientador)

Lenira Maria Nunes Sepel (UFSM)

Raquel Ruppenthal (UNIPAMPA)

Santa Maria, RS
2021

NUP: 23081.067278/2021-42		Prioridade: Normal
Homologação de Ata 010 - Organização e Funcionamento		
COMPONENTE		
Ordem	Descrição	Nome do arquivo
2	Folha de Aprovação de Dissertação	Folha_aprovacao_Eduarda_Breunig.pdf
Assinaturas		
20/08/2021 16:37:22 RAQUEL RUPPENTHAL (Pessoa Física) Usuário Externo (991.***.***.**)		
21/08/2021 13:46:32 ANDRÉA INÊS GOLDSCHMIDT (PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR) 32.19.00.00.0.0 - DEPARTAMENTO DE ZOOTECNIA E CIÊNCIAS BIOLÓGICAS - UFSM-PM - DZCB-PM		
24/08/2021 08:55:57 LENIRA MARIA NUNES SEPEL (PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR) 02.10.18.00.0.0 - CURSO-PROGRAMA PG EDUCAÇÃO em CIÊNCIAS: QUÍMICA DA VIDA E SAÚDE - CPPGECQVS		
<p style="text-align: center;">  </p>		
Código Verificador: 801805		
Código CRC: a9e2aa05		
Consulta em: https://portal.ufsm.br/documentos/publico/autenticacao/assinaturas.html		

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Elio Breunig e Elaine Breunig que nunca mediram esforços para me ajudar em tudo que precisei durante esse período. Dedico também ao meu esposo Leonardo Henrique Schneider, que sempre esteve ao meu lado, me incentivando e aconselhando nos momentos mais difíceis e também nos momentos de alegria. Você foi o meu refúgio nos momentos de dor e tristeza, e por isso, sou extremamente grata por você, meu amor.

AGRADECIMENTOS

A concretização deste trabalho envolveu o auxílio, atenção e compreensão de várias pessoas. Agradeço a todos que, de alguma forma contribuíram para a conclusão desta dissertação. De uma maneira especial, agradeço:

- A minha orientadora Andréa Inês Goldschmidt por toda essa nossa caminhada de significativos aprendizados docentes, pela confiança em mim depositada, e pelas oportunidades de aprendizados e experiências a mim concedidas, sou extremamente grata por todos os conhecimentos que compartilhaste comigo.

- Ao meu esposo Leonardo Henrique Schneider, por me fornecer muitas doses diárias de amor, compreensão, atenção, resiliência e paciência, as quais foram essências para esta caminhada. Você foi minha fortaleza, e me fez levantar em meio a tempestade, e aos poucos recuperar as minhas forças mesmo quando tudo parecia desabar. Você é o meu orientador da vida, pessoa que admiro tanto profissionalmente, como pelo ser humano que és. Gratidão imensa a você, meu amor.

- Aos meus pais Elio Breunig e Elaine Breunig que sempre estiveram ao meu lado, me ajudando em tudo que eu precisei. Vocês foram essenciais e fazem parte desta conquista. Esse título de Mestre é somente uma forma de agradecer-los por tudo que já fizeram e fazem por mim.

- Aos meus amigos e familiares por todo o apoio, pelas conversas e desabafos e por saberem compreender a minha ausência em alguns momentos.

- A minha amiga e Mestre em Letras Viviane Debortolli, por todas as conversas que me confortavam, principalmente nos momentos de angústia, desespero e tristeza, pelos desabafos necessários, conselhos, risadas, pela companhia nas longas viagens a Santa Maria, além é claro, de todos os conhecimentos compartilhados comigo referentes à língua portuguesa e à literatura, que foram importantes para a escrita desta dissertação.

- Ao meu amigo e colega de mestrado Matheus Gutler Paim pela parceria em toda essa caminhada, agradeço também pela companhia em muitas das longas viagens a Santa Maria, nas quais você espantava meu sono, conversando e dando boas risadas.

- A minha amiga Natiéli Medina, a qual tive o prazer de conhecer durante esse período. Agradeço por todas as conversas, trocas e parceria que construímos.

Agradeço enfim, a todos aqueles que fizeram parte de alguma maneira desse período de mestrado.

Todo jardim começa com um sonho de amor. Antes que qualquer árvore seja plantada ou qualquer lago seja construído, é preciso que as árvores e os lagos tenham nascido dentro da alma. Quem não tem jardins por dentro, não planta jardins por fora e nem passeia por eles. (Rubem Alves)

RESUMO

CLÁSSICOS DA LITERATURA INFANTIL SOB O OLHAR DO ENSINO DE CIÊNCIAS: UMA PROPOSTA PARA OS ANOS INICIAIS

AUTORA: Eduarda Tais Breunig

ORIENTADORA: Andréa Inês Goldschmidt

A alfabetização científica nos anos iniciais é de extrema importância, uma vez que ela auxilia o aluno a compreender melhor o mundo em que está inserido. Um possível meio de sua inserção nos anos iniciais está na literatura infantil, a qual pode contribuir com muitos conhecimentos científicos, por meio de uma simples história. O objetivo desta pesquisa foi investigar e analisar as representações estereotipadas sobre personagens em contos de literatura infantil e a partir destas, promover a alfabetização científica por meio dos contos de literatura clássicos. O estudo, de caráter qualitativo, orientou-se pelo enfoque da pesquisa exploratória (estudo de caso) e pela categorização proposta por Bardin. Utilizamos como metodologia uma sequência didática dividida em dois diferentes momentos, uma vez que não conseguimos aplicar toda a sequência planejada nos anos iniciais, por conta da pandemia da Covid-19. Com isso, aplicamos em sala de aula a parte inicial da sequência com os anos iniciais, na qual investigamos as concepções prévias dos participantes. As etapas da sequência didática foram: 1) Aplicação do questionário prévio para analisar as concepções dos participantes; 2) Roda de contação compartilhada pelos alunos dos contos da Chapeuzinho Vermelho e dos Três Porquinhos, seguida de roda de conversa. O restante da nossa sequência didática temática sobre os animais lobo-guará e porco cateto foi aplicada como proposta para uma turma de alunos do curso normal, de forma remota pelo google meet, a qual contou com as seguintes etapas: 1) Questionário prévio; 2) Apresentação deste projeto de pesquisa; 3) Apresentação da sequência didática temática, com atividades sobre o lobo-guará e o porco cateto; 4) Questionário final de validação da sequência didática temática. Os resultados encontrados na intervenção feita com os anos iniciais, demonstraram que as crianças em geral, apresentam concepções relacionadas ao personagem lobo e os três porquinhos fortemente influenciadas pelos contos da Chapeuzinho Vermelho e dos Três Porquinhos. O personagem lobo é lembrado pela sua fama de vilão pela maioria das crianças, já os três porquinhos são vistos como bonzinhos por todas as crianças. Algumas crianças não fazem distinção entre o mundo fictício e o mundo real, e acabam caracterizando todos os lobos como vilões, tanto o personagem lobo, quanto o lobo da vida real. Essa caracterização negativa do lobo está atribuída também ao fato da maioria das crianças acreditarem que o mesmo é carnívoro, e pode comer até pessoas. Contudo, outras crianças reconhecem que o lobo só é carnívoro por conta de seu instinto animal, e isso não o torna mau. Alguns resultados encontrados na roda de conversa também foram discutidos com base nos indicadores de alfabetização científica propostos pelas autoras Sasseron e Carvalho. Os resultados referentes a segunda etapa da pesquisa, aplicada no curso normal demonstraram que alguns participantes já conseguem perceber alguns estereótipos presentes na literatura infantil, mas que muitos nunca haviam pensado em trabalhar a ciência associada a literatura infantil. Porém, após estes conhecimentos adquiridos pretendem trabalhar, pois reconhecem a importância de trabalhar os animais nativos brasileiros com as crianças, e a ciência em geral. Com isso, percebemos que essas visões fragmentadas e estereotipadas que podem vir a se desenvolver por meio de um conto de fada, devem ser trabalhadas em sala de aula, sob mediação do professor a fim de contorná-las. Uma alternativa possível está na promoção de alfabetização científica por meio de contos clássicos infantis, para isso, foi retratado nas versões reescritas do conto da Chapeuzinho Vermelho e dos Três Porquinhos, o lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) e o porco cateto (*Pecari tajacu*) como personagens, os quais estão presentes na nossa fauna brasileira, e podem atuar como importantes aliados na promoção da alfabetização científica. Além disso, todas as outras atividades propostas na sequência didática temática, tendem a colaborar ainda mais nos conhecimentos referentes a esses animais.

Palavras-chave: Alfabetização científica. Anos iniciais. Literatura infantil.

ABSTRACT

CLASSICS OF CHILDREN'S LITERATURE UNDER THE PERSPECTIVE OF SCIENCE TEACHING: A PROPOSAL FOR THE EARLY YEARS

AUTHOR: Eduarda Tais Breunig

ADVISOR: Andréa Inês Goldschmidt

Scientific literacy in the early years is extremely important, as it helps students to better understand the world in which they live. A possible means of its insertion in the early years is in children's literature, which can contribute a lot of scientific knowledge, through a simple story. The aim of this research was to investigate and analyze the stereotyped representations about characters in children's literature stories and from these, promote scientific literacy through classic literature stories. The qualitative study was guided by the focus of exploratory research (case study) and by the categorization proposed by Bardin. As a methodology, we used a didactic sequence divided into two different moments, since we were unable to apply the entire planned sequence in the early years, due to the Covid-19 pandemic. With this, we apply in the classroom the initial part of the sequence with the initial years, in which we investigate the participants' previous conceptions. The steps of the didactic sequence were: 1) Application of the previous questionnaire to analyze the participants' conceptions; 2) A counting circle shared by the students of the stories of Chapeuzinho Vermelho and Três Porquinhos, followed by a conversation circle. The rest of our thematic didactic sequence about the maned wolf and the peccary pig was applied as a proposal to a group of students from the normal course, remotely by google met, which included the following steps: 1) Previous questionnaire; 2) Presentation of this research project; 3) Presentation of thematic didactic sequence, with activities about the maned wolf and the peccary pig; 4) Final questionnaire to validate the thematic didactic sequence. The results found in the intervention carried out with the early years showed that children in general have conceptions related to the wolf character and the three little pigs, strongly influenced by the tales of Little Red Riding Hood and Three Little Pigs. The wolf character is remembered for his reputation as a villain by most children, while the three little pigs are seen as good by all children. Some children make no distinction between the fictional world and the real world, and end up characterizing all wolves as villains, both the wolf character and the real-life wolf. This negative characterization of the wolf is also attributed to the fact that most children believe that it is a carnivore, and can even eat people. However, other children recognize that the wolf is only carnivorous because of its animal instincts, and that doesn't make it bad. Some results found in the conversation circle were also discussed based on the scientific literacy indicators proposed by the authors Sasseron and Carvalho. The results referring to the second stage of the research, applied in the normal course, showed that some participants are already able to perceive some stereotypes present in children's literature, but that many had never thought of working science associated with children's literature. However, after this acquired knowledge, they intend to work, as they recognize the importance of working with Brazilian native animals with children, and science in general. Thus, we realize that these fragmented and stereotyped views that may be developed through a fairy tale must be worked on in the classroom, under the teacher's mediation, in order to get around them. A possible alternative is to promote scientific literacy through classic children's tales, which was portrayed in the rewritten versions of the Little Red Riding Hood and the Three Little Pigs, the maned wolf (*Chrysocyon brachyurus*) and the peccary pig (*Pecari tajacu*) as characters, which are present in our Brazilian fauna, and can act as important allies in promoting scientific literacy. Furthermore, all the other activities proposed in the thematic didactic sequence tend to collaborate even more in the knowledge related to these animals.

Keywords: Scientific literacy. Early years. Children's literature.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Percentual de ocorrência dos resultados encontrados sobre a expressão dos entrevistados ao observarem a imagem do lobo-guará e do lobo personagem	70
Tabela 2- Percentual de ocorrência dos resultados encontrados sobre terem ou não reconhecido a imagem do lobo-guará e do personagem lobo	71
Tabela 3- Percentual de ocorrência dos resultados encontrados sobre o lobo-guará e o lobo personagem serem considerados bons ou maus	74
Tabela 4- Percentual de ocorrência dos resultados encontrados na roda de conversa da Chapeuzinho Vermelho sobre a pergunta: quem é o lobo?.....	79
Tabela 5- Percentual de ocorrência dos resultados encontrados sobre o hábitat do lobo-guará e do lobo personagem	80
Tabela 6- Percentual de ocorrência dos resultados encontrados sobre a escolha de entrar ou não na floresta com o lobo-guará e o lobo personagem	83
Tabela 7- Percentual de ocorrência dos resultados encontrados sobre a possibilidade em encontrar o lobo-guará na cidade	87
Tabela 8- Percentual de ocorrência dos resultados encontrados sobre a compreensão dos alunos em relação ao “desaparecimento” dos lobos por conta do desmatamento	90
Tabela 9- Percentual de ocorrência dos resultados encontrados na roda de contação dos Três Porquinhos sobre a pergunta: O lobo é importante na natureza?	91
Tabela 10- Percentual de ocorrência dos resultados encontrados sobre a dieta do lobo-guará e do lobo personagem	92
Tabela 11- Percentual de ocorrência dos resultados encontrados sobre o comportamento dos alunos se vissem um lobo-guará e um lobo personagem	95
Tabela 12- Percentual de ocorrência dos resultados encontrados sobre as comparações entre às duas imagens apresentadas sobre o lobo (lobo-guará e lobo personagem).....	98
Tabela 13- Percentual de ocorrência dos resultados encontrados na roda de contação da Chapeuzinho Vermelho sobre a pergunta: O lobo da história é o mesmo lobo da vida real?	99
Tabela 14- Percentual de ocorrência de resultados encontrados sobre a expressão observada ao mostrar as imagens do porco cateto e dos três porquinhos	102
Tabela 15- Percentual de ocorrência dos resultados encontrados sobre terem ou não reconhecido as imagens representadas do porco cateto e dos três porquinhos	104
Tabela 16- Percentual de ocorrência dos resultados encontrados sobre ser bom ou mau do porco cateto e dos três porquinhos	106
Tabela 17- Percentual de ocorrência dos resultados encontrados sobre o hábitat do porco cateto e dos três porquinhos	110
Tabela 18- Percentual de ocorrência dos resultados encontrados sobre a escolha de entrar ou não na floresta com o porco cateto e com os três porquinhos	113
Tabela 19- Percentual de ocorrência dos resultados encontrados sobre ter porco cateto e os três porquinhos na cidade	115

Tabela 20- Percentual de ocorrência dos resultados encontrados sobre o que as crianças fariam se vissem o porco cateto e os três porquinhos	118
Tabela 21- Percentual de ocorrência dos resultados encontrados para o curso normal sobre terem ou não reconhecido a imagem representada do lobo-guará e do porco cateto	126
Tabela 22- Percentual de ocorrência dos resultados encontrados para o curso normal sobre o lobo-guará e o lobo personagem serem considerados bons ou maus	128
Tabela 23- Percentual de ocorrência dos resultados encontrados para o curso normal sobre terem ou não reconhecido a imagem representada do porco cateto e dos personagens três porquinhos	130
Tabela 24- Percentual de ocorrência dos resultados encontrados para o curso normal sobre o porco cateto e os três porquinhos ao serem considerados bons ou maus	131
Tabela 25- Percentual de ocorrência dos resultados encontrados para o curso normal sobre o reconhecimento de histórias com os personagens lobo e os três porquinhos	132
Tabela 26- Percentual de ocorrência dos resultados encontrados para o curso normal sobre o reconhecimento da ciência nos contos pelos entrevistados	133
Tabela 27- Percentual de ocorrência dos resultados encontrados para o curso normal sobre a opinião dos entrevistados referente a trabalhar a literatura infant associada ao ensino de ciências e quais possibilidades percebe para isso	134
Tabela 28- Percentual de ocorrência dos resultados encontrados para o curso normal sobre a visão estereotipada dos animais presentes nos contos infantis	137
Tabela 29- Percentual de ocorrência dos resultados encontrados para o curso normal sobre a opinião dos entrevistados referente a achar importante ou não os estudos que associam a literatura infantil ao ensino de ciências	138
Tabela 30- Percentual de ocorrência dos resultados encontrados para o curso normal sobre a opinião dos entrevistados referente a proposta de atividades apresentada	140
Tabela 31- Percentual de ocorrência dos resultados encontrados para o curso normal sobre a opinião dos entrevistados referente a proposta de atividades do lobo-guará tendo em vista a diminuição da visão estereotipada do lobo personagem	142
Tabela 32- Percentual de ocorrência dos resultados encontrados para o curso normal sobre as histórias e temas relacionados a ciência que os participantes acreditam ser possível de trabalhar a ciência	144
Tabela 33- Percentual de ocorrência dos resultados encontrados para o curso normal quando questionados sobre qual atividade da oficina os participantes mais gostaram	146
Tabela 34- Percentual de ocorrência dos resultados encontrados para o curso normal sobre a opinião dos entrevistados quando questionados se as histórias reescritas podem contribuir para a mudança de estereótipos dos animais	149
Tabela 35- Percentual de ocorrência dos resultados encontrados para o curso normal sobre a opinião dos entrevistados referente a atividade que mais contribuiria para a mudança de estereótipos	149

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1- GRUPOS DE INDICADORES DA ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA PROPOSTOS POR SASSERON E CARVALHO.....	42
QUADRO 2- INDICADORES DA ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA ENCONTRADOS NA RODA DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIA.....	123

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A- IMAGENS UTILIZADAS NO QUESTIONÁRIO DO LOBO-GUARÁ, LOBO PERSONAGEM, PORCO CATETO E TRÊS PORQUINHOS.....	165
--	-----

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	169
APÊNDICE B- QUESTIONÁRIO PRÉVIO ANOS INICIAIS	170
APÊNDICE C- TRANSCRIÇÃO DOS ÁUDIOS SOBRE A CONTAÇÃO DO CONTO DA CHAPEUZINHO VERMELHO ESCOLA AYRTON SENNA	174
APÊNDICE D- TRANSCRIÇÃO DOS ÁUDIOS SOBRE A CONTAÇÃO DO CONTO DA CHAPEUZINHO VERMELHO ESCOLA SEPÉ TIARAJU	176
APÊNDICE E- TRANSCRIÇÃO DOS ÁUDIOS SOBRE A CONTAÇÃO DO CONTO DA CHAPEUZINHO VERMELHO ESCOLA TENENTE PORTELA	179
APÊNDICE F- TRANSCRIÇÃO DOS ÁUDIOS SOBRE A CONTAÇÃO DO CONTO DOS TRÊS PORQUINHOS ESCOLA AYRTON SENNA	184
APÊNDICE G- TRANSCRIÇÃO DOS ÁUDIOS SOBRE A CONTAÇÃO DO CONTO DOS TRÊS PORQUINHOS ESCOLA SEPÉ TIARAJU	197
APÊNDICE H- TRANSCRIÇÃO DOS ÁUDIOS SOBRE A CONTAÇÃO DO CONTO DOS TRÊS PORQUINHOS ESCOLA TENENTE PORTELA	208
APÊNDICE I- PERGUNTAS DA RODA DE CONTAÇÃO DA HISTÓRIA DA CHAPEUZINHO VERMELHO E DOS TRÊS PORQUINHOS	215
APÊNDICE J- QUESTIONÁRIO CONCEPÇÕES PRÉVIAS CURSO NORMAL	217
APÊNDICE K- AULA REFERENTE AO PRIMEIRO ENCONTRO COM O CURSO NORMAL	222
APÊNDICE L- AULA REFERENTE AO SEGUNDO ENCONTRO COM O CURSO NORMAL	240
APÊNDICE M- QUESTIONÁRIO DE VALIDAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O CURSO NORMAL	262
APÊNDICE N- AULA EXPOSITIVA SOBRE O LOBO-GUARÁ E O PORCO CATETO ...	264
APÊNDICE O- MÁSCARAS DO LOBO-GUARÁ E DO PORCO CATETO	298
APÊNDICE P- VERSÃO REESCRITA DO CONTO DA CHAPEUZINHO VERMELHO INTITULADA: CHAPEUZINHO VERMELHO EM UMA AVENTURA NA NATUREZA	300
APÊNDICE Q- VERSÃO REESCRITA DO CONTO DOS TRÊS PORQUINHOS INTITULADO: OS TRÊS PORQUINHOS CATETOS E O LOBO- GUARÁ.....	305

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Alfabetização Científica
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
EC	Ensino de Ciências
ICMBIO	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
LC	Preocupante
LI	Literatura Infantil
PIBIB	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
NT	Quase Ameaçada
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
VU	Vulnerável

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	22
1. CAPÍTULO 1: OS CONTOS DE LITERATURA CLÁSSICA INFANTIL E A IMPORTÂNCIA NO ENSINO	27
1.1 BREVE HISTÓRICO DA ORIGEM DOS CONTOS DE LITERATURA INFANTIL	27
1.2 A FUNÇÃO DA LITERATURA INFANTIL NA VIDA DA CRIANÇA	31
2. CAPÍTULO 2: A ARTICULAÇÃO ENTRE A LITERATURA INFANTIL E O ENSINO DE CIÊNCIAS PARA A PROMOÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA	33
2.1 PESQUISAS SOBRE A LITERATURA INFANTIL E O ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS	33
2.2 O ENSINO DE CIÊNCIAS NOS ANOS INICIAIS E A IMPORTÂNCIA DA ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA	38
2.3 POSSIBILIDADES DO USO DA LITERATURA INFANTIL PARA A ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA E A INVESTIGAÇÃO DE ESTEREÓTIPOS	43
3. CAPÍTULO 3-PERCURSO METODOLÓGICO	48
3.1 PESQUISA QUALITATIVA	48
3.1.1 Pesquisa Exploratória- estudo de caso	49
3.2 CONTEXTO DA PESQUISA COM OS ANOS INICIAIS	50
3.2.1 Sujeitos da pesquisa com os anos iniciais	51
3.3 CONTEXTO DA PESQUISA COM O CURSO NORMAL	52
3.3.1 Sujeitos da pesquisa com o curso normal	53
3.4 ETAPA 1: INVESTIGAÇÃO DAS CONCEPÇÕES PRÉVIAS DE ALUNOS DO SEGUNDO ANO DOS ANOS INICIAIS	54
3.4.1 Análise dos contos clássicos para trabalhar a alfabetização científica	54
3.5 INVESTIGAÇÃO INICIAL DAS CONCEPÇÕES PRÉVIAS DOS ALUNOS OS PERSONAGENS SELECIONADOS.....	54
3.5.1 Questionário prévio	54
3.5.2 Roda de contação compartilhada das histórias pelos alunos	57
3.6 ETAPA 2: PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA TEMÁTICA PARA O TERCEIRO ANO DO CURSO NORMAL.....	58
3.6.1 Questionário prévio e apresentação do projeto de pesquisa	59
3.6.2 Apresentação da sequência didática temática sobre o lobo-guará (<i>Chrysocyon brachyurus</i>) e o porco cateto (<i>Pecari tajacu</i>) e questionário final de validação da sequência	60
3.6.3 Aula expositiva/dialogada sobre o lobo-guará (<i>Chrysocyon brachyurus</i>) e sobre o porco cateto (<i>Pecari tajacu</i>)	61
3.6.4 Confecção das máscaras do lobo-guará e do porco cateto	62
3.6.5 Contação das versões adaptadas da Chapeuzinho Vermelho e dos Três Porquinhos . 62	
3.6.6 Reconto das versões pelos alunos e confecção dos cartazes	65
3.6.7 Confecção do lobo-guará e do porco cateto com materiais reutilizáveis	65
3.6.8 Origami do lobo-guará e do porco cateto, e dobradura em círculos da Chapeuzinho Vermelho	66
3.6.9 Confecção do lobo-guará e do porco cateto com folhas secas	66
4. CAPÍTULO 4- RESULTADOS E DISCUSSÃO	68

4.1 ANÁLISE DOS RESULTADOS REFERENTES A INVESTIGAÇÃO COM OS ANOS INICIAS E COM O CURSO NORMAL	68
4.2 RESULTADOS REFERENTES À INVESTGAÇÃO COM OS ANOS INCIAIS	69
4.2.1 Resultados referentes ao questionário prévio e a roda de contação compartilhada de histórias sobre o personagem lobo e o animal lobo-guará	69
4.2.2 Resultados referentes ao questionário prévio e a roda de contação compartilhada sobre os personagens três porquinhos e o animal porco cateto	102
4.2.3 Resultados referentes aos indicadores da alfabetização científica encontrados na roda de conversa	121
4.3 ANÁLISE DOS RESULTADOS REFERENTES À INVESTIGAÇÃO APLICADA NO CURSO NORMAL	125
4.3.1 Resultados referentes ao questionário prévio aplicado no curso normal	125
4.3.2 Resultados referentes ao questionário de validação da sequência didática temática aplicada no curso normal	136
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	151
REFERÊNCIAS	154
ANEXO.....	165
APÊNDICES.....	169

APRESENTAÇÃO

Ser professora já faz parte de meus planos há um bom tempo. Recordando um pouco de minha trajetória docente, posso dizer que tudo iniciou de fato, quando optei em fazer o Curso do Magistério, atualmente conhecido como Curso Normal. Comecei a entrar em contato de forma mais direta com a docência, unindo a teoria e a prática por meio do estágio supervisionado. Após terminar o prazo de meio ano de estágio, permaneci na escola por mais meio ano, totalizando um ano neste ambiente escolar, quando tive a oportunidade de trabalhar com as anos iniciais e a educação infantil. Nesse meio ano que permaneci na escola, iniciei o curso de Pedagogia. No entanto, após passar no vestibular da Universidade Federal de Santa Maria, *campus* Palmeira das Missões, resolvi cursar Ciências Biológicas, pois já tinha grande apreço pelo curso.

A vida é feita de ciclos, de idas e vindas, de incertezas e medos; e quando terminamos um ciclo, e estamos prestes a iniciar o próximo, que porventura ainda é uma incerteza, é desconhecido, estes são maiores! Escolher a graduação certa, nem sempre é uma tarefa fácil, pois essa escolha implicará na sua vida futura, no profissional que você será, então há de se considerar que essa é uma escolha que pode mudar o rumo de sua vida. De acordo com Freire (1986, p.39): “Antes de mais nada, reconhecemos que é normal sentir medo, sentir medo é uma manifestação de que estamos vivos. Não tenho que esconder meus temores. Mas, o que não posso permitir é que meu medo seja injustificado, e que me imobilize”. Com isso, Freire nos deixa claro que o medo faz parte de nosso desenvolvimento, e que sempre, em algum momento, ele estará conosco; contudo, ao mesmo tempo em que devemos estar cientes de que ele faz parte desse processo, também devemos ser ousados e acreditar que ele não pode nos impedir de realizarmos o que almejamos.

Como já mencionado acima, ingressei no curso de graduação em Ciências Biológicas. Logo nos primeiros semestres, sentia que estava faltando algo que me motivasse com uma maior intensidade. Ainda me sentia perdida e um tanto assustada, como muitos universitário no início da graduação, devido a nova rotina! Precisava de algo a mais, mas não sabia o que era. Após alguns semestres, iniciaram-se as didáticas e disciplinas direcionadas à licenciatura. Por meio da disciplina de Didática conheci uma excelente professora, a qual me encantou pelo seu conhecimento, e eu nunca mais a larguei. Cá entre nós ter um bom professor faz toda a diferença, e eu me sinto muito privilegiada em encontrá-la! Agora, meu coração já estava um tanto quanto aliviado e acima de tudo motivado a continuar.

De acordo com Tardif (2014) há muitas formas de compreender o trabalho docente, e

concordando com o autor, acredito que dois aspectos são relevantes na constituição da identidade docente, sendo eles: a identidade profissional do professor e a profissionalidade, as quais são fortemente influenciadas por meio das relações humanas que o professor estabelece com seus alunos e colegas de trabalho. Contudo, compreender o trabalho docente não é simples, e esse é apenas um ponto de vista, pois o mesmo comporta múltiplas faces e muitas particularidades presentes em cada identidade docente. Porém, o que não se pode negar, é que um bom professor pode transformar vidas. Nós professores, devemos estar cientes disso ao entrarmos em uma sala de aula, pois o nosso compromisso é com cada aluno ali presente, e por isso, devo me preocupar em fazer o melhor que posso.

Dando a continuidade a minha trajetória de estudos, após fazer a disciplina de Didática das Ciências Biológicas, iniciei fazendo monitoria nesta mesma disciplina, surgindo assim a oportunidade de me dedicar também à escrita acadêmica com um enfoque no ensino de ciências, investigando, relatando e compartilhando saberes por meio da publicação de artigos científicos.

Iniciei nesta mesma época outros projetos de pesquisa, em especial um sobre as concepções da Natureza da Ciência e o conhecimento de estudantes de Ensino Médio sobre nomes e imagens de alguns cientistas importantes, apresentados constantemente em livros didáticos do Ensino Médio. A pesquisa nos mostrou que pouco se identifica e se reconhece os cientistas presentes em materiais didáticos, o que mostra a pouca inserção destas discussões em sala de aula.

Após minha formatura, tive a oportunidade de trabalhar com o 1º e 2º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental, por meio do Programa Mais Alfabetização durante o período de quatro meses. Nesse período recorri aos aprendizados e experiências que obtive no Curso Normal, e minha principal função era trabalhar com os alunos que apresentavam alguma dificuldade no processo de alfabetização. Porém, como professora de ciências, também tive a oportunidade de ampliar as possibilidades e trabalhar conjuntamente o universo das ciências naturais, que sorte a minha! Desenvolvi dois projetos com essas turmas.

Os relatos que farei em seguida, relacionados a essa experiência com os anos iniciais foram grande motivadores e influenciadores da escolha do tema desta dissertação, pois foi nesse período que me aproximei e me encantei pelo ensino de ciências nos anos iniciais. Agora, se não bastasse a ciência, esse segundo relato está comprometido pela emoção. As crianças me conquistavam todos os dias, algumas com uma simples florzinha colhida no caminho da escola, logo cedinho da manhã (tem como começar um dia ruim com esse simples gesto, mas de grande valor?!); outras com cartinhas, repleta de afetividade, sinceridade ao escrever que a profe parece uma “menininha”, além de carregar uma energia inexplicável. Porém, como nem tudo são

flores, também tinham aquelas crianças mais “malandrinhas”, mas que também se tornam inesquecíveis justamente por serem malandras, o que é um tanto quanto controverso.

Um dos projetos que desenvolvi estava relacionado à contação de histórias infantis, mais especificamente de contos clássicos. Realizava a contação por meio de uma caixa com os personagens e explorava a ciência presente nos mesmos.

As crianças aguardavam ansiosas para o dia de contação de histórias e prestavam muita atenção nas narrativas contadas por mim inicialmente, para depois poderem recontar a história para os colegas. Esse era o momento mais esperado por eles, e no qual eu me surpreendia muito com a desinibição de alguns, com o esforço de outros para vencer a timidez, com a criatividade, oralidade, doçura, improviso, postura e controle da situação até para pedir silêncio aos colegas que estavam conversando, pois queriam ser ouvidos. Além do reconto, também fazíamos atividades relacionadas à história, e muitas delas relacionando à ciência, como no conto do João e o Pé de Feijão, O Grande Rabanete, entre outros que possibilitavam explorar a ciência presente.

Nesse período também desenvolvi um projeto intitulado “Quem são os cientistas? ”, me encantando ainda mais pelo ensino de ciências nos anos iniciais. Este projeto foi planejado em conjunto com a minha professora da graduação e agora, orientadora no mestrado, o qual aplicamos em três turmas de 2^{os} anos dos anos iniciais, tendo como objetivo investigar as concepções prévias das crianças referentes aos cientistas, e se necessário, desmistificar a imagem fragmentada deste profissional. Para tanto, além de trabalharmos as concepções prévias dos participantes, oportunizamos às crianças, ouvirem histórias sobre quatro cientistas da ciência que se destacaram, no intuito de demonstrar a diversidade da área e os distintos ambientes em que estes podem atuar, desmistificando a ideia de que o cientista somente trabalha no laboratório e usa jaleco branco, tão reforçada e influenciada pelas mídias.

Ressaltamos com isso, o cotidiano dos pesquisadores e a importância de suas contribuições para a sociedade, seja na indústria alimentícia, farmacêutica, econômica, etc. Além, é claro de demonstrar o cientista enquanto indivíduo humano, o qual tem família, amigos, interage na sociedade, e não vive isolado em seu laboratório. Outro aspecto comentado foi a imagem da mulher na ciência, demonstrando que apesar das mesmas serem muitas vezes esquecidas, igualmente contribuem em muitos estudos e pesquisas. No intuito de tornar ainda mais real os cientistas para os alunos, disse a eles que eu e minha professora, também somos cientistas, além de sermos professoras, pois estamos realizando pesquisas e estudos, inclusive esse trabalho que estamos realizando agora, pois resultará em dados de pesquisa se se tornará um artigo científico, o qual poderão encontrá-lo na internet em um futuro próximo.

Como já esperado, as crianças nos surpreenderam pela sua curiosidade, questionamentos (porquês), respostas que apresentaram, enfim pela sua “sede em aprender”. Alves (2004, p.09) já nos afirmava: “curiosidade é uma coceira nas ideias”. Essa curiosidade move as crianças e as faz ir em busca de respostas. Quando a criança questiona algo, ela se torna ativa nesse processo de construção do conhecimento, pois deseja mais do que ninguém compreender as coisas e prover significado ao mundo que a rodeia.

A gente aprendia olhando e pensando os objetos que habitavam o mesmo espaço que nós. E foi assim que eu equivocadamente, elaborei um princípio pedagógico, que diz que a aprendizagem acontece no espaço habitado, espaço onde crianças, sensações, sentimentos, bichos, coisas, ferramentas, cenários, situações, pessoas e atividades acontecem e formam o mundo. Eram os objetos do cotidiano, a gente não precisava de enciclopédia para fazer pesquisa. Pesquisa se fazia com os cinco sentidos e a curiosidade (ALVES, 2012, p.154).

Contudo, sabemos que esse “desejo em aprender” vai diminuindo de intensidade com o passar do tempo, principalmente se pensarmos no sistema escolar, que vai praticamente anulando esse desejo, quando, por exemplo, a curiosidade e o conhecimento prévio do aluno não são levados em consideração e apenas o professor é detentor do conhecimento, se tornando totalmente dependente do sistema.

Acredito que como professores, devemos despertar esse desejo e "fome" de aprender em nossos alunos constantemente, e que apesar do sistema nos “engessar” de certa forma, devemos sempre buscar alguma saída/alternativa, no intuito de tornar nosso aluno cada vez mais ativo no processo de ensino e aprendizagem, e não apenas passivo a tudo. Adélia Prado (1991, p.157) aborda uma receita de como devemos comer o queijo, nos afirmando: "não quero a faca nem o queijo, quero a fome. O comer não começa com o queijo, começa com a fome em comer queijo. Se não tenho fome é inútil ter queijo. Mas se tenho fome de queijo, eu darei um jeito de arranjar um queijo”. Com base nessa metáfora, acredito que é de extrema importância despertar e instigar a curiosidade dos alunos para a ciência, pois a ciência é construída por meio de pessoas curiosas e que buscam respostas para suas indagações e inquietações, e as crianças, mais do que ninguém desejam prover significado as coisas e aprender com elas. Contudo, a mediação e atenção de um adulto nesse processo fará total diferença, pois no momento que essa criança é ouvida, respondida e interrogada, suas curiosidades estão sendo alimentadas, e conseqüentemente ela está aprendendo algo.

Dando continuidade à minha biografia, no ano de 2019, paralelo à aprovação no Programa de Pós-Graduação de Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, na UFSM,

surgiu a oportunidade em trabalhar em uma escola da rede estadual de ensino, na qual por coincidência havia estudado por quase toda a minha escolaridade. Fiquei muito honrada em poder retornar a minha escola de origem, a qual tenho boas lembranças e um carinho enorme. Pude reencontrar vários professores, os quais admirava muito e tive a oportunidade de ser aluna. Enquanto hoje, somos colegas de profissão, aprendemos juntos e compartilhamos conhecimentos, o que é muito gratificante e especial para mim. Particularmente queria muito, conciliar algum trabalho docente com o mestrado, principalmente para “mergulhar” na docência e experimentar tudo que estava estudando e discutindo.

Fiquei muito feliz em poder atuar no Ensino de Biologia em nível de Ensino Médio. Minhas experiências até então com o Ensino Médio se restringiam à graduação, por meio do Estágio Curricular Supervisionado no Ensino Médio, e também por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), quando fui bolsista e tive a oportunidade de aprender muito, pois o mesmo proporcionava um contato entre universidade/escola, na qual o aprendizado era recíproco e de grande relevância.

Essas vivências docentes somaram muito em minha caminhada docente, e as leituras, reflexões e escritas científicas, começaram a me conduzir ao universo da importância das concepções sobre a ciência, sobre os profissionais que a fazem e sobre a necessidade destas ideias já serem desenvolvidas desde o início da escolaridade, nos anos iniciais. Ao revisitar as pesquisas iniciadas no final da graduação, foi o momento de começar a analisá-las e refletir sobre tantos dados que haviam sido coletados e unir estes resultados às minhas motivações para trabalhar com a ciência nos anos iniciais, uma vez que acreditamos que quanto antes a ciência é trabalhada em sala de aula, menores serão as chances de concepções fragmentadas e barreiras epistemológicas interferirem no processo de ensino e aprendizagem. Isso, em conjunto com as experiências que vivenciei com essa faixa etária, justifica a escolha do nosso público alvo da pesquisa.

Assim, surge este tema de dissertação de Mestrado, pelo qual vamos abordar uma possibilidade da inserção da ciência, já no início da escolaridade das crianças, a partir do uso de contos de literatura infantil. Freire (1981, s/p) aponta que:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquele (A palavra que eu digo sai do mundo que estou lendo, mas a palavra que sai do mundo que eu estou lendo vai além dele) [...] O ato de ler o mundo implica uma leitura dentro e fora de mim. Implica na relação que eu tenho com esse mundo.

Além disso, acredito que essa leitura de mundo tende a ser facilitada quando a criança percebe a ciência como parte dele, uma vez que a ciência está presente em todo e qualquer lugar, está no nosso cotidiano.

Portanto, a presente dissertação está organizada em cinco capítulos, além da introdução. Na introdução se encontra um panorama geral da justificativa da pesquisa, sendo apresentado o problema de pesquisa e os objetivos que buscamos cumprir ao elaborar a investigação.

No primeiro capítulo intitulado “Os contos de literatura infantil e a importância no ensino” conduzimos o leitor à compreensão do nosso argumento principal; ou seja, que os clássicos infantis, sendo trabalhados articulados ao ensino de ciências, contribuem no e para o ensino e estudo das Ciências Naturais nos anos iniciais do ensino fundamental. Assim, este capítulo encontra-se dividido em duas subseções: 1) Um breve histórico da origem dos clássicos de literatura infantil; e, 2) A função da Literatura Infantil na vida da criança.

O segundo capítulo se volta para “A articulação entre a Literatura Infantil e o Ensino das Ciências para a promoção da alfabetização científica”, onde apresentamos três subseções: 1) Pesquisas sobre a Literatura Infantil e o Ensino das Ciências Naturais; 2) O Ensino de Ciências nos anos iniciais e a importância da alfabetização científica; e, 3) Possibilidades no uso da literatura infantil para a alfabetização científica e a investigação de estereótipos.

O terceiro capítulo traz o percurso metodológico adotado para a execução desta pesquisa; logo, descreve os passos percorridos, os participantes, o tipo de pesquisa utilizado a fim de explicar como e porque escolhemos este caminho.

O quarto capítulo revela os resultados da pesquisa. E, por fim, o quinto capítulo traz uma discussão dos achados da pesquisa e revela as considerações finais que o trabalho proporcionou, indicando caminhos a seguir para futuras pesquisas na área.

Desejamos a você, caro leitor, uma boa leitura!

INTRODUÇÃO

O contato com a Literatura Infantil, especialmente com os contos clássicos infantis, permite ao leitor conhecer personagens que sobrevivem no decorrer dos anos. E, dentre estes, alguns se destacam: princesas, príncipes, chapeuzinho, bruxas, lobos e outros animais. São esses que habitam, também com muita frequência, histórias contemporâneas e continuam atraindo a atenção das crianças (ZAMBON, 2009).

A literatura infantil compreende diferentes gêneros textuais, como contos maravilhosos, poesias, lendas, entre outros. O enfoque desta pesquisa, é explorar a ciência presente em dois contos clássicos da literatura infantil, sendo eles: o conto da Chapeuzinho Vermelho e conto dos Três Porquinhos. No decorrer desta dissertação optamos por utilizar o termo “clássicos infantis” para fazer referência a ambos, no intuito de facilitar nossa comunicação.

Os contos de fada, por vezes, são confundidos com outros gêneros literários, como as fábulas por exemplo, pelo fato de compartilhar características em comum, até mesmo estudiosos do assunto já fizeram confusão com esse gênero literário (TOLKIEN, 2013).

Os contos de fadas não são somente histórias sobre fadas ou elfos, mas histórias sobre o Reino Encantado, Faërie, o reino ou estado no qual as fadas existem. O Reino Encantado não se resume apenas a elfos e fadas, muito menos a anões, bruxas, trolls, gigantes ou dragões; mas sim a totalidade das coisas que há nele, os oceanos, o sol, a lua, o firmamento e a terra, as árvores, pássaros, água e pedra, vinho e pão, e também pelos seres humanos mortais, quando estão encantados (TOLKIEN, 2013).

A definição de fadas, na perspectiva lexicógrafa é a que são “seres sobrenaturais de tamanho diminuto, que a crença popular supõe possuírem poderes mágicos e terem grande influência sobre os assuntos dos seres humanos, para o bem ou para o mal” (TOLKIEN, 2013, p.09)

A palavra sobrenatural é perigosa e difícil em qualquer um dos seus sentidos, mais amplo ou mais restrito. Mas dificilmente poderá ser aplicado a fadas, a não ser que *sobre* seja considerado meramente um prefixo superlativo. Pois é o ser humano que é sobrenatural (e muitas vezes de estatura diminuta) em comparação com as fadas, ao passo que elas são naturais, muito mais naturais que ele. Essa é sua sina. A estrada para o reino das fadas não é a estrada para o Paraíso; nem mesmo para o Inferno, creio, embora alguns tenham afirmado que ela pode conduzir indiretamente até lá pelo dízimo do Diabo (TOLKIEN, 2013).

Dessa forma o termo contos infantis (ou de fadas) possui uma amplitude muito variada de significados, e pode ser abordado por meio de uma perspectiva histórica, antropológica,

psicológica, literária e científica, cada qual com seus respectivos parâmetros de análise do fenômeno.

Quanto à origem, Merege (2010) afirma que parece haver uma concordância em geral, entre teóricos de todas as áreas, que os contos de fadas possuem origem muito antigas, possivelmente pré-histórica. Engana-se quem acredita que os contos sempre foram destinados ao público infantil, pois em um primeiro momento os contos eram somente destinados ao público adulto, pelo fato de seus conteúdos conter relatos de adultério, canibalismo, incesto e mortes hediondas, sendo assim, inadequado às crianças (SCHNEIDER, TOROSSIAN, 2009).

Anos mais tarde com a descoberta das fadas, que era a idealização de uma mulher perfeita, linda e poderosa, a qual era dotada de poderes sobrenaturais, vê-se a necessidade de utilizar tais histórias aliadas também à educação, já que as crianças gostavam muito desses contos e a fantasia inserida neles estava ajudando a formar a personalidade dessas pequenas pessoas (FARIAS, RUBIO, 2012, p. 02).

Segundo Bettelheim (2002, p.14) “a maioria dos contos de fadas se originou em períodos em que a religião era parte muito importante da vida, assim, eles lidam diretamente ou por inferência, com temas religiosos”. Não há dúvida de que, em sua origem, as fadas estavam ligadas a cultos ou ritos religiosos. Em grande número de contos irlandeses (de origem celta), a heroína (sempre um ser sobrenatural) aparece como mensageira de Outro Mundo ou surge sob forma de um pássaro (em geral, cisne), que está ligado ao mistério da morte (COELHO, 2012, p.79).

Ainda, em versão contrária às fadas, é bem comum a presença das bruxas nos contos de fada, as quais caracterizam-se principalmente por praticar a maldade, e atuam como as “vilãs” da história. Contudo, as fadas e bruxas constituem assim, diferentes formas simbólicas da eterna dualidade da mulher ou da condição feminina (FARIAS, RUBIO, 2012).

Quanto ao desenvolvimento do enredo, uma das características marcantes desse gênero é a capacidade de prender a atenção, já que despertam o interesse em saber o que irá acontecer na sequência. São valorizadas as qualidades morais, os bons são caracterizados como heróis, belos, gentis; e os maus são feios, destrutivos, bruxas, dragões, gigantes etc., Não obstante, há o final clássico, em que o príncipe se casa com a princesa e vivem juntos e felizes para sempre (FARIAS, RUBIO, 2012).

Por meio dos contos de fada, é possível demonstrar o desenvolvimento da psique humana. Sobre isso, Aguiar, et al (2014, p. 187) explica que: “para a psicanálise a psique constitui-se de três estruturas: o Id (princípio do prazer), o Ego (princípio da realidade), e o Superego (princípio moral)”, sendo que os seres humanos nascem dotados apenas da estrutura

Id, e que as demais estruturas são construídas na relação do sujeito com o mundo que o cerca. O Id caracteriza-se como libido, ou seja, a energia proveitosa para os instintos de vida.

Outra característica marcante dos clássicos infantis é o despertar da imaginação, pois os mesmos, oferecem a criança novas dimensões à imaginação, as qual ela provavelmente não poderia descobrir verdadeiramente por si só. Além disso, a forma e estrutura dos contos de fada sugerem imagens à criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios, e com eles dar melhor direção à sua vida, já que aprende a lidar com seus dilemas e cria um sentimento de individualidade e de autovalorização (BETTELHEIM, 2002, p.08).

Antloga (2014) afirma que além de desempenharem a importante função de incentivar a leitura na infância, os livros de literatura infantil constituem-se como materiais que podem contribuir com os processos de ensino e de aprendizagem em diferentes áreas do conhecimento.

Para Zambon (2009) a função principal da literatura infantil é a educação da sensibilidade que proporciona uma nova visão de mundo e uma nova percepção da realidade, tendo o poder de educar através de uma imagem ou de uma palavra.

Portanto, há muitas finalidades nos contos infantis, que vão muito além do agradar o leitor, fazê-lo desenvolver a imaginação e experimentar sensações. Tal recurso também é um meio de informação e formação (ANTOGLA, 2014). Assim, sem desconsiderar as peculiaridades desta literatura que estabelece de forma lúdica uma ponte entre o mundo, a imaginação, a criatividade e a fantasia, deve-se investigar e explorar seu aspecto pedagógico sob um olhar cuidadoso.

Ao pensarmos no ensino dos anos iniciais, é relevante optarmos por recursos lúdicos, atrativos e que despertam o interesse dos alunos para viabilizar os processos de ensino e de aprendizagem. Contudo, esses recursos didáticos podem ser utilizados para promover alfabetização científica também, e não apenas para ensinar o português e a matemática, disciplinas que possuem um enfoque maior nos primeiros anos do Ensino Fundamental.

O ensino de ciências, deve iniciar já nos anos iniciais do Ensino Fundamental, em conjunto com o português e a matemática. Assim, um recurso acessível a todo e qualquer professor, são os clássicos infantis, os quais são apreciados pela maioria, senão todas as crianças. Por meio deles, é possível explorar todas as áreas do conhecimento, inclusive a ciência, a qual é perceptível em muitos deles, e com isso, podemos proporcionar uma contribuição significativa para a apropriação de conhecimentos pelo aluno voltados também a área de ciências, favorecendo uma alfabetização científica. Sobre os recursos e materiais que podem ser utilizados pelo professor, Antogla (2014, p. 22) afirma que:

A sala de aula é o espaço privilegiado para a apropriação de conhecimentos sistematizados visando à formação integral do sujeito que por ela passa. A veiculação desses conhecimentos se dá por meio de muitos materiais e de muitas formas, como os livros didáticos, os filmes, a literatura, entre outros.

Assim, segundo a autora, um dos materiais que podem auxiliar o professor na abordagem de conteúdos são os livros de literatura infantil, uma vez que geralmente são atraentes, cuja leitura é prazerosa e tem um grande teor de ludicidade que, age sobre as emoções, e auxilia, na memorização das informações. A autora supracitada, sinaliza, ainda, que a literatura também é formadora, portanto, a forma como este recurso é apresentado e debatido precisa ser cuidadoso e constantemente analisado para que os objetivos da formação se concretizem.

Para Zambon (2009), as razões do sucesso dos clássicos infantis residem justamente no fato de falarem a linguagem emocional em que se encontra a criança. Os personagens de livros infantis são mostrados como puros e apresentam personalidade única, ou são bons, ou são maus. Esta visão unilateral nutre a mente das crianças. Mostrando que as figuras nos contos infantis não são ambivalentes – não são boas e más ao mesmo tempo, como somos todos na realidade (BETTELHEIM, 2002, p. 10).

Segundo Zambon (2009), esse contexto pressupõe uma realidade de que todos os heróis são sempre bons, todas as heroínas são lindas, loiras, brancas, não sentem dor, não têm explosões de raiva, não acordam com dores de cabeça, enfim, não são reais. Ou ainda, no caso de animais, a apresentação do lobo mau como um elemento muito perigoso, um vilão, devorador, amedrontador, vencido pelo caçador e morto ao final da história (KAISER DA SILVA, 2015). Assim, a criança constrói estereótipos em que baseia sua visão de mundo, o que pode gerar dificuldades em lidar com a realidade, tendo em vista que a criança já tem uma concepção e pode passar a discriminar o que foge a esses conceitos pré-estabelecidos (ZAMBON, 2009).

Para Amaral (1998, p.18), o estereótipo é a concretização/personificação do preconceito. Cria-se um “tipo” fixo e imutável que caracterizará o objeto em questão. Segundo Silva (2015), é inegável que as histórias de contos de fadas presentes no mundo infantil tenham seus encantos. No entanto, deve-se lançar um olhar diferente à procura de novas possibilidades de leituras que trabalhem com o mundo da imaginação, porém desconstruindo as imagens estereotipadas.

Diante desse contexto, surge a questão que norteia essa pesquisa:

Como as representações estereotipadas dos personagens animais presentes em clássicos infantis podem interferir ou promover a alfabetização científica?

A partir dessa questão maior, surgem outros questionamentos que norteiam o desenvolvimento da pesquisa: Os principais clássicos literários infantis apresentam aspectos da ciência em suas narrativas? Os que aparecem oferecem concepções científicas adequadas ou podem atuar como barreiras do conhecimento? Como os personagens animais tão comuns em clássicos infantis, são apresentados? A estereotipação dessas espécies agem como barreiras? Como contribuir para a alfabetização científica a partir do uso desses clássicos?

Diante de tais questionamentos, esta dissertação, tem por objetivo geral: Investigar as representações estereotipadas dos personagens animais lobo e porco presentes em clássicos literários infantis, e as implicações desses sobre a concepção acerca de animais nativos brasileiros.

Da mesma forma, como objetivos específicos tem-se: Identificar as concepções de alunos de anos iniciais e do curso normal referentes aos personagens lobo e porco em contos clássicos; Investigar como as representações estereotipadas dos personagens interferem na visão da criança sobre os animais da fauna nativa, lobo-guará e porco cateto; Propor estratégias de releitura de contos clássicos para construção de uma alfabetização científica e contribuições para reconstruções de imagens, se necessário; Apresentar uma sequência didática temática de atividades com enfoque nos animais lobo-guará e porco cateto para o curso normal, a fim de contribuir na formação docente dos mesmos; Avaliar a contribuição da sequência didática temática aplicada no curso normal.

CAPÍTULO 1- OS CONTOS DE LITERATURA INFANTIL E A IMPORTÂNCIA NO ENSINO

1.1 UM BREVE HISTÓRICO DA ORIGEM DOS CLÁSSICOS DE LITERATURA INFANTIL

Em geral, as pesquisas apontam que os contos clássicos infantis apresentam uma origem antiga, sendo que as primeiras histórias eram contadas pelos xamãs e pelos anciões das tribos ao redor do fogo. Nesse período a presença de mitos e rituais se fez presente e os acontecimentos do cotidiano eram confundidos com eles. Outro aspecto relevante na origem dos contos consiste no contexto histórico, social e cultural presente na sociedade em determinada época, os quais com base em estudos realizados por antropólogos e historiadores, é perceptível que os mesmos influenciaram fortemente na construção dessas histórias (MEREGE, 2010).

Como já comentado, os primeiros clássicos não eram destinados ao público infantil, e sim ao público adulto, pelo fato de seu conteúdo ser inapropriado a crianças, e também pelo fato das crianças conviverem igualmente como adultos, não havendo um mundo infantil. Contudo, estas narrativas tiveram uma adaptação em seus conteúdos, de forma a transmitir uma linguagem infantil, e à leitura era nutrida de valores morais e reflexões daquilo que o texto intenciona revelar. Os contos passavam a se camuflar com a realidade, e o imaginário ganhou destaque, incluindo um mundo de fantasias, princesas, príncipes e bruxas, para ocultar os fatos da época e não ferir o imaginário da criança (NUNES, 2018).

A literatura infantil surgiu no século XVII com Fenélon (1651-1715), e sua principal função era educar moralmente as crianças. As histórias tinham uma estrutura maniqueísta (filosofia religiosa) que dividia o mundo em bom (Deus) e mau (diabo). Com isso, o bem deveria ser aprendido e o mal desprezado. Essas características estão presentes até hoje em muitos contos de fadas, fábulas e até mesmo muitos textos contemporâneos incluem-se nessa tradição (SILVA, 2009). Além de Fenélon, outros estudiosos também contribuíram para a criação e desenvolvimento da literatura infantil, e um deles foi Charles Perrault. De acordo com Silva (2009, p. 137):

Os contos de fada conhecidos atualmente surgiram na França, ao final do século XVII, com Perrault, que editou as narrativas folclóricas contadas pelos camponeses, retirando passagens obscenas de conteúdo incestuoso e canibalismo. Assim, acredita-se que, antes do cunho pedagógico, houve o objetivo de leitura e contemplação pela mente adulta. Acredita-se também que a mitologia grega já possuía um modo particular de transmitir o contexto da história de “Chapeuzinho Vermelho”. Posteriormente, Charles Perrault trouxe a história moralizadora e mais adequada aos

ambientes sociais que conviviam na época. A história da menina e do lobo sofreu ainda alterações por Hans Christian Andersen e pelos Irmãos Grimm.

O conto da Chapeuzinho Vermelho tinha suas origens no norte dos Alpes e apresentava algumas imagens muito cruéis, ressaltando o fato de o lobo sair vitorioso ao final. No ano de 1812, os irmãos Grimm reformularam a história para que ela ficasse mais adequada para o mundo infantil, tirando toda parte sangrenta da primeira versão, eles deixaram a história como conhecemos hoje (SILVA, 2009).

Com isso, percebemos que o conto da Chapeuzinho Vermelho, inicialmente era destinado ao público adulto, e após passar por algumas adaptações em seu conteúdo, se tornou pedagógico e foi destinado ao público infantil. Inclusive, se tornou um dos contos clássicos mais conhecidos da literatura infantil. Esse conto, será uma das opções que iremos utilizar em nosso trabalho. Vamos reescrevê-lo, no intuito de promover alfabetização científica por meio de sua narrativa.

Renomeando novamente Charles Perrault (1628-1703), que foi um dos autores pioneiros da literatura infantil, e contribuiu muito para o seu desenvolvimento e valorização, destacamos que sua obra mais famosa é intitulada “Contos da Mamãe Gansa”, que veio ao público em meados de 1697 e apresenta uma versão da história de Chapeuzinho Vermelho, ressaltando o fato de o Lobo sair vitorioso ao final. Além da Chapeuzinho Vermelho, outras histórias e contos são trazidas ao público nessa época, entre elas: A Bela Adormecida no bosque, O Gato de Botas, As Fadas, A Gata Borracheira, Henrique do Topete e O Pequeno Polegar (SILVA, 2009).

Assim, o início da literatura infantil na França pode ser marcado com Perrault, entre os anos de 1628 e 1703, com os livros "Mãe Gansa", "O Barba Azul", "Cinderela", "A Gata Borracheira", "O Gato de Botas" e outros. Depois disso, apareceram os seguintes escritores: Andersen, Collodi, Irmãos Grimm, Lewis Carrol, Bush.

Sobre os alemães, conhecidos popularmente como irmãos Grimm, Robinson (2004) afirma: “Inúmeros contos foram registrados pelos irmãos Jacob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859)”. Publicaram 210 histórias em três volumes que abrangem o público adulto e infantil. Já é notável a presença, em seus contos, de personagens singulares como madrastas malvadas, príncipes encantados, casas de chocolate, bruxas perversas, feras, entre outros. Esses contos, traduziam histórias de lendas e fábulas que os irmãos ouviram viajando pela Alemanha. Alguns desses contos foram traduzidos para o português, inclusive, muitos deles se tornaram grandes clássicos da literatura, como: A Bela e a Fera, Os Músicos de Bremen, Branca de Neve e os Sete Anões, Chapeuzinho Vermelho e Gata Borracheira (HISADA, 1998).

No Brasil, as obras da literatura infantil europeia eram adaptadas e traduzidas em Portugal, porém a língua portuguesa de lá se distanciava da língua materna dos leitores brasileiros, e por conta disso, discutia-se a necessidade da criação de uma literatura brasileira (LAJOLO e ZILBERMAN, 2007).

Dentro desse espírito, surgiram vários programas de nacionalização desse acervo literário europeu para crianças. O primeiro deles dá-se através de diferentes (e progressivas) formas de adaptação, tal como ocorre com os dois projetos editoriais que, praticamente, abrem e fecham o período: 1894, com seus Contos da Carochinha, o famoso Figueiredo Pimentel, cronista do jornal Gazeta de Notícias, inaugura a coleção Biblioteca Infantil Quaresma que, ao longo dos vários títulos, vai fazendo circular, entre a infância brasileira, as velhas histórias de Perrault, Grimm e Andersen. A partir de 1915, a editora Melhoramentos inaugura sua Biblioteca Infantil que, sob a direção do educador Arnaldo de Oliveira Barreto, publica como primeiro volume de sua coleção O patinho feio, de Andersen. Esta distância entre a realidade lingüística dos textos disponíveis e a dos leitores é unanimemente apontada por todos que, no entre-séculos, discutiam a necessidade da criação de uma literatura infantil brasileira (LAJOLO e ZILBERMAN, 2007, p. 29).

Outro renome que se destacou na literatura infantil brasileira, foi José Bento Monteiro Lobato (1882-1948), o qual criou personagens e histórias que marcaram época. Afinal, quem passou pela infância nesse período, com certeza não perdia um episódio do Sítio do Picapau Amarelo. Recordo até hoje de alguns episódios e dos personagens, realmente era uma história fantástica, leve, humorada e gostosa de assistir (SHARF, 2000). Além disso, acredito que pelo fato da história acontecer no sítio, conter animais como personagens e aventuras realizadas no mesmo, encantava ainda mais as crianças.

Entre 1920 e 1930, Lobato criou não apenas uma história, mas todo um mundo povoado por criaturas, em que se misturam verdade e fantasia. Isso se deu através de personagens como Dona Benta, Tia Nastácia, Pedrinho, Narizinho, Emília e Jeca Tatu, um dos personagens mais importantes da vida literária e editorial brasileira, além de outros por meio dos quais Monteiro Lobato retratou a sociedade da época, manifestando preocupação com as questões nacionais. Seu livro O Sítio do Picapau Amarelo une a realidade ao imaginário: inserem-se em seus textos discussões até então negadas ao mundo infantil, como guerra, problemas ecológicos, sociais etc (SHARF, 2000, p.30).

Sem sombra de dúvidas, Monteiro Lobato contribuiu e revolucionou a literatura infantil brasileira, servindo de inspiração para muitos escritores brasileiros, em especial para duas relevantes escritoras: Cecília Meireles e Clarice Lispector, que inspiradas em seus trabalhos, contribuíram para um novo olhar para a literatura infantil, e assim como Lobato, seus discursos voltaram-se ao diálogo com a criança. Lobato também rompeu com o discurso maniqueísta (certo e errado; bom e mau) passando a destacar-se pela sua autenticidade, além de dar ênfase

ao uso de onomatopéias e neologismos que são presença constante em seus textos (SHARF, 2000).

No final dos anos 60 há um desenvolvimento considerável na literatura destinada às crianças e aos jovens. A década de 80 é considerada por muitos como o período de ênfase da literatura infantil. Temas que até então não eram tratados nas narrativas infantis começam a ser abordados, como o sentimento de perda pela morte, a separação dos pais, as mudanças sexuais na adolescência, a preocupação ecológica (SHARF, 2000, p. 30 e 31).

Não obstante, como já mencionado, a literatura é influenciada por diferentes fatores, em diferentes épocas. Assim, por meio do estudo da mesma é possível entender os valores e ideais que cada sociedade se fundamentou, além da constante evolução que ela representa na sociedade. Não obstante, também é possível perceber como a criança era encarada nessas diferentes épocas, tanto pelo adulto quanto pela escola, para termos uma visão mais clara quanto à relação criança e literatura (SHARF, 2000, p.30). Sobre o papel da escola, nesta, podemos destacar:

As origens da literatura infantil brasileira encontram-se, sobretudo na literatura didática/escolar, que, entre o final do século XIX e início deste, começou a ser produzida de maneira sistemática por professores brasileiros, com a finalidade de ensinar às crianças, de maneira agradável, valores morais e sociais, assim como padrões de conduta relacionados com o engendramento de uma cultura escolar urbana, necessária do ponto de vista de um modelo republicano, para instrução do povo (LIMA, et al, 2016, p. 163).

Com base nessas informações é possível afirmar que a literatura sempre esteve presente na vida da sociedade, e que suas narrativas eram voltadas especificamente para um tipo de público (adulto ou infantil). Corroborando com isso, Coelho (2012, p. 09) afirma: “os contos de fada fazem parte desses livros eternos que os séculos não conseguem destruir, e que, a cada geração, são redescobertos e voltam a encantar leitores ou ouvintes de todas as idades”.

Com isso, seguimos para o próximo tópico da dissertação, mencionando uma frase da Cecília Meireles que nos diz: “Os livros que tem resistido ao tempo são os que possuem uma essência de verdade, capaz de satisfazer a inquietação humana, por mais que os séculos passem”.

1.2 A FUNÇÃO DA LITERATURA INFANTIL NA VIDA DA CRIANÇA

A literatura infantil pode ser utilizada para diferentes objetivos, pois além da mesma apresentar uma função educativa, pode também envolver o entretenimento, aventura estética e subjetiva, reordenação dos próprios conceitos e vivências que ela oferece, aos pequenos padrões de leitura do mundo. Apesar da literatura infantil se fazer presente na educação formal, inicialmente veio no sentido de suprir interesses mais imediatos do ensino, sendo utilizada como um bom instrumento para o ensino da língua; contudo, atua também como uma fonte de informações e não se restringe apenas às finalidades paradidáticas (CADERMATORI, 2017).

Cadernatori (2017) ainda comenta que a literatura infantil proporciona a criança determinadas experiências com a linguagem e com os sentidos. Segundo a autora, a criança que costuma ler, que gosta de livros de histórias ou de poesias, geralmente escreve melhor e como consequência dispõe de um repertório mais amplo de informações. Sobre isso, Zilberman (2009, p. 17) acrescenta que: “A experiência da leitura decorre das propriedades da literatura enquanto forma de expressão, que, utilizando-se da linguagem verbal, incorpora a particularidade dessa de construir um mundo coerente e compreensível, logo, racional”. Nesse momento, segundo a autora, a fantasia do autor é “alimentada”, principalmente quando nos referimos as crianças.

A criança aprende brincando e os conteúdos podem ser trabalhados por meio de histórias, brincadeiras e jogos, em atividades lúdicas, pois além de estimular a autoconfiança e a autonomia, proporciona situações de desenvolvimento da linguagem do pensamento e está criando espaços para a construção de seu conhecimento (LIMA, et al, 2016, p.164).

As histórias têm muito aprendizado a oferecer às crianças, e pelo fato das mesmas apreciarem, se torna uma ferramenta didática extremamente interessante de ser trabalhada em sala de aula. Além da mensagem moral presente nas mesmas, também é possível explorar todas as demais áreas do conhecimento. Se pararmos para analisar alguns clássicos infantis, a ciência está presente em muitas destas histórias; contudo, os professores precisam tornar essa ciência mais explícita às crianças, precisam intermediar discussões e atividades posteriores à contação, no intuito de somar informações e conhecimentos as mesmas.

Nesse sentido, propor que a literatura se integre ao ensino dos diferentes componentes curriculares, como a ciência, não significa reduzir a leitura literária a um mero desencadeador temático de algum conteúdo escolar e sim aproveitar a densidade e riqueza do acervo literário para agregar conhecimentos e novos olhares sobre o que está sendo estudado (PIRÔPO e BOCCARDO, 2017, p. 07).

Corroborando com isso, Coelho (2000, p.15) afirma: “A literatura infantil tem por tarefa na sociedade em transformação, servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio do leitor com o livro, no diálogo, ou nas atividades literárias pela escola”. A literatura, deve ser entendida como arte, pois a mesma, é considerada um discurso ficcional que privilegia o belo, o estranhamento da linguagem, o uso de metáforas, etc. Pensando na arte, o discurso literário para crianças apresenta como característica chave uma mescla entre o maravilhoso e o real, o que torna a literatura passível de produzir relações de sentido e entendimento do mundo, as quais podem se fazer presente por exemplo, no ensino de ciências, por meio do qual a criança aprende por intermédio da arte da literatura a compreender a ciência presente no seu cotidiano (CALDIN, 2010).

Assim, por meio da literatura infantil, a criança tem a oportunidade de compreender melhor a sociedade que está inserida, além de poder exercitar a criticidade, pois a partir do momento que ela entende o que é fictício e o que é real, consegue fazer associações do mundo ao seu redor.

No curso das últimas décadas, os psicólogos infantis recorreram a contos de fada como poderosos veículos terapêuticos para ajudar crianças e adultos a resolver seus problemas meditando sobre os dramas neles encenados. Cada texto se torna um instrumento facilitador, permitindo aos leitores enfrentar seus medos e desembaraçar-se de sentimentos hostis e desejos danosos. Ingressando no mundo da fantasia e da imaginação, crianças e adultos garantem para si um espaço seguro em que os medos podem ser confrontados, dominados e banidos (TATAR, 2002, p. 10).

Quando a criança se identifica com um conto, percebe que o seu problema não é único a ela, e que este pode ser resolvido. Dessa forma, tende a buscar um entendimento sobre o seu conflito, com humildade, de modo com que seu ego diminui, transformando sua imaginação em um mundo de fantasias pelas quais superar seus medos e anseios se torna possível (SOUZA, et al, 2018).

Para Vygotski, as habilidades cognitivas e as formas de estruturar o pensamento do indivíduo são determinadas pelas atividades praticadas de acordo com os hábitos sociais da cultura em que o indivíduo se desenvolve. Conseqüentemente, a história da sociedade na qual a criança se desenvolve e a história pessoal desta criança, são fatores cruciais que vão determinar sua forma de pensar (VYGOTSKY, 2002).

O conto para prender a atenção, deve despertar curiosidade, sendo algo significativo para ela, pois assim estará proporcionando o desenvolvimento de seu intelecto, organização de suas emoções e ansiedades, contribuindo para a construção do

reconhecimento de suas dificuldades e ao mesmo tempo sugerir soluções para seus problemas interiores (FALCONI; FARAGO, 2015).

Esse poder terapêutico da literatura proporciona à criança uma ampliação da sua visão de mundo, de problemas e conflitos que se fazem presente em nossa vida, demonstrando a ela que nenhum problema pode ser maior que ela, e que quando os mesmos existirem devemos lutar contra eles, devemos superá-los, e principalmente aprender com os erros.

A Literatura Infantil é uma arte abrangente, fenômeno de expressão que representa o Mundo, o Homem, a Vida. É uma das produções e recepções humanas mais importantes para a formação do indivíduo: de um lado, expressa a experiência do autor; de outro, provoca uma experiência no leitor. Ela enriquece a imaginação e a fantasia da criança, cultiva a liberdade de espírito. As lendas e tradições folclóricas de todos os povos transmitidas oralmente, de geração em geração, são a principal fonte inspiradora da literatura infantil. Uma literatura contemporânea, por sua vez, vai além do prazer, da emoção: ela visa alertar, transformar a consciência crítica do leitor e interlocutor. A criança, através dela, associa e harmoniza a fantasia e a realidade, a fim de satisfazer suas exigências internas (SHARF, 2000, p. 20).

Portanto, a literatura infantil se apresenta como uma estratégia educativa, pois cada história trará algum conhecimento ao ouvinte. Contudo, também traz leveza e entretenimento ao leitor, que muitas vezes, nem percebe que está aprendendo algo ao ouvir ou ler uma história. Acreditando nisso, a literatura infantil também pode contribuir para uma alfabetização científica, os aspectos relacionados à ciência podem ser explorados por meio de uma história, proporcionando à criança uma aproximação maior ao mundo científico, que está presente no seu cotidiano.

CAPÍTULO 2- A ARTICULAÇÃO ENTRE A LITERATURA INFANTIL E O ENSINO DAS CIÊNCIAS PARA A PROMOÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA

2.1 PESQUISAS SOBRE A LITERATURA INFANTIL E O ENSINO DAS CIÊNCIAS NATURAIS

O ensino de ciências naturais é obrigatório na vida da criança nos nove primeiros anos do ensino fundamental. Contudo, nos primeiros anos do ensino fundamental, ele aparece timidamente, e o português e matemática ganham maior ênfase.

O tema ensino de ciências nas Séries Iniciais da educação fundamental, ainda que relativamente pouco explorado, está presente em trabalhos desenvolvidos no Brasil pela área de ensino e pesquisa em ensino de ciências. Um levantamento preliminar

evidenciou uma produção acumulada desde o início da década de 80 (LORENZETTI; DELIZOICOV, 2001, p. 45).

Diante deste cenário, compreendemos que ainda há algumas barreiras que impedem a introdução do ensino de ciências já nos primeiros anos escolares, como a pouca disponibilidade de documentos e políticas públicas que apoiem esse ensino, além da falta de formação inicial mais enfática para esta inserção. Contudo, uma política pública que já auxiliou os alfabetizadores e trouxe um material voltado a área de ciências da natureza foi o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). “O PNAIC é um compromisso formal assumido entre Governo Federal, Distrito Federal, Estados, Municípios e sociedade para assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os 8 anos de idade, ao final do 3º ano do Ensino Fundamental” (BRASIL, 2015, p.10).

O PNAIC oferecia materiais para a formação dos alfabetizadores, trazendo diversos cadernos, das diferentes áreas de ensino. O caderno da área de ciências da natureza é intitulado: Ciências da Natureza no Ciclo de Alfabetização. Esse caderno apresenta discussões teóricas, sugestões de práticas e relatos de experiências que, no conjunto, têm como objetivo oferecer aos professores possibilidades de trabalhar conteúdos ligados às ciências da natureza (BRASIL, 2015,p.38).

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017) os alunos possuem vivências, experiências, interesses e curiosidades sobre o mundo natural e tecnológico, as quais devem ser valorizadas e discutidas em sala de aula.

Nesse sentido, não basta que os conhecimentos científicos sejam apresentados aos alunos. É preciso oferecer oportunidades para que eles, de fato, envolvam-se em processos de aprendizagem nos quais possam vivenciar momentos de investigação que lhes possibilitem exercitar e ampliar sua curiosidade, aperfeiçoar sua capacidade de observação, de raciocínio lógico e de criação, desenvolver posturas mais colaborativas e sistematizar suas primeiras explicações sobre o mundo natural e tecnológico, e sobre seu corpo, sua saúde e seu bem-estar, tendo como referência os conhecimentos, as linguagens e os procedimentos próprios das Ciências da Natureza (BRASIL, 2017, p. 331).

Assim, uma das possibilidades para a inserção da ciência, em consonância à alfabetização pela leitura, é o uso da literatura infantil, uma vez que as histórias estão presentes na vida da criança já em seus primeiros anos de vida, fazendo parte de nossa cultura, ultrapassando o ambiente escolar, e estando presente também nas famílias. Afinal, quem nunca quis ouvir uma história antes de dormir?. Nesse contexto, ao oportunizarmos atividades que tragam interesse e motivação ao aluno, a aprendizagem tende a ser mais significativa.

As pesquisas na área da literatura infantil e no ensino de ciências tem avançado e com isso, entendemos que a leitura e contação de histórias não se resumem apenas a transmitir valores morais, e que a mesma pode ser utilizada sob diferentes objetivos de aprendizagem, sendo a alfabetização científica um deles. Aliar ao ensino da criança essa ferramenta didática que faz parte de sua vida cotidiana, e muitas vezes de sua cultura familiar, quando bem planejada só tende a beneficiá-la.

Há muita ciência para ser explorada na literatura infantil. Se direcionarmos nosso olhar para esse enfoque é possível perceber inúmeras possibilidades a serem desenvolvidas em sala de aula. Contudo, isso dependerá em grande parte, de cada professor, de seu comprometimento com o ensino e de abrir novos horizontes para além do que se é acostumado ensinar, explorando e identificando conceitos científicos presentes nas obras infantis.

Segundo Mondek, Rocha et al (2019, p. 187): “São notórias as contribuições que a literatura infantil traz para o ensino de ciência, visto que a mesma pode contribuir para a formação de leitores críticos, construção da cidadania e o repensar de atitudes”.

A prática de veicular saberes científicos por meio de obras literárias não é recente e teve seu início em 1686, com o livro Bernier le Bovier de Fontenelle, *Entretien sur la pluralite des mondes*. Porém, o autor faz ressalvas sobre essa informação, uma vez que a disseminação de conhecimentos científicos feita por Bovier atingiria somente a aristocracia. Hoje em dia, sabemos que a ciência divulgada abrange um maior público, por meio de gêneros da esfera jornalista, educacional e literária (REIS, 2007).

Na literatura, quando falamos de ciência, menciona-se o gênero de ficção científica, o qual foi criado entre os séculos XVII e XX e tem como função principal aliar conhecimento científico a histórias fantásticas, criando enredos e personagens que não seriam possíveis de outro modo (HIGASCHI, 2010).

Antogla (2014) realizou uma investigação sobre pesquisas que relacionaram a Literatura Infantil (LI) ao Ensino de Ciências (EC), em diferentes periódicos e bancos de dados, tais como: ANPEd; Endipe; Enpec – Abrapec; Revista Brasileira de Educação; Ensaio; Ciência & Educação; Pro-posições; Ciência e Cognição; Ciência e Ensino; Ciência em Extensão; Alexandria; Investigações em Ensino de Ciências; Ciência em Foco; Educação & Sociedade; Revista Em Aberto; Educar em Revista; Alea: Estudos Neolatinos; História; Ciências, Saúde-Manguinhos; Portal da Capes; ICAP; Scielo; e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.

Por meio destes periódicos e bancos de dados, encontrou a partir da observação dos títulos dos trabalhos até a busca por palavras-chave (literatura; literatura infantil; educação

científica; alfabetização científica; obras literárias; livro; e ensino de ciências), um total de treze trabalhos envolvendo áreas das Ciências (EC) e a Literatura Infantil (LI), sendo cinco dissertações e oito artigos divulgados em periódicos ou disponíveis em anais de eventos. Desses treze trabalhos, três deles tinham como foco principal a LI e o EC. As autoras buscaram identificar as contribuições na literatura infantil para as aulas de ciências. (ANTOGLA, 2014).

Por meio dessa pesquisa, que teve como foco a relação LI e EC foi possível observar a importância e atualidade do tema, principalmente se levarmos em conta que o saber científico é fundamental para a relação do indivíduo com o mundo. A forma de adquiri-lo pode ser prazerosa, dinâmica, atraente, instigante, enfim, a aquisição pode ser por meios alternativos como a LI, a qual é muito apreciada pelas crianças. As treze pesquisas encontradas, são a favor da utilização de obras de literatura nas aulas de ciências, indo além das aulas de língua portuguesa, a qual é mais comum ser explorada por meio da literatura (ANTOGLA, 2014).

Das três dissertações encontrados, selecionamos duas delas para compartilhar aqui, algumas das incríveis possibilidades de práticas docentes dessa associação. No trabalho de dissertação de autoria de Arlete Machado Fernandes Higashi, intitulado: “Ciência e literatura em textos infantis de Ângelo Machado”, são abordadas obras do escritor brasileiro Ângelo Machado pelas quais são exploradas não apenas sua dimensão verbal, mas também sua dimensão visual. As obras citadas como opções para trabalhar a ciência são: Que bicho será que fez o buraco?; Dente; e, O dilema do bicho pau; ambas obras apresentam imagens realistas e possíveis de serem exploradas tanto pela sua esfera artística, quanto científica (HIGASHI, 2010).

Outra obra de Ângelo Machado intitulada: “Douradinho, douradão, rio abaixo, rio acima”, lançada em 2004, relata a trajetória de sobrevivência da espécie de peixe (dourado), ameaçada de extinção. O autor aborda explicações sobre diversas espécies aquáticas, além de levantar importantes questões sociais como a pesca predatória e o desenvolvimento desenfreado das áreas urbanas e industriais (HIGASHI, 2010).

Outra pesquisa de dissertação que apresenta esse enfoque e nos traz inúmeras possibilidades para trabalhar em sala de aula, é a dissertação de autoria de Rita Isabel Batista da Silva Filipe, intitulada: “A promoção do Ensino de Ciências através da Literatura Infantil”. A autora dispõe quatro opções de livros de literatura infantil, pelos quais é possível trabalhar a ciência com o terceiro ano dos anos iniciais. Duas destas obras abordam temas como as cadeias alimentares e a relação predador-presa, são elas: “Nham, nham” e “Nadadorzinho”. O livro Nadadorzinho, além de abordar as cadeias alimentares e a relação predador-presa, também

pontua a evolução, a qual pode surgir por conta de uma adaptação ao meio devido as condições de vida existentes nele (FILIPE, 2012).

O conceito de predador-presa foi evidenciado no decorrer da nossa dissertação, e percebemos que os participantes associam a característica de predador presente no lobo personagem como algo maldoso, tanto é que quando afirmaram que o lobo é mau, as justificativas de predador foram as mais evidenciadas. Com isso, esse livro pode ser uma ótima opção para trabalhar esses conceitos, pois devemos clarificar o conceito de predador, no sentido de as crianças a compreendam como uma necessidade e não como uma característica maldosa.

Outra opção de livro, intitulado “O que há por baixo da cama?”, descreve de uma forma interessante e cativante: “a constituição da terra, salientando aspectos relacionados com a vida animal, os aspectos físicos, os fósseis, minerais, entre outros temas, permitindo a abordagem de vários conceitos científicos em simultâneo estabelecendo as relações entre os mesmos.” (FILIPE, 2012, p.100).

Por fim, o último livro analisado pela autora é nomeado “Ainda nada?”. O qual de acordo com Filipe (2012, p.98):

Discorre sobre temas relacionados as plantas, como a germinação, reprodução e as funções de cada uma das partes que as constituem. Embora a linguagem científica presente no livro seja pobre, toda a história e imagens possibilitam a introdução de termos relacionados com o tema tais como germinação e constituição das sementes, permitindo-lhes adquirir conhecimentos e desenvolver conceitos.

Finalizo por aqui esses relatos desses excelentes trabalhos sobre literatura infantil e alfabetização científica. Acredito que todos podem contribuir muito no sentido de que as crianças compreendam o mundo que as cerca, estimulando a investigação e o desenvolvimento de competências científicas que produzem atitudes e interesses perante a ciência e seu aprendizado. Outro aspecto importante aqui, é trabalhar no sentido de que a criança aprenda a reformular, reconstruir e aplicar tais conhecimentos em suas vidas, afinal a ciência faz parte do nosso dia a dia (SCALFI e CORRÊA, 2014).

2.2 O ENSINO DE CIÊNCIAS NOS ANOS INICIAIS E A IMPORTÂNCIA DA ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA

Há muitas possibilidades por de trás do ensino de ciências nos anos iniciais; sendo inegável a sua relevância. Esse tópico oportuniza inicialmente uma reflexão acerca da formação de professores que ministram conteúdos curriculares de ciências naturais nos anos iniciais do ensino fundamental, o que pode configurar-se como um dos trâmites. Vamos partir de um fator que acreditamos ser a origem de alguns problemas docentes: a formação inicial; sem perder de vista o aluno que pretendemos formar por meio do ensino de ciências (PIZARRO, et al, 2016).

Para discutir a formação de professores para o ensino de ciências nos anos iniciais, Ovigli e Bertucci (2009) apoiaram-se em ementas e programas detalhados das disciplinas de metodologia no ensino de ciências e documentos afins dos cursos de graduação em Pedagogia oferecidos por instituições públicas de ensino superior situadas no estado de São Paulo. A preocupação nesse levantamento foi a de destacar que, embora existam disciplinas nos cursos de Pedagogia que discutam as metodologias em ciências, o espaço para essas discussões ainda é reduzido na graduação, o que pode vir a deixar lacunas e fragilidades quando esse professor pedagogo vir a atuar nos primeiros anos de ensino. Não obstante, essas lacunas, geram nos professores insegurança para trabalhar a ciência em sala de aula, apesar de compreenderem a importância da alfabetização científica.

Se fizermos aqui uma breve retrospectiva histórica acerca do ensino de Ciências para os anos iniciais, podemos perceber algumas das fontes dessa formação deficitária em ciências. Hamburger (2007) relata que já nas primeiras formações docentes, as quais aconteciam nas chamadas Escolas Normais, e eram frequentadas em sua maioria, por mulheres, a formação em ciências já era deficitária.

Com o passar dos anos, novas leis foram aprovadas. Em 1961 foi aprovada a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (lei 4024/61) na qual foram estabelecidos, pelo Conselho Federal de Educação, os “currículos mínimos” para as licenciaturas. Dez anos depois, com a promulgação da lei 5692/71, foi editada nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, e o tradicional Curso Normal, para formação docente direcionado ao então chamado Primário, foi substituído pela habilitação profissionalizante para o Magistério no Ensino Médio, resultando em um movimento inicial de desvalorização da profissão docente. Com a LDB aprovada em 1996 (9394/96), institui-se a exigência de formação em nível superior para atuação docente em toda a Educação Básica, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio (HAMBURGER, 2007).

Como é notável, o nível de formação docente exigido aumentou durante o passar dos anos, contudo, há muitos aspectos para se rever e melhorar ainda, como por exemplo, o ensino de ciências na formação de pedagogos, o qual deve ser abordado com maior ênfase para que o professor sinta-se capaz de trabalhá-la em sala de aula.

Em 2007, com a publicação de um novo relatório sobre o ensino de Ciências nos anos iniciais (Duschl et al., 2007, apud Hamburger, 2007) da National Academy of Sciences/National Research Council dos Estados Unidos, fica evidente a relevância do resultado de pesquisas educacionais realizadas com crianças a partir de 5-6 anos: ao ingressarem na escola, já têm capacidade intelectual para aprender Ciências Naturais e, inclusive, fazer experimentação. Com base nisso, (Viecheneski, Lorenzetti e Carletto, 2012, p.859-860) corroboram afirmando:

Na fase inicial de escolarização, o importante é que a criança tenha oportunidades de se envolver em situações investigativas, de experimentar, testar hipóteses, questionar, expor suas ideias e confrontá-las com as de outros. Nesse sentido, o papel do professor é propiciar um espaço favorável à descoberta, à pergunta, à investigação científica, instigando os alunos a levantar suposições e construir conceitos sobre os fenômenos naturais, os seres vivos e as inter-relações entre o ser humano, o meio ambiente e as tecnologias.

Nesse contexto, a alfabetização científica propicia a criança o desenvolvimento da argumentação, proporcionando a ela um olhar curioso e interrogativo para com o seu cotidiano. Não obstante, quando nos referirmos a alfabetização científica, devemos ter consciência da complexidade desse termo. Historicamente muitos autores já discutiram a sua definição, sob diferentes perspectivas. As nossas discussões aqui, referentes a alfabetização científica serão voltadas para o uso da literatura infantil em sala de aula, nos anos iniciais do ensino fundamental. Entre os autores que vinham discutindo a alfabetização científica, Paul Hurd se tornou uma grande referência, sendo o primeiro pesquisador a utilizar o termo *scientific literacy* em seu livro “*Science Literacy: Its Meaning for American Schools*”, publicado em 1958 (SASSERON e CARVALHO, 2011).

Paul Hurd deu continuidade a seus trabalhos relacionados ao currículo de ciências, sendo que em um desses trabalhos contextualiza a ideia de alfabetização científica por meio de momentos históricos importantes para o ensino de ciências e que por volta de 1620, o filósofo Francis Bacon já alegava a necessidade da população ser preparada intelectualmente e que para isso, a ciência deveria estar presente. Além de Francis Bacon, Hurd faz menção a diversos

outros estudiosos que se dedicaram ao estudo da alfabetização científica (SASSERON e CARVALHO, 2011).

Outro renome bem relevante nos estudos da AC é Attico Chassot (2003) o qual afirma que: “a ciência é uma linguagem e o indivíduo que é alfabetizado cientificamente tem a capacidade de ler essa linguagem, linguagem esta que a natureza está escrita, assim, um analfabeto científico é aquele que é incapaz de fazer uma leitura do universo”. Não obstante, para Chassot:

A alfabetização científica pode ser considerada como uma das dimensões para potencializar alternativas que privilegiam uma educação mais comprometida. É recomendável enfatizar que essa deve ser uma preocupação muito significativa no ensino fundamental, mesmo que se advogue a necessidade de atenções quase idênticas também para o ensino médio. Sonhadamente, ampliaria a proposta para incluir também, mesmo que isso possa causar arrepio em alguns, o ensino superior (CHASSOT, 2003, p. 91).

Neste contexto, a alfabetização científica nos anos iniciais deve se preocupar com a formação de cidadãos e cidadãs, vinculados aos aspectos relacionados ao cotidiano desses alunos, fazendo com que os mesmos percebam que a ciência está presente no dia a dia deles, e que necessitam da mesma.

Por meio desse enfoque também é relevante levar em consideração as concepções prévias das crianças, e a partir delas ir acrescentando novas informações, pois com isso, seus conhecimentos são valorizados pelo professor, o que pode vir a facilitar os processos de ensino e de aprendizagem, pois as crianças se sentem mais motivadas a aprender.

Igualmente importante neste momento, é que o professor apresente quando necessário, argumentos convincentes e corretos para que o aluno substitua, quando necessário, concepções ingênuas ou até errôneas a respeito da ciência. Os estudantes devem se sentir provocados e insatisfeitos com suas concepções, isso faz com que eles busquem ampliar ou até corrigir suas concepções.

Pozo e Gómez Crespo (2009, p. 264), contribuem sobre isso afirmando e organizando uma instrução em três fases:

(1) [...] não apenas que o professor conheça as diferentes concepções alternativas mantidas pelos alunos, mas que os próprios alunos tomem consciência de suas representações, inicialmente implícitas [...]. (2) [...] apresentar teorias ou conceitos alternativos que permitam integrar os conhecimentos prévios dos alunos com a nova informação apresentada. (3) [...] consolidar os conhecimentos adquiridos e compreender seu maior poder explicativo em relação à teoria anterior.

Desta forma, o ensino de ciências é construído pelo aluno e mediado pelo professor, e quanto antes iniciado esse processo, menor será a chance de concepções errôneas tornarem-se mais “enraizadas” e verdadeiras para os alunos. Além disso, nesse processo é importante levar em consideração a contextualização do conteúdo com o cotidiano do aluno, o que facilita o processo de ensino e aprendizagem no sentido de tornar mais real e prático determinado conteúdo ao aluno. Com isso, o ensino de ciências, deve perpassar uma simples memorização de conceitos científicos, e se preocupar também com o tipo de cidadãos (a) que vamos formar, e como este poderá contribuir na sociedade.

Pozo e Gómez Crespo (2009, p. 17) afirmam: “A perda de sentido científico não só limita sua utilidade e aplicabilidade por parte dos alunos, como seu interesse ou relevância”. Sabendo dos benefícios desse enfoque, não podemos restringi-los apenas aos anos iniciais, pois o mesmo deve ser levado em consideração nos níveis mais avançados de ensino também.

Contudo, para o discente, quanto antes iniciado esse processo, melhor será seu discernimento e compreensão do mundo natural, uma vez que, com o passar do tempo, novos conhecimentos e informações são incorporados na estrutura cognitiva do mesmo, sempre, é claro, no sentido de somar informações e conhecimentos que venham a contribuir na compreensão da complexidade dos fenômenos naturais, no mundo natural e tecnológico em que está inserido, aprendendo cada vez mais a fazer a leitura dessa “linguagem” que é a ciência.

Além de compreendermos o que os autores discutem a respeito da alfabetização científica, podemos associar aos conceitos dela, as ideias de alfabetização concebidas por Paulo Freire, quando afirma que “...a alfabetização é mais que o simples domínio psicológico e mecânico de técnicas de escrever e ler. É o domínio destas técnicas em termos conscientes. [...] Implica numa autoformação de que possa resultar uma postura interferente do homem sobre seu contexto.” (p.111, 1980). Seguindo essa linha de raciocínio, podemos dizer que a alfabetização científica é algo em constante aperfeiçoamento e que podemos aprender sobre ela por meio de acontecimentos presentes no nosso cotidiano e não somente por um conteúdo propriamente dito, afinal a ciência faz parte do nosso dia a dia, e por conta disso, esse processo já deve ter início nos anos iniciais para que a criança já cresça vivenciando e aprendendo ciência.

Quando trabalhada a alfabetização científica em sala de aula, muitas vezes fica difícil sabermos se de fato nossos alunos estão aprendendo algo, e pensando nisso uma alternativa super válida, são os indicadores da alfabetização, os quais de acordo com Sasseron e Carvalho (2008, p.338):

Têm a função de nos mostrar algumas destrezas que devem ser trabalhadas quando se deseja colocar a AC em processo de construção entre os alunos. Estes indicadores são algumas competências próprias das ciências e do fazer científico: competências comuns desenvolvidas e utilizadas para a resolução, discussão e divulgação de problemas em quaisquer das Ciências quando se dá a busca por relações entre o que se vê do problema investigado e as construções mentais que levam ao entendimento dele.

As mesmas autoras classificam os indicadores da alfabetização científica, dividindo-os em três diferentes grupos, cada um com suas respectivas subdivisões como pode ser observado no quadro abaixo.

Quadro 1- Grupos de indicadores da alfabetização científica propostos por Sasseron e Carvalho (2008).

Indicadores da Alfabetização Científica	
Primeiro grupo: busca organizar, classificar e seriar dados obtidos, e está classificado em três subdivisões.	1) Seriação de informações: pode ser um rol de dados, uma lista de dados trabalhados.
	2) Organização das informações: ocorre nos momentos em que se discute sobre o modo como um trabalho foi realizado.
	3) Classificação das informações: ocorre quando se busca conferir hierarquia às informações obtidas.
Segundo grupo: está relacionado a estruturação do pensamento e possui duas subdivisões.	1) Raciocínio lógico: modo como as ideias são desenvolvidas e apresentadas.
	2) Raciocínio proporcional: demonstra como se estrutura o pensamento, e refere-se também à maneira como variáveis têm relações entre si.
Terceiro grupo: está relacionado ao entendimento da situação analisada, e possui cinco subdivisões.	1) Levantamento de hipótese: aponta instantes em que são alçadas suposições acerca de certo tema.
	2) Teste de hipótese: concerne nas etapas em que se coloca à prova as suposições anteriormente levantadas.
	3) Justificativa: aparece quando em uma afirmação qualquer proferida lança mão de uma garantia para o que é proposto;
	4) Previsão: é explicitado quando se afirma uma ação e/ou fenômeno que sucede associado a certos acontecimentos.
	5) Explicação: surge quando se busca relacionar informações e hipóteses já levantadas.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Com base nesses três grupos de indicadores apresentados no quadro acima, buscamos analisar uma pequena parte de nossos resultados que serão apresentados no decorrer dessa

dissertação. O grupo de indicadores alvo de nossa análise foi o terceiro, no qual encontramos algumas de suas subdivisões presentes em nossos resultados.

Vale destacar que a presença de um indicador não inviabiliza a presença de outro, ou seja, em uma mesma resposta pode haver a presença de mais de um indicador. Com isso, por meio da utilização dos indicadores é possível perceber algumas habilidades e destrezas que se fazem presentes quando o processo de construção da AC está acontecendo.

2.3 POSSIBILIDADES NO USO DA LITERATURA INFANTIL PARA A ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA E A INVESTIGAÇÃO DE ESTEREÓTIPOS

A ciência presente nos contos infantis nem sempre está exposta de maneira explícita; contudo, se tivermos um olhar mais direcionado a ela, vamos perceber que a mesma se faz presente em muitos deles. No entanto, em geral, o que se observa é uma valorização apenas para a moral da história, fazendo com que os demais aspectos, incluindo os da ciência sejam desfocados dos objetivos de estudo.

Com isso cabe ao professor compreender a importância em despertar nos alunos esse interesse pela ciência, e os contos de fada, são materiais excelentes para isso. No entanto, para isso ser trabalhado de fato, é necessário que o professor dos anos iniciais consiga perceber essas possibilidades de introdução à alfabetização científica pelo uso dos clássicos infantis, percebendo suas potencialidades e possíveis estereótipos que também possam ser trabalhados.

Para contribuir com isso, vamos recordar aqui alguns clássicos da literatura infantil como a Branca de Neve, João e o Pé de Feijão, Chapeuzinho Vermelho e os Três Porquinhos, no intuito de refletir sobre alguns aspectos da ciência que podem ser identificados nos mesmos. No conto da Branca de Neve, há um enfoque sobre a maçã envenenada. Com base nisso, é possível explorar a contaminação biológica, o uso de defensivos agrícolas, assim como seus benefícios e malefícios para a sociedade e para o meio ambiente. Já em João e o Pé de Feijão é possível trabalhar sobre a germinação, todo o desenvolvimento da planta, por meio experimentos para semeadura e germinação do feijão em recipientes transparentes para que os alunos possam acompanhar o desenvolvimento da planta e ainda registrar as mudanças que a planta sofre a cada dia em um diário de anotações.

Por meio dessa dissertação, vamos apresentar duas possibilidades de desenvolver os conhecimentos científicos por meio de clássicos infantis. Escolhemos duas histórias clássicas que estão entre as primeiras contadas na infância, *Chapeuzinho Vermelho* e os *Três Porquinhos*.

Estas histórias foram escolhidas, pois nas duas histórias, são trabalhados personagens animais e há entre elas, em comum o personagem lobo. Embora não tenhamos na fauna brasileira o mesmo lobo retratado nas histórias infantis, que se aproxima das características dos lobos do Hemisfério Norte, há na fauna brasileira a presença de uma espécie de lobo, também na família dos Canídeos, mas com características distintas, e conhecido como lobo-guará. Além do personagem lobo, o outro animal mencionado no conto dos Três Porquinhos, é o porco, e igualmente, nos aventuramos a explorar não a espécie de porco doméstico, mas a espécie selvagem, conhecida popularmente como porco cateto, o qual é recorrente na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul.

Ambos animais escolhidos, no senso comum, por meio das histórias infantis, perduram como figuras estereotipadas, e inclusive no caso do lobo, os adjetivos advindos ao “vilão” são extensos, sendo justamente foco desta pesquisa investigar como estas construções estereotipadas interferem sobre a visão dos alunos de anos iniciais, e de que modo um olhar sobre estes clássicos na perspectiva das ciências pode oportunizar seu uso como alfabetização científica.

Há muitos tipos de estereótipos ligados à literatura infantil, se pensarmos nos contos de fada, por exemplo, é possível perceber estereótipos de gênero, raça, estética, entre outros. Para Zambom (2009, p. 07):

O estereótipo é a concretização/personificação do preconceito. Cria-se um “tipo” fixo e imutável que caracterizará o objeto em questão – seja ele uma pessoa, um grupo ou um fenômeno. Esse estereótipo será o alvo das ações subsequentes e, ao mesmo tempo, o biombo que estará interposto entre o agente da ação e a pessoa real à sua frente.

O clássico personagem lobo, popularmente conhecido como “lobo mau”, já apresenta sua identidade corrompida, seu nome já o caracteriza como mau, e é assim que ele é reconhecido. Lembro aqui, como exemplo de dois grandes clássicos da literatura infantil que apresentam o “lobo mau” a história dos Três Porquinhos e Chapeuzinho Vermelho. Posteriormente à versão clássica da Chapeuzinho Vermelho, criaram-se muitas versões contemporâneas e entre elas:

Mais de metade das 35 versões registradas de “Chapeuzinho Vermelho” terminam como a versão contada antes, com o lobo devorando a menina. Ela nada fizera para merecer esse destino; porque, nos contos camponeses, ao contrário dos contos de Perrault e dos irmãos Grimm, não desobedece a sua mãe nem deixa de ler os letreiros de uma ordem moral implícita, escritos no mundo que a rodeia. Ela simplesmente caminhou para dentro das mandíbulas da morte. E a natureza inescrutável e inexorável

de calamidade que torna os contos tão comoventes, e não os finais felizes que eles, com frequência, adquirem, depois do século XVIII (DARNTON, 2011, p. 79).

Outro aspecto a ser ressaltado aqui, é a necessidade de um elemento masculino que confira proteção. É perceptível que no conto da Chapeuzinho Vermelho e em vários outros, algumas personagens femininas ficam submissas aos homens. No caso da Chapeuzinho, como não existe essa figura masculina, a menina fica à mercê dos perigos da vida fora do círculo familiar. Já na literatura contemporânea, encontram-se novas representações, tanto de Chapeuzinho quanto do lobo. São diferentes versões que dialogam com o clássico Chapeuzinho Vermelho (SILVA, 2015).

Merece especial atenção o fato de que, em releituras, existe uma tendência à aversão aos perfis clássicos de tal forma que as obras contemporâneas tendem não só a transmitir uma mensagem de que tudo ficará bem, mas também a desconstruir estereótipos clássicos. Embora seja considerada uma questão de superar o medo (como do Lobo, por exemplo), também se questiona: até que ponto pode-se mostrar que o lobo já não representa perigo algum? Estamos livres dos perigos que são atemporais? (SILVA, 2015, p.102).

Essa é uma questão que vale a pena ser ressaltada em sala de aula, pois não estamos livres de possíveis perigos, não podemos prevê-los muitas vezes, e nesses momentos, entra a figura familiar e dos amigos, na qual procuramos ajuda. Contudo, há riscos que podemos evitar e isso deve ficar claro para as crianças. Pensando nas obras contemporâneas, é válido que o professor traga para sala de aula as mesmas, principalmente quando estas podem trabalhar na desconstrução de personagens estereotipados, por exemplo.

Em relação às obras infantis contemporâneas, foram identificadas cinco histórias, sendo estas: “Chapeuzinhos Coloridos”, de Torero e Pimenta (2010); “Chapeuzinho Vermelho: uma aventura borbulhante”, de Roberts (2009); “De quem tem medo o Lobo Mau?”, de Menezes (2009); “Cuidado com o menino!”, de Blundell (2011); e “Mamãe, por que os dinossauros não vão à escola?”, de Gréban (2010). Nestas, o personagem lobo é a vítima, enganado, ingênuo, em diferentes situações é chamado de bobo, em alguns casos, chega a ser vegetariano, bondoso e podendo ter um final feliz. Na obra “Chapeuzinhos coloridos”, nota-se que, em cada uma das histórias, o lobo assume um novo papel: na primeira, é vítima de um plano infalível, seu destino é trágico, torna-se o prato predileto tanto da avó quanto da neta. Na segunda, é o guloso que engole até o caçador e acaba explodindo. Na terceira, além de engolir Chapeuzinho e a avó, tem interesse em dinheiro, inclusive pensa em roubar as joias da velhinha. Na quarta, cansado de ser solitário, acaba sendo o animal de estimação. Na quinta, o lobo (que é bom!), tenta mudar a visão que as pessoas têm dele, mas acaba sendo morto injustamente pelo caçador, que conhece a sua fama de mau. Na sexta, o lobo não só dialoga com a menina, como também quer ser amigo do caçador (SILVA, 2015, p. 104).

Nessas versões, a imagem do lobo como personagem do mau, acaba sendo corrompida, pois nos demonstra que o lobo também pode ser do bem, e isso é extremamente relevante para uma criança, principalmente para aquela que cresce somente ouvindo versões em que o lobo é mau, o que contribui para a formação de uma visão fragmentada e errônea do lobo, acreditando que o mesmo somente é mau. Contudo, se pararmos para pensar em sua função biológica na natureza, vamos perceber inúmeros pontos positivos e com isso, podemos quem sabe minimizar a imagem de “vilão” concedida ao lobo. De modo geral, as obras contemporâneas de *Chapeuzinho Vermelho* abordam temas da realidade como a obesidade, fama, dinheiro, diferentes famílias e adolescência. Pensando em proporcionar uma alfabetização científica nos anos iniciais, por que não explorar a ciência presente nos contos de fadas.

O personagem lobo, por exemplo, pode contribuir com inúmeros conhecimentos biológicos, trabalhando o número de espécies, seu hábitat, alimentação, enfim, todo seu nicho ecológico. Além disso, um enfoque sobre o lobo presente aqui na fauna brasileira, e em especial do nosso estado Rio Grande do Sul, também é interessante. O lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*), por exemplo, faz parte dela, e traz muitos benefícios a natureza. Ele é onívoro, e seu alimento predileto é o fruto da lobeira, o qual ele o devolve para a natureza por meio da semente que elimina em suas fezes, garantindo assim, a propagação da espécie.

O lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) é o maior canídeo selvagem da América do Sul, habita a quase totalidade do território brasileiro, apresenta coloração avermelhada em sua pelagem, tendo parte da face, bem como o dorso e extremidades dos longos membros, de coloração escura. Seus membros pélvicos são mais longos que os torácicos, o que lhe dá um certo aspecto desajeitado. Trata-se de animal de hábitos solitários e furtivos e sua alimentação consiste desde roedores, aves, ovos, répteis e insetos, até frutas, cana-de-açúcar e mel. A preocupação com a sua preservação tem merecido a atenção de numerosos pesquisadores, que vêm se detendo ao estudo dos seus hábitos e exigências territoriais (MACHADO, FONSECA, NEVES, 2002, p. 107).

Por meio desse enfoque do lobo nas ciências, estamos promovendo alfabetização científica por meio do personagem lobo, demonstrando que ele é importantíssimo para a natureza. Com isso, é possível alfabetizar cientificamente as crianças por meio de versões reescritas, nas quais o lobo se faz presente, como nas histórias *Chapeuzinho Vermelho* e *Três Porquinhos*, as quais iremos explorar o personagem lobo guará no decorrer dessa dissertação, pois acreditamos que o mesmo pode constituir uma fonte riquíssima de informações e conhecimentos da ciência, em conjunto com os demais personagens e contextos da história reescrita.

Outro personagem a ser explorado no conto dos *Três Porquinhos*, será o porco, o qual também consiste em um personagem bem comum em histórias infantis. A espécie de porco na qual retrataremos como personagem será o porco cateto, popularmente conhecido como porco do mato (*Pecari tajacu*) e possui grandes semelhanças com o javali, além de estar presente na fauna brasileira e de outros países como o Sul dos Estados Unidos, América Central, América do Sul e Argentina.

Amplamente distribuído e resistente a alterações antrópicas, com exceção de ambientes extremamente alterados, *Pecari tajacu* ainda pode ser encontrado nas áreas com cobertura vegetal em todos os biomas. Estas áreas consistem em cerca de 12% da área original da Mata Atlântica, aproximadamente 50% do Cerrado, 30% da Caatinga, 80% da Amazônia e do Pantanal (DESIEZ, et al 2012, p. 76).

Sobre o porco, assim como o lobo-guará, será possível abordar todo o seu nicho ecológico, estado de conservação, hábitat e características gerais, por meio de aulas expositivas dialogadas sobre estes animais e também por meio de contos reescritos que se possível, serão apresentados a estas turmas.

As histórias reescritas trazem informações científicas, e também doses de humor, pois acreditamos que o humor também é um aspecto importante e deve estar presente nos contos, pois proporciona leveza, descontração e diversão a história.

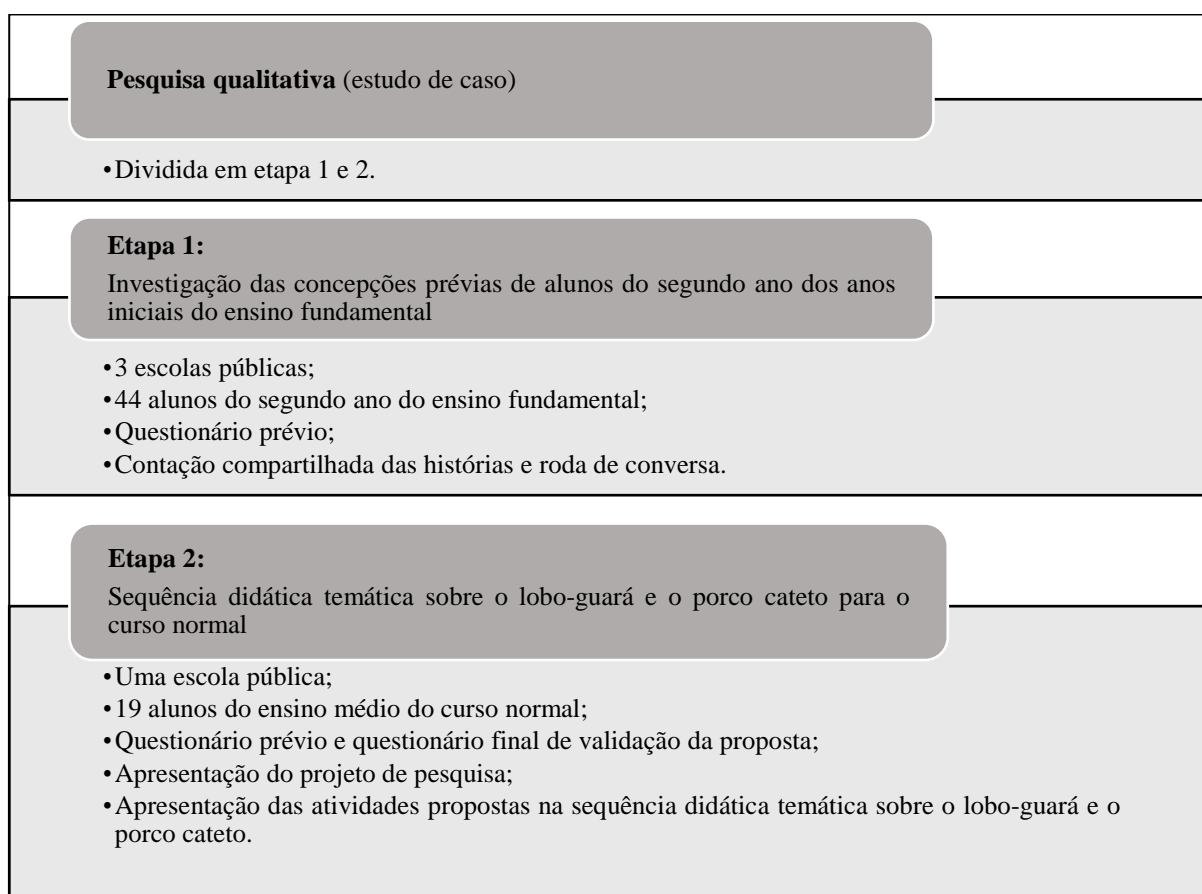
Textos que privilegiem o humor constituem um exemplo de possibilidade terapêutica por meio da leitura. Ao buscar em Freud apoio teórico para a compreensão do humor, observa-se que o humor se configura como um triunfo do narcisismo, posto que o ego se recusa a sofrer. O humor é, pois, a rebelião do ego contra as circunstâncias adversas, transformando o que poderia ser objeto de dor em objeto de prazer. É a ação do superego agindo sobre o ego a fim de protegê-lo contra a dor. (FREUD, 1969).

Com isso, enfatizar estes animais de modo atraente e interessante para as crianças, fazendo com que as mesmas entendam seu importante papel na natureza e a necessidade de sua conservação, pode ser uma das possibilidades em oportunizar uma desconstrução destes estereótipos e alfabetizar cientificamente para uma maior valorização da diversidade e respeito a todos os animais e a preservação das espécies.

CAPÍTULO 3- PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia utilizada nesta pesquisa é qualitativa, e foi dividida em duas etapas, sendo a primeira com alunos do segundo ano do ensino fundamental e a segunda etapa da pesquisa com alunos do terceiro ano do ensino médio do curso normal. Abaixo, o fluxograma representa os passos realizados nessas duas diferentes etapas da pesquisa, e em seguida, descrevemos detalhadamente o que realizamos em cada etapa desta pesquisa.

Fluxograma 1- Representação do percurso metodológico da pesquisa dividida em duas etapas.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

3.1 A PESQUISA QUALITATIVA

Para alcançar os objetivos propostos optamos por utilizar uma abordagem qualitativa. Guerra (2006, p.07) salienta que: “as metodologias e técnicas qualitativas sofrem de uma grande fluidez de estatuto teórico-epistemológico e de formas de aplicação e tratamento”. Gamboa (2007) observa que muitos trabalhos na área educacional apresentam dados demais e análises

de menos, e defende que a simples coleta de dados não é suficiente - é necessário resgatar a análise qualitativa para que a investigação se realize como tal e não fique reduzida a um exercício de estatística.

Por outro lado, Moreira (2003) esclarece que ainda que a pesquisa seja qualitativa, por vezes, o pesquisador transforma os dados e os expõe por meio de tabelas, sumários e classificações. Entretanto, a estatística utilizada é descritiva, sem o objetivo de fazer inferências, ou seja, pretende-se interpretar e relatar os achados da pesquisa. Para dar validade à pesquisa o pesquisador busca descrever com detalhes e, assim, convencer o leitor das suas interpretações. Isto é, utiliza-se de narrativa para apresentar os resultados. Assim, a credibilidade é peça chave para fornecer validade à pesquisa qualitativa.

Por meio desta dissertação buscamos compreender como a literatura infantil pode contribuir para a alfabetização científica, sendo capaz de auxiliar na formação de indivíduos mais críticos em relação à ciência e as relações estabelecidas com a sociedade em geral. Para isso, acreditamos que a pesquisa qualitativa fornecerá uma análise e interpretação minuciosa dos dados e informações coletados no decorrer da pesquisa, e com base nisso, podemos apresentar argumentos convincentes e fidedignos para o leitor, uma vez que estes são resultados apresentados diretamente pelo nosso público alvo.

Moreira (2003) explica que essa abordagem permite ao pesquisador um maior aprofundamento das investigações e sinaliza, inclusive, que podemos considerá-la como uma pesquisa interpretativa, na qual o pesquisador interpreta os resultados da sua investigação. O mesmo autor discorre que “o interesse central da pesquisa na questão dos significados que as pessoas atribuem a eventos e objetos, em suas ações e interações dentro de um contexto social, e na elucidação e exposição desses significados pelo pesquisador” (p. 22). Com isso, há de se ter um cuidado na interpretação desses resultados, buscando sempre por uma releitura mais sincera possível do que o participante da pesquisa quis nos dizer, assim, evitamos possíveis resultados equivocados e por vezes, errôneos na pesquisa, uma vez que a interpretação é peça chave nessa pesquisa e por conta disso, devemos estar cientes dos riscos que corremos na hora de evidenciar esses resultados.

3.1.1 Pesquisa exploratória- estudo de caso

A metodologia utilizada para a realização da nossa pesquisa caracteriza-se por ser uma pesquisa de cunho exploratório, a qual realizamos por meio de um estudo de caso. De acordo com Gil (2008, p. 27):

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento. Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. Procedimentos de amostragem e técnicas quantitativas de coleta de dados não são costumeiramente aplicados nestas pesquisas.

Com isso, por meio da pesquisa exploratória, realizamos um estudo de caso, o qual Fonseca (2002, p.33-34) corrobora afirmando:

Um estudo de caso pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. O pesquisador não pretende intervir sobre o objeto a ser estudado, mas revelá-lo tal como ele o percebe. O estudo de caso pode decorrer de acordo com uma perspectiva interpretativa, que procura compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes, ou uma perspectiva pragmática, que visa simplesmente apresentar uma perspectiva global, tanto quanto possível completa e coerente, do objeto de estudo do ponto de vista do investigador.

Para o tratamento dos resultados, utilizamos uma perspectiva interpretativa, na qual buscamos compreender as concepções dos participantes, sempre recorrendo a revisões bibliográficas, no intuito de fundamentar e vir a somar em nossas discussões.

3.2 CONTEXTO DA PESQUISA COM OS ANOS INICIAIS

A pesquisa investigativa inicial foi desenvolvida com quarenta e quatro alunos de 2^{os} anos do Ensino Fundamental de três escolas públicas de Ensino Básico no município de Tenente Portela, Estado do Rio Grande do Sul, sendo duas escolas da Rede Estadual de Ensino e uma da Rede Municipal de Ensino. A escolha das turmas, foi influenciada pelo fato de acreditarmos que a ciência deve ser trabalhada nos anos iniciais do ensino fundamental, uma vez que quanto antes iniciada, há uma menor probabilidade de concepções fragmentadas da ciência se tornarem resistentes e mais difíceis de serem reconstruídas. Outro fator que contribuiu nessa escolha, foi o fato de querer dar continuidade ao meu trabalho com uma dessas turmas, na qual havia desenvolvido um projeto relacionado ao cientista, e também realizado a contação de histórias, o que me fez “abrir os olhos” para essa união formidável entre literatura infantil e a ciência.

Todas as escolas contavam com recursos necessários para a aplicação da pesquisa. A faixa etária dos participantes era entre 7 a 8 anos.

Uma das escolas estaduais é a mesma na qual estou atuando com o Ensino de Biologia a nível de Ensino Médio, a Escola Estadual de Ensino Médio Sepé Tiaraju, que conta com um quadro de 47 funcionários, atendendo alunos que compreendem os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, assim como o Ensino Médio. A escola conta também com Atendimento Educacional Especializado (AEE). Participaram da investigação inicial referente ao questionário dezenove alunos.

A segunda escola é a Escola Estadual de Ensino Fundamental Tenente Portela, que abrange o público do Ensino Fundamental, do 1º ao 9º ano, além de contar com Atendimento Educacional Especializado (AEE). Participaram da investigação inicial referente ao questionário treze alunos.

Por fim, a última escola, é a Escola Municipal de Ensino Fundamental Ayrton Senna, a qual possui atendimento desde a Educação Infantil - Pré-escola, e todo o Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano. Conta também com Atendimento Educacional Especializado (AEE). A turma dessa escola, se refere a turma na qual já havia desenvolvido um projeto. Participaram da investigação inicial referente ao questionário doze alunos.

O número de participantes na contação compartilhada da história era o mesmo que o número de respondentes do questionário, mas não pudemos levar em consideração este dados, uma vez, que durante a roda de conversa que ocorreu, posterior à contação compartilhada da história, os participantes foram questionados no grupo total, e não individualmente. Sendo assim, a participação foi espontânea e o número de respondentes a cada pergunta da roda de contação oscilava de questão a questão. Desta forma, teve-se o mesmo número de participantes na segunda fase (contação de história e roda de conversa), mas não o mesmo número de respondentes.

3.2.1 Sujeitos da pesquisa investigativa inicial com os anos iniciais

Em um primeiro momento, o projeto foi apresentado à direção escolar e também à professora regente de cada turma, no segundo semestre do ano de dois mil e dezenove. Após esclarecido e aceito o projeto pelos envolvidos, entramos em contato com as turmas.

As turmas escolhidas foram três turmas do segundo ano dos anos iniciais do ensino fundamental, sendo duas turmas do turno da tarde e uma do turno da manhã. Foram distribuídos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A) para a participação dos alunos, que foram assinadas pelos responsáveis dos participantes, garantindo a ciência do

trabalho desenvolvido e dos possíveis resultados para a escola, e conseqüentemente para toda a comunidade escolar.

A partir dos objetivos propostos, foi inicialmente pensada e organizada a pesquisa em uma investigação inicial, seguida de uma seqüência didática, a qual será relatada no decorrer desta dissertação. A primeira fase, consistiu na investigação inicial, no intuito de analisar as concepções prévias dos participantes, e para tanto, aplicamos um questionário prévio e a contação compartilhada de história e em seguida, a roda de conversa. No segundo momento, seria aplicado uma seqüência didática, elaborada a partir dos resultados da fase inicial, de modo a oportunizar a alfabetização científica sobre animais nativos por meio do uso de histórias infantis. Contudo, por conta da pandemia da Covid-19 (Sars-Cov-2), o novo Coronavírus fomos impedidos de conduzirmos a pesquisa desta forma, e então redirecionamos esta para uma outra forma, mas que igualmente pudesse contribuir para reflexões futuras dentro da temática a que se destinava a pesquisa.

Diante desta contextualização, o que propomos, foi organizar a proposta da seqüência didática e apresentar os resultados da pesquisa a uma grupo de alunos em formação docente, do curso normal, a qual será relatada abaixo.

3.3 CONTEXTO DA PESQUISA COM O CURSO NORMAL

Em continuidade a nossa pesquisa inicial, realizamos uma investigação com uma turma de terceiro ano do curso normal, da Escola Estadual de Ensino Médio Sepé Tiaraju, escola na qual atuo e já havíamos aplicado também a proposta inicial com os anos iniciais. A escolha da turma, foi influenciada pelo fato de que no terceiro ano do curso normal, as práticas de estágios se fazem presente, e com isso, esta proposta pode contribuir na formação docente destes alunos.

De acordo com o regimento do Curso, o currículo do Ensino Médio-Curso Normal desta escola, é desenvolvido em regime anual com carga horaria de 1200 horas/ano e o mínimo de 200 dias letivos/ano. No decorrer do curso são desenvolvidas 400 horas de práticas pedagógicas. Ao final dos três anos do curso, o aluno deverá realizar estágio obrigatório de 400 horas, conforme previsto no plano de estudos.

O curso caracteriza-se no primeiro ano, por uma relação teoria-prática na reflexão sobre o cotidiano da escola em relação aos referenciais teóricos; no segundo ano, por uma relação teoria-prática-teoria, na qual se realizam pequenas práticas de regência na construção da formação do professor pesquisador; no terceiro ano, por um processo de reflexão-ação, na qual

a reflexão se dá sobre a ação do aluno-educador, por meio de práticas pedagógicas. Posteriormente, ocorre a realização do estágio obrigatório, que se constitui em uma nova ação teorizada-refletida pelo aluno-professor.

3.3.1. Sujeitos da pesquisa investigativa sobre a proposta de sequência didática para o curso normal

Em um primeiro momento, o projeto foi apresentado à direção escolar e também à professora regente de cada turma, no primeiro semestre do ano de dois mil e vinte e um. Após esclarecido e aceito o projeto pelos envolvidos, entramos em contato com a turma.

A turma escolhida é uma turma do terceiro ano do curso normal. Foram distribuídos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A) para a participação dos alunos, que foram assinadas pelos participantes, garantindo a ciência do trabalho desenvolvido e dos possíveis resultados para a escola, e conseqüentemente para toda a comunidade escolar.

Essa proposta de sequência didática para o curso normal, foi pensada, por conta da pandemia da Covid-19 (Sars-Cov-2), o novo Coronavírus, que nos impediu de continuarmos a proposta que já havíamos iniciado com os anos iniciais. Por conta disso, redirecionamos esta para o curso normal, no intuito de contribuir na formação docente destes futuros professores, dentro da temática a que se destinava a pesquisa.

A pesquisa envolveu dezenove alunos do terceiro ano do ensino médio, do curso normal, da Escola Estadual de Ensino Médio Sepé Tiaraju, localizada no município de Tenente Portela, no interior do Rio Grande do Sul. A pesquisa foi realizada remotamente e dividida em dois momentos. No primeiro dia, aplicamos inicialmente um instrumento de pesquisa para investigar as concepções dos participantes a respeito da temática, e em seguida, a proposta de oficina vinculada ao projeto de mestrado foi aplicada aos participantes, enfatizando no primeiro momento os referenciais teóricos sobre os contos infantis e o ensino e ciências. No segundo dia, apresentamos a proposta de sequência didática temática sobre o lobo-guará e o porco cateto, demonstrando todas as atividades propostas, que poderiam ser desenvolvidas para os anos iniciais e como elas deveriam ser aplicadas. Para finalizar, os participantes responderam a um questionário de validação da sequência didática apresentada. Tanto os resultados desta etapa, como as concepções iniciais destes participantes, encontram-se nesta dissertação para serem possivelmente desenvolvidas por professores que atuarão neste nível de ensino, motivados pela proposta.

3.4 ETAPA 1: INVESTIGAÇÃO DAS CONCEPÇÕES PRÉVIAS DE ALUNOS DO SEGUNDO ANO DOS ANOS INICIAIS

3.4.1. Análise dos contos de fada para trabalhar a alfabetização científica.

Escolhemos dois contos clássicos da literatura infantil, que fossem de conhecimento popular e que permitissem desenvolver uma temática sobre ciências e assim, contribuíssem para a alfabetização científica dos alunos, tendo em vista a conscientização sobre animais nativos do nosso Estado do Rio Grande do Sul e também do Brasil.

Optamos, entre as primeiras histórias contadas na infância: *Chapeuzinho Vermelho* e os *Três Porquinhos*. Estas histórias foram escolhidas, pois estão diretamente ligadas às construções estereotipadas de animais (lobo e porco) da nossa fauna brasileira e uma investigação destas concepções contribuiria para pensar em estratégias para a alfabetização científica.

3.5 INVESTIGAÇÃO INICIAL DAS CONCEPÇÕES DOS ALUNOS SOBRE OS PERSONAGENS SELECIONADOS.

O estudo iniciou com uma pesquisa das concepções dos alunos sobre os personagens selecionados, dividida em dois momentos e dias distintos, os quais são descritos abaixo.

3.5.1 Questionário prévio:

Aplicamos um questionário prévio (Apêndice B), contendo trinta e três perguntas abertas e fechadas (previamente formuladas), as quais contavam com a adição de quatro imagens (Anexo A), sendo que estas, representavam respectivamente: **1)** lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) – Figura 1; **2)** lobo personagem - Figura 2; **3)** porco cateto (*Pecari tajacu*) – Figura 3; **4)** três porquinhos – Figura 4.



Figura 1- Lobo-Guará.

Fonte: <encurtador.com.br/ruzM2 >



Figura 2- Lobo personagem.

Fonte: <encurtador.com.br/mosT2>



Figura 3.-Porco Cateto.

Fonte: <encurtador.com.br/pCHZ1>



Figura 4- Três Porquinhos.

Fonte: <encurtador.com.br/gxzN0>

Durante a aplicação do questionário individual, eram mostradas as imagens dos animais e personagens, quando requisitadas nas perguntas. Era apresentada uma imagem de cada vez, e posteriormente eram feitas as perguntas referentes ao animal da imagem, e assim respectivamente. As perguntas eram extremamente objetivas, tendo como intuito analisar o conhecimento dos participantes quanto a esses animais, incluindo as reações dos participantes ao observarem a imagem fornecida, se o reconheciam como sendo bom ou mau, seu hábitat, sua preservação e/ou risco de extinção, sua alimentação, comportamento que teria se visse um deles, e comparações e/ou preferências entre eles. Os participantes também foram questionados se conheciam alguma história com os mesmos.

Antes de iniciar a aplicação do questionário foi informado a turma que ele seria feito de forma individualizada, em uma sala reservada, além disso, os alunos e a professora regente da turma foram orientados que após responder o questionário e retornar à sala, não poderiam contar para os colegas nada a respeito, somente poderiam conversar quando todos respondessem ao

mesmo, para evitar possíveis “colas” nas respostas. Cada turma levou em torno de três horas para concluir os questionários.

As imagens foram escolhidas com base nos contos da Chapeuzinho Vermelho e dos Três Porquinhos, pensando mais especificamente no personagem lobo-guará e no porco cateto, o qual fazem parte da fauna brasileira e vamos dar enfoque.

Os questionários foram recolhidos e posteriormente analisados. A metodologia utilizada para compreender o pensamento discente sobre a temática apresentada referendou-se na Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), pois, por meio desta, tornou-se possível descrever, analisar e interpretar as ideias expressas nas respostas fornecidas pelas questões abertas.

De acordo com Bardin (2011), a categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia). Deste modo, a análise de conteúdo categorial é alcançada por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias, segundo agrupamentos analógicos, e caracteriza-se por um processo estruturalista que classifica os elementos, segundo a investigação sobre o que cada um deles tem em comum. Ou seja, as categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro) sob um título genérico, em razão dos caracteres comuns apresentados por estes elementos. O procedimento inicial implica na decodificação dos dados contidos nos textos com descrição detalhada das ideias, ou estágio descritivo, ou ainda análise categorial. Para essa autora, a análise de conteúdo compreende três polos cronológicos: a) a pré-análise; b) a exploração do material e c) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Neste trabalho são apresentadas e discutidas as categorias *a posteriori* que emergiram na análise dos resultados dos questionários iniciais e que revelam as concepções dos estudantes acerca do lobo e do porco, tanto como animal (verdadeiro) quanto personagem (fictício), se assim o diferenciaram, além do conhecimento sobre histórias nas quais esses personagens eram lembrados.

Para melhor apresentação e discussão, o tratamento dos resultados contou com as respectivas porcentagens de ocorrência de cada categoria e subcategorias emergentes. Com o intuito de melhor apresentar e discutir os dados, essas informações foram organizadas em quadros, tabelas e figuras, apresentadas no decorrer desta dissertação.

3.5.2 Contação compartilhada da história pelos alunos

Após uma semana da aplicação do questionário, os alunos, em sala de aula, com o consentimento e a presença da professora responsável por cada turma, foram convidados a sentarem-se em um círculo, dispostos no chão da sala. Explicamos aos alunos que contaríamos uma história em conjunto com eles, e todos que soubessem como continuava a história, deveriam dar sequência a mesma, após a minha breve introdução. O intuito, não era a história ser contada pelo professor, e sim ser narrada por eles, para justamente poder ouvir deles, a história que conheciam. A história contada pelos alunos foi gravada em áudio pelo celular, e posteriormente transcrita para a análise. Os apêndices foram feitos separadamente por escola (três escolas) e por história contada (Chapeuzinho Vermelho e os Três Porquinhos), totalizando seis apêndices relacionados à transcrição dos áudios da contação compartilhada da história (Apêndice C até Apêndice H).

Cada aluno contava um pedacinho da história e passava a vez para o próximo colega, se algum participante não soubesse continuar, ele passava a vez para o próximo colega. Após a contação, fizemos algumas perguntas para os alunos (Apêndice I) sobre a história que contaram e seus personagens, com enfoque tanto no personagem lobo, quanto no porco. Estes questionamentos, foram igualmente gravados, para análise posterior e são apresentados em conjunto com a transcrição da história nos apêndices, onde abreviamos a palavra professor com a letra P e a palavra aluno com a letra A e o respectivo número do aluno, exemplo: A1, A2, A3... As perguntas foram grifadas em negrito, na íntegra. A contação da história foi realizada em dias distintos e levou em cada turma cerca de uma hora. Portanto, foi reservado em cada turma um dia para a história da Chapeuzinho Vermelho e outro dia para a história dos Três Porquinhos, com alternância de uma semana entre elas.

Os resultados contaram com as respectivas porcentagens de ocorrência de cada categoria emergentes. Com o intuito de melhor apresentar e discutir os dados, essas informações foram organizadas em tabelas e apresentadas de maneira intercalada com o questionário, uma vez que os resultados do questionário e da roda de conversa em sua maior totalidade foram semelhantes e nos permitiram fazer essa discussão conjunta. Além disso, analisamos algumas falas presentes na roda de conversa com base nos indicadores de alfabetização científica. Esses resultados serão apresentados posteriormente aos do questionário prévio e da roda de conversa para uma melhor organização dos mesmos.

3.6 ETAPA 2: PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA TEMÁTICA PARA O TERCEIRO ANO DO CURSO NORMAL

A sequência didática apresentada a seguir foi planejada inicialmente para ser aplicada nos anos iniciais, e foi elaborada após a análise das concepções prévias resultantes dos questionários iniciais aplicados aos alunos de anos iniciais. Contudo, como menciono anteriormente, a doença conhecida popularmente como Covid-19, que é causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) assolou o mundo e acabou impedindo a aplicação da sequência didática de forma sucessiva em sala de aula, uma vez que as aulas presenciais foram interrompidas abruptamente, sem qualquer planejamento prévio.

A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. O SARS-CoV-2 é um betacoronavírus descoberto em amostras de lavado broncoalveolar obtidas de pacientes com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019. Pertence ao subgênero Sarbecovírus da família Coronaviridae e é o sétimo coronavírus conhecido a infectar seres humanos. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021).

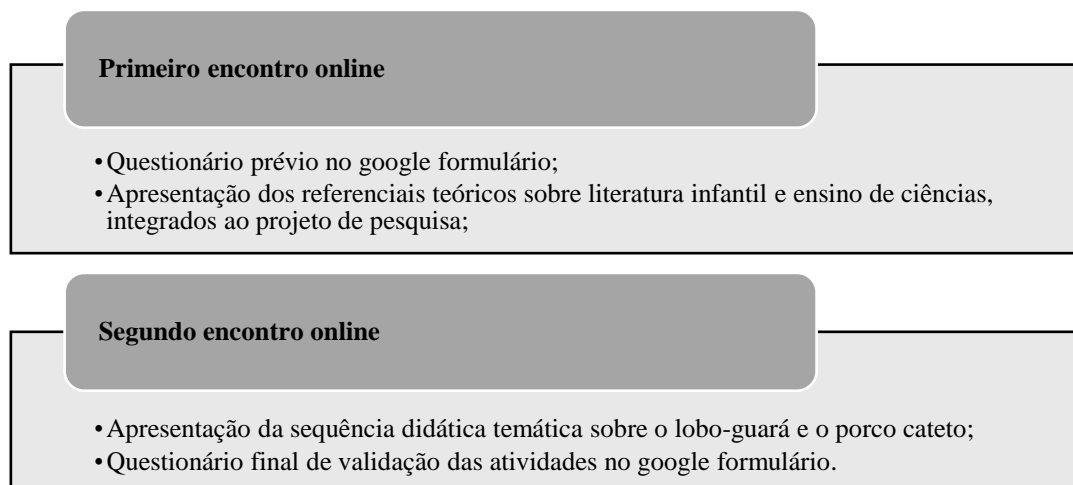
De acordo com as evidências mais atuais, o SARS-CoV-2, da mesma forma que outros vírus respiratórios, é transmitido principalmente por três modos: contato, gotículas ou por aerossol. Há muitas pesquisas sendo realizadas no momento e ainda há muito para aprendermos sobre o vírus. Atualmente vacinas vem sendo aplicadas na população, as quais foram desenvolvidas em tempo recorde. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021).

A infecção pelo SARS-CoV-2 pode variar de casos assintomáticos e manifestações clínicas leves, até quadros moderados, graves e críticos, sendo necessária atenção especial aos sinais e sintomas que indicam piora do quadro clínico que exijam a hospitalização do paciente. Entre as medidas de prevenção estão: distanciamento social; etiqueta respiratória e de higienização das mãos, uso de máscaras, limpeza e desinfecção de ambientes, isolamento de casos suspeitos e confirmados e quarentena dos contatos dos casos de covid-19. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021).

Tendo em vista a gravidade dessa pandemia, todas as atividades que envolvem a aglomeração de pessoas ficaram restritas e/ou interrompidas. Com isso, não foram somente as instituições de ensino que fecharam suas portas, mas também todo o comércio em geral., para evitar uma disseminação ainda maior do vírus.

Com isso, o distanciamento entre a primeira etapa do projeto (investigação das concepções) e a aplicação da proposta de sequência didática, passou a ser novamente reconfigurado. Desta forma, a sequência didática planejada passou a ser apresentada aqui como uma proposta para que professores dos anos iniciais possam aplicar em sala de aula, e igualmente foi apresentada como uma das etapas da pesquisa, a uma turma de alunos do terceiro ano do curso normal (futuros professores), de modo que a proposta pudesse ser avaliada por eles. Assim, essa proposta para o curso normal, foi planejada e realizada em duas noites de encontros online pelo google meet. Segue abaixo um fluxograma que representa as duas etapas desta proposta.

Fluxograma 2. Representação dos dois encontros online da proposta aplicada para o curso normal.



Fonte: Elaborada pelas autoras.

3.6.1. Primeiro encontro: questionário prévio e apresentação dos referenciais teóricos sobre literatura infantil e ensino de ciências, integrados ao projeto de pesquisa

No nosso primeiro encontro online, os participantes inicialmente responderam um questionário inicial (Apêndice J) pelo google formulários, para investigar as concepções prévias a respeito dos personagens e animais lobo e porco. O link do questionário foi disponibilizado no início da nossa videochamada pelo google meet, assim, esperamos todos os participantes responder para darmos continuidade. Após respondido o questionário, foi

apresentado a turma em PowerPoint este projeto de pesquisa já desenvolvido até o presente momento (Apêndice k). Esse primeiro encontro levou em torno de 1h e 15min.

3.6.2 Segundo encontro: apresentação da sequência didática temática e questionário de validação da sequência.

No nosso segundo dia de encontro online, realizado pelo google meet, apresentamos em PowerPoint (Apêndice L), as atividades propostas na sequência didática temática dos animais lobo-guará e porco cateto, explicando detalhadamente cada atividade. Uma das atividades propostas, foi desenvolvida em conjunto com a turma durante a videochamada, o origami do lobo-guará. Após apresentar todas as atividades, os participantes responderam a um questionário de validação das atividades apresentadas (Apêndice M). Esse segundo encontro levou 1 h 40 min. Abaixo no fluxograma 3, são apresentadas todas as atividades propostas para a turma do terceiro ano do curso normal.

As atividades da sequência didática para o lobo-guará e o porco cateto, são iguais, ou seja, a mesma atividade é feita para os dois animais. Quando apresentamos as atividades para a turma do curso normal, apresentamos elas juntas, como no fluxograma, para otimizar nosso tempo, uma vez que nosso encontro era online. Porém, deixamos claro para a turma, que quando aplicada a sequência em sala de aula, é preciso realizar primeiro a sequência didática do lobo-guará, e só depois de finalizada esta, dá-se início a sequência didática do porco cateto, uma vez que assim, é possível trabalhar com um maior enfoque e atenção para cada animal, além de não tornar as atividades muito extensas e cansativas para as crianças. Assim, cada atividade apresentada será realizada em um dia diferente, totalizando assim, teoricamente sete turnos de atividades para cada animal.

Durante esse encontro, confeccionamos junto com a turma o origami do lobo-guará, uma vez que para fazer este, de maneira online seria mais apropriado. As outras atividades, ficaram como propostas para a turma continuar realizando, em conjunto com a professora de Didática das Ciências que está trabalhando os animais com esta turma. Com isso, conversei com a professora e sugeri algumas ideias, me colocando a disposição para auxiliar nas atividades. A professora também acompanhou esses dois encontros e ficou empolgada para realizar as atividades com a turma. Assim, os desafiamos a fazerem as atividades para depois aplicar em sala de aula, por meio de seus estágios. Essa sequência didática de atividades, fica aqui disponível também, para ser aplicada por professores que atuam nos inciais do ensino fundamental. Segue abaixo a descrição de cada atividade proposta.

Fluxograma 3- Representação das atividades referentes a sequência didática temática sobre o lobo-guará e o porco cateto apresentada no segundo encontro online.

Atividade 1	• Aula expositiva/dialogada sobre o lobo-guará (<i>Chrysocyon brachyurus</i>) e o porco cateto (<i>Pecari tajacu</i>);
Atividade 2	• Confecção da máscara do lobo-guará e do porco cateto para apresentações em grupos.
Atividade 3	• Contação das versões reescritas: “Chapeuzinho Vermelho em uma aventura na natureza.” e “Os três Porquinhos Catetos e o Senhor Lobo-guará.”
Atividade 4	• Reconto das versões pelos alunos e confecção de cartazes em grupos sobre pesquisa de temas relacionados aos animais;
Atividade 5	• Confecção do lobo-guará e do porco cateto com materiais reutilizáveis;
Atividade 6	• Origami do lobo-guará, do porco cateto e dobradura com círculos da chapeuzinho vermelho;
Atividade 7	• Confecção dos personagens utilizando diferentes tipos de folhas;

Fonte: Elaborada pelas autoras.

3.6.3 Aula expositiva/dialogada sobre o lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) e o porco cateto (*Pecari tajacu*);

A aula expositiva dialogada foi feita no PowerPoint, com uso de materiais midiáticos ilustrativos, sobre o lobo-guará e sobre o porco cateto. As aulas devem ser em dias alternados, de modo que possam ser melhor trabalhados cada um dos animais com maior enfoque. A aula contempla as características gerais, nicho ecológico, hábitat, conservação, riscos de extinção, entre outras curiosidades. O material para a aula proposta pode ser conferido ao final desta dissertação (Apêndice N), de modo que possa ser usado como sugestão por profissionais que tenham o interesse em desenvolver a proposta com seus alunos.

3.6.4 Confecção da máscara do lobo-guará e do porco cateto para apresentações em grupos

Cada aluno receberá uma máscara do lobo-guará (figura 5) e uma máscara do porco cateto (figura 6) para colorir e deixa-lá pronta para uso. Com suas máscaras prontas e já colocadas sobre o rosto, os alunos deverão formar grupos para se apresentar aos demais colegas. Cada integrante do grupo terá de falar uma frase sobre algo que aprendeu referente ao lobo-guará e o porco cateto. Lembrando que primeiro será feita a máscara do lobo-guará, e somente depois de finalizadas todas as atividades referentes ao lobo-guará, serão feitas as atividades referentes ao porco cateto. Após todos os alunos se apresentar, o professor pode fazer suas contribuições e/ou correções necessárias. As máscaras se encontram no (Apêndice O), no tamanho de uma folha de ofício A4 a quem interessar.



Figura 5- Máscara do lobo-guará
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 6- Máscara do porco cateto
Fonte: Arquivo pessoal

3.6.5 Contação das versões adaptadas para uma proposta de alfabetização científica:

Propomos uma versão reescrita para cada uma das histórias trabalhadas nesta dissertação; a versão da Chapeuzinho Vermelho, intitulamos de: “*Chapeuzinho Vermelho em uma Aventura na Natureza*” (Apêndice P) e os Três Porquinhos, intitulada: “*Os Três Porquinhos Catetos e o Lobo-Guará*” (Apêndice Q), dando enfoque especial aos animais nativos brasileiros, como personagens principais. As versões na íntegra encontram-se nos apêndices citados, de modo que possam ser trabalhados por profissionais que se sentirem motivados para tanto. Portanto, o lobo-guará e porco cateto estão presentes nestas versões e oportunizam uma atividade integradora a uma proposta de alfabetização científica para a conscientização de espécies ameaçadas na nossa fauna e valorização destes animais.

Para além da proposta da criação das versões das histórias, sugerimos que essa contação seja feita com o auxílio de um recurso didático atrativo às crianças, como por exemplo, o guarda-chuva com os personagens para a contação. Desta forma, os personagens foram confeccionados em EVA (Ethylene Vinyl Acetate, do inglês, ou etileno acetato de vinila), para fazer a contação (Figura 7 e 8). As histórias devem ser contadas em dias distintos, uma vez que recomenda-se terminar a sequência com um dos animais e depois iniciar a do outro.



Figura 7. Modelo de guarda-chuva “*Chapeuzinho Vermelho em uma Aventura na Natureza*” para contação de história.

Fonte: Arquivo pessoal



Figura 8. Modelo de guarda-chuva “*Os Três Porquinhos Catetos e o Senhor Lobo-Guará*” para contação de história.

Fonte: Arquivo pessoal

Apresentamos aqui uma sinopse das versões, uma vez que a versão completa encontra-se na íntegra, nos apêndices já citados acima.

No conto “*Chapeuzinho Vermelho em uma Aventura na Natureza*” buscamos representar a Chapeuzinho como uma criança extremamente ligada à natureza. Certo dia, Chapeuzinho Vermelho pegou sua capa vermelha, que a protegia dos insetos, sua mochila com acessórios para estudo a campo e foi para a mata coletar materiais como flores, folhas e fungos para estudo. Ao ouvir um barulho de folhas secas, logo percebeu que era um animal avermelhado e peludo. Chapeuzinho tentou tirar uma foto dele, porém, acabou tropeçando e fazendo barulho, e com isso, o lobo-guará que tinha um andar desajeitado, percebeu sua presença. Em um primeiro momento, Chapeuzinho se assustou e ficou com medo do lobo, mas em seguida, percebeu que ele é um lobo bonzinho e os dois se tornam amigos. Chapeuzinho curiosa perguntou ao lobo como é viver na floresta, e este explicou que eles se encontram ameaçados constantemente, seja por meio dos caçadores ou por conta do desmatamento. Em seguida, ouviram barulho de tiros e fugiram até a casa da vovó da Chapeuzinho. A vovó não escutou Chapeuzinho chamá-la e os dois resolveram pular a janela da casa da vovó para dar

tempo de escapar do caçador. Chapeuzinho então pediu ajuda a sua professora de ciências, e juntas elaboram um trabalho que visa preservar as áreas verdes para não haver desmatamento e assim, garantir alimento e abrigo aos lobos e também aos demais animais. Além disso, outra medida era aumentar a fiscalização ambiental para que caçadores e o desmatamento sejam extremamente punidos, afinal é proibido em lei.

No conto “*Os Três Porquinhos Catetos e Lobo-Guará*” os três porquinhos catetos irmãos viviam na floresta com um grande bando de catetos e sua mãe. Certo dia, como já estavam bem crescidos resolveram conhecer novas matas, pois se adaptam bem a novos ambientes. A mãe dos catetos os aconselhou a procurarem pelo sábio lobo-guará que conhece muito bem as florestas por ali. Os porquinhos catetos foram a procura do lobo-guará em locais da floresta que contém frutos, pois sabem que o lobo gosta muito. Os catetos o encontraram e pediram sua ajuda. O lobo-guará comentou que sentiu o cheiro inconfundível dos irmãos e logo imaginou que estavam chegando. O lobo-guará então ajudou os porquinhos e explicou que na floresta há muitos animais plantadores, que se alimentam de frutos e expelem a semente pelo coco, e isso faz com que as árvores se propaguem. Ao caminhar na floresta os animais se deparam com uma área toda devastada e resolvem ficar vigiando para ver se encontram o culpado. Após uma hora, aparece um lenhador que começa a carregar a madeira. O lobo então foi tirar satisfação e lhe disse que iriam denunciá-lo. O lenhador ri deles e os porquinhos enfurecidos rangem os dentes, exalam seu odor e perguntam ao lenhador se ele tem certeza que eles não o denunciariam. O lenhador assustado, saiu correndo. O valor da multa paga pelo lenhador que desmatou aquela área, foi repassado a eles e com este valor foram compradas novas mudas de espécies nativas florestais e plantadas na área que havia sido desmatada. E junto, neste local, foi construída uma casa sustentável, com materiais oriundos de reaproveitamento para que os três porquinhos, junto com o lobo pudessem dar palestras e orientar a população sobre a importância das florestas e dos animais. O lenhador foi o primeiro a realizar o curso de preservação e inclusive ajudou a plantar as novas mudas de árvores na área.

3.6.6 Reconto das versões pelos alunos e confecção dos cartazes

Essas duas atividades serão realizadas em grupos de três alunos. Inicialmente o trio, fará o reconto da versão, e após estes mesmos trios de alunos terão de confeccionar cartazes. Cada grupo receberá um tema referente ao lobo-guará e o porco cateto para pesquisar. Se possível,

os alunos podem utilizar os computadores da escola para realizar esta pesquisa. Se caso não for possível a utilização dos computadores, eles poderão orientar-se pela aula expositiva já apresentada. Exemplos de temas possíveis: Medidas de combate a extinção do lobo-guará e porco cateto; Hábitat e nicho ecológico destes animais; Ameaças as espécies; Características gerais destes animais; Dieta; entre outros temas possíveis que o professor pode sugerir. Os alunos podem utilizar imagens e desenhos, além da escrita para confeccionar os cartazes. No final desta aula, o professor deverá solicitar aos alunos que tragam os materiais reutilizáveis que serão utilizados para a confecção do lobo-guará e porco cateto na próxima aula.

3.6.7 Confeção do lobo-guará e do porco cateto com materiais reutilizáveis

Para a confecção do lobo-guará e do porco cateto com materiais reutilizáveis, foram necessários os seguintes materiais: 1) Uma garrafa pet de 500 mL; 2) Tinta guache na cor preta e laranja (mistura da cor vermelha com amarela); 3) Rolo de papel higiênico para fazer o olho e as orelhas do lobo-guará; 4) Um pedaço de caixa de papelão para as pernas; 5) Um pouco de estopa para fazer o rabo; 6) Cola quente; 7) Um pedaço de caixa de papelão para fazer o cenário com substrato para o porco; 8) Folhas secas, palhas e gramíneas secas para o substrato.



Figura 9- Lobo-guará com materiais reutilizáveis.
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 10- Porco cateto com materiais reutilizáveis.
Fonte: Arquivo pessoal

O professor pode levar alguns materiais para a escola, caso algum aluno não tenha. É importante também, o professor solicitar esses materiais já no primeiro dia de aula da sequência, assim, os alunos podem ir organizando os mesmos.

3.6.8 Origami do lobo-guará e da chapeuzinho vermelho

Para a confecção dos origamis, serão distribuídas uma folha de ofício A4 para cada aluno. O professor fará o passo a passo da dobradura, demonstrando aos alunos, para que eles façam o mesmo. O professor pode também se orientar por meio de um vídeo tutorial, caso não saiba fazer todos os passos da dobradura sem consultar. Além disso, o professor também pode demonstrar o vídeo para a turma, e assim, podem fazer em conjunto, pausando o vídeo quando necessário.



Figura 10- Origami do lobo-guará e dobradura em círculos da chapeuzinho vermelho.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 11- Origami do porco cateto.
Fonte: Arquivo pessoal.

3.6.9 Confecção dos personagens utilizando diferentes tipos de folhas;

Para realizar essa atividade, será necessário diferentes formatos de folhas secas. O professor pode solicitar em aula anterior que os alunos coletam essas folhas e tragam para a escola. Importante também o professor demonstrar os modelos já prontos dos animais lobo-guará e porco cateto, para os alunos saberem quais formatos de folhas devem procurar. O professor distribuirá folhas de ofício para que os alunos façam a colagem das folhas, construindo os animais lobo-guará e porco cateto.



Figura 12- Lobo-guará feito com folhas secas.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 13- Porco cateto feito com folhas secas.
Fonte: Arquivo pessoal.

Os resultados referentes a essa etapa da pesquisa, se referem aos dois questionários aplicados para o curso normal, os quais foram organizados em tabelas e contaram com as respectivas porcentagens de ocorrência de cada categoria emergente. No próximo capítulo serão apresentados inicialmente os resultados da etapa da pesquisa realizada com os anos iniciais, e posteriormente, serão apresentados os resultados desta segunda etapa, realizada com o curso normal.

CAPÍTULO 4- RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 ANÁLISE DOS RESULTADOS REFERENTES A INVESTIGAÇÃO COM OS ANOS INICIAS E COM O CURSO NORMAL

Este capítulo destina-se a apresentar a análise dos resultados obtidos durante o desenvolvimento das duas etapas desta pesquisa. A seguir, será apresentado a análise da primeira etapa da pesquisa, realizada com os anos iniciais, e em seguida será apresentada a análise da segunda etapa com o curso normal.

4.1.1 Etapa 1: análise dos resultados referentes ao questionário inicial e a roda de contação compartilhada de histórias aplicada nos anos iniciais.

Por meio da aplicação do questionário inicial e posteriormente, da contação compartilhada das histórias e roda de conversa, coletamos as concepções prévias dos alunos a respeito dos personagens animais que aparecem no conto “Chapeuzinho Vermelho” e no conto “Os Três Porquinhos”, bem como as concepções que perpassam a respeito dos animais lobo-guará e porco cateto, e se estas possuem ou não relações com as primeiras. O questionário prévio contou com trinta e três questões, incluindo questões abertas e fechadas; além de contar com o uso de quatro imagens; ou seja, as figuras relacionadas aos animais, tanto os personagens, quanto os animais da fauna brasileira. A contação compartilhada da história, contou com a narração gravada da própria história pelas crianças, e posteriormente, uma roda de conversa com questionamentos referentes aos personagens lobo e porco. Estas narrativas e a roda de conversa foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas e tabuladas. As respostas do questionário inicial foram categorizadas, de acordo com Análise de Conteúdo de Bardin (2011) e apresentadas em frequências, além das discussões qualitativas.

Assim, optamos por apresentar os resultados do questionário, da contação compartilhada de histórias e roda de conversa de maneira conjunta, pois muitos deles, apresentam relação entre os mesmos, e desta forma, poderiam ser melhor discutidos. Nas rodas de conversa, nem sempre houveram distinções nas discussões sobre se referirem aos contos da “Chapeuzinho Vermelho” e “Os Três Porquinhos”, porque em algumas das respostas aos questionamentos, como estavam relacionadas ao animal lobo em si, não externaram variações, independentes da história infantil e os estereótipos apresentados em ambos os clássicos foram

externados de forma similares. Todavia, quando houveram algumas situações que se tornaram importantes serem destacadas, foram sinalizadas a que roda de conversa se referia.

Além disso, também, buscamos identificar dentro destes resultados se eram ou não reconhecíveis os indicadores de alfabetização científica, já nas concepções prévias dos alunos, de acordo com a classificação de Sasseron e Carvalho (2008). Esta análise será apresentada em último momento, ao final do capítulo.

Ao todo somaram-se dezenove tabelas. A ordem de discussão das tabelas, segue a ordem das perguntas apresentadas no questionário. As perguntas do questionário que se repetiam para os dois lobos (lobo-guará e lobo personagem) e para os dois porcos (porco cateto e os três porquinhos) foram agrupadas em uma só tabela, e por conta disso, o número de tabelas (dezenove) é menor em relação ao número de perguntas do questionário (trinta e três).

Os valores das tabelas do questionário foram apresentados tanto em valores absolutos, considerando 44 participantes, quanto em percentuais de frequência, para esta participação. As rodas de conversa também apresentam frequências percentuais ao longo do texto, tendo sido calculadas a partir do número de respondentes para os questionamentos realizados durante a atividade. Seguem abaixo as discussões.

Os resultados relacionados às reações e as concepções destes alunos a respeito do lobo-guará e do lobo personagem são apresentados nas Tabelas 1 a 13. Na sequência serão apresentados os resultados encontrados para o porco cateto e os três porquinhos nas tabelas 14 a 20. Após serão discutidos os resultados encontrados para os indicadores de alfabetização científica, e por fim, os resultados encontrados no curso normal.

4.2 RESULTADOS REFERENTES AO QUESTIONÁRIO INICIAL E A RODA DE CONTAÇÃO COMPARTILHADA DAS HISTÓRIAS

4.2.1 Resultados referentes ao questionário prévio e a roda de contação compartilhada de histórias sobre o personagem lobo e o animal lobo-guará

A primeira pergunta do questionário, foi referente a reação dos entrevistados ao olharem a imagem dos animais e personagens. Ao analisarmos as reações à fotografia do lobo-guará, é perceptível que a reação mais encontrada foi a de *indiferença*, totalizando 70,46%. Acreditamos que essa reação pode ter sido desencadeada por um possível desconhecimento do lobo-guará, já que este não é um animal comum no cotidiano dos participantes. A tabela 1 abaixo demonstra esses resultados.

Tabela 1. Resultados encontrados sobre a expressão dos entrevistados ao observarem a imagem do lobo-guará e do lobo personagem.

Expressão observada ao mostrar a imagem	Lobo- guará		Lobo personagem	
	Absoluto	Percentual	Absoluto	Percentual
Pavor/Pânico	0	0	0	0
Medo/Angústia	0	0	0	0
Nojo	0	0	0	0
Espanto	0	0	1	2,27
Alegria/Euforia	12	27,27	13	29,55
Surpresa	0	0	2	4,54
Indiferença	31	70,46	26	59,10
Outro	1	2,27	2	4,54
Total	44	100	44	100

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Com 27,27% foi observada a expressão de *alegria* no semblante dos participantes referentes a imagem do lobo-guará. Quanto ao personagem lobo, 29,55% dos participantes apresentaram alegria ao ver a imagem. As crianças possuem um grande encantamento por animais, e esse talvez seja um dos motivos da alegria. De acordo com Scalfi, Barata (2019, p.32): “Os animais despertam a curiosidade e o carisma das crianças. Assim, desde a tenra idade, o cotidiano da criança está repleto do contato direto ou indireto com os animais”.

Os resultados mostram que o personagem lobo, em geral, não causou *espanto* ao aparecer, pois somente 2,27% dos entrevistados apresentou a reação ao olhar para a imagem. O lobo é um personagem comum e popular entre as crianças, o qual geralmente vem acompanhado da fama de “vilão”.

Em todos os contos, pode-se perceber a figura que popularmente conhecemos como vilão, que é identificada por atuar de forma maléfica e que se torna responsável por todo o mal que sofre o herói ou outras personagens que representam o bem nessas narrativas. Dentro da negatividade, que inicialmente se atribui a esses populares vilões, notam-se também certas características físicas e de caráter que, muitas vezes, irão causar além do medo e da aversão, uma popularidade e curiosidade entre os admiradores dos contos de fadas. O comportamento dessas personagens irá demonstrar recursos e características inusitados que não representarão a conduta ideal, geralmente, mostrada pelos heróis, mas acrescentam, com um toque de astúcia, a sedução em torno de tais personagens (NEVES, 2016, p.04).

Nesse contexto o lobo caracteriza-se como um famoso vilão que acompanhado de uma dose de suspense atrai a atenção da maioria, senão de todas as crianças nas diferentes histórias em que está presente. Sendo assim, o lobo configura-se como um personagem marcante e

sempre lembrado pelas crianças, o que pode ser evidenciado aqui nos resultados também, pois a alegria superou o espanto dos alunos ao verem a imagem do lobo personagem.

Ainda, outras reações foram observadas, no entanto, essas, geralmente foram relativas à observação da imagem, sem apresentar nenhuma reação específica presente na tabela. A tabela 2 abaixo apresenta os resultados encontrados para o reconhecimento do lobo-guará e do personagem lobo.

Tabela 2. Resultados encontrados sobre terem ou não reconhecido a imagem representada do lobo-guará e do personagem lobo.

Reconhecimento do lobo	Lobo-guará			Personagem lobo	
	Absoluto	Percentual		Absoluto	Percentual
Sim, e diz que é o lobo	6	13,64	Sim, e diz que é o lobo	20	45,46
Sim, diz que é o lobo-guará	0	0	Sim, diz que é o lobo mau	20	45,46
Sim, mas erra o animal.	0	0	Sim, mas erra o animal	0	0
Diz que é uma raposa	17	38,64	Diz que é um lobisomem	1	2,27
Diz que é uma hiena	7	15,91	Não soube que animal é	3	6,81
Diz que é uma gazela	1	2,27			
Diz que é uma cão selvagem	1	2,27			
Não sabe que animal é	12	27,27			
Total	44	100	Total	44	100

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Com base na porcentagem das respostas dos discentes, apenas 13,64% dos entrevistados reconheceu o lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*), mostrando que as crianças nos anos iniciais de ensino não possuem um contato tão próximo com a fauna nativa brasileira. Um fator que contribui para esse desconhecimento, é que o lobo guará não está presente aqui na região das crianças entrevistadas, e muitas, não tem a oportunidade de conhecê-lo em um zoológico por exemplo. Contudo, essas crianças podem conhecê-lo também por meio da literatura, uma vez que pessoalmente é mais difícil.

Originalmente a espécie se distribuía amplamente pelas áreas de vegetação aberta do Cerrado, Chaco e Pampas. Na porção sul a distribuição original ia até o extremo do Rio Grande do Sul. Ao Norte o limite coincide com os limites do Cerrado e da Caatinga e a leste do Cerrado com a Floresta Atlântica. Na porção oeste o limite da espécie é o Pantanal. Atualmente, a distribuição sofreu grandes reduções na porção sul da distribuição. No Rio Grande do Sul, a distribuição é confirmada apenas no sul do estado, divisa com o Uruguai, e para a região dos campos de cima da Serra. Entre os países de ocorrência estão Países de ocorrência: Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai, Peru, Uruguai (ICMBIO, 2008, p.03).

O lobo-guará foi bastante confundido com outros animais, os participantes citaram a raposa 38,64% e a hiena 15,91%. Embora, há espécies de raposas, como a raposa vermelha

(*Vulpes vulpes*) que possui semelhanças com o lobo-guará, sendo uma delas a coloração alaranjada do pelo, o que pode ter contribuído para a confusão, esta não pertence a nossa fauna, ressaltando inclusive a importância em ser apresentada aos alunos a nossa fauna, de modo que possa ser conhecida, valorizada e preservada.

Os resultados evidenciam o desconhecimento destes alunos em relação ao o lobo-guará, o que nos faz perceber que a inserção dos animais da fauna do estado e do país, devem ser uma das preocupações do ensino.

Por ser uma orientação didática nacional, mas também porque as crianças se identificam com os animais, o tema certamente é abordado nas escolas. Dessa forma, a introdução de conhecimentos sobre os animais da fauna brasileira nas salas de aula não deve ficar apenas nas recomendações do Ministério da Educação (MEC); essas noções devem ser praticadas através de vivências e do conhecimento efetivo, para promover a preservação e a conservação desses animais. À vista disso, acredita-se que uma das maneiras que pode auxiliar na popularização, na familiarização e na valorização do conhecimento referentes a espécies nativas seja por meio de estratégias de divulgação científica (SCALFI, BARATA, 2019, p. 33-34).

Observando as respostas dadas pelos participantes ao visualizar a imagem do lobo personagem, verificamos um aumento significativo no reconhecimento da imagem. Além de reconhecerem o mesmo, ainda o identificaram como sendo o lobo “mau”, com 45,46%, demonstrando uma visão estereotipada do lobo presente nos contos de fada, como sendo um “vilão” das histórias.

O conto em sua essência não foi feito para criança; foi feito sim para ensinar, passar conhecimentos e padrões culturais a adultos que seriam mais facilmente atingidos por bruxas, fadas, anões e outros estereótipos da sociedade. Estereótipos esses que, impregnados de forma subjetiva, são absorvidos com mais facilidade. Por causa dessa predestinação cultural, o conto não ficou fixado no tempo senão que foi passando através dele com adaptações que o tornariam, de forma embaçada, em Literatura Infantil (COSTA, 2019, p. 95).

Com base na citação, é perceptível que os estereótipos presentes inicialmente na literatura destinada ao público adulto, se mantiveram, independente da adaptação das histórias, ao público infantil.

Igualmente, o mesmo percentual 45,46% o identificou apenas como sendo o lobo, não lhe atribuindo juízo e adjetivos. Com isso, 90,90% reconheceu ser o lobo personagem, enquanto, apenas 6,81% não soube de que animal se tratava a imagem.

Em relação a estas percepções, na atividade relacionada à contação compartilhada da história, obtivemos resultados semelhantes, constatados nas transcrições realizadas das mesmas. Os alunos contaram as versões clássicas das histórias da Chapeuzinho Vermelho e dos

Três Porquinhos, revelando um lobo mau e cruel. Ou seja, para a história da Chapeuzinho Vermelho verificamos que nos relatos, Chapeuzinho vai levar os doces para a vovó pela floresta, quando é surpreendida pelo lobo, que devora a vovó e é morto pelo caçador. Essa versão clássica é a mais conhecida e foi lembrada pelas crianças, mostrando uma versão, com um final um tanto “sangrento”.

Já para a história dos Três Porquinhos constatamos um final trágico ao personagem lobo. De acordo com os relatos das crianças, a versão clássica da história também se fez presente. Os porquinhos saem de casa para construir suas casinhas (palha, madeira e tijolo) e após, o lobo vem, com a intenção de comer os porquinhos, derrubando a casa de palha e madeira. Até que então, os porquinhos correm para a casa de tijolos, aonde esquentam um caldeirão de água fervente e o lobo cai dentro dele. Essa versão, reforça igualmente o estereótipo de “vilão” do lobo e dos porcos como “bonzinhos”. Isto aconteceu em todas as turmas investigadas, para as duas histórias contadas pelos alunos.

Quando os alunos foram questionados ao término das histórias, na roda de conversa, se já haviam visto o lobo, houve respostas variadas como: *“eu já vi no zoológico”*; *“já vi um cachorro lobo”*; *“eu já vi um lobo, ele é preto, tem olhos azuis e sempre vivem em muitos”*; *“eu já vi, era da cor das folhas, amarelada, mas não deu para ver muito bem porque estava longe e no mato, daí atrapalhou”*. Essas são algumas das respostas apresentadas pelos participantes, que quando afirmaram terem visto o lobo, descreveram também, as características do mesmo. Contudo, como afirmou um aluno, o zoológico acaba sendo o local possível para esta visualização, e infelizmente nem todos os alunos tem a oportunidade de conhecer um zoológico; assim, se a escola não trabalhar com possibilidades de ilustração e estudos sobre a fauna nativa, talvez muitos deles fiquem inclusive sem conhecê-lo.

Nesse sentido, se torna interessante uma aula em um espaço não formal como o zoológico, pois nele, é possível trabalhar a temática educação ambiental, uma vez que lá, a criança tem acesso a visualização de diferentes animais, podendo assim, ser realizadas muitas atividades sobre os mesmos.

Sobre o uso de espaços não formais, destacamos aqui a definição de Jacobucci (2008), quando afirma que estes espaços são caracterizados como locais externos a escola, tais como uma praça, uma avenida, uma quadra comercial, museus, zoológicos, parque, feiras entre outros ambientes urbanos, rurais e naturais. Ainda a autora apresenta que em todos esses espaços pode ocorrer uma prática educativa, porém podemos classificar esses espaços não formais em dois tipos: os espaços institucionalizados, que dispõe de planejamento, estrutura física e monitores qualificados para a prática educativa dentro deste espaço; e os espaços não

institucionalizados que não dispõem de uma estrutura preparada para este fim, porém, se bem planejada a atividade e explorado o espaço, também se torna um espaço educativo. Vale ressaltar que para tanto, é de extrema importância que haja um planejamento e organização prévia antes de realizar uma aula em um espaço não formal. O professor deve ter seus objetivos claros no momento em que pretende realizar uma aula em um espaço não formal, para não correr o risco de virar apenas um passeio por diversão, deixando de lado todo o conhecimento que pode ser adquirido.

Assim, é interessante que a visita seja guiada por um monitor, que poderá explicar sobre a alimentação, cuidados especiais, comportamentos nestes recintos e na natureza, importância das diversidade das espécies, a preservação e curiosidades sobre os animais.

Durante o passeio em um zoológico, é possível também trabalhar os sentidos, como o tato a algum elemento relacionado a algum dos animais, identificação de sons, e até mesmo o olfato. Ainda, se estiver o porco cateto ou os saguis é possível sentir o odor liberado por meio de uma glândula para marcação de território. O paladar pela degustação do mel das abelhas, e por fim, a visão e a audição que estão presentes durante todo o passeio (VIEIRA, et al, 2005). A tabela 3 a seguir apresenta os resultados encontrados sobre o lobo-guará e o lobo personagem serem considerados bons ou maus.

Tabela 3. Resultados encontrados sobre o lobo-guará e o lobo personagem ao serem considerados bons ou maus.

Lobo-guará: Ele é bom ou mau?	Razões	Absoluto	Percentual
Bom	Porque vive na floresta/ Aparenta bonzinho/ Tem instinto animal/ Fictício/ Não sabe	12	27,27
Mau	Predador /Selvagem/ Perigoso para humanos/ Aparenta ser mau/ Não sabe	27	61,37
Às vezes bom, às vezes mau		1	2,27
Não sei		4	9,09
	Total	44	100
Lobo personagem: Ele é bom ou mau?	Razões	Absoluto	Percentual
Bom	-----	0	0,0
Mau	Predador /Aparenta ser mau/ Não sabe	43	97,73
Às vezes bom, às vezes mau	-	1	2,27
Não sei		0	0,0
	Total	44	100

Fonte: Elaborado pelas autoras

Os resultados demonstram que os participantes apontaram em sua maioria, o lobo como um indivíduo “mau”, independente de se referirem ao personagem ou animal brasileiro. E, no caso do lobo-guará, quando questionados porque razões o consideravam “mau” (61,37%), apontaram pelo *hábito predador*, e ainda o consideraram perigoso aos humanos. Entre as respostas que chamaram atenção: “*Come galinha, rouba ovo e faz chaveiro das patas da galinha*”; “*Gosta de comer coisa morta e atacar*”; “*Come filhotes de outros animais*”; “*caça*”.

É importante ressaltar a importância em trabalhar tal conteúdo sobre predação com estes alunos, tal como um processo de alimentação importante na natureza e em especial sobre o lobo-guará, o qual possui uma dieta bem variada, sendo considerado onívoro, pois se alimenta de pequenos vertebrados e frutos. O fruto preferido do lobo é o fruto da lobeira, o qual é comum no Cerrado. O lobo-guará *Chrysocyon brachyurus* tem uma função importante na dispersão de sementes de frutos do cerrado, pois por meio de suas fezes expele a semente do fruto da lobeira (*Solanum lycocarpum*) ou fruta-do-lobo, nome este dado a sua associação com o próprio lobo-guará (PAULA, et al, 2013). Portanto, contrariando muitas concepções o lobo-guará se alimenta de frutos também, não sendo somente predador.

Ainda, o lobo foi visto como perigoso para humanos, o que nos demonstra que algumas crianças apresentam sentimento de medo frente àquilo que é definido como incompreendido, perigoso, como por exemplo, o fato do lobo ser mau por ser um predador. Segundo Oliveira, Figueiredo e Tullio (2016, p.43): “a mediação educativa nesse processo é fundamental para que esse sentimento se transforme em admiração e respeito diante do poder e exuberância da natureza”.

Além disso, muitas vezes os próprios livros didáticos de ciências ao ensinar sobre a predação, coloca predadores como “inimigos” e ilustra a explanação com a foto por exemplo, de um grupo de guepardos caçando um filhote de gazela, o que pode ser interpretado como um ato de maldade e não de sobrevivência (MELGAÇO, 2015). Não obstante, cabe a nós, professores, elaborarmos atividades que desmistifiquem símbolos, mitos e estereótipos fixados no senso comum.

Dando continuidade às respostas que consideraram o lobo-guará mau, quando questionada sobre o porque de ele ser mau, uma criança citou *selvagem*, ou seja, para essa criança os animais que vivem livres na natureza são maus por serem selvagens. Em geral, por não serem domesticados esses animais vão apresentar maior agressividade, mas esse aluno deve passar a compreender que esse comportamento, para o animal, constitui sua defesa, sendo

relevante então trabalhar em sala de aula o significado desses termos da ciência, para evitar possíveis concepções errôneas, uma vez que para muitos, a escola é o local por excelência para o desenvolvimento de conhecimentos e ampliação da cultura.

O lobo-guará foi justificado como tendo a aparência de mau e alguns não souberam justificar porque o lobo é mau. Acreditamos que essa caracterização negativa ao lobo, principalmente feita pelas crianças, é influenciada pela literatura infantil, assim como pela mídia.

Nas razões que o lobo-guará foi considerado bom, 27,27% dos participantes o consideraram ser bom por ele viver na floresta, e apresentar aparência de bonzinho, um aluno o considerou bom respondendo: “*Só se encomoda é mau*”, o que foi incluído como uma razão do *instinto animal*, pois entendemos que essa criança entende que o lobo é bom e que é de seu instinto certos comportamentos que apresenta para se defender. Nas rodas de conversa, posterior à contação compartilhada das histórias, quando questionados se o lobo da vida real era bom ou mau, um aluno respondeu: “*mau o da história porque come os porquinhos, e da vida real pode ser bom ou mau, se provocar ele é mau, se encontrar um lobo tem que ficar parado senão ele ataca por movimento*”. Essa resposta também se justifica nesta mesma razão *instinto animal*, pois o aluno reconhece que o que é muitas vezes, considerado como “maldade” do lobo, nada mais é que seu instinto animal. Ainda, nessa resposta o aluno diferencia o lobo da vida real e o lobo personagem.

Por fim, uma criança afirmou que o lobo às vezes é bom e às vezes é mau. Essa resposta foi adicionada a categoria ficção: “*já vi em filmes fazendo coisas boas e más*”. Pela resposta desse aluno, é provável que ele só conheça o lobo das ficções (filmes, histórias) e não o lobo da vida real. Esse distanciamento e falta de contato também é um fator que dificulta o conhecimento dos mesmos, pois o torna desconhecido.

Sobre a segunda imagem, referente ao lobo personagem, os resultados revelam que 97,73% dos participantes afirmaram que o lobo é mau, o que nos confirma essa visão de vilão associada ao lobo dos contos de fadas. Apenas 2,27% o consideraram tanto mau, quanto bom.

Nos contos os dragões, os lobos, os ogros, as tempestades, as florestas sombrias, os castelos cheios de armadilhas simbolizam perigos. E para compensar tamanha perseguição e reparar o objeto amado, nos contos de retorno, adultos salvam as crianças da perseguição e, nos contos de partida, a sexualidade amadurecida e vencedora das fantasias persecutórias mais antigas aparece no próprio herói ou na heroína cujos objetos mágicos, oferecidos por um bom adulto, lhes permitem, sozinhos, vencer a perseguição (FERNANDES, CENTURIÓN, 2019, p.408).

Um exemplo a ser recordado aqui é o conto da Chapeuzinho Vermelho, pois a floresta por si só já representa perigo a Chapeuzinho, então esse perigo se confirma com a chegada do lobo que a engana e chega primeiro na casa da vovó. Essa estereotipação do lobo pelas crianças pode ser facilmente compreendida, pois a criança cresce ouvindo histórias em que o lobo é malvado, o que faz com que ela crie somente essa visão a respeito dele. É claro, que em versões mais contemporâneas o lobo já aparece como bonzinho, porém, os clássicos continuam sendo os mais conhecidos pelo público infantil.

Quando consideraram o lobo personagem ser mau, as justificativas relatadas também estiveram associadas ao *hábito predador*. A resposta mais encontrada estava relacionada a comer os três porquinhos: “*Come os 3 porquinhos; Gosta de comer carne e porco; Carnívoros, comem porco, a noite comem raposas; come a vó da chapeuzinho*”. Essas respostas também foram citadas nas rodas de conversas, quando consideraram o lobo como mau.

As respostas que mencionaram que o lobo come os três porquinhos, nos afirmam que esses participantes conhecem o conto dos Três Porquinhos, e, contudo, acreditam que o lobo os come.

Felipe (2007) nos explica um pouco sobre a origem desse lobo considerado como mau iniciando com um questionamento: O lobo é símbolo da maldade e perversão transmitido através das narrativas infantis. Questiona-se: “Por que o lobo e não outro animal é considerado a metáfora do mal?”. Na Europa Ocidental, aproximadamente no ano 1000, a cobertura vegetal era composta por carvalhos, tílias, olmos, entre outros, ou seja, totalmente diferente da atual. Regiões com vegetações eram utilizadas como abrigo para as forças inimigas. As matas pareciam estar contra os atacados e a favor dos atacantes. Assim, desencadeou-se um sentimento de medo profundo principalmente entre os anglos e depois anglo-saxões a tudo que estava relacionado com florestas, já que estas eram abrigo para bandidos.

Nessas matas havia lobos e outros animais, como ursos e cervos, vivendo na inter-relação ditada pela natureza, a harmonia foi desfeita: o urso, por ser principalmente frugívoro (vive de frutas silvestres, mel etc) diminuiu sensivelmente e extinguiu-se séculos depois, sendo também apontado como um dos motivos de sua extinção o fato de não viver em bando. O lobo, essencialmente carnívoro e vivendo em alcateia – estruturada num sistema hierárquico de distribuição de funções, com seus líderes –, progrediu, subsistiu e superou a falta das florestas onde caçava cervos. As florestas foram substituídas por campos onde pastavam ovelhas; agora sim o que parecia ter sido um mal (a substituição dos bosques por prados) trouxe a comida para perto; por isso nem os mais cétricos esperavam: tanto os camponeses e aldeões pobres como os nobres e abastados criavam ovelhas, e o lobo as matava para alimentar-se; na verdade, rompido o equilíbrio antes existente, o lobo tornou-se um animal oportunista, no entanto, caçando sempre em bando, com seus líderes e liderados. Tornou-se mau na visão daqueles que realmente eram prejudicados: foi caçado diretamente, envenenado sob diversas formas; armadilhas foram colocadas em suas trilhas, e, finalmente, foi

extinto em grande parte da Europa, com exceção das vastas floretas da Rússia, onde subsiste até hoje (FELIPE, 2007, p. 62-63).

Refletindo sobre esse histórico, como justificar esses fatos às crianças? Pois o lobo devorador de ovelhas se transforma em lobo devorador de crianças e vovós. E quanto a nós seres humanos? Não somos predadores? Quem sabe para amenizar essa culpa, transformamos o lobo em devorador da gente, acabando de vez com a culpa por tê-lo perseguido e eliminado. São aspectos a serem analisados uma vez que somos seres racionais e capazes de nos sobressairmos em algumas situações.

Apesar da tabela não haver razões justificadas considerando o lobo mau como bom, quando foi feita a roda de conversa, obtivemos uma resposta que chamou a atenção por conta do entendimento e maturidade do aluno: “ *o lobo mau ele só era um lobo faminto, mas por conta do nome dele que era a única coisa que ele não conseguia disfarçar, então todo mundo já sabia, no filme ele era o lobo mais perigoso da região, aí o caçador prendeu ele no final. O lobo era bonzinho só que ele ficou faminto, aí ele pensou bem e virou do mau. Ele era um lobo do bem daí ele virou mau*”. Pela resposta desse aluno, percebemos que ele compreende que o lobo não é “mau”, e que quando ele é tachado de mau, é porque está faminto e precisa se alimentar, sendo isso, parte de seu instinto. Contudo, como o próprio aluno diz, seu nome já o caracteriza como mau, e por isso não tem nem como ele negar e/ou disfarçar.

Nessa fase escolar dos anos iniciais do ensino fundamental o professor é polivalente, e não há um professor específico para trabalhar a ciência. Cabe então, a esse professor trabalhar essas características dos animais em sala de aula, no intuito de desmistificar visões fragmentadas e errôneas, demonstrando que o lobo e os demais animais desempenham funções importantíssimas na natureza e que nós precisamos deles. Momentos como estes, são excelentes oportunidades ao professor para desenvolver a temática em questão e oportunizar uma alfabetização científica para o respeito com todas as espécies e a importância de todas elas no equilíbrio do planeta.

Quando os participantes foram questionados na roda de conversa sobre quem era o lobo que aparecia no conto da Chapeuzinho Vermelho, encontramos resultados que enfatizam os resultados já descritos anteriormente. Estes são apresentados na Tabela 4. Importante destacar que o número de respondentes para cada questão feita nas rodas de conversas, difere, uma vez que a pergunta era aberta, e os alunos participavam espontaneamente. Desta forma, no número total encontrado, refere-se aos número de crianças que responderam ao questionamento. A seguir na tabela 4 são apresentados os resultados encontrados na roda de conversa, quando questionados sobre quem é o lobo.

Tabela 4. Resultados encontrados na roda de conversa da Chapeuzinho Vermelho sobre a pergunta: Quem é o lobo?

Quem é o lobo?	Absoluto	Percentual
É um personagem malvado	10	62,5
É um animal	5	31,25
É um personagem faminto	1	6,25
Total	16	100

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A maioria das crianças 62,5% apresentaram respostas que podem ser inseridas na categoria *personagem malvado*: “o lobo é mau porque ele queria os doces da chapeuzinho vermelho e comeu a vovó e se passou pela vovó para comer a chapeuzinho vermelho”; “Mau, na historinha ele come a vovó e a chapeuzinho”. A fama de vilão do lobo personagem é a mais lembrada pelos participantes, contudo, devemos nos atentar para que essa visão negativa do lobo, não vire regra geral, para todos os lobos, inclusive os reais. Na categoria *animal* 31,25% dos participantes conseguiram falar do lobo sem mencionar associá-lo a maldade: “O lobo é um bicho que aparece na noite”; “um animal”;

Os resultados encontrados no questionário, quando questionados se o lobo é bom ou mau, também nos demonstram essa visão negativa, tanto para o lobo personagem, quanto para o lobo-guará, e como justificativa para essa maldade, as crianças associam principalmente ao fato de ser predador, inclusive na história da Chapeuzinho Vermelho, o lobo é predador da vovozinha e não somente de animais como no conto dos Três Porquinhos.

O animal é predador por necessidade e instinto e a categoria *personagem faminto* 6,25% nos demonstra uma resposta um tanto quanto confusa, mas que possibilita compreender que o participante reconhece essa estereotipação do lobo, e que ele só preda por ser faminto: “o lobo mau ele só era um lobo faminto, mas por conta do nome dele que era a única coisa que ele não conseguia disfarçar, então todo mundo já sabia, no filme ele era o lobo mais perigoso da região, aí o caçador prendeu ele no final. O lobo era bonzinho só que ele ficou faminto, aí ele pensou bem e virou do mau. Ele era um lobo do bem daí ele virou mau”. Esse participante compreende a predação como uma necessidade fisiológica e também reconhece que o lobo é estereotipado pela mídia. Temos aqui uma grande oportunidade ao professor, que pode inclusive construir estas ideias a partir desta concepção de um de seus alunos, mostrando a criticidade da mesma em relação ao que lhe é repassado pelas histórias. Esta criança justamente

nos mostra a importância no desenvolvimento da alfabetização científica, a qual deve ter objetivos que se complementam de acordo com o nível de escolaridade. De acordo com Lemke (2006, p. 06):

Para as crianças pequenas: apreciar e valorizar o mundo natural, potencializados pela compreensão, mas sem abandonar o mistério, a curiosidade e o surpreendente. Para as crianças de idade intermediária: desenvolver uma curiosidade mais específica sobre como funcionam as tecnologias e o mundo natural, como desenvolver e criar objetos e como cuidar deles, e um conhecimento básico da saúde humana. Para o ensino médio: proporcionar a todos um caminho potencial para as carreiras científicas e de tecnologia, proporcionar informações sobre a visão científica do mundo, que é de utilidade comprovada para muitos cidadãos, comunicar alguns aspectos do papel da ciência e da tecnologia na vida social, ajudar a desenvolver habilidades de raciocínio lógico complexo e o uso de múltiplas representações.

Desta forma, é de suma importância que a criança trave contato de forma mais direta com a ciência já nos anos iniciais do ensino fundamental, uma vez que estes conhecimentos servirão de suporte para os próximos anos de ensino, nos quais a alfabetização científica continuará a ser trabalhada, no intuito de desenvolver novas habilidades relacionadas a alfabetização científica.

Sobre as habilidades capazes de serem desenvolvidas por meio da alfabetização científica, as autoras Sasseron e Carvalho (2008) sugerem a utilização de indicadores da alfabetização científica, os quais são representados por algumas competências próprias da ciência, e que podem ser desenvolvidas por meio de atividades investigativas e abertas em sala de aula, nas quais os alunos atuam como pesquisadores. Pensando nas crianças, devemos utilizar como ponto de partida a própria curiosidade aguçada das mesmas, com isso, é possível estimulá-las a encontrar respostas e resolver alguma problemática, tendo em vista que os alunos deverão fazer o uso de diferentes indicadores em cada situação, conforme for o objetivo da tarefa apresentada.

Quando os alunos foram questionados no questionário prévio a respeito do habitat em que são encontrados as imagens apresentadas, observamos os resultados apresentados na tabela 5.

Tabela 5. Resultados encontrados sobre o hábitat do lobo-guará e do lobo personagem.

Onde ele mora?	Lobo-guará		Lobo personagem	
Tipo de imagem	Absoluto	Percentual	Absoluto	Percentual

Na mata/floresta	32	72,73	35	79,55
Zoológico	0	0	0	0
Na cidade	0	0	0	0
No meio rural	0	0	0	0
Não sei	0	0	0	0
Outro, qual?	0	0	0	0
Caverna	3	6,81	4	9,10
Toca	5	11,36	2	4,54
África	2	4,55	0	0
Lugar seco sem vida	2	4,55	0	0
Casa pequena	0	0	2	4,54
Cabana	0	0	1	2,27
Total	44	100	44	100

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Quando questionados se sabiam aonde o lobo-guará mora, a maioria dos participantes 72,73% respondeu ser na mata/floresta. Outros citaram caverna (6,81%), toca (11,36%), África (4,55%) e lugar seco sem vida (4,55%) a qual me chamou atenção pelo fato do lobo-guará habitar regiões por vezes secas, como o Cerrado por exemplo, o qual é considerado o segundo maior bioma brasileiro. De acordo com Silva (2018, p.16): “O Cerrado tem estações bem definidas de chuva e seca, em geral a precipitação média mensal apresenta uma grande estacionalidade concentrando-se nos meses de outubro a março e períodos de seca, comumente chamados de veranicos, nos meses de maio a setembro”.

Além do Cerrado, quando questionados na roda de conversa após a contação compartilhada da história, sobre aonde o lobo mora, as respostas se resumiram a: “*floresta, caverna, selva, zoológico, tocas, África, criados*”. Os resultados condizem com a tabela. É interessante ressaltar que os alunos reconhecem a mata como o principal hábitat dos lobos. Entendemos a importância das matas na vida dos lobos e de todos os animais silvestres, pois a fragmentação das mesmas consiste em uma das principais causas de sua extinção.

A extinção de espécies animais, como é caso do lobo-guará, é uma questão ambivalente. Por um lado, o homem necessita progredir social e culturalmente, por outro, como promover esta evolução sem prejudicar as demais dimensões do nosso *habitat*? Nesse contexto, o bioma Cerrado (do espanhol “*fechado*”) é um dos principais ecossistemas que sofre com a devastação. Devido às profundas transformações que vêm ocorrendo no Cerrado, vários estudos têm sido desenvolvidos. Diversos aspectos já foram abordados: as características fitogeográficas e climáticas do Cerrado; o avanço da agroindústria e as ações pouco sensatas (queimadas e desmatamentos ilegais); as causas da degradação e o avanço da extinção de espécies em geral; as ações preventivas, entre outros. No geral, os governos pouco têm feito para trazer, à luz da sociedade, informações sobre esse bioma que é o segundo maior do Brasil (FARIA, 2012, p.12).

Reconhecemos que no Cerrado encontramos o lobo-guará, e nele encontra-se uma vegetação na qual o lobo-guará se adapta muito bem, fazendo parte dessa vegetação árvores

retorcidas e baixas com um solo coberto por gramíneas e arbustos. Além disso, o Cerrado apresenta estações bem definidas como comentado acima: uma chuvosa (entre outubro e abril); e outra seca (entre maio e setembro) (FARIA, 2012).

Os resultados para a imagem do lobo personagem se mostram um pouco superiores na categoria *mata/floresta*, tendo obtido um total de 79,55% de respostas, o que inclusive está de acordo com as respostas obtidas na roda de contação, pois a mata/floresta foi citada por um maior número de participantes.

É comum encontrarmos o lobo dos contos perambulando na floresta, aliás, esse deveria ser o lugar de todos os lobos, ou quase todos, uma vez que o lobo personagem é fictício, e com isso, esse resultado nos demonstra que as crianças confundem o fictício com a realidade, pois a maioria afirmou que o personagem lobo mora na floresta. Zambon (2009, p.09) corrobora afirmando que:

A paixão pela fantasia no ser humano começa desde cedo, na mais tenra idade e os contos de fada fazem parte da sua infância, porque mais que distrair e desenvolver a criatividade, as histórias infantis ativam mecanismos inconscientes relacionados à vida familiar, ao desenvolvimento das identidades sexuais e ao amor. Por isso, devemos discutir o papel formativo dessas histórias no crescimento das crianças e nas igualdades sociais.

Para isso, se faz necessária uma intervenção do professor, não no sentido de acabar com a fantasia, mas no sentido de fazer a criança refletir sobre, para compreender e diferenciar fantasia de realidade.

Se observarmos a floresta presente no conto da Chapeuzinho Vermelho, por exemplo, percebemos que ela é descrita com fantasia para atrair a atenção das crianças, contudo, ela relata realmente o que encontramos nela, nos mostrando que essa mistura de fantasia e realidade podem tornar um conto de fada mais atrativo, porém, há de se tomar cuidado para que a criança aprenda a diferenciar o fictício da realidade. De acordo com Ferreira (2017, p.75): “A Floresta Encantada de Chapeuzinho Vermelho é baseada nas florestas do norte da França, perto da capital Paris. Perrault não se restringe a detalhar o cenário por onde a pequena passa, mas sim em contar o que acontece a cada momento que ela se locomove”. Perrault se preocupou em descrever a natureza por onde Chapeuzinho estava passando, como exemplo disso, Chapeuzinho encontrou castanhas, borboletas e flores pelo caminho. Ainda de acordo com essa autora:

A floresta é um local cheio de magia, que pode ser perigosa e transformadora. Para Chapeuzinho Vermelho a floresta é um local que simboliza o perigo da desobediência.

Sair da trilha e caminhar entre as flores leva ela a condenar sua avó à morte prematura. Sair do caminho significa traição. (FERREIRA, 2017, p. 76).

Nesse contexto, a floresta também se torna um alerta as demais crianças, ou seja, é perigoso andar sozinho nela, contudo, ela é repleta de vida e com certeza toda criança deve explorá-la acompanhada de um adulto. Inclusive, nas aulas de ciências se faz necessário explorar a importância das matas e florestas, uma vez que elas são abrigo e fonte de alimento para muitos animais, incluindo nós seres humanos.

Como segunda maior porcentagem foi citado *caverna* com 9,10%, após *toca, casa pequena* com 4,54% e *cabana* com 2,27%. Essas respostas também foram citadas durante a roda de contação.

Na roda de conversa decorrente da história Os Três Porquinhos, apenas 3,34% afirmou que os lobos não se encontram na mata, justificando que podem viver na neve, o restante dos participantes (96,66%) afirmaram que os lobos se encontram na mata, o que corrobora com os resultados encontrados no questionário, justificando principalmente sua ocorrência em virtude dos recursos ali presentes e por ser o local natural para serem encontrados.

Esses resultados corroboram com os resultados encontrados na tabela anterior a essa, na qual a maioria dos participantes afirmou que os porcos moram na mata/floresta, por meio da qual já discutimos alguns aspectos da importância das matas e florestas na vida dos animais.

Durante o questionário prévio, os alunos foram questionados se entrariam na mata se soubessem que lá encontrariam o lobo guará e o lobo personagem. As respostas podem ser observada na tabela 6.

Tabela 6. Resultados encontrados sobre quando questionados se entrariam na floresta com o lobo-guará e o lobo personagem.

Você entraria na floresta com o lobo-guará lá?	Razões	Absoluto	Percentual
Sim	Porque ele é legal/Porque ele é bonzinho	8	18,18
Não	Porque ele é predador /Porque tenho medo do lobo/ Porque ele é carnívoro/Porque ele é mau	36	81,82
Não sei	-	-	-
	Total	44	100
Você entraria na floresta com o lobo personagem lá?	Razões	Absoluto	Percentual
Sim	Porque sou mais ágil que o lobo/Porque sei me proteger/ Porque ele não existe	4	9,09

Não	Porque ele é predador /Porque tenho medo do lobo/ Porque ele é carnívoro/Porque ele é mau/Porque não existe lobo de roupa	39	88,64
Não sei	-	1	2,27
	Total	44	100

Fonte: Elaborado pelas autoras

É perceptível que houve uma maior porcentagem de respostas 81,82%, de participantes que não entrariam na floresta com o lobo-guará. As razões que alcançaram maior resposta, foi a do *lobo visto como malvado*. Os participantes justificaram com respostas: “*Ele é bravo*”; “*Pode estranhar e me morder*” entre outras. Acreditamos que este medo do lobo seja influenciado pelas vivências e pelo conhecimento que essas crianças já tiveram, seja por meio de um conto, filme etc. Inclusive, apontaram o *medo do lobo*.

Os sentimentos do medo são básicos e acompanham a existência humana desde o início do desenvolvimento psíquico até o fim da vida. Mas o medo é passível de alteração se bem administrado, para que não seja obstáculo à aprendizagem e desenvolvimento da pessoa. Sob o ponto de vista da conservação, ele sempre emerge em momentos de conflitos, mas com diferentes sentidos, e vai se transformando, revelando suas diferentes faces, em função dos momentos de vida de cada um. O exercício de retomada do medo em torno do conto, em busca dos diferentes sentidos dos medos infantis, contribuiu para que o medo tomasse outras formas, principalmente como ferramenta de autoconhecimento e desenvolvimento (RODRIGUES, FAGALI, 2017, p. 12).

Conforme a criança vai crescendo e desenvolvendo seu poder de argumentação, na medida que incorpora novas informações a sua estrutura cognitiva, com certeza, esse medo, principalmente quando relacionado a algo fictício, tende a diminuir de intensidade ou então, desaparecer por completo.

De acordo com os resultados encontrados para o lobo personagem, a maioria dos participantes 88,64% afirmou não entrar na floresta com o mesmo. Entre as justificativas quando questionados porque não entrariam na floresta com o lobo, apontaram razões justificando o *lobo como malvado*, tendo sido citado: “*É grande e mau; é feio e mau; tem cara de ser malvado, dentes afiados; ele é malvado/faz mal*”. Quando questionados durante a contação se gostavam do lobo, houve algumas poucas respostas que corroboram com as apresentadas acima, dois alunos responderam: “*não, porque são malvado*”.

A floresta por si só, já é muitas vezes um ambiente perigoso para as crianças, e, como já relatamos acima, esse conceito também é cultural, contudo, na floresta ainda pode haver um lobo muito mal, o qual vemos fazendo muitas travessuras nas histórias.

Se recordarmos de dois grandes clássicos da literatura infantil como Chapeuzinho Vermelho e os Três Porquinhos, a floresta e o lobo se fazem presente, contudo, em ambas o lobo é malvado e a floresta consiste no cenário de suas maldades. Schneider e Torossian (2009, p.136) afirmam: “Os aspectos mais agressivos ainda se mostram presentes, personificados principalmente na figura do Lobo e da Bruxa, porém, ao final, impera a esperança, a confiança na vida e o indispensável final feliz”. É comum em contos de fada atribuir papéis contrários aos personagens, como por exemplo, o vilão e o mocinho, e com isso, criam-se estereótipos adequados e não adequados, o que pode vir a constituir uma barreira epistemológica a criança, já que para esta a história consiste em uma verdade.

Esses resultados também reforçam o fato, de que a criança, mistura fantasia e realidade, afinal, porque ela não entraria na floresta com o lobo, considerando que ele é apenas um personagem?!

Interessante aqui relatar que, enquanto alguns autores exaltam a singeleza dos contos infantis, debruçam na importância que eles apresentam em desmistificar o medo, amparar a criança no seu crescimento, traduzir suas dúvidas, aliviar seu coração povoando-lhes a mente com heróis e heroínas que nunca morrem, outros tratam de questionar velhos conceitos que acabam por trazer uma falsa ideia de realidade e até mesmo evoluir para um estereótipo prejudicial à sua formação (ZAMBOM, 2010, p.09).

Isto demonstra a importância de desconstruir estereótipos quando a criança se apropria de ideias que precisam ser revistas, discutidas e ampliadas com novas construções, que permitam a esta criança valorizar e proteger os animais, por exemplo, no caso do lobo.

A expressão *predador* apareceu novamente, mas desta vez como motivo para não entrar na floresta com o lobo. Sobre essa justificativa, vale destacar que é de extrema importância que as crianças dos anos iniciais compreendam o verdadeiro significado de predador, entendendo os motivos de necessidade (fome/alimento) que leva os animais, assim como a maioria dos seres humanos a ser predador. De acordo com Pereira, et al (2019, p.05):

Dentre os diversos predadores presentes na natureza, pode-se afirmar que o lobo é um dos mais incompreendidos. A sua história é extensa e, através de aspectos místicos, divinos e lendários atribuídos ao bem e ao mal, fez parte da cultura das principais civilizações da antiguidade.

Ainda, de acordo com este autor, parte de sua história é explicada, pelo fato de que em geral, o lobo é visto como um animal importante para o meio ambiente, porém, o lobo também

é visto de forma negativa, principalmente por ser predador de animais domésticos, fazendo com que muitos agricultores, por exemplo, não queiram ele por perto (PEREIRA, et al, 2019).

Os alunos apresentaram as seguintes respostas: *“Pode me comer; Pode me atacar; Vai nos matar; come carne”*. Sobre ser predador volto a refletir sobre nós seres humanos, pois também somos predadores, contudo, tentamos amenizar esse fato, colocando a culpa nos animais. Quando questionados na roda de contação se gostavam de lobo dois alunos afirmaram: *“não porque podem atacar/ morder as pessoas; não, porque ele morde e aranha”*. Contudo, as respostas afetivas superaram as más.

Transformando o lobo de devorador de ovelhas em devorador de crianças e vovós! Sim, porque o ser humano, ao fazer um ato de predacão, ao se transformar de presa em predador, sempre fica no recôndito de sua consciência um sentimento de culpa; então, para eliminar esse sentimento, transforma o lobo em devorador de gente, acabando de vez com a culpa por tê-lo perseguido e eliminado. O homem transformou o lobo de vítima em culpado (FELIPE, 2007, p.64).

Ainda duas crianças citaram que o lobo é *carnívoro* e por isso não entrariam na floresta com ele. Como mencionado acima a dieta do lobo-guará não inclui somente carne, muito pelo contrário, as frutas estão entre um de seus alimentos preferidos. Contudo, a concepção mais forte e enraizada é que o lobo é somente carnívoro, e isso, por consequência o torna mau. Algumas respostas obtidas na roda de contação, quando questionados se o lobo da vida real é bom ou mau, evidenciam isso: *“o lobo é mau, porque come carne de vaca, boi e touro; mau, porque morde as pessoas e gosta de carne”*. Aqui, vale um questionamento a essas crianças, e nós professores de ciências podemos intervir, no sentido de igualar-se aos animais, afinal os seres humanos também são carnívoros e isso não os torna maus por si só?!

Como respostas positivas de que entrariam na floresta com o lobo, apenas oito crianças (9,09%) responderam que sim, afirmando que o mesmo é legal e bonzinho. Há também uma grande afetividade envolvida, as crianças também sentem um grande carinho pelo lobo. Quando questionada se gostava de lobo, uma criança respondeu: *“eu gosto são mansinho, fofinho, dá até para brincar”*. Essa resposta demonstra que apesar de toda negatividade atribuída ao lobo, há muitas crianças que o consideram bonzinho.

Ainda o lobo foi visto como *protetor*: *“Ele não deixa os outros animais pegar a gente”*. Esse participante apresentou uma concepção diferente da maioria, talvez, porque não tenha uma visão engessada do lobo apenas como “malvado”, como aparece nas histórias, o que é muito relevante pois evita possíveis visões fragmentadas do mesmo. Já outro aluno mencionou que

entraria com uma flecha, porque o mesmo era índio; ou seja, levaria consigo algo para se defender do lobo se fosse necessário.

Encontramos também a razão *personagem fictício*, reconhecendo a imagem apenas como um personagem de histórias infantis, na qual ocorreu a resposta: “*o lobo é só no desenho*”. Ainda sobre esse reconhecimento do fictício, um aluno respondeu que não sabia se entraria na floresta com o lobo, mas que “*nunca viu lobo com roupa*”, o que demonstra que o mesmo desconfiava se este lobo existia mesmo na floresta. Outro aluno encorajado afirmou que entraria, afirmando: “*sou mais ágil que o lobo*”.

Sobre essas respostas em que observamos o fictício e a realidade presente, vale ressaltar aqui que para a criança é de extrema importância compreender o mundo em que está inserida, o mundo real por meio do seu imaginário, e as histórias proporcionam isso a ela, muitas vezes abordando problemas ou então soluções para os mesmos de modo que a faz perceber o que até então poderia ser algo desconhecido a ela (FELIPE, 2007).

Ao serem questionados sobre a possibilidade do lobo-guará ser encontrado na cidade, observamos que os alunos parecem perceber a dificuldade para tanto, como constatado na tabela 7.

Os alunos responderam que na cidade “*Não tem muitas árvores e comidas; Só vivem nas matas; Não gostam da cidade, vivem na mata;*”. Essas respostas demonstram clareza quanto ao hábitat dos lobos ser considerado as matas. Apenas 13, 63% afirmou ter lobos na cidade, o restante 86,37% dos participantes afirmaram não ter. De acordo com Castro, et al (2007) as matas são fundamentais para a sobrevivência tanto das espécies animais, quanto vegetais. Além das matas funcionarem como corredores de fauna entre fragmentos florestais, fornecem moradia para grande quantidade de espécies de animais, assim como vegetais.

Tabela 7. Resultados encontrados sobre a possibilidade em encontrar o lobo-guará na cidade.

Lobo-guará: Ele existe na cidade?	Razões	Absoluto	Percentual
Sim	Zoológico/Como alimento/Outras cidades/as vezes é confundido com cachorro/Só o bonzinho/Nos matos perto da cidade	6	13,63
Não	Só na floresta/Porque os recursos são escassos/ Porque são selvagens/ Porque tem muitos empecilhos/ Muitos malefícios	38	86,37
Total		44	100

Fonte: Elaborado pelas autoras

Ainda, o lobo foi visto como perigoso se estivesse na cidade, as justificativas *empeçilho para o lobo viver na cidade e malefícios do lobo na cidade* apresentam respostas como: “*Porque tem carro; Ia atacar as pessoas; Pode ser mal com as pessoas e brigar com outros animais; Porque é uma cidade pequena, só vivem em outros países; É proibido e mordem se deixar soltos; Tem muita casa e pessoas*”. Essas respostas demonstram que o lobo pode trazer prejuízos ao ser humano quando este estiver na cidade, contudo, nós seres humanos, com certeza geramos muito mais malefícios a eles, se pensarmos em todas as áreas verdes desmatadas e utilizadas para construções, toda a poluição gerada, enfim, o lobo vem sofrendo muito com a perda de hábitat que é uma das principais causas de sua extinção.

Com o aumento da agropecuária nas regiões centrais do Brasil, o lobo-guará, já é considerado um animal ameaçado de extinção. Seu território diminuiu consideravelmente, nos últimos anos e, além disso, os atropelamentos e a falta de informação fazem com que o número de mortandade desses animais alcance níveis alarmantes (RAMOS, SILVA, PASCARELLI 2018, p. 97).

Dois participantes também reconhecem que na cidade há uma escassez de alimento, além de hábitat: “*Não tem muitas árvores e comidas*”. Esse aluno com certeza, reconhece que além da mata ser seu hábitat natural, é lá que ele encontra os recursos que necessita para sobreviver. Um participante ainda, reconhece que pode haver lobo na cidade, mas somente se tiver mata por perto, ou seja, a cidade pode ser apenas passageira para o lobo, mas o seu lugar é a mata. Ainda dentro desse enfoque um aluno respondeu “*ser selvagem o lobo- guará*” e por isso não encontramos o mesmo na cidade.

A perda de *habitat* do lobo-guará se caracteriza por vários fatores, tendo sua história iniciada com a inauguração da cidade de Brasília, em 1960, quando se deu a grande onda ocupacional no centro-oeste. Alguns destes fatores são: avanço da agroindústria e desmatamento; perda de variabilidade genética; caça ilegal; avanço das vias urbanas. Contudo, outros riscos também devem ser considerados. Um deles está relacionado às próprias ações de tentativa de evitar sua extinção, um paradoxo cruel. Pois, ao *tentar* confiná-los em reservas ou estações o animal acaba sendo forçado a mudar de hábitos e muitas vezes de alimentação. Isto muitas vezes pode levá-los ao estresse extremo, causando sua morte. Outro problema é o contato com animais domésticos, o que pode acarretar doenças. E, ainda, com o avanço das vias urbanas ocorrem os constantes atropelamentos, especialmente nas autoestradas (FARIA, 2012, p.25).

Sobre o fator avanço da agroindústria citado acima, grandes alterações ambientais podem ser desencadeadas. Contudo, há de se executar projetos que venham a minimizar os efeitos sobre o hábitat natural dos lobos, pois assim, podemos, no mínimo controlar as causas de sua extinção. Um participante considerou ter lobo na cidade, afirmando o zoológico como referência. Sobre os zoológicos Leira, Reghim et al (2017, p. 01) afirma:

Os zoológicos objetivam a conservação de espécies, o desenvolvimento e aperfeiçoamento profissional, a pesquisa científica, a educação ambiental e o lazer; porém a população busca os zoológicos principalmente para recreação e lazer, sendo que a maioria dos visitantes são famílias com crianças que pretendem apreciar a vida selvagem em companhia, ficando educação, fuga e introspecção menos importante, a oficialização dos zoológicos requer o cumprimento de exigências normatizadas pela legislação de cada país. Dentro das prioridades e obrigações morais dos zoológicos encontra-se a demanda de propiciar condições para que os animais exibam comportamentos naturais e automaticamente otimizem as condições de bem-estar animal.

Contudo, há diversas questões éticas que envolvem os zoológicos, e apesar de proporcionar entretenimento e conhecimento a população, também há pontos negativos para se avaliar em alguns casos, como por exemplo maus tratos e infraestrutura inadequada.

Ainda, um aluno afirmou que o *“lobo-guará pode ser confundido com um cachorro”* e também pode ser *“fonte de alimento/carne para os humanos”*, reconhecendo que somos carnívoros, enquanto seres humanos. Sobre confundir o lobo com o cachorro.

Hoje, já é sabido que o cão doméstico é descendente do lobo. Para tanto, foram necessárias, além de descobertas arqueológicas, pesquisas em morfologia, comportamento, vocalização e biologia molecular. Arqueólogos sugerem que os cães começaram a distinguir-se dos lobos 14.000 anos atrás. Análises de DNA demonstraram um ancestral comum do lobo e do cão, mais antigo, possivelmente mais de 100.000 anos atrás. Infere-se que o cão primitivo deixou de caçar e passou a conviver com o homem nos primórdios da agricultura. Essa longa história de domesticação pode ter resultado na grande diversidade intraespecífica de conformação e comportamento (SILVA, 2011, p. 06).

Sobre essa ancestralidade, também é oportuno ressaltar em sala de aula, afinal, todos nós descendemos de alguém, e isso, pode facilitar o entendimento das crianças, como no caso do lobo e do cão, observando suas características que se assemelham por exemplo.

As respostas obtidas também nas rodas de conversas, sobre existirem ou não lobos na cidade, confirmam estas mesmas respostas. Os participantes apresentaram respostas do tipo: *“não, não existe, só quando eles seguem a mata e acham a cidade; não, porque eles querem ficar no mato para sobreviver; não porque ele gosta de viver na mata”*. Com isso, quando trabalhado em sala de aula o hábitat dos animais, é importante ressaltar as crianças sobre a necessidade dos animais viverem em seus habitats naturais, pois assim, seu nicho ecológico é mais fácil administrado, e com isso, alimento, abrigo, reprodução e demais recursos tendem a ser alcançados com maior facilidade, quando esses se encontram em seus devidos locais.

As crianças ainda afirmaram nas rodas de conversas, que ocasionalmente quando são encontrados na cidade, podem ser em zoológicos, ou se alguém tivesse como animal de estimação.

Ao perguntarmos aos alunos sobre o sentimentos deles em relação ao desaparecimento do lobo guará em função do desmatamento, obtivemos os seguintes resultados apresentados na tabela 8.

Tabela 8. Resultados encontrados sobre a compreensão dos alunos em relação ao “desaparecimento” dos lobos por conta do desmatamento.

Lobo-guará: Você sente pelo fato da espécie estar desaparecendo em função do desmatamento?	Razões	Absoluto	Percentual
Sim	Porque são importantes na natureza/Porque são selvagens/ Porque o homem se alimenta deles/ Porque pessoas matam porque tem medo deles/ Porque não tem culpa de serem lobos	38	86,37
Não	Porque são maus	4	9,09
Não sei	-	2	4,54
	Total	44	100

Fonte: Elaborado pelas autoras

A maioria dos entrevistados 86,37% demonstrou afetividade pelo lobo e pena pelo fato da espécie estar desaparecendo. O mesmo questionamento foi realizado nas rodas de conversa e os alunos manifestaram este mesmo sentimento, externando: “*Alguns lobos são bons, fofos, tenho dó*”; “*São bem bonitinhos*”; “*Porque é fofo e não pode matar*”. Essas respostas demonstram o carinho que as crianças sentem pelos lobos, demonstrando que eles são fofos, bonitinhos e não podemos desmatar, pois estaremos prejudicando a vida deles.

Nas respostas apresentadas no questionário prévio também destacaram os *benefícios da espécie à natureza*, reconhecendo que o lobo apresenta funções importantes no meio.

Ainda, o *ser humano foi considerado como predador do lobo*, ou seja, o lobo foi visto como alimento para os seres humanos por um participante. Foi citado como selvagem por dois participantes que reconheceram ter pena dele e que seu lugar é a mata, por ser um animal selvagem. Os participantes que responderam não ter pena do lobo, associaram o mesmo como mau, como o lobo “vilão”, visão a qual pode estar influenciada pelos contos de fada e mídias em geral.

Como os alunos externalizaram sentirem pena do lobo na rodas de conversa, principalmente porque eram importantes para a natureza. Desta forma, foram então questionados porque os achavam importantes na natureza. As respostas são apresentadas na tabela 9.

Tabela 9. Resultados encontrados na roda de contação dos Três Porquinhos sobre a pergunta: O lobo é importante na natureza?

O lobo é importante na natureza?	Categorias	Absoluto	Percentual
Sim	Benefícios à natureza e aos animais	9	60,00
	Importantes na cadeia alimentar	4	26,67
Não	Predador	2	13,33
Subtotal	-	15	100

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Sobre o lobo ser importante na natureza, a maioria dos participantes afirmou que sim, e a categoria relacionada aos *benefícios* que ele pode proporcionar para todos os seres vivos ali presentes, foi a de maior destaque 60%. Entre as respostas encontradas para essa categoria, citamos aqui: “*Animais ajudam a natureza/precisam viver*”; “*Eles precisam sobreviver para alimentar seus filhos*”. Sobre essa última resposta, cabe a nós refletir que para que ocorra a propagação das espécies, os filhotes precisam sobreviver e para eles sobreviver, suas mães também devem estar presente.

Ainda associaram esta importância à *cadeia alimentar* 13, 33%, sendo que a resposta de um participante chamou a atenção pelo nível de entendimento: “*eu acho que ele é importante porque ele é um animal e se não tivesse o lobo na natureza não ia existir o ciclo da vida, só ia ter bichos herbívoros aí ia acaba o mato e eles iam morrer*”. Essa criança já consegue perceber que um ser vivo depende do outro na natureza para sobreviver. Esses conhecimentos, geralmente são trabalhados em ecologia no sexto ano do ensino fundamental, envolvendo cadeia e teia alimentar. Contudo, a ecologia deve ser trabalhada já na educação infantil e anos iniciais, uma vez que a mesma contribui muito na formação das crianças, e quanto antes iniciado o processo, melhores os resultados.

De acordo com Ricklefs (2003) durante a primeira parte do século XX, percebeu-se que os organismos poderiam reunir-se em uma unidade funcional e compartilhar relações alimentares e tolerância aos fatores físicos do ambiente. Quando isso, acontece, estamos nos

referindo a uma cadeia alimentar ou então teia alimentar quando várias cadeias se inter-relacionam. Uma cadeia alimentar, consiste em uma sequência de relações tróficas pelas quais a energia passa através do ecossistema. Essa energia, é perdida em cada nível, sendo assim, temos o nível trófico dos produtores (plantas e algas), consumidores primários (herbívoros), consumidores secundários (carnívoros), e ainda consumidores terciários, quaternários, e por fim, os decompositores (bactérias e fungos).

Porém, alguns participantes recordaram da fama de vilão do lobo e afirmaram que o mesmo não é importante na natureza, principalmente por ser predador com 26,67%: “*ele não é importante, porque mata os animais e as pessoas*”, contradizendo inclusive as discussões acima e enfatizando a importância de uma alfabetização científica. Com isso, evidenciamos mais uma vez que o conceito de predador deve ser trabalhado em sala de aula a fim de desmistificar possíveis visões equivocadas como no caso do lobo, que é considerado vilão pelas crianças por aparecer nos contos infantis como predador.

O questionário inicial ainda buscou investigar sobre os conhecimentos dos participantes em relação à dieta alimentar do lobo guará e do lobo personagem. Os resultados são apresentados na tabela 10.

Tabela 10. Resultados encontrados sobre a dieta do lobo-guará e do lobo personagem.

Dieta do lobo	Lobo-guará	Percentual	Absoluto	Percentual
Plantas e frutos	2	4,55	0	0
Outros animais	10	22,73	20	45,46
As pessoas	1	2,27	5	11,36
Come de tudo	0	0	0	0
Não sei	1	2,27	6	13,63
Outro, qual?	0	0	0	0
Carne	27	61,37	12	27,28
Ovo	1	2,27	0	0
Insetos	1	2,27	0	0
Ração	1	2,27	0	0
Carne, pão de mel, vovó e chapeuzinho	0	0	1	2,27
Total		100		

Fonte: Elaborado pelas autoras

Sobre a dieta do lobo-guará, os resultados demonstram que a maioria dos participantes 61,37%, responderam que come carne. O lobo-guará tem presente em sua dieta pequenos vertebrados, contudo, ele ingere muitos frutos também, e é considerado onívoro. Sobre sua dieta e aspectos biológicos de acordo com ICMBIO (2008, p. 03):

A espécie apresenta um padrão de atividades, principalmente, crepuscular-noturno e hábito alimentar onívoro com a dieta baseada em frutos e pequenos vertebrados. Possui hábito solitário e os indivíduos se juntam em casais apenas na época reprodutiva. O tamanho da área ocupada por casais é bem variável ao longo de sua distribuição – variando de 6 a 115 km², dependendo da qualidade de habitats disponíveis e disponibilidade alimentar. Esta estrutura em casais permite a participação do macho nas atividades de cuidado parental com os filhotes.

Contudo, apesar do lobo-guará ser onívoro, este dado é desconhecido para as crianças, tanto que igualmente quando questionados sobre a sua dieta alimentar nas rodas de conversas, quase todos os alunos afirmaram carne: “*carne, carne podre, carne crua, assada, carne de galinha, porco, gado; carne podre, outros animais, galinha, gavião, cobra, jacaré*”.

Ainda em relação aos resultados do questionário, observamos que apenas, 4,55% afirmou que o lobo-guará come *plantas e frutos*. Os resultados apresentam fortes concepções sobre o lobo ser carnívoro e consequentemente predador, mesmo o lobo personagem. Na rodas de conversas ainda encontramos uma resposta referenciando as *plantas*, na qual o aluno afirmou que o “*lobo come carne e plantas*”, contudo, é necessário reforçar esse conhecimento, já que o lobo tem uma grande fama de ser carnívoro. Se refletirmos sobre as histórias infantis, o lobo nunca aparece comendo planta ou fruto, e somente, aparece comendo carnes (outros animais e até mesmo pessoas), o que com certeza influencia as concepções das crianças.

A tabela ainda mostra, que em relação ao lobo personagem, 27,27% citaram *carne*, a qual também pode ser trabalhada no ensino de ciências, sobre o enfoque de sua importância na nossa alimentação (fonte de proteína); trabalhar com as origens dos alimentos: animal e vegetal, etc.

Houve uma resposta um tanto quanto meiga e influenciada pela história: “*o lobo come carne, pão de mel, a vovó e a chapeuzinho*”. Essa é a realidade dela, a história, então com certeza, para ela, essa resposta está correta.

Com 22,73% a segunda maior porcentagem, está a categoria *outros animais*, ou seja, o lobo-guará é carnívoro, contudo, ele prefere se alimentar de frutas e vegetais, sendo o principal item de sua dieta a fruta da lobeira *Solanum lycocarpum*, conhecida como fruta do lobo, a qual ele contribui na propagação da espécie, por meio de suas fezes que eliminam a semente da lobeira (VELOSO, 2019).

A relação do lobo-guará com a *lobeira* (a fruta do lobo) é de extrema importância, na medida em que ele próprio é o principal dispersor das sementes desse fruto. Isto, na verdade, garante a preservação do fruto e, por conseguinte, a manutenção de sua alimentação. Esta fruta ainda atua, no intestino do lobo-guará, como uma espécie de vermífugo natural, prevenindo-o de doenças (FARIA, 2012, p. 25).

Quando questionados sobre o que o *lobo personagem* come, a categoria mais citada pelos participantes foi *outros animais* com 45,46%. Nessa categoria, quando citado os animais, foram *porcos* por onze alunos e *ovelha* por apenas um aluno. Com certeza, o porco citado por esses alunos está relacionado ao conto de fadas dos Três Porquinhos, uma vez que neste o lobo os come. Uma vez que estamos falando sobre o lobo presente nos contos de fadas a resposta não deixa de estar correta, no entanto, é importante que esse aluno aprenda a diferenciar o fictício da realidade, uma vez, que se deparará com ele e terá de enfrentá-lo. Se somarmos a categoria carne, pessoas e outros animais, teremos a porcentagem de 84,1%, mas afinal, como um personagem pode comer carne, pessoas e animais?!

Nesse sentido, se faz necessária uma interpretação conjunta da história com os alunos, pois o professor deve trabalhar o real e o fictício, e ainda, intervir nessas histórias no sentido de promover uma alfabetização científica. A história “*Camilão, o comilão*”, pode ser explorada sob diversas perspectivas, entre elas a importância de uma alimentação balanceada. Os animais presentes na história podem contribuir com conhecimentos sobre a origem dos alimentos, entre tantos outros aspectos da ciência que podem ser explorados. De acordo com essa história, Antogla (2014) faz referência aos alimentos e os animais:

Além dos alimentos para o leitão, o texto faz a articulação de um alimento para cada animal da história: o cachorro está cuidando das melancias; o burro está puxando uma carroça com abóboras; a vaca está fazendo manteiga, queijo e requeijão e dá ao Camilão litros de leite; a galinha entrega espigas do seu milho ao leitão; o macaco, algumas bananas; o coelho concedeu pés de alface e cenoura; o esquilo avelãs; e a abelha potes de mel. Nesse caso, além da possibilidade de explorar o cardápio de cada animal, ainda é possível problematizar sobre as relações de trabalho expressas: os animais estão na fazenda e as atividades que desenvolvem são papéis realizados e/ou criados pelo homem, como por exemplo, a vaca que na vida real não fabrica derivados do leite, mas dela é ordenhada a matéria-prima, o leite; outro exemplo é o burro que está puxando a carroça com abóboras. Esse conhecimento pode configurar-se em um obstáculo epistemológico para o conhecimento, pois é uma informação equivocada que está no livro de LI e, se não questionada pelo professor, poderá ser um obstáculo para o conhecimento do aluno. (ANTOGLA, 2014, p. 66)

Há muita ciência a ser explorada nessa história. Não obstante, as demais áreas do conhecimento também podem ser exploradas. Na matemática uma possibilidade é fazer a contagem dos alimentos que o porco ganhou dos outros animais, dependendo da faixa etária é oportuno fazer gráficos, tabelas e trabalhar o preço dos alimentos. Na geografia podem ser trabalhados espaço rural e os conceitos de roça, curral e estrada. Na história é possível trabalhar toda a história da agricultura, do produtor rural. No português, a interpretação do texto, o autor, parágrafo, travessão, comparação, a produção de textos; organização gramatical, concordância verbal; plural e singular, pontuações; substantivo: substantivo próprio, substantivo comum; as

sílabas, etc. Esses são alguns exemplos, de como a interdisciplinaridade pode ser trabalhada por meio de uma história (ANTOGLA, 2014).

Ainda foram citados para o lobo-guará, *ovo, insetos e ração*, todos com 2,27% cada. Por fim, 2,27% afirmaram que o *lobo-guará come pessoas* e 11,36% afirmou que o *lobo personagem come pessoas*, o que também nos demonstra que essa criança sente medo do lobo, uma vez que ele pode comer pessoas, ou crianças como citado por um participante. Mais uma vez, cabe ao professor diferenciar fictício de realidade a esse aluno, para evitar que possíveis barreiras epistemológicas sejam criadas pelos alunos.

Outro ponto a ser destacado, é que na roda de conversa a participação dos alunos era variada, mas em relação ao questionamento sobre a dieta alimentar, a participação deles causou bastante euforia e todos queriam responder. Obtivemos 33 respostas de participações a esta pergunta, sendo que para 23 destas respostas (69,70%) descreveram o lobo como carnívoro, incluindo a este mais 3,03% que afirmaram se alimentar do homem, totalizando 72,73%. Os demais (27,27%) 9 participantes, responderam se alimentar de plantas, frutas e farelo. Os resultados encontrados na roda de conversa demonstram novamente que boa parte dos participantes 69,70% acreditam que a dieta do lobo possui como principal item a carne.

Ao serem indagados sobre o comportamento que assumiriam ao estarem diante de um lobo-guará e de um personagem, os alunos responderam as colocações apresentadas na Tabela 11.

Tabela 11. Resultados encontrados sobre o comportamento dos alunos se vissem um lobo-guará e um lobo personagem.

O que você faria se visse um lobo?	Lobo- guará		Lobo personagem	
	Absoluto	Percentual	Absoluto	Percentual
Fugiria	26	59,10	30	68,20
Ficaria observando	2	4,54	1	2,27
Tentaria chegar perto	0	0	0	0
Mataria	0	0	3	6,81
Espantaria	0	0	0	0
Pediria ajuda	0	0	0	0
Brincaria	0	0	0	0
Jogaria algo	0	0	1	2,27
Não daria bola	0	0	1	2,27
Outro. Qual?	16	36,36 Levaria no veterinário/ Ficaria parado sem me mexer bruscamente/ Cuidaria e ligaria para alguém que entende de	8	18,18 Pegaria um galho e bateria nele/ Pegaria ele e mandaria p/ um lugar mais seguro/ Ficaria com

		animais/ Não iria me aproximar muito/ Ligaria para os caçadores para colocar na jaula e levar na floresta/ Daria carne/Treparia numa árvore		medo e sairia do lugar/ Ia me defender, dar um soco/ Daria um osso
Total	44	100	44	100

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Quando questionados sobre o que fariam se vissem o lobo-guará, a maioria dos participantes 59,10% afirmou que fugiriam. Outros afirmaram respostas que remetem a um carinho e cuidado ao lobo e outros afirmaram ter medo. Acreditamos que o medo e o fato de fugir do lobo pode estar relacionado ao seu desconhecimento, pois a maioria dos participantes afirmou não ter visto um lobo-guará ainda, ou então pode estar relacionado a visão errônea que muitos contos de fadas transmitem, em que o lobo é retratado somente como vilão. Com isso, se faz necessário intervir no sentido de desconstruir estereótipos, e no caso do lobo, é possível engajar o mesmo por meio de uma alfabetização científica, com o intuito de demonstrar os benefícios que o mesmo pode oferecer a natureza, e consequentemente a nós, seres humanos.

A vida real tem suas maravilhas, seus medos, seus fracassos e vitórias, suas susceptibilidades e suas dores e é preciso que a criança entenda a diferença na relação entre varinha mágica e vida real e que todos somos heróis, na medida da nossa possibilidade, na convivência com o nosso dia-a-dia e na vulnerabilidade da nossa condição humana. A criança pode ser levada a imaginar que o ser humano só tem um lado bom e, que, se tem um sentimento mal será necessariamente mau. E passa a estereotipar seus pais, irmãos e amigos, criando uma relação falsa e fantasiosa com a realidade que a cerca (ZAMBON, 2009, p.10).

É exatamente isso que acontece com o personagem lobo, quando por exemplo a criança somente recebe informações que deturpam sua imagem, pois a maioria dos contos de fada em que o personagem aparece, ele é apresentado como “vilão” da história.

O lobo mau é o anti-herói presente em alguns contos de fada como a Chapeuzinho Vermelho, Os Três Porquinhos, e também presente em versões contemporâneas, como o filme Deu a louca na Chapeuzinho e Chapeuzinho Amarelo, de Chico Buarque (NEVES, 2016).

Os anti-heróis presentes nos contos de fadas são figuras mágicas que despertam curiosidade e permeiam o imaginário de muitos leitores de todas as idades. Possuem tanto características negativas quanto positivas, têm em sua natureza uma forma desprovida de regras para enfrentar as adversidades e, dessa forma, usam seus próprios meios e recursos para conseguirem o que desejam (NEVES, 2016, p.02).

Acreditamos que os vilões chamam mais a atenção das crianças se comparado aos heróis, o vilão lobo por exemplo, é um personagem marcante e que desperta a imaginação das

crianças, contudo, há de se tomar um cuidado enorme enquanto educador para não deixar brechas para concepções estereotipadas e fragmentadas, procurando sempre refletir com as crianças os pontos positivos de um “vilão” também, pois se pensarmos na importância do lobo na natureza, por exemplo, ele automaticamente deixa de ser vilão e passa a ser herói.

Os resultados para a imagem lobo personagem demonstram que a maioria dos participantes 68,20% fugiria se visse um lobo, o que demonstra que essas crianças têm medo do lobo, afinal sua fama não é das melhores. Contudo, algo já vem sendo feito para no mínimo minimizar essa visão, nas obras contemporâneas da literatura infantil já foram feitas várias versões nas quais o lobo aparece como bonzinho.

Examinando alguns exemplares de narrativas infantis, mais especificamente as que apresentam o personagem lobo sob uma ótica bondosa, constata-se em releituras das histórias uma tendência à subversão desse personagem, uma quebra de paradigma, a troca da maldade pela bondade (FELIPE, 2007, p.67).

Material disponível já temos, mas este precisa chegar até o nosso público alvo, e para isso, muitas vezes, requer um esforço maior do professor, já que o acesso aos contos clássicos, se comparado aos contemporâneos, tende a ser mais facilitado. É de extrema importância ao aluno conhecer as duas versões do lobo, e saber que o mesmo também é muito bonzinho para a natureza, assim, não lembrará dele apenas como vilão e não criará uma visão estereotipada do mesmo.

Ainda, 6,81%, afirmaram que matariam o lobo. Acredito que o matar os animais é bastante cultural, nesse sentido, eles matariam para se defender, no entanto, quando o lobo mata para se defender ele se torna mau, não sendo chamado de “instinto” o que ele faz. Todavia, é válido discutir em sala de aula essa questão, pois uma vez que matamos, estamos contribuindo para a extinção da espécie, sendo assim, isso deve ser colocado as crianças em conjunto com os benefícios que o lobo traz para nós e para a natureza, no intuito de sensibilizá-los sobre a sua importância.

Também surgiram variadas respostas como: *“ficaria parado, pois se correr ele pega; Pegaria um galho e bateria nele; Me esconderia; Pegaria ele e mandaria para um lugar mais seguro; Ficaria com medo e sairia do lugar; Ficaria parado; Daria osso; Ia me defender, dar um soco...”*. Essas respostas demonstram carinho, medo, defesa contra o lobo, o que indica que essas crianças apresentam diferentes ideias sobre ele, enquanto, uns querem matá-lo, outros querem dar carinho e protegê-lo. Contudo, ao oportunizar maiores conhecimentos sobre os animais às crianças, estas concepções e decisões tomadas podem ser melhor compreendidas,

uma vez que podem além de adquirirem saberes a respeito desta fauna, compreenderem a importância e as relações importantes na natureza. A tabela 12 a seguir apresenta os resultados encontrados quando questionados se o lobo-guará e o lobo personagem são os mesmos animais.

Tabela 12. Resultados encontrados sobre as comparações entre as duas imagens apresentadas sobre o lobo (lobo-guará e lobo personagem).

Se referem ao mesmo animal?	Razões	Absoluto	Percentual
Sim	São semelhantes/Os dois são lobos	4	9,10
Não	Características físicas que os diferem/ Espécies diferentes/Bípide/ Um real e o outro fictício/ Um é bom e o outro é mau	40	90,90
Total	-	44	100

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Quando demonstramos as duas imagens, do lobo-guará e do lobo dos contos, a maioria dos entrevistados 90,90% disse não ser o mesmo lobo, justificando suas respostas com diferentes características. A justificativa mais citada pelos participantes foi *características físicas que os diferenciam*: “São diferentes, um tem mão e roupa e outro não; Lobo-guará tem orelhas grandes e redondas e o nariz não é redondo, suas cores são diferentes; lobo mau tem nariz redondo, orelha pequena e pontuda, tamanho do pé, lobo mau é bípede e o outro não”. Essas respostas foram elaboradas pelos participantes de acordo com o que observaram nas imagens, as características físicas eram visíveis e os diferenciavam de fato.

A segunda razão mais citada pelos alunos foi o fato de ser *Bípide*, dizendo que um era bípede (lobo mau) e outro não (lobo-guará). Inclusive, quando questionados no dia da contação se o lobo que haviam visto era o mesmo da história, também afirmaram que não dizendo: “*não porque ele tinha 4 patas e não só duas*”. É interessante saber que alunos do segundo ano do ensino fundamental saibam diferenciar seres quadrúpedes de bípedes, uma vez que ao longo da história evolutiva dos seres vivos, o bipedalismo, configura-se como importante adaptação evolutiva, pois veio a favorecer muito a locomoção, e conseqüentemente a sobrevivência dessas espécies que adquiriram.

Nas interpretações da filogenia, com relação à estrutura anatômica geral, o bipedalismo é uma das características que separa os humanos das demais espécies. A partir de 1970, a datação radio métrica vem permitir modificações nas interpretações dos fósseis, proporcionando aos especialistas, condições para concluir que os homínídeos se tornaram bípedes muito antes de serem inteligentes e antes mesmo do gênero *Homo* (VARISE, et al, 2009, p.247-248).

Ainda, alguns alunos apresentaram respostas as quais colocamos na categoria *real/fictício*: “Um é real e outro não existe; Um é dos contos (imaginário) e outro é real; Lobo mau e dos contos, são diferentes”. Esses alunos conseguiram perceber que além de diferentes, apenas um deles é real, já o outro é apenas fictício. As histórias são importantes ferramentas didáticas para trabalhar esse entendimento do real e fictício. De acordo com Mateus et al (2014, p. 57): “A capacidade de imaginar permite que o ser humano crie uma habilidade de entendimento e compreensão de histórias ficcionais, pois nossa vida apenas é entendida dentro de narrativas. As histórias nos transmitem informações e abrangem nossas emoções”.

Um aluno apresentou como resposta que os lobos não são os mesmos, pois são de *espécies diferentes*. Espécie é um termo muito utilizado na biologia e seu conceito varia muito de autor para autor, contudo, para esse aluno, acredito que espécies diferentes consiste em seres vivos com características físicas diferentes, as quais ele identificou no lobo dos contos e no lobo-guará que possuem características que os diferenciam.

Os vários conceitos de espécie existentes consideram aspectos ecológicos, os processos de reconhecimento entre indivíduos, os sistemas e estratégias de reprodução e as relações genéticas e comportamentais (FUTUYMA 1998; SARKAR, 1999; LIMA e SODRE, 2017). Esses conceitos são denominados como espécie biológica, evolutiva, filogenética ou como Reconhecimento, Coesão, Ecológico e Internodal. Com isso, temos na literatura diferentes conceituações para a palavra espécie.

Por fim, ainda afirmaram, de forma menos significativa, que os lobos são semelhantes, que eles se diferenciam por um ser bom e o outro mau, e ainda, houve 4 alunos mais ousados afirmando que “os dois eram os mesmos, afinal os dois são lobos”. A sinceridade e espontaneidade é algo marcante em uma criança, afinal, tem como discordar dessa afirmação?!

Nas rodas de conversas obtivemos resultados semelhantes; a maioria das justificativas se repetiram, o que nos demonstra que os participantes de fato, conseguem diferenciar o lobo personagem do lobo da vida real, seja por meio de uma característica física ou então por de fato existir um lobo fictício e um lobo real. A tabela 13 nos demonstra esses resultados.

Tabela 13. Resultados encontrados na roda de contação da Chapeuzinho Vermelho sobre a pergunta: O lobo da história é o mesmo lobo da vida real?

O lobo da história é o mesmo da vida real?	Categorias	Absoluto	Porcentagem
	Características físicas que os diferenciam	7	43,75
	Bípede	4	25,00

Não	Real/fictício	2	12,50
	Lobo bonzinho	2	12,50
	Dieta	1	6,25
Total	-	16	100

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Quando questionados se o lobo da história é o mesmo lobo da vida real na roda de contação da Chapeuzinho Vermelho, todos os participantes afirmaram que não. A categoria *características físicas que os diferenciam* foi a mais evidenciada 43,65%, e as justificativas se resumiram as diferentes colorações dos lobos e também a diferentes tamanhos de olhos, já outro participante apresentou características mais peculiares na resposta: “*o lobo não tem olhos grandes mas consegue ver bem de longe, e também nem orelha ele tem mas consegue escutar igual o cachorro, pode falar bem baixinho que ele vai escutar*”. Essa resposta demonstra que esse participante possui um conhecimento acerca dos lobos, afinal a audição dos lobos é de fato apurada e a sua visão noturna bastante aguçada (MARQUES, 2019).

A categoria *bípede* foi mencionada em 25% das respostas: - “*Porque o lobo da história fica em pé e o da vida real anda em quatro patas*”.

Aristóteles, filósofo grego que viveu de 385 até 322 a.C., referia-se aos humanos como “bípedes sem asas” e ao ato de andar ereto como “o mais básico de todos os hábitos”, sobretudo para contrastá-lo com aspectos nobres da singularidade humana, como a moral e a virtude (VARISE, et al, 2009, p.247).

Sendo assim, o bipedalismo consiste em uma característica exclusiva da espécie humana e isso deve ficar claro para os alunos, uma vez que personagens como o lobo podem apresentar-se como bípedes e causar confusão nesse sentido.

Outro resultado evidenciado aqui, e que também foi encontrado no questionário foi a categoria *real/fictício* a qual evidenciou aqui que 12,50% dos participantes soube os diferenciar dessa maneira. A categoria lobo *bonzinho/mau* também foi encontrada com 12,50%; esses participantes acreditam que o lobo da vida real é bonzinho, já o lobo personagem é mau: “*Não porque na vida real tem uns lobos meio dóceis e também por causa da cor, é isso*”. A categoria *dieta* com 6,25 % foi encontrada quando os participantes afirmaram que o alimento ingerido pelo lobo real é diferente do alimento ingerido pelo lobo personagem.

Uma resposta que chamou a atenção pelo seu entendimento e que contém três das categorias encontradas (*características físicas que os diferenciam, real/fictício e dieta*) foi a seguinte : “*eu sei, primeiro por causa da cor que todo mundo já falou, segundo ele foi criado*

em desenho animado, e terceiro porque o lobo não é do mau ele é do bem, ele não morde, não corre atrás, só se provocar ele. O lobo é do bem na verdade ele não é do mau. Outra coisa prof, o lobo consegue fazer um monte de coisa e na história ele quer pegar porquinhos e na vida real ele nem come porcos, ele come tipo, carne podre, bichos, lagarto, cobra, quem come porco mesmo é o ser humano”. Essa resposta nos surpreendeu pela segurança e conhecimento com que o aluno a afirmou, além dele conseguir diferenciar o lobo real do fictício, também compreende que faz parte do instinto do lobo algumas atitudes que ele possa apresentar. Esse participante conseguiu perceber que nós seres humanos somos predadores, quando afirma que quem come porco somos nós e não o lobo.

Ao questionarmos os alunos durante o questionário apresentando as duas imagens fotográficas, sobre os sentimentos deles em relação a estes animais, observamos 13,63% (6 discentes) afirmaram gostarem apenas do representante lobo-guará, embora não sabiam que era um lobo; 9,09% (4 crianças) afirmaram gostarem apenas do representante lobo-guará, e sabiam que era um lobo; 4,54% (2 participante) afirmaram gostarem apenas do lobo personagem; 29,54% (13 participantes) dos dois e 43,18% (19 crianças) responderam não gostarem de nenhum.

Já discutimos a fama de vilão do lobo “mau”, e isso com certeza explica a sua baixa popularidade. Contudo, apesar de uma maior porcentagem afirmar gostar somente do lobo guará, ainda houve alunos afirmando gostar dele. Essa visão negativa do lobo, faz parte do imaginário infantil, pois as histórias ouvidas pelas crianças são as suas verdades. Sobre isso, Mateus (2014, p. 64) acrescenta:

A imaginação infantil é elevada, sublime, celestial e pura. A criança, diferentemente, se relaciona com as histórias como os adultos. A imaginação, nos contos de fadas, se torna para a criança uma realidade, ao passo que para os adultos é feita uma análise sobre a veracidade das histórias, sendo, portanto, uma barreira para o imaginário adulto.

Essa visão estereotipada do lobo, como já discutida no decorrer dessa dissertação, precisa ser trabalhada em sala de aula, ainda que não se trata nem da mesma espécie de lobo representado. Mas recai sobre a imagem de lobo que temos na fauna brasileira. E, uma das maneiras possíveis é por meio de uma alfabetização científica por meio de contos de fadas, pois muitos contos possuem ciência para ser explorada, além disso, vários contos, apresentam o lobo como personagem. Nesse sentido, é possível trazer para os contos, por meio de adaptações no texto dos mesmos, o lobo-guará como personagem, substituindo assim, o lobo que somente “apronta” e leva a fama de “vilão” da história. Sobre o lobo-guará, pode ser abordado a importância dos papéis desempenhados por ele na natureza, principalmente levando em conta,

o fato de ser um grande dispersor de sementes, o que garante a propagação de diferentes espécies vegetais, principalmente da lobeira (*Solanum lycocarpum*), a qual produz a fruta preferida do lobo-guará. Além disso, é possível abordar as demais características biológicas e comportamentais do lobo, de forma a aproximar as crianças da ciência, assim como dos animais. Quando abordadas essas informações as crianças, com certeza, vão olhar para o personagem lobo-guará com uma maior sensibilização, percebendo que nem todo lobo é mau. Nesse sentido, é possível trabalhar a educação ambiental no sentido de promover alfabetização científica. Marques e Xavier (2018, p. 02) corroboram afirmando:

O Ensino de Ciências tem uma importância fundamental na Educação científica voltada à Educação Ambiental (EA), referem-se não só a nossa expectativa de vida, mas afetam as futuras gerações. A partir desta reflexão tem-se que a Educação, além de propor uma articulação entre criticidade, emancipação, participação, ao exercício da cidadania, pode buscar a sensibilização e provocar mudanças, reflexões e novas atitudes individuais ou coletivas em relação ao meio ambiente.

Com isso, quanto antes a criança incorporar essas novas concepções e conceitos científicos a seus conhecimentos prévios, mais fácil será de romper possíveis concepções fragmentadas da ciência.

4.2.2 Resultados referentes ao questionário prévio e a roda de contação compartilhada de histórias sobre os personagens três porquinhos e o animal porco cateto

O questionário inicial também envolveu questões relacionadas aos personagens três porquinhos e o animal porco cateto, presente na fauna brasileira. Desta forma, os resultados e discussões abaixo estão relacionadas a eles.

Inicialmente também foram mostradas as imagens dos animais as crianças e observadas as expressões das mesmas. Estes resultados são apresentados na tabela 14.

Tabela 14. Resultados encontrados sobre a expressão observada ao mostrar as imagens do porco cateto e dos três porquinhos.

Expressão observada ao mostrar a imagem	Porco cateto		Três Porquinhos	
	Absoluto	Percentual	Absoluto	Percentual
Tipo de imagem				
Pavor/Pânico	0	0	0	0
Medo/Angústia	0	0	0	0
Nojo	0	0	0	0
Espanto	0	0	0	0
Alegria/Euforia	13	29,55	23	52,27
Surpresa	3	6,81	0	0
Indiferença	26	59,10	21	47,73

Outro. Pensativo	2	4,54	0	0
Total		100		100

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A tabela acima está representando a expressão observada nos participantes, quando demonstrada a imagem do porco cateto e a imagem dos três porquinhos. Sobre a imagem do porco cateto, a maioria 59,10% demonstrou indiferença ao olhar a imagem, ou seja, não reagiu a ela; 29,55% demonstrou alegria; 6,81% ficaram surpresos, ainda 4,54% pensativos.

Essa indiferença pode ser explicada pelo fato do porco ser um animal mais comum as crianças em seu cotidiano contudo, na literatura infantil o personagem porco também é bastante comum. Segundo Coutinho (2016, p.78): “A proximidade entre crianças e animais no âmbito da imaginação é bastante antiga, como não se desconhece. Na galeria de personagens que compõem a Literatura Infantil, aliás, um lugar todo especial é reservado ao animal, tal afinidade revelada entre os bichos e essa forma de criação”.

Além disso, por meio dos animais pode-se trabalhar a alfabetização científica, a qual ficará mais atraente ainda às crianças, devido a essa grande afinidade que possuem pelos animais. Vários aspectos podem ser explorados, dependendo do contexto da história e dos animais presentes nela.

Geralmente, o porco como personagem traz uma dose de humor consigo, podendo ser comilão, desastrado, gordinho, etc. Contudo, há de se tomar cuidado para não criar barreiras epistemológicas, pois em muitas histórias o porco aparece como um animal quadrupede, inclusive no conto dos Três Porquinhos, além de geralmente, ser regado com características que remetem ao porco ser um animal sujo, relaxado. De acordo com Antogla (2014, p.66): “A palavra “porco” não é um adjetivo adequado. Esse mamífero tem seus hábitos peculiares como qualquer outro animal, porém porco se tornou uma palavra negativa, sinônimo de sujo ou de pouco higiênico. ”

A última imagem demonstrada foi a imagem dos Três Porquinhos que de acordo com a tabela as reações apresentadas se dividiram em *alegria* com 52,27% e *indiferença* com 47,73%.

Se compararmos as porcentagens com o porco cateto é nítido que as crianças demonstraram mais apreço e alegria ao observar a imagem dos Três Porquinhos, afinal eles são “bonzinhos” e porque não gostariam deles?! Além disso, se compararmos com o personagem lobo, a popularidade dos três porquinhos também está em alta, o que nos comprova que há uma imagem estereotipada trazida nos contos desses personagens. Já a indiferença pode estar relacionada ao fato de ser algo já conhecido por eles, já que esse conto é bem popularizado

entre as crianças. A tabela 15 abaixo, apresenta os resultados encontrados para o reconhecimento do porco cateto e dos três porquinhos.

Tabela 15. Percentual dos resultados encontrados sobre terem ou não reconhecido as imagens do porco cateto e dos três porquinhos.

Reconhecimento do porco	Porco cateto		Reconhecimento do porco	Personagem Três Porquinhos	
	Absoluto	Percentual		Absoluto	Percentual
Sim, e diz que é um porco	14	31,82	Sim, e diz que é os três porquinhos	44	100
Sim, e diz que é cateto	9	20,46			
Sim, e diz que é javali	5	11,36			
Sim, e diz que é queixada	1	2,27			
Porquinho da índia	6	13,64			
Porco espinho	6	13,64			
Porco selvagem	2	4,54			
Não sabe que animal é	1	2,27			
Total	44	100	Total	44	100

Fonte: Elaborado pelas autoras.

De acordo com os dados a maioria 31,82% reconheceu ser um porco; e indicaram diferentes espécies selvagens. Apenas 2,27% não soube que animal era. Esses resultados nos mostram que somente um aluno não sabia que o animal da figura era um porco, ou seja, quase todos sabiam que se tratava de um porco, mesmo que nem todos afirmaram se tratar do porco cateto. Ao somarmos as porcentagens de participantes que reconheceram o porco cateto, o javali, o queixada e o porco selvagem, temos 38,63%, o que demonstra que as crianças reconhecem esses porcos, porém, os confundem pelas suas semelhanças.

Segundo Marques (2019, p. 07-08): “No Brasil, existem duas espécies chamadas popularmente de porcos do mato: o cateto (*Pecari tajacu*) e a queixada (*Tayassu pecari*). A aparência e comportamento são semelhantes, embora pertençam a outra família (Tayassuidae)”. Além disso, segundo está mesma autora, é possível diferenciá-los por meio de algumas características físicas e comportamentais:

O cateto possui um tipo de colar branco amarelado, pesa aproximadamente 20Kg, tem altura variando entre 40cm e 50cm. Pode atingir cerca de 1m de comprimento. Vive em bandos que variam de seis até 30 indivíduos. Quando esse bando se aproxima produzem um barulho com o bater dos dentes. A alimentação é feita no início da noite tendo um padrão de atividade crepuscular. O queixada é diferente do cateto no tamanho, coloração do pelo e comportamento. Pode pesar em torno de 35Kg. Tem pelagem das costas bem longa e possui bastante pelos brancos na mandíbula e focinho. Os grupos em que vivem variam, geralmente, entre 50 e 100 indivíduos (MARQUES, 2019, p.08).

Além disso, exercem marcação territorial e quando se sentem ameaçados, apresentam um comportamento mais agressivo, como bater forte o queixo. Já o javali, apresenta peso que varia de 30kg a 190kg para machos adultos e de 15kg a 110kg para as fêmeas. A coloração da pelagem varia de acordo com a faixa etária, enquanto adultos, apresentam pelos longos e de cor preta, além das presas. Já enquanto jovem, apresentam listras longitudinais marrom avermelhada com preto (MARQUES, 2019). Por meio dessas características é possível diferenciá-los, porém, não é tarefa fácil, uma vez que eles não costumam estar presentes em nosso dia-a-dia.

Os resultados revelam que 100% dos participantes conhecem os Três Porquinhos, de acordo com Bettelheim (2002, p.43):

Histórias como a dos Três Porquinhos são muito mais prestigiadas pelas crianças do que todos os contos “realistas”, particularmente se são apresentadas com sentimento do narrador. As crianças ficam fascinadas quando o bufar do lobo na porta dos porquinhos são representadas para elas. Os Três Porquinhos ensinam a criança pequenina, de forma mais saborosa e dramática, que não devemos ser preguiçosos e levar as coisas na flauta, porque se o fizermos poderemos parecer.

Essa é a principal moral da história, porém, ela também demonstra a importância da maturidade, demonstrando que o irmão mais velho soube construir a melhor casa. Pensando no ensino de ciências que é o nosso foco aqui, a história dos Três Porquinhos será reescrita, apresentando o porco cateto como personagem. Vamos explorar todo o seu nicho ecológico, suas características gerais, hábitos, importância na natureza, risco de extinção, etc.

O mesmo foi possível verificar nas rodas de conversa relacionadas a contação compartilhada da história dos Três Porquinhos. Aos serem questionados se existia apenas um tipo de porco, as crianças responderam que “não”, e complementaram justificando que existiam porco da índia, porco do mato, javali, porco de diferentes colorações (preto, branco, marrom, rosa, pintado); porco selvagem, diabo da Tasmânia, e porco espinho. Como se observa, os alunos citaram diferentes espécies, as quais também já haviam sido encontradas na tabela 14.

O porco da índia foi citado pelas crianças com 13,64%. O porquinho da índia costuma chamar a atenção do público infantil, principalmente por ser um animal dócil, fofo, cheio de energia e que adora receber carinho. Além disso, não demanda muito espaço, sendo uma ótima opção de animal de estimação (CANAL DO PET, [s.a]).

Os Porquinhos da Índia são mamíferos roedores naturais da América do Sul e os únicos da espécie *Cavia aperea tshudii* a serem domesticados. Os machos medem até 25 cm e podem chegar a pesar 1 Kg, já as fêmeas são um pouco menores, medindo em torno de 20 cm e pesando entre 600 e 900 gramas. Por isso não demandam muito

espaço, vivendo tranquilamente dentro de uma gaiola pequena (CANAL DO PET, [s.a]).

O *porco cateto*, foi citado pelas crianças com 20,46%. As crianças o identificaram como porco do mato, nomenclatura pela qual é conhecido popularmente. Esses resultados corroboram com os resultados encontrados na tabela 14, pois o porco cateto também foi reconhecido pelas crianças. Acreditamos que o porco se comparado ao lobo é um animal mais comum e presente na vida das crianças entrevistadas, inclusive se tratam de espécies recorrentes na região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

De acordo com Desbiez, et al (2012, p.76) o porco cateto está:

Amplamente distribuído e resistente a alterações antrópicas, com exceção de ambientes extremamente alterados, *Pecari tajacu* ainda pode ser encontrado nas áreas com cobertura vegetal em todos os biomas. Estas áreas consistem em cerca de 12% da área original da Mata Atlântica, aproximadamente 50% do Cerrado, 30% da Caatinga, 80% da Amazônia e do Pantanal.

Além de estar presente no território brasileiro, a espécie habita também o sul dos Estados Unidos da América até o norte da Argentina (MAUÉS, IANELLA, 2016). Contudo, a espécie corre risco de extinção devido as ações antrópicas como a caça, fragmentação, destruição de hábitat, aumento da densidade humana, grandes empreendimentos, incêndios, agricultura entre outros fatores. Entre os biomas citados acima, e de acordo com as categorias de ameaça a extinção da IUCN (2003) a Mata Atlântica encontra-se na categoria quase ameaçada (NT) e se nenhuma providencia for tomada, pode vir a evoluir para a categoria vulnerável (VU); já nos demais biomas o nível de ameaça encontra-se na categoria menos preocupante (LC) (DESBIEZ, et al, 2012, p. 75).

Os participantes também foram indagados no questionários sobre estes animais serem considerados “bons” ou “maus” e os resultados são apresentados na Tabela 16.

Tabela 16. Resultados encontrados sobre o porco cateto e os três porquinhos serem considerados “bons” ou “maus”

	Como eles são?	Porque	Absoluto	Percentual
Cateto	Bom	Características físicas que o tornam bom/Instinto animal/Afetivos/Boa aparência/Parecem bonzinhos	28	63,64
	Mau	Características físicas que o tornam mau / Predadores/Vivem no mato/Selvagens	9	20,46

	Às vezes bom, às vezes mau	Ficção/filme/ Pode correr atrás das pessoas	6	13,63
	Não sei	-	1	2,27
		Total	44	100
Três Porquinhos	Bom	Características físicas que o tornam bom		100
Total			44	100

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Quando questionados se o porco cateto é bom ou mau, uma grande porcentagem 63,64% de participantes afirmou ser bom. Considerando o porco bom, a categoria de maior destaque foi *características físicas que o tornam bom*: “*Ele é pequeno; às vezes avança e as vezes não; não assusta as pessoas; não é igual aos outros porcos, é pequeno, do bem; inofensivo*”. Devemos nos atentar que algumas dessas respostas podem estar relacionadas a outra espécie de porco, as quais foram citadas na tabela, contudo, o porco em geral, é visto como um animal bonzinho pelas crianças.

Outra categoria apresentada, quando consideraram o porco bom foi *afetividade/aparência*: “*É legal, bonito, fofinho; Ele ronca e é fofinho; Tem cara fofa; Tem cara de bonzinho*”. Durante a contação também foram encontradas respostas afetivas quando questionados se gostam de porco: “*eu gosto, porque acho bonitinho, fofinho, até tenho um de estimação em casa; eu gosto porque quando eles nascem são muito bonitinhos e quando crescem muito fofos; porque eu gosto de comer; eu gosto deles, por mais que são fedorento; eu gosto porque são fofinhos, eu pegava eles no colo*”.

Essas respostas demonstram o carinho que as crianças sentem pelo porco, e que apesar de muitas vezes ser tachado como sujo, relaxado, ou fedorento como um participante cita, ainda o consideram “fofinho”. Outra resposta que chamou a atenção foi o fato do entrevistado assumir que “*gosta do porco porque come a carne dele*”, pois essa com certeza é a realidade de todos ou quase todos os alunos, afinal, “somos” carnívoros.

Para finalizar as categorias em que o porco foi considerado bonzinho, um aluno justificou sua resposta afirmando: “*Se provoca ele é mau senão é bom*” a qual colocamos na categoria *instinto animal* e consideramos de extrema importância o entendimento das crianças sobre o instinto animal, uma vez que o mesmo faz parte da natureza dos animais.

O porco cateto foi considerado mau por 20,46% das crianças, sendo que para 5,26% o porco foi considerado predador, e, também com 5,26% selvagem. Prada (2008) explica que o instinto compreende os comportamentos que estão relacionados a autopreservação (alimentação, ataque, etc.) e perpetuação da espécie (funções sexuais), enquanto a inteligência

estaria relacionada a atos executados para resolução de problemas e dificuldades que o indivíduo encontra pela frente, quando por exemplo, ocorre a caça entre os animais (predador-presa):

Poderíamos dizer que um predador é levado pelo “instinto” a perseguir e caçar sua presa. Mas a maneira como contorna as circunstâncias do momento, indiscutivelmente, é um reflexo de atos de inteligência, pois não se teria como prever “instintivamente” coisas que apenas acontecem na ocasião do evento. (PRADA, 2008, p.29).

Com isso, é importante deixar claro as crianças os motivos pelos quais um animal se torna predador, e para isso, devem compreender o que é instinto, pois geralmente o animal se torna predador por necessidade de alimento, parceiro reprodutivo, entre outros.

Quando o porco foi considerado mau, a categoria *características físicas que o tornam mau* prevaleceu com respostas do tipo: “*Porque pode machucar as pessoas; Porque mata os cachorros; Porque enche de espinhos*”. Aqui novamente, houve respostas relacionadas a outras espécies de porco, como o porco espinho.

Os resultados revelam e confirmam ainda mais o conhecimento dos participantes pelos Três Porquinhos, pois 100% afirmaram que os Três Porquinhos são bons. A maioria justificou citando *características que o tornam bom*: “*Constroem casa; São diferente do porco carnívoro; Trabalham, constroem casas; Se protegem/não fazem mal; Constroem casas para se defender do lobo mau; Gostam de fazer coisas boas; São pequenos, fazem casas para morar e são educados; São felizes, legais, ajudam uns aos outros*”. Todas essas respostas estão relacionadas ao conto, ou seja, no conto eles aprenderam que os três porquinhos são bons, trabalhadores e não fazem maldade, inclusive alguns reconhecem que esses porquinhos só existem nos desenhos e histórias: “*Nos desenhos é bom; Na história são bons; Só estão no desenho*”.

Esses resultados nos demonstram o quanto uma simples história pode inferir valores e significados as crianças. De acordo com Piaget (2003), as crianças adquirem valores observando o mundo ao seu redor, os exemplos que lhes são dados e nessa fase, as histórias (principalmente os contos) são possibilidades reais de desenvolvimento e aprendizagem.

Essa imagem positiva do porco também foi evidenciada quando questionados se o porco é importante para a natureza na roda de contação dos Três Porquinhos. Os resultados abaixo demonstram que todos os participantes afirmaram que os porcos são importantes na natureza.

Em função desta afetividade pelos porquinhos, na roda de conversa perguntamos às crianças se elas achavam os porcos importantes na natureza e porque. Observamos que 100%

das crianças afirmaram que são importantes, mas 46,67% os associaram aos fato de serem importantes para a alimentação humanas. Somente 33,33% comentaram sobre serem importantes para os outros animais e 20% para a vida selvagem. Ouvimos respostas como: “São importantes porque eles podem procriar, e a gente pode conseguir carne e recursos deles, e também couro”; “Sim, dá bacon e carne para a gente”. “Sim, a gente precisa da carne para sobreviver”. Estas respostas se tornam bem relevantes, no momento que evidenciamos que este mesmo grupo de crianças sinaliza de forma sempre negativa o aspecto de predação, não tendo a real compreensão da importância da mesma, o que deve ser melhor trabalhado em sala de aula, como um processo natural na natureza.

Essas respostas demonstram que as crianças precisam ampliar suas visões para além da importância alimentícia, afinal, todos os animais são importantes ecologicamente tanto para nós seres humanos, quanto para a natureza. O porco cateto possui importante função ecológica no equilíbrio e na composição de cadeias alimentares, contribuindo substancialmente para a manutenção de seus predadores. Atuam como dispersores de sementes de algumas espécies vegetais por meio das fezes, contribuindo assim, para a dispersão e manutenção dessas espécies (FONTANA et al., 2003).

A importância ecológica dos animais, muito mais do que a econômica e alimentícia deve ser ressaltada em sala de aula, uma vez que a alimentícia já faz parte do dia-a-dia da maioria das crianças, contudo, a ecológica nem tanto, cabendo a nós educadores ampliarmos essas visões fragmentadas para além da importância econômica.

Quanto a categoria *benefícios a natureza e animais* 33,33%, os participantes apresentaram respostas como: “sim, porque ele faz adubo, come o resto de comida”; “eles são importantes na natureza porque a protegem dos animais agressivos”; “é importante porque nasceu lá, cuida da natureza, dos animais”. Essas respostas nos dizem muito sobre a importância do porco na natureza.

A categoria *selvagem* foi novamente evidenciada com 20%, porém aqui, como sendo uma característica benéfica: “sim, porque ele nasceu na natureza, é selvagem”; apesar de simples a resposta dessa criança, ela pode nos dizer muito, pois o simples fato do porco viver na natureza, ser selvagem e desenvolver todo seu nicho ecológico na mesma, já o faz o torna importante ecologicamente.

Percebam que as concepções referentes ao porco se diferenciam das referentes ao lobo principalmente pelo fato do porco não ser reconhecido como “predador” pelos participantes. Inclusive, o porco é visto por muitas crianças como nossa presa, ou seja, alguns participantes

reconhecem que ele conciste em um alimento para seres humanos, contudo, isso não nos torna vilões como o lobo, e sobre isso devemos refletir.

Os porcos em geral, possuem uma dieta onívora, assim como o lobo-guará, e para analisar o que as crianças conhecem sobre a alimentação dos porcos, as questionamos na roda de contação. Referente à alimentação do porco as crianças citaram diferentes itens alimentícios, sendo que a maioria dos alimentos citados possuem origem vegetal. O item mais citado foi *restos de comida* 26,60%, seguido de *ração/quirela* 22,79%. Legumes, frutas, grãos e pasto também foram citados pelos participantes. Já os alimentos de origem animal (carne e leite), foram citados por apenas duas crianças. Os alunos acabaram associando mais aos porcos domésticos.

Os participantes reconhecem que a alimentação dos porcos é rica em alimentos de origem vegetal. Inclusive o porco cateto (*Pecari tajacu*) é onívoro e consome principalmente itens de origem vegetal e complementa sua dieta com pequenos invertebrados (BODMER E SOWLS, 1996).

As crianças apresentaram respostas do tipo: “*milho, cenoura abacaxi e outras coisas; farelo, quirela e leite; Pasto, fruta, lavagem e ração; lavagem, repolho cenoura; casca de melancia, melão, legumes, alface estragada, ração, carne; mandioca, restos de comida, ração*”. As respostas demonstram que os alunos percebem que os porcos possuem muitos vegetais em sua dieta, e isso acontece com o porco cateto, que é considerado onívoro, porém, além de se alimentar de vegetais, também se alimenta de pequenos vertebrados.

A Tabela 17 apresenta os resultados do questionário a respeito dos diferentes hábitos possíveis aos porcos, tanto personagens quanto da fauna brasileira, no caso o cateto.

Tabela 17. Resultados encontrados sobre o hábitat do porco cateto e dos três porquinhos.

Hábitat do porco cateto	Absoluto	Percentual	Hábitat dos três porquinhos	Absoluto	Percentual
Na mata/floresta	30	68,20	Nas casinhas nas florestas	23	52,28
No meio rural	3	6,83	No meio rural	7	15,90
Toca	2	4,54	Mata/floresta	14	31,82
Gramma	2	4,54			
Não sei	2	4,54			
Zoológico	1	2,27			
Ilha	1	2,27			
Campo	1	2,27			
Savana	1	2,27			
Índia	1	2,27			
Total	44	100			

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Quando questionados aonde o porco cateto mora, a maioria 68,20% afirmou ser na mata/floresta. Já na roda de contação, apresentaram as seguintes respostas: *“ele pode se mudar a qualquer momento, não tem moradia fixa, podem cavar um buraco e ficar lá na floresta, na cidade ou no interior; na floresta, interior, chiqueiro; na floresta, no chiqueiro e as vezes até perto de um lago porque ele tem que beber”*. É perceptível que nessas e nas demais respostas a floresta e/ou mata está sempre presente.

Por ser um porco selvagem, o hábitat do porco cateto consiste em matas, contudo, os catetos habitam uma grande diversidade de hábitats, entre eles florestas tropicais úmidas a regiões semiáridas, conseguindo sobreviver em áreas devastadas (SOWLS, 1997).

Pensando aqui no ensino de ciências por meio da literatura infantil, o personagem porco pode ser trabalhado tanto em seu hábitat natural, quanto em cativeiro, demonstrando aos alunos a realidade das fazendas e dos criadores, por exemplo, a importância da carne na indústria alimentícia, entre outros aspectos.

Quando questionados aonde os Três Porquinhos moravam, um pouco mais da metade dos participantes 52,28% afirmou ser nas casinhas nas florestas, conforme o conto nos mostra. Na categoria mata/floresta houve 31, 82% de respostas, e ainda 15,90% afirmou ser no meio rural. Esses resultados demonstram que houve confusão entre fictício e realidade, assim, como aconteceu com o lobo, pois enquanto, a maioria acredita que os três porquinhos moram nas casinhas da floresta (fictício), outros imaginam esses personagens na mata ou então no meio rural. Zambon (2009, p.65) corrobora afirmando:

É importante ressaltar que, para entender a fantasia presente na literatura infantil, torna-se imprescindível considerar o fato de que uma criança é dotada de razão e emoção, com uma mente plena de desejos, dúvidas, medos, angústias e devaneios, e que ela é um sujeito que se constrói e está em constante transformação afetiva e emocional, circulando entre o mundo da leitura e a leitura do mundo.

Com isso, por uma fase, será normal a criança apresentar essa confusão, contudo, com o passar do tempo e com o acréscimo de novas informações e conhecimentos, a criança tende a perceber e diferenciar o mundo real do mundo de fantasias, isso, de fato, já aconteceu com nós mesmos, quando por exemplo, deixamos de acreditar que Papai Noel existe, que o saci-pererê, a bruxa Cuca e o Visconde de Sabugosa são somente personagens do Sítio do Picapau Amarelo, ou então, quando percebemos que o lobo mau é somente um personagem. Isso acontece com muitos outros personagens, que deixam de ser reais e passam a ser somente fictícios.

Nas rodas de conversas ao serem questionados se sabiam da existência de porcos na mata, os participantes afirmaram que sim, e afirmaram que se tratavam de animais *selvagens* (52,64%): “*O javali e o porco do mato não gostam de ficar no chiqueiro porque podem brigar com os outros, são mais carnívoros*”; “*Os porcos da mata não gostam de pessoas*”; “*Existe porco na mata, só que são selvagens*”; “*Existe na mata porque eles são muito cruéis*”.

Quando o participante afirma cruéis, acreditamos que ele está se referindo ao fato do porco da mata ser selvagem, porém há de se rever o conceito de selvagem, uma vez que um animal selvagem é aquele que vive em seu hábitat natural e encontra-se distante de qualquer contato humano, e por isso, quando em contato pode apresentar comportamento agressivo, como forma de defesa.

A destruição de hábitats e a extinção de várias espécies animais, geradas principalmente pela ação humana vem sendo um dos maiores problemas que afetam a permanência dos animais selvagens na natureza. Com isso, trabalhos que visam a preservação animal e vegetal são necessários, cada vez mais, sendo uma das alternativas a manutenção de espécies em cativeiro, contudo, quando em cativeiro há de se ter um cuidado muito especial com a qualidade de vida desses animais, pois um longo período em cativeiro pode acabar trazendo alguns malefícios a saúde animal, como o estresse por exemplo (ORSINI, BONDAN, 2006).

Ainda, 31,82% afirmaram que a mata é o local de origem dos porcos, afirmando: “*Sim, porco da mata nascem na mata, como os javalis*”; “*Sim, porque eles nasceram na mata*”; “*Sim, porque eles querem viver na mata*”. Esses resultados encontrados na categoria local de origem como a mata/floresta, vão de encontro aos resultados encontrados na tabela 16, na qual a categoria mata/floresta foi a mais evidenciada quando questionados aonde o porco cateto mora, nos demonstrando que os participantes reconhecem que os porcos, principalmente os selvagens possuem como hábitat a mata. O hábitat natural dos animais deve ser trabalhado em sala de aula, ressaltando que o mesmo interfere diretamente na qualidade de vida e bem estar animal, sendo assim a conservação e preservação de hábitats um fator crucial para a vida dos animais.

Os demais, citaram que estes animais estão ali pelo criacionismo. Goldschmidt, et al (2011) desenvolveram uma pesquisa com anos iniciais e por meio desta sinalizaram a importância em desenvolver já desde os anos iniciais, as ideias de que houve e ainda há mudança no desenvolvimento dos organismos vivos, e de que, à medida que os organismos se adaptam ou não ao ambiente (que também sofre mudanças), espécies podem surgir ou extinguir-se. Os autores ainda apontam neste trabalho que mesmo que nos anos iniciais do ensino fundamental a Ciência deva ser tratada de forma interdisciplinar e integrada, se fazendo

necessário que os conceitos e teorias centrais das Ciências sejam abordados desde estes primeiros anos, sendo a teoria da Evolução uma delas, e seus estudos revelaram que as crianças mostraram a capacidade para discutirem o tema evolução já nesta faixa etária.

Os participantes ainda foram questionados sobre a possibilidade em entrarem na mata com a presença do porco cateto e dos três porquinhos e suas respostas são evidenciadas na Tabela 18.

Tabela 18. Resultados encontrados sobre entrar na floresta com o porco cateto e com os três porquinhos.

Você entraria na floresta com o porco cateto lá?	Razões	Absoluto	Percentual
Sim	Porque ele é bonzinho/Porque é do instinto animal/Porque ele é fofinho,afetivo	27	61,37
Não	Porque ele é mau/Porque ele tem características físicas que o tornam mau/Porque ele é perigoso	15	34,09
Não sei	-	2	4,54
	Total	44	100
Você entraria na floresta com os três porquinhos lá?	Razões	Absoluto	Percentual
Sim	Porque eles são bonzinho/Porque eles não são reais/Porque eles são fofinhos,afetivos	40	90,90
Não	Porque eles são perigosos/ São estranhos	4	9,10
	Total	44	100

Fonte: Elaborado pelas autoras

Os resultados revelam que houve uma divisão nos resultados, mas que o número de participantes que entrariam na floresta com o *porco cateto*, 61,37% superou os que não entrariam 34,09%, ainda 4,54% não souberam responder. A maioria afirmou entrar porque consideram o porco bonzinho: “*Porque é legal; É do bem; Só não fazer cara de mal que ele não faz nada; É do bem, não come pessoas, só ataca se tiver comendo carne; Ele ia me defender dos outros animais*”. Essas respostas demonstram que o porco é um animal quase que inofensivo as crianças. Na literatura infantil, geralmente o porco aparece como um animal bonzinho e por vezes, atrapalhado e guloso, o que pode contribuir também para essa visão positiva das crianças.

Dando continuidade às categorias referentes a quem entraria na floresta, encontramos três respostas que foram colocadas na categoria *afetividade/aparência*; já a resposta: “*Para tirar uma foto e mandar no jornal dizendo que estão vivos;*” foi colocada na categoria *divulgação do porco cateto*. Essa resposta é interessante pelo fato de que as crianças precisam reconhecer a importância de divulgarmos as informações científicas, pois se hoje temos acesso

a essas informações da ciência, é porque algum estou e compartilhou seus conhecimentos com a sociedade. Ainda, um aluno apresentou a seguinte resposta: “*Só não mexer com ele que ele não faz nada*”, a qual está na categoria *instinto animal* e demonstra o conhecimento da criança a respeito da defesa natural do porco.

Quando os entrevistados afirmaram não entrar na floresta com o porco justificaram suas respostas demonstrando que o porco poderia apresentar algum *perigo*: “*Porque tenho medo; Ele enche de espinhos; Tenho medo dos bichos; Vai correr atrás de mim e soltar espinhos; Pode atacar e morder*”. Aqui, vale ressaltar que algumas crianças confundiram o porco cateto com o porco espinho, quando afirmaram que o mesmo soltaria espinhos. Todo animal selvagem na verdade, pode apresentar algum risco, quando você invade o hábitat natural deles, está mexendo com a territorialidade deles (eles são territorialistas assim como nós) e podem atacar para se defender, com isso, há de se tomar um certo cuidado, não sendo aconselhável uma criança entrar sozinha na mata sem a companhia de um adulto, por exemplo. Ainda, algumas crianças não entrariam porque acreditam que o porco é malvado; outras não entrariam por conta dele ser grande e pesado.

Quando questionados se entrariam na floresta com os três porquinhos, a maioria 90,90% respondeu que sim, afirmando que os mesmos eram *bonzinhos*: “*São do bem e constroem casas; trabalham e são legais; Sabem se proteger e nos protegem também; Para eles me ensinar a construir casas*”. Essas respostas demonstram que os Três Porquinhos são animais do bem para as crianças, afinal no conto é essa imagem que eles transmitem. 26,31 % afirmaram que entrariam e justificaram com respostas *afetivas*: “*É educado, bom, fofinho e não faz mal; São suaves, bons; São bonzinhos; Tem cara de ser do bem*”.

Outros, ainda reconhecem o *fictício* e afirmam: “*São bons, mas não existem; São do desenho; Porque nunca vi história que fala que eles são maus*”. Esse dado, é relevante pois essas crianças reconhecem que os três porquinhos são apenas fictícios (personagens de histórias, desenhos, filmes), e por conta disso, não existe a possibilidade de entrar com os mesmos na floresta, pois são apenas personagens.

Já comentamos sobre a importância do fictício na imaginação da criança, contudo, após uma fase, é necessário um entendimento e diferenciação do real e do fictício, afim de evitar concepções errôneas e barreiras de aprendizagem. Por fim, quando afirmaram não entrar na floresta, justificaram com respostas que foram interpretadas como medo dos porquinhos., contudo, esse medo tende a desaparecer quando essa criança compreender que os porquinhos são apenas personagens.

Ao serem questionados sobre estes mesmos animais serem encontrados na cidades, observamos os seguintes resultados.

Tabela 19. Resultados encontrados sobre ter porco cateto e os três porquinhos na cidade.

Existe porco cateto na cidade?	Razões	Absoluto	Percentual
Sim	Só se tiver mato perto/No zoológico/ Poucos/ Como alimento	6	13,63
Não	Não é o habitat dele/ Tem empecilhos para ele viver/ São selvagem/ Estão em extinção/So se trazer da Índia	38	86,37
Total		44	100
Existem os três porquinhos na cidade?	Razões	Absoluto	Percentual
Sim	Para fins alimentícios/Não são reais/Porque são bonzinhos	6	13,63
Não	Porque não é o habita dels/ Porque não são reais/Porque há empecilhos para viverem na cidade	38	86,37
Total		44	100

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Com base nos resultados, um maior número de entrevistados afirmou não ter porcos na cidade. Dando início as respostas que afirmaram não ter porco na cidade, a categoria *hábitat* foi a mais citada, apresentando as seguintes respostas: *“É do mato e na cidade não tem mato; Só vivem nas matas; não, porque os porcos nascem na floresta, na cidade tem mas eles são da floresta e vieram pra cidade; existe alguns porque eles vão sem querer”*. Sabendo da importância dos porcos na natureza, os questionamos com essa pergunta durante a roda de contação, sendo que uma resposta foi: *“eles são importantes na natureza porque a protegem dos animais agressivos”*.

É muito bom saber que essas crianças entendem que a mata é o hábitat natural para o porco, porém, sabemos que não é somente nela que ele se encontra. De acordo com Maués, Ianella (2016, p. 5-6):

O manejo produtivo dessa espécie ainda não está totalmente estabelecido, mas a Embrapa Amazônia Oriental investe na conservação desse recurso genético, o que levou à criação do núcleo de Caititu mantido em granja apropriada ao cativeiro e devidamente documentado nos organismos que controlam a fauna brasileira. Esse núcleo genético necessita ser mantido e enriquecido para que possa dar origem a rebanhos comerciais no futuro. Os animais são criados em baias experimentais que medem 21m² e 30 m². Cada instalação contém um bebedouro e um comedouro permitindo o livre acesso à alimentação.

Portanto, a criação em cativeiro possui um manejo controlado da espécie, com objetivos comerciais, econômicos e reprodutivos já definidos.

Ainda, sobre as respostas referentes a não ter porcos na cidade, 5,26% reconhece que o porco cateto é alvo de extinção. Esse tema, é de extrema relevância, uma vez que, sabemos da importância ecológica dos porcos na natureza, e as consequências de sua extinção devem ser frisadas em sala de aula, no intuito de sensibilizar e conscientizar os alunos a respeito, pois sabemos que grande parte das extinções é influenciada pela ação antrópica, e isso, as crianças já devem compreender.

De acordo com Rezende, Figueiredo Grelle (2011) estudos que compõem a distribuição histórica da espécie auxiliam no momento de determinar possíveis extinções locais e, conseqüentemente, regionais de espécies, levando em conta que diferentes regiões estão suscetíveis a diferentes intensidades e tipos de impactos, o que pode influenciar a maneira como as espécies responderão a eles espacialmente.

Quando os participantes afirmaram ter porco na cidade, criamos a categoria *comercial*, contudo, esse participante respondeu como se fosse o porquinho da Índia: “*Porque é porquinho da Índia, tem no shopping*”. Já na categoria *alimento* o participante afirmou ter na cidade para a criação e posteriormente, aproveitamento da carne. A categoria *alimento* também foi encontrada na roda de contação, quando questionados sobre a importância dos porcos na natureza, contudo, as respostas afirmam a importância para nós seres humanos e não para a natureza: “*são importantes para reproduzir e ter mais e quando tiver grande para carnear; só são importantes para comer mesmo; eles são bonitos e quando crescem dá para comer tudo eles inteiro, só não dá pra matar os pequenos que são muito fofinhos*”. Após essas respostas eu sempre devolvia outra pergunta a eles, no intuito de fazer os mesmos refletir para além de sua importância para o consumo, esse aspecto terá de ser frisado durante a aula sobre o porco, afim de que eles percebam que o porco proporciona muitos benefícios a natureza que vão muito além do seu consumo. O porco cateto por exemplo, é um grande dispersor de sementes, o que ajuda muito na proliferação das espécies vegetais. Além de dispersor, os catetos e os queixadas que muitas vezes são confundidos pelas suas semelhanças, podem ser considerados indicadores da qualidade ambiental. Entretanto, enquanto a presença de queixadas indica habitats bem conservados, os catetos são tolerantes a ambientes alterados e a sua ausência indica um alto grau de perturbação do hábitat, uma vez que em ambientes pouco alterados os catetos conseguem se manter (MAZZOLI, 2006).

Dando continuidade aos resultados, um participante se deteve no meio de transporte que se encontra na cidade, com porcos, além dos derivados da carne respondendo: “*Nos caminhões,*

no torresmo”. Esse aspecto é relevante se pensarmos na comercialização da carne, pois sem os caminhos para transportar dificultaria a sua comercialização, principalmente das espécies próprias para consumo. Além disso, por meio da carne suína são feitos diversos embutidos como bacon, torresmo, salame, calabresa, salsicha, entre outros.

Analisando os resultados, algumas categorias se repetiram, se comparada a mesma pergunta feita sobre o porco cateto, e por conta disso, vamos dar ênfase a discussão do que ainda não discutimos. A maioria dos participantes 86,37% afirmou que os três porquinhos não se encontram na cidade, reconhecendo que o hábitat natural deles é a mata, inclusive a categoria *hábitat do porco* foi a mais referenciada pelos participantes pelas três escolas, ou seja, eles reconhecem que é na mata o lugar aonde devem estar. Contudo, os porcos representados no conto dos Três Porquinhos representam porcos domésticos, o qual consistem na maior parte de carne suína consumida.

As antigas raças de suínos seriam substituídas pelo porco branco, em cuja produção é priorizada a carne. O porco comum, tipo banha, era criado solto, na mangueira, sendo tratado com mandioca, milho (também em espiga) e lavagem, feita à base de batata-doce, abóbora e restos de comida. Esse sistema de criação modificar-se-ia com as novas raças, que passariam a ser criadas em confinamento e à base de rações compradas. Antes, contam os agricultores entrevistados, o porco era preso para engordar depois do sexto mês, necessitando de mais seis meses para estar pronto para o abate. Hoje, no sistema de integração, é comercializado a partir de cinco meses de idade (MENASCHE, 2007, p.87).

Na agricultura familiar os porcos atuam como importante fonte de renda e alimento, além disso, os mesmos são criados para exportação também, abastecendo a indústria alimentícia com a carne e todos os embutidos e derivados dela.

Quando questionados durante as rodas de conversas posteriores à contação da história dos Três porquinhos, se tem ou não porcos na cidade, os alunos afirmaram que sim e obtivemos respostas como: *“sim, existe umas espécies que são feitas para a cidade, nos interiores nas chácaras; sim, o porquinho da índia, normal; sim, existe no chiqueiro”*. Novamente aqui o porco “normal” a que se referem é o porco doméstico. Ainda como respostas da presença deles na cidade, ouvimos: *“existe alguns porque eles vão sem querer”*; *“eles seguem a mata e vão para a cidade”*; *“às vezes eles fogem de casa e podem vim sem querer”*; Essas afirmações e a última resposta citada em específico demonstram que os participantes reconhecem ser a mata o hábitat natural dos porcos, principalmente quando o participante afirma *“fogem de casa”*, ou seja, fogem da mata e vão para a cidade.

Entendemos que existem diversas espécies de porcos, e dentre elas temos os porcos domesticados e os selvagens. Contudo, é de fundamental importância que já nos anos iniciais

as crianças tenham consciência do quão importante é para o animal viver em seu hábitat natural para desempenhar todas as suas funções na natureza.

A natureza é um ambiente dinâmico para os animais que ocupam a maior parte de seu tempo em busca de alimentos, evitando os seus predadores, procurando e disputando parceiros para acasalar. Já no cativeiro, os animais têm os seus alimentos fornecidos e são protegidos contra interações competitivas, porém em cativeiro o bem-estar do animal pode ficar comprometido, frente a previsibilidade (MILITÃO, 2008).

Contudo, há muitas técnicas que podem ser utilizadas para os animais em cativeiro, sendo uma delas o enriquecimento ambiental, a qual tem como objetivo fornecer estímulos no ambiente do animal, além de simular situações que ocorrem na natureza, com o intuito de evitar estresse e comportamentos anormais desempenhados pelo animal (BOSSO, 2009).

Ainda com 15% foi citado o *porquinho da Índia*, o qual consiste em um animal de estimação, e pode ser criado em qualquer local devido ao seu pequeno porte. Por fim, os participantes que afirmaram que existem porcos na cidade, afirmaram que pode ter em *granjas e chiqueiros* com 10% e outros 15% afirmaram ter *porcos de estimação na cidade*.

Quando afirmaram não ter porcos na cidade a categoria *sítio/interior* se destacou com 35%: “*não tem, são acostumados com o ar livre, a grama e a lama*”. Outros 5 % afirmaram não ter na cidade por conta de seu hábitat ser a *mata/floresta*: “*não, porque eles querem ficar no mato para sobreviver*”; “*não, porque eles vivem na mata*”; mais uma vez esse reconhecido do hábitat mata foi feito por alguns participantes. Outros 10% afirmaram não ter porcos na cidade por conta da sujeira.

Tabela 20. Resultados encontrados sobre os comportamentos possíveis se vissem o porco cateto e os três porquinhos.

O que você faria se visse um desses animais?	Porco cateto		Três Porquinhos	
	Absoluto	Percentual	Absoluto	Percentual
Fugiria	12	27,27	5	11,36
Ficaria observando	3	6,82	3	6,82
Chegaria perto	1	2,27	2	4,54
Mataria	0	0	1	2,27
Espantaria	3	6,81	0	0
Brincaria	2	4,54	6	13,63
Jogaria algo	0	0	1	2,27
Não daria bola	3	6,81	6	13,63
Outro. Qual?	20	45,48	20	45,48
		Levaria no veterinário/ Colocaria no sítio ou		

		fazenda/Colocaria na jaula? Ajudaria ele/Levaria para a mata/ Ficaria com ele/ Chamaria o controle de animias/ Me acalmaria para não correr, nem me mexer bruscamente/ Faria cara de bonzinho/Tentaria po passaria a mão/Pegaria no colo/ Tiraria uma foto		Ajudaria a construir as casas/ Pediria autógrafo/ Cumprimentaria/ Tirara uma foto/ Ia ficar amigo/Cuidaria/ Colocaria na fazenda ou sitio/Ia proteger do lobo mau
Total	44	100	44	100

Fonte: Elaborado pelas autoras.

De acordo com os resultados, 27,27% afirmou que fugiria do porco cateto se o visse. Contudo, na categoria *outro* os participantes citaram diferentes ideias do que fariam, e a maioria delas estava relacionada a cuidar do porco: “colocar ele no sítio; fazer carinho; levar pra mata e pra casa”. Essas respostas demonstram que os participantes procuram ser afetivos com os animais.

Para a criança, o animal é um brinquedo vivo. E o brinquedo, como demonstram os especialistas, é um duplo da criança e dependente dela. E o animal, menos maleável, é o mais fascinante dos brinquedos, porque vivo, autônomo, cheio de reações inesperadas. Essa autonomia de movimentos do animal cria expectativas de situações imprevistas, as quais, aliadas ao poder que a criança exerce sobre ele, dá um atrativo a mais à posse de um bicho, sobretudo aqueles que, como o cachorro, o macaco ou o cavalo, ou mesmo o gato, têm respostas afetivas acentuadas à aproximação do homem (FARIA, 1999, p.34-35).

Esse contato direto com os animais com certeza aumenta a afetividade das crianças por eles. Contudo, esse contato pode ser de forma indireta também, por meio de uma história, o que pode contribuir para uma maior ou menor afetividade pelos animais, dependendo do contexto em que ele é colocado. Como já falamos, muitas barreiras conceituais podem ser criadas por meio de uma história, então sempre que possível é interessante que o professor faça uma releitura das histórias, clarificando e discutindo aspectos que possam vir a se tornar visões fragmentadas.

Os resultados demonstram que 13,63% dos entrevistados afirmou que se visse os porquinhos ia querer brincar com os mesmos, o que nos confirma as respostas apresentadas acima, nas quais afirmaram que os porquinhos eram legais, bons, etc. Em porcentagem igualada, 13,63%, afirmou que não daria bola se visse os porquinhos, pela reação e semblante dos entrevistados no momento da resposta, acredito que esse não dar bola pode estar associado

ao fato dos porquinhos não apresentaram perigo nenhum, então eles não precisam se preocupar, nem dar bola.

Na categoria *outros* é perceptível o carinho pelos porquinhos, surgiram respostas inesperadas como: “*cumprimentaria eles; tirava uma foto; faria carinho; ia ser amigo; cuidaria*”. Respostas que remetem aos porquinhos como sendo um animal de estimação, o qual eles dariam muito carinho.

Ao se deixar cativar pelas ilustrações, pela “biografia” poética dos animais, e animais vários, não apenas os domésticos mais habituais como cachorro e gato, ou bichos de forte efeito encantatório como ursinhos e coelhinhos, a criança pode vir a criar uma memória afetiva positiva no que tange aos animais, levando-se em consideração a pregnância dos eventos da infância pelos anos afora (COUTINHO, 2016, p.83).

Com base na citação, seja por meio de histórias, ou por meio do contato e experiência direta com os animais, as crianças criam concepções e sentimentos afetivos ou não afetivos sobre os mesmos, e estas podem permanecer para sempre em suas vidas.

Ao término das rodas de contação das histórias, os alunos foram indagados se conheciam alguma história com o lobo-guará, apenas um aluno afirmou que conhecia, os demais afirmaram nunca terem ouvido falar. Há uma versão já criada da Chapeuzinho Vermelho, e nesta o lobo-guará se faz presente, a história é intitulada de: “*Chapeuzinho Vermelho e o Lobo-Guará*”. A qual de acordo com Felipe (2007, p.71):

Na história *Chapeuzinho Vermelho e o Lobo-Guará*, de Ângelo Machado (1993), o personagem lobo é vegetariano e adora comer frutas. Ao visitar a vovó, Chapeuzinho Vermelho desvia-se das flores e vai apreciar animais e plantas do cerrado. Encontra o Lobo-Guará que, a pedido de Anhangá (o espírito do mal), deve substituir o lobo mau.

Da mesma forma, trazemos nesta dissertação uma nova possibilidade, reescrevemos o conto da Chapeuzinho Vermelho, trazendo o Lobo-Guará como personagem. Porém, nessa, vamos abordar aspectos relacionados a sua extinção. Chapeuzinho é uma menina amante da natureza e dos animais, e procurará uma solução em conjunto com a sua professora de ciências para as problemáticas de ameaça aos lobos, abordando a caça e a fragmentação de hábitat na versão.

Quando questionados se conhecem alguma história sobre o lobo “mau”, os contos mais citados foram justamente os dois clássicos da literatura infantil: *Os Três Porquinhos* e *Chapeuzinho Vermelho*. Um aluno citou a fábula *O lobo e a ovelha* e outra aluna citou uma versão contemporânea da Chapeuzinho Vermelho: *Chapeuzinho verde*. Por meio do conto da Chapeuzinho Verde pode ser trabalhada a ciência, pois nesse conto a Chapeuzinho é uma

menina muito preocupada com a natureza, e quando lenhadores tentam desmatá-la todos os animais e árvores ganham voz e tentam salvá-la junto com Chapeuzinho.

Sobre o porco cateto a maioria afirmou não conhecer histórias com o mesmo, enquanto, dois alunos afirmaram já ter visto em filmes, jogos e vídeos, mas em histórias não foi reconhecido.

Já sobre os Três Porquinhos, somente um aluno afirmou não conhecer, enquanto todos os demais afirmaram já conhecerem o conto.

4.2.3 Resultados referentes aos indicadores da alfabetização científica encontrados na roda de conversa

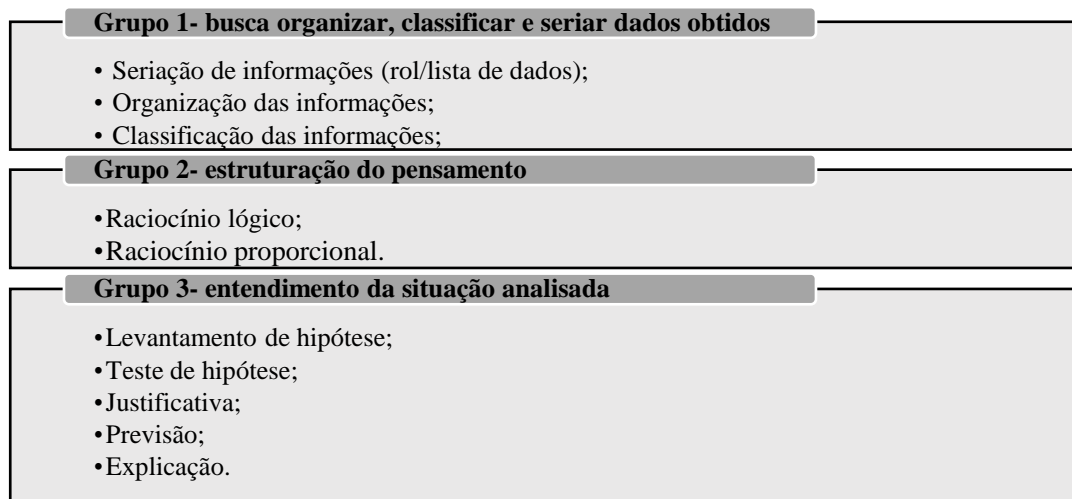
Tendo em vista que consideramos importante a inserção do ensino de ciências já nos anos iniciais do ensino fundamental, uma alternativa é trabalhar a ciência por meio dos animais presentes na literatura infantil. Pensando nisso, realizamos a contação compartilhada das histórias da Chapeuzinho Vermelho e dos Três Porquinhos, e, em seguida, uma roda de conversa com questionamentos referentes aos personagens animais presentes nesses contos, o lobo e o porco. As respostas apresentadas pelas crianças a esses questionamentos serão novo alvo de discussões neste tópico.

Para discuti-las, buscamos na literatura, por autores que nos auxiliassem a interpretar essas respostas, e logo, percebemos que algumas dessas respostas, mesmo que poucas, poderiam ser discutidas com base nos indicadores da alfabetização científica, propostos pelas autoras Lúcia Helena Sasseron e Anna Maria Pessoa de Carvalho. Esta seria uma forma de já observar nas concepções prévias dos alunos se os indicadores estão presentes, para que a partir da proposição de estratégias de ensino, pudessem ser ampliadas, e mais do que isso, pudessem ser partidas destas.

Essas autoras, assim como nós, acreditamos ser de extrema relevância que as crianças travem contato e conhecimento de habilidades legitimamente associadas ao trabalho do cientista já nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Essas habilidades devem cooperar em nossas observações e análise de episódios em sala de aula para elucidar o modo como um aluno reage e age quando se depara com algum problema durante as discussões. A partir disso, surgem os indicadores da alfabetização científica, que tem como função reconhecer se essas habilidades estão sendo desenvolvidas nos alunos em sala de aula (SASSERON e CARVALHO, 2008).

As autoras classificam os indicadores em três diferentes grupos, cada qual com suas respectivas subdivisões conforme o quadro abaixo:

Fluxograma 4- Representação dos três grupos de indicadores da alfabetização científica propostos por Sasseron e Carvalho (2008).



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Esses três grupos de indicadores da alfabetização científica, com suas respectivas subdivisões, tem como função orientar o professor no sentido de reconhecer quais habilidades científicas ele está desenvolvendo por meio da sua prática docente. As autoras afirmam que estes indicadores consistem em competências próprias da ciência e do fazer científico, competências comuns desenvolvidas e utilizadas para a resolução, discussão e divulgação de problemas. Elas afirmam que o ensino de ciências deve ocorrer por meio de atividades abertas e investigativas nas quais os alunos desempenhem o papel de pesquisadores (SASSERON e CARVALHO, 2011).

Tendo como base esses três grupos de indicadores, analisamos os nossos resultados obtidos na roda de conversa, e logo, encontramos a presença de alguns indicadores presentes no terceiro grupo. De acordo com as autoras:

O terceiro grupo está relacionado ao entendimento da situação analisada, e possui cinco subdivisões: 1) *Levantamento de hipótese*: aponta instantes em que são alçadas suposições acerca de certo tema. 2) *Teste de hipótese*: concerne nas etapas em que se coloca à prova as suposições anteriormente levantadas. 3) *Justificativa*: aparece quando em uma afirmação qualquer proferida lança mão de uma garantia para o que é proposto; 4) *Previsão*: é explicitado quando se afirma uma ação e/ou fenômeno que sucede associado a certos acontecimentos. 5) *Explicação*: surge quando se busca relacionar informações e hipóteses já levantadas. (SASSERON e CARVALHO, 2008, p.338-339).

Encontramos a presença de dois dos indicadores citados acima, o *Indicador de Justificativa*, o qual aparece quando em uma afirmação qualquer proferida lança mão de uma garantia para o que é proposto; isso faz com que a afirmação ganhe aval, tornando mais segura; e o *Indicador de Explicação*, que surge quando se busca relacionar informações e hipóteses já levantadas. Normalmente a explicação sucede uma justificativa para o problema, mas é possível encontrar explicações que não se recebem estas garantias. Mostram-se, pois, explicações ainda em fase de construção que certamente receberão maior autenticidade ao longo das discussões (SASSERON e CARVALHO, 2008).

Logo, a presença de apenas dois indicadores pode ser explicada pelo fato da ação didática consistir em perguntas mais objetivas referentes aos personagens lobo e porco, e não envolver diretamente uma situação problema que exija um raciocínio lógico maior. Os indicadores propostos pelas autoras, como já comentado acima, levam em conta principalmente a resolução de atividades abertas e investigativas, as quais devem fazer parte do ensino de ciências. Todavia, não utilizamos uma atividade mais investigativa nesse momento, por conta de nosso objetivo ser outro, analisar as concepções prévias dos participantes.

Com isso, nas perguntas mais objetivas como: *Você conhece porco/lobo? Quais você conhece?* Não foi possível utilizarmos os indicadores da alfabetização científica, uma vez que as respostas para essas perguntas consistem apenas em sim ou não, e no caso da segunda pergunta os alunos apenas citaram as espécies que conhecem. Para tanto, serão discutidas apenas as respostas nas quais identificamos algum indicador da alfabetização científica.

Para uma melhor apresentação dos resultados optamos por organizá-los em um quadro. A fala do professor pesquisador é abreviada com um “P” e as falas dos alunos com “A1, A2...” Segue o quadro 2 abaixo.

Quadro 2 – Indicadores da alfabetização científica encontrados na roda de contação de história.

Pergunta realizada na roda de contação	Respostas dos participantes	Indicador de alfabetização científica encontrado
P: O lobo é importante na natureza?	A1: <i>“eu acho que ele é importante porque ele é um animal e se não tivesse o lobo na natureza não ia existir o ciclo da vida, só ia ter bichos herbívoros aí ia acaba o mato e eles iam morrer”.</i>	Explicação e Justificativa

	<i>A2: “é, porque é carnívoro e não tem muitos animais que são iguais a eles, então a natureza ia acabar e não ia mais ter bichos”.</i>	Explicação e Justificativa
P: O lobo é bom ou mau?	<i>A3: “mau o da história porque come os porquinhos, e o da vida real pode ser bom ou mau (se provocar ele) se encontrar um lobo tem que ficar parado senão ele ataca por movimento”.</i>	Explicação e Justificativa
P: Existem lobos nas matas?	<i>A4: “os lobos existem na floresta para proteger a floresta dos humanos para não derrubar as árvores”;</i>	Justificativa
	<i>A5: “existe porque lá tem água pra eles beber e comida”;</i>	Justificativa
	<i>A6: “sim, porque foram criados lá e o lugar de viver deles é lá”.</i>	Justificativa
P: O lobo existe na cidade?	<i>A7: “não, porque na cidade não tem animais para eles comer”;</i>	Justificativa
	<i>A8: “não porque ele gosta de viver na mata e pode comer nós, é carnívoro”;</i>	Justificativa

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Quando os alunos foram questionados na roda de conversa dos Três Porquinhos sobre o lobo ser importante na natureza, foi possível identificar a presença dos indicadores de explicação e justificativa nas seguintes respostas: “*eu acho que ele é importante porque ele é um animal e se não tivesse o lobo na natureza não ia existir o ciclo da vida, só ia ter bichos herbívoros aí ia acaba o mato e eles iam morrer*”; “*É, porque é carnívoro e não tem muitos animais que são iguais a eles, então a natureza ia acabar e não ia mais ter bichos*”.

Nessas respostas os participantes buscaram explicar porque o lobo é importante na natureza, apresentando justificativas plausíveis, apesar de muitos lobos serem onívoros como o

lobo-guará e não somente carnívoros. As respostas nos levam a refletir sobre a importância do equilíbrio em uma cadeia alimentar. Afinal um ser vivo depende do outro para obter alimento na natureza, os herbívoros dependem das plantas, os carnívoros dos herbívoros, além disso, temos os decompositores e a energia solar que beneficiam todos os níveis tróficos. Lembrando que a falta de um recurso acaba comprometendo todos os níveis tróficos como o aluno mesmo afirmou (RIKCLEFS, 2003).

Quando questionados se o lobo é bom ou mau, também encontramos algumas respostas que apresentaram os indicadores de alfabetização científica. Na resposta: *“mau o da história porque come os porquinhos, e o da vida real pode ser bom ou mau (se provocar ele) se encontrar um lobo tem que ficar parado senão ele ataca por movimento”*. Acreditamos que o indicador de explicação e justificativa se fez presente nessa resposta, pois ao mesmo tempo em que o participante explica o porquê ele pode ser bom ou mau, ele justifica sua resposta por meio dos fatos afirmando que o lobo personagem é mau porque come os três porquinhos e o lobo da vida real pode ser bom ou mau, se caso provocar ele, pois ele ataca por movimento.

Referente a pergunta existem lobos nas matas, os participantes apresentaram respostas nas quais identificamos o indicador de justificativa: *“os lobos existem na floresta para proteger a floresta dos humanos para não derrubar as árvores”*; *“existe porque lá tem água pra eles beber e comida”*; *“sim, porque foram criados lá e o lugar de viver deles é lá”*. Nessas respostas os participantes justificam que os lobos existem nas florestas para proteger a mesma contra o desmatamento realizado pelos humanos; por conta dos recursos presentes nela; e por fim, porque a floresta é o hábitat dos lobos.

Ainda, referente ao lobo, os participantes foram questionados se os mesmos existem na cidade. Encontramos o indicador de justificativa novamente nas seguintes respostas: *“não, porque na cidade não tem animais para eles comer”*; *“não porque ele gosta de viver na mata e pode comer nós, é carnívoro”*; nessas respostas os participantes buscam justificar os motivos pelos quais o lobo não vive na cidade, com isso, acreditamos que mais uma vez o indicador de justificativa se fez presente.

4.3 RESULTADOS REFERENTES AO QUESTIONÁRIO PRÉVIO APLICADO NO CURSO NORMAL

4.3.1 Resultados referentes ao questionário prévio aplicado no curso normal

Inicialmente aplicamos um questionário feito no google formulário, contendo quinze perguntas. Algumas perguntas eram iguais as do questionário prévio aplicado nos anos iniciais, uma vez que nosso objetivo era o mesmo, analisar as concepções prévias dos participante a respeito dos animais e personagens lobo e porco.

Ao todo somaram-se sete tabelas referentes ao questionário prévio, sendo elas numeradas a partir da tabela 21 até a 27. A ordem de discussão das tabelas, segue a ordem das perguntas apresentadas no questionário. As perguntas do questionário que se repetiam para os dois lobos (lobo-guará e lobo personagem) e para os dois porcos (porco cateto e os três porquinhos) foram agrupadas em uma só tabela, e por conta disso, o número de tabelas (sete) é menor em relação ao número de perguntas do questionário (quinze).

Os valores das tabelas do questionário foram apresentados tantos em valores absolutos, considerando os 19 participantes, quanto em percentuais de frequência, para esta participação. Segue abaixo os resultados da tabela 21.

Tabela 21. Resultados encontrados sobre terem ou não reconhecido a imagem representada do lobo-guará e do personagem lobo.

Reconhecimento do lobo	Lobo-guará		Reconhecimento do lobo	Personagem lobo	
	Absoluto	Percentual		Absoluto	Percentual
Sim, diz que é o lobo-guará	16	84,22	Sim, diz que o lobo mau	16	84,22
Sim, diz que é uma raposa	3	15,78	Sim, diz que o lobo	3	15,78
Total	19	100	Total	19	100

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Quando os entrevistados foram questionados se conheciam o lobo-guará, 100% dos participantes afirmou conhecer; porém, 15,78% o confundiram com uma raposa. Algumas das causas desse reconhecimento podem estar associadas ao fato do lobo-guará se encontrar ameaçado de extinção, e também pelo fato do mesmo ser escolhido para estampar a nota de duzentos reais, próximo à época de realização do trabalho, justamente por ser um animal presente na fauna brasileira e ameaçado de extinção.

O Banco Central lançou no dia dois de setembro de 2020 a nova nota de R\$ 200. Após o lançamento, a nota, com imagem de um lobo-guará, entrou em circulação. O animal escolhido para a nova nota, o lobo-guará, foi o terceiro colocado em uma pesquisa feita pelo Banco Central em 2000. A instituição perguntou à população quais espécimes da fauna gostariam de ver representados no dinheiro brasileiro. O primeiro lugar foi a tartaruga marinha, usada na cédula de R\$ 2. O segundo, o mico leão

dourado, incorporado na cédula de R\$ 20. Em comum, os lançamentos de cédulas têm um mesmo objetivo: diminuir as transações com dinheiro vivo, economizando com impressão de papel-moeda (MARTELLO, 2020).

Com isso, várias mídias noticiaram o lançamento da nota de duzentos reais estampando o lobo-guará, o que pode ter contribuído para o reconhecimento do mesmo. Contudo, infelizmente a população de lobos-guarás vem diminuindo com o passar dos anos, sendo considerada uma espécie ameaçada de extinção pelo IBAMA, espécie quase ameaçada pela IUCN, em perigo de extinção para o Estado do Paraná, vulnerável para os Estados de São Paulo e Minas Gerais, criticamente em perigo para o Estado do Rio Grande do Sul (ecologia do lobo-guará) (INTERNATIONAL UNION FOR CONSERVATION OF NATURE, 2008; EMMERT, 2012; PAULA et. al., 2013).

Entre as causas de ameaça a espécie, a perda de habitat é uma das principais, por conta das conversões de florestas em pecuária e agricultura. Os atropelamentos também são responsáveis por grande parte das mortes do lobo-guará, principalmente quando há rodovias por perto. Uma alternativa para a diminuição dos atropelamentos é a criação de corredores ecológicos, para aumentar a conectividade de áreas protegidas, facilitando a dispersão das espécies e contribuindo para o fluxo gênico (PAULA, et al., 2013; RODRIGUES, 2002). Além dessas ameaças, podemos citar também a caça e as doenças transmitidas por animais domésticos.

Sobre a fragmentação de habitat, podemos citar aqui o exemplo do segundo maior Bioma do Brasil, o Cerrado, no qual o lobo-guará se faz presente. O cerrado, já perdeu mais de 50% da vegetação nativa, e uma das principais causas está no rápido crescimento da urbanização e das fronteiras agrícolas (SISTEMA NACIONAL DE INFORMAÇÕES FLORESTAIS, 2020).

Em continuidade aos resultados da tabela 21, o personagem lobo foi reconhecido por todos os participantes, sendo que 84,22 % afirmou se tratar do lobo mau, e 15,78 % afirmou ser apenas o lobo. O personagem lobo, mais uma vez foi lembrado pela maioria como sendo o “lobo mau”. Esse resultado também foi evidenciado com as crianças, contudo, devemos nos atentar a esses estereótipos presentes nas histórias infantis, tendo em vista que essa criança pode apresentar dificuldades em lidar com a realidade, uma vez que sua concepção já está formada, e com isso, pode passar a discriminar o que foge desses conceitos pré-estabelecidos, sendo importante então proporcionar momentos de discussão em sala de aula, a respeito destes personagens estereotipados (ZAMBON, 2009).

Na tabela 22 a seguir, são apresentados os resultados encontrados sobre considerarem os lobos bons ou maus.

Tabela 22. Resultados encontrados sobre o lobo-guará e o lobo personagem ao serem considerados bons ou maus.

Lobo-guará: Ele é bom ou mau?	Razões	Absoluto	Percentual
Bom	Não é agressivo, somente curioso/ Instinto animal/Ameaçado de extinção	9	47,37
Mau	-	0	0
Às vezes bom, às vezes mau	Instinto animal	9	47,37
Não sei	-	1	5,26
	Total	19	100
Lobo personagem: Ele é bom ou mau?	Razões	Absoluto	Percentual
Bom	-	0	0
Mau	Personagem mau/ Carnívoro	16	84,22
Às vezes bom, às vezes mau	Instinto animal	2	10,52
Não sei	-	1	5,26
	Total	19	100

Fonte: Elaborado pelas autoras

Quando questionados se o lobo-guará é bom ou mau, os resultados se dividiram entre bom com 47,37%, e às vezes bom, às vezes mau com 47,37%, enquanto que um participante não soube responder.

Entre as justificativas apresentadas para o lobo-guará ser bom, os participantes afirmaram diferentes motivos, entre eles o fato do instinto animal: *“creio que devem ser bom, mas como qualquer outro animal ele tem que se defender quando se sente ameaçado”*; *“Os animais são maus por que se sentem ameaçados e as vezes precisam sobreviver ,mas quando não são ameaçados são apenas animais tentando sobreviver e não tem perigo algum.”*; *“Ele tem seu instinto defensivo acredito eu, assim como todos os outros animais”*. Essas respostas demonstram que alguns participantes compreendem o conceito de instinto, quando relacionado ao lobo-guará. Nós, seres humanos também possuímos instintos. De acordo com os estudos de personalidade discutidos por Don Richard Riso e Russ Hudson, na obra *“A sabedoria do eneagrama”* (2016):

O instinto é uma inteligência elaborada pela natureza para proteger a vida em três esferas diferentes: A autopreservação, preservação social e preservação sexual. Apesar do instinto ser uma inteligência inconsciente, que se difere do pensamento e do sentimento, pode-se dizer que ele é uma força mobilizadora do organismo com a função de fazê-lo entrar em ação frente a diferentes contextos.

Já os animais, de acordo com Soares (2017, p. 51) utilizam seus instintos como forma de sobreviver e perpetuar a espécie naturalmente. Sabendo disso, enquanto professores devemos clarificar tais conceitos a nossos alunos, para que os mesmos não confundam maldade com instinto.

Referente ao personagem lobo, 84,22% afirmaram ser mau, contudo, em muitas justificativas percebemos que os entrevistados estão se referindo ao personagem, de fato: *“É um personagem que na história é um vilão, que aterroriza outros personagens.”*; *“Porque na história dos 3 porquinhos e da chapeuzinho vermelho no qual ele faz parte, ele quer devorá-los.”*; *“Nas histórias que ele aparece, na maioria das vezes ele é vilão”*. Com base nesses resultados acreditamos que a maioria dos entrevistados consegue fazer essa distinção entre real e fictício, uma vez que, para o lobo-guará nenhum participante citou ser mau. Ainda, 10, 52% dos participantes afirmaram que o personagem lobo é às vezes bom, e às vezes mau, e como justificativas associaram o fato do personagem lobo estar exercendo seu instinto animal.

A respeito dos personagens estereotipados nas histórias infantis, é de suma importância que o professor, promova discussões e reflexões em sala de aula, no sentido de ampliar possíveis visões “engessadas” que as crianças podem vir a construir por meio de uma história, uma vez que há muitos tipos de estereótipos presentes nas histórias infantis, como os de gênero, raça, classe social, sexualidade, etc. De acordo com Santos (2020, p.31):

Os contos clássicos foram escritos numa época diferente da atual, em um local diferente, as adaptações foram feitas ao chegarem no Brasil mas isso não impede que continuem sendo feitas mudanças no discurso e na contação dessas histórias que tragam ao imaginário infantil o conhecimento sobre a existência de outras características diferentes das estabelecidas nos contos clássicos.

Sabendo disso, enquanto docentes, devemos perceber a presença dessas concepções, para assim, proporcionar discussões que ampliem tais visões fragmentadas. A tabela 23 a seguir, apresenta os resultados encontrados quando os participantes foram questionados sobre terem ou não reconhecido a imagem representada do porco cateto e dos personagens três porquinhos.

Tabela 23. Resultados encontrados sobre terem ou não reconhecido a imagem representada do porco cateto e dos personagens três porquinhos.

Reconhecimento do porco	Porco cateto			Três porquinhos	
	Absoluto	Percentual		Absoluto	Percentual
Sim, e diz que um javali	6	31,58	Sim, e diz que é os três porquinhos	19	100
Sim, e diz que é o porco do mato	6	31,58			
Sim, e diz que é uma anta	2	10,53			
Sim, e diz que é o cateto	1	5,26			
Sim, e diz que é uma capivara	1	5,26			
Sim, e diz que é um porco selvagem	1	5,26			
Não sei	2	10,53			
Total	19	100	Total	19	100

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Os resultados apresentados nesta tabela demonstram que 31,58% dos participantes confundiram o porco cateto com o javali, enquanto, outros 31,58% o reconheceram, afirmando ser o porco do mato, e 5,26% também o reconheceu afirmando ser o cateto. Outros 5,26% afirmaram ser uma capivara; 5,26% afirmou ser um porco selvagem e 10,53% não soube responder.

O reconhecimento do lobo-guará foi maior se comparado ao do porco cateto, contudo, se levarmos em consideração que o cateto foi confundido com o javali, essa porcentagem se torna maior. Como já comentado nas discussões realizadas com os resultados das crianças, as quais também confundiram o cateto com o javali e o queixada. Essa confusão se dá, devido a algumas características semelhantes que estas espécies apresentam. Todavia, é possível diferenciá-las, tendo em vista que o cateto possui um tipo de colar branco amarelado, pesa aproximadamente 20Kg, vive em bandos que variam de seis até 30 indivíduos, podem exercer marcação territorial por meio de uma glândula na região dorsal que exala um forte odor, e também produzem barulho com o bater dos dentes. Já o javali, apresenta peso que varia de 30kg a 190kg para machos adultos e de 15kg a 110kg para as fêmeas. A pelagem é composta por pelos longos e de cor preta, enquanto adultos, além das presas. Já enquanto jovem, apresentam listras longitudinais marrom avermelhada com preto (MARQUES, 2019).

Em relação ao reconhecimento dos personagens três porquinhos, 100% dos participantes o reconheceram, inclusive em uma resposta são citados os nomes próprios de cada porquinho: “Heitor, Cícero e Prático”. A história dos Três porquinhos, de fato, é bem popular e dificilmente alguém não a conhece.

Na tabela 24 seguir serão apresentados os resultados a respeito dos porcos serem bons ou maus.

Tabela 24. Resultados encontrados sobre o porco cateto e os três porquinhos ao serem considerados bons ou maus.

Porco cateto: Ele é bom ou mau?	Razões	Absoluto	Percentual
Bom	Não é agressivo/ Mamífero herbívoro	5	26,32
Mau	Agressivo/ Carnívoro/ Selvagem/ Devasta plantações	4	21,05
Às vezes bom, às vezes mau	Instinto animal	4	21,05
Não sei	-	6	31,58
Total		19	100
Três Porquinhos: Ele é bom ou mau?	Razões	Absoluto	Percentual
Bom	Personagens bons	19	100
Mau	-	0	0
Às vezes bom, às vezes mau	Não sei	0	0
Não sei	-	0	0
Total		19	100

Fonte: Elaborado pelas autoras

Os resultados acima mostram que para o porco cateto, 26,32% dos participantes afirmaram ser bom, dizendo que o mesmo não é agressivo: *“Ele não é agressivo, e não oferece risco”*. Outro participante afirmou ser bom, justificando: *“ele é um mamífero herbívoros que se alimenta de frutos”*. O porco cateto consiste em um mamífero herbívoro. O porco cateto é considerado onívoro e sua dieta é rica em alimentos de origem vegetal, sendo apenas complementada com pequenos vertebrados (BODMER E SOWLS, 1996).

Enquanto 21,05% dos participantes afirmaram que o porco cateto é mau, apresentando as seguintes respostas: *“É um animal carnívoro e bastante agressivo, como também é selvagem”*. Como comentado acima, a dieta do porco cateto não é constituída principalmente por carne, e sim por alimentos de origem vegetal.

Com 21,05% a categoria às vezes bom, às vezes foi evidenciada, quando os participantes afirmaram como justificativa o instinto animal, com as seguintes respostas: *“É um animal inofensivo mas pode ser agressivo se sentir ameaçado”*; *Acredito eu que seja bom, mas que tenha seus instintos defensivos da mesma forma*; *“Não tenho certeza, mas acho que ele atacaria caso fosse atacado também”*. Essas respostas demonstram que assim como para o lobo-guará, alguns participantes reconhecem o fato de que esses animais são selvagens e apresentam seus instintos.

Ainda, 31,58% não soube dizer se o porco cateto era bom ou mau, o que demonstra que boa parte dos entrevistados ao possuem conhecimento a respeito do porco cateto, demonstrando mais uma vez a importância de trabalhar os animais presentes na fauna brasileira em sala de aula. Pensando, que os entrevistados serão futuros professores, possibilidades de formação e também disciplinas que trabalham a ciência na matriz curricular

do curso normal são de extrema relevância. Inclusive, os participantes estão trabalhando na disciplina de didática das ciências os animais, e por coincidência essa oficina veio a somar no plano de aula da professora que está ministrando esta disciplina. Com isso, os participantes darão continuidade as atividades da oficina durante as aulas de didática das ciências, colocando em prática os conhecimentos adquiridos com enfoque nos animais lobo-guará e porco cateto.

Quando os entrevistados foram questionados sobre os Três Porquinhos serem bons ou maus, 100% afirmou serem bons. Esse resultado também foi encontrado quando questionamos as crianças, o que demonstra que essa visão positiva dos três porquinhos é de fato bastante presente, uma vez que os porquinhos sempre aparecem nas histórias como personagens bonzinhos.

Na tabela a seguir são apresentados os resultados quando questionados se conhecem histórias com o personagem lobo e os três porquinhos.

Tabela 25. Resultados encontrados sobre o reconhecimento de histórias com os personagens lobo e os três porquinhos pelos entrevistados.

Você conhece histórias com o personagem lobo e os personagens três porquinhos?	Cite quais histórias conhece	Absoluto	Percentual
Sim, conheço histórias com ambos os personagens.	Chapeuzinho Vermelho e os Três Porquinhos	15	78,96
Conheço apenas histórias com o lobo personagem.	Chapeuzinho Vermelho/ O lobo instruído/ O lobo e os sete cabritinhos/ Pedro e o lobo	2	10,52
Conheço apenas histórias dos Três Porquinhos.	Três porquinhos	2	10,52
Não conheço nenhuma história com esses personagens	-	0	0
	Total	19	100

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Os resultados demonstram que 78,96% dos participantes afirmaram conhecer histórias com ambos os personagens (lobo e três porquinhos), citando a história da Chapeuzinho Vermelho e dos Três Porquinhos. Outros 10,52% afirmaram conhecer apenas histórias com o lobo personagem, citando as seguintes histórias: Chapeuzinho Vermelho, O Lobo e os sete Cabritinhos e Pedro e o Lobo.

Na tabela 26, seguir estão apresentados os resultados encontrados quando questionados se conseguem perceber a presença da ciência nos contos infantis.

Tabela 26. Resultados encontrados sobre o reconhecimento da ciência nos contos pelos entrevistados.

Você consegue perceber a ciência presente nos contos infantis?	Se você percebe indique em quais contos consegue perceber a ciência.	Absoluto	Percentual
Sim	Três Porquinhos (animais-porco herbívoro e lobo carnívoro), sustentabilidade no material das casinhas; fogo e água João e o pé de feijão O grande Rabanete Ariel Bela adormecida O Poço de Visconde	12	63,15
Não	-	1	5,26
Um pouco	-	6	31,57
	Total	19	100

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Os resultados demonstram que 63,15% dos participantes afirmam conseguirem perceber a ciência presente em alguns contos. Para o conto dos Três Porquinhos, as crianças apresentaram as seguintes respostas: *“nos três porquinhos com o fogo e a água”*; *“Na história dos três porquinhos, se percebe ciência por exemplo no lobo ser carnívoro e comer porcos e os porcos serem herbívoros.”*; *“Na história dos três porquinhos, é possível trabalhar a ciência, quando se refere à sustentabilidade, assim como os elementos que eles utilizaram para construir a suas casas”*. As respostas desses participantes evidenciam distintas possibilidades de abordagens relacionadas à ciência que poderiam ser desenvolvidas em sala de aula, as quais, algumas, inclusive, exploramos por meio da sequência didática que apresentamos aos participantes em seguida. A questão da sustentabilidade das casinhas dos três porquinhos, por exemplo, salientamos por meio da versão reescrita deste conto. Referente à dieta do lobo e do porco, também abordamos por meio da aula expositiva/dialogada e também por meio do reconto das versões reescritas. Ainda, o fogo e a água também foram citados por um participante, como temas possíveis de trabalhar a ciência, uma vez que no conto dos Três Porquinhos é possível identificar a presença desses dois elementos na narrativa, quando os Porquinhos esquentam a água do caldeirão no fogo.

Outro conto citado pelos participantes foi João e o Pé de Feijão, porém para este os participantes não citaram exemplos a respeito do que trabalhar. Contudo, entendemos que é possível trabalhar a germinação das sementes, por meio de uma atividade prática de plantação, entre diversas outras atividades que podem ser exploradas com essa temática. Além disso, é

possível trabalhar a origem dos alimentos, uma vez, que neste conto temos a presença de uma vaquinha que produz leite, uma galinha, e o é de feijão.

O Grande rabanete, Ariel, a Bela Adormecida e o Poço de Visconde também foram citados, porém não foram mencionados exemplos de como trabalhar essas histórias. Na tabela 26 são apresentados os resultados quando questionados se trabalhariam a literatura infantil associada à ciência, e quais possibilidades percebem para isso.

Tabela 27. Resultados encontrados sobre a opinião dos entrevistados referente a trabalhar a literatura infantil associada ao ensino de ciências e quais possibilidades percebe para isso.

Como futuro professor (a) você trabalharia a literatura infantil articulada ao ensino de ciências?	Que possibilidades você consegue perceber para isso?	Absoluto	Percentual
Sim	Cigarra e a Formiga (trabalhar as plantas); Realizar atividades práticas como conhecer os animais e lugares pessoalmente; Explorar todas as áreas do conhecimento; Explorar o cenário, personagens, etc; Ciência interativa, alunos motivados; Criar contos com as crianças; realizar atividades lúdicas (teatro, desenhos, contos); Demonstrar que a ciência está em todos os lugares; Compreender o processo e funcionamento de cada coisa; intercalar teórico com prático. Professor apto a se desafiar.	12	63,16
Não	-	0	0
Nunca pensei a respeito	-	7	36,84
	Total	19	100

Fonte: Elaborada pelas autoras

Quando questionados se pretendem trabalhar a literatura infantil associada ao ensino de ciências, os resultados percentuais encontrados se assemelham aos encontrados na tabela 26. Para 63,16 % dos participantes, esta alternativa, é uma possibilidade, enquanto 36,84 % afirmaram nunca ter pensado a respeito. Quando questionados em seguida, sobre quais mecanismos percebem para isso, os entrevistados apresentaram diferentes respostas, citando diferentes estratégias e metodologias de ensino, bem como exemplos de atividades que podem ser realizadas. Algumas respostas afirmaram como possibilidades desta associação, trabalhar por meio de contos, desenhos, teatros, ou seja, atividades lúdicas. Como exemplos para esta associação, foi inclusive citado a criação de histórias em conjunto com as crianças, atividade

na qual é possível trabalhar o despertar da imaginação e da criatividade, valorizando as ideias dos discentes, que por consequência se sentirão mais motivados a participarem. Por meio desta proposta, a criança se torna ativa. De acordo com Sintra (2018, p.04):

O educador apoia o crescimento holístico da criança e ajuda a criar ambiente para que este possa acontecer. A criança tem um papel ativo e, com a ajuda do educador, consegue aprender significativamente e de forma a desenvolver a sua pessoa positivamente. A criança tem liberdade para decidir o que quer fazer dentro da sala, e a função do educador é mostrar-lhe as diferentes opções disponíveis. O educador está sempre atento à criança para que não perca a oportunidade de orientar e apoiar em qualquer atividade ou conversa, se necessário. Dentro da sala o ambiente é de cooperação, respeito e liberdade. A criança sente-se autônoma o suficiente para falar abertamente com os outros, toma as suas próprias decisões sem que o educador a pressione e cria as suas próprias aprendizagens a partir de ideias que tenha ou que vão surgindo ao longo do dia e das atividades que realiza.

Nesse sentido, acreditamos que enquanto professores, podemos proporcionar às crianças atividades que as envolvam de fato, para que estas desenvolvam a autonomia, sentindo-se capazes de realizar e contribuir para tais ações. Enquanto professores, devemos ser mediadores das atividades, contribuindo quando necessário, mas sempre que possível dar esta liberdade para que a criança desenvolva suas ideias e aprendizados.

Outra resposta apresentada foi realizar atividades práticas como conhecer os animais e lugares pessoalmente. A visitação de ambientes não formais de ensino, como um zoológico é uma alternativa de atividade prática que pode ser realizada para conhecer estes animais, contudo, nem todas as escolas tem condições de realizar uma visitação, uma vez que, muitos fatores precisam ser levados em consideração, como distância, recursos financeiros e a própria responsabilidade da escola para com as crianças. Sendo assim, muitas vezes é preciso optar por uma alternativa de atividade mais viável e acessível a todos.

Outra resposta encontrada, foi demonstrar que a ciência está presente em todos os lugares, ou seja, tornar este ensino contextualizado com o dia a dia das crianças, demonstrando a elas que a ciência está presente para além da fauna e flora, ela está presente na indústria alimentícia, farmacêutica, e estamos consumindo estes produtos diariamente. Essa contextualização do ensino de ciências deve acompanhar todos os níveis de escolaridade, pois quando não a fizemos, corremos o risco de tornar nosso ensino muito distante da realidade dos alunos, fazendo com que os mesmos percam o interesse em aprender. De acordo com Pozo e Crespo (2009, p.18):

Além dessa falta de interesse, os alunos tendem a assumir atitudes inadequadas com respeito ao trabalho científico, assumindo posições passivas, esperando respostas em vez de dá-las, e muito menos são capazes de fazer eles mesmos as perguntas; também tendem a conceber os experimentos como “demonstrações” e não como pesquisas; a assumir que o trabalho intelectual é uma atividade individual e não de cooperação e busca conjunta; a considerar a ciência como um conhecimento neutro, desligado de suas repercussões sociais; a assumir a superioridade do conhecimento científico com respeito a outras formas de saber culturalmente mais “primitivas”, etc.

Com isso, por meio do conhecimento científico, devemos também oportunizar momentos de discussões e reflexões com nossos alunos, para que os mesmos desenvolvam a criticidade, bem como atitudes conscientes que contribuem na formação cidadã de cada um.

Dando continuidade aos resultados, um participante conseguiu perceber a possibilidade de um trabalho interdisciplinar por meio desta associação da literatura infantil com as demais áreas de ensino. Com certeza, por meio de um conto é possível fazer este trabalho, uma vez que podemos explorar todas as áreas de uma maneira diferente e que venham a completar a atividade docente.

4.3.2 Resultados referentes ao questionário de validação da sequência didática temática aplicada no curso normal

Após apresentar a sequência didática temática, contendo todas as atividades referentes ao lobo-guará e o porco cateto, aplicamos igualmente um questionário final através do google formulário, contendo dez perguntas que buscaram indagar os participantes acerca das opiniões frente à sequência didática proposta para os anos iniciais e apresentada a eles na oficina.

Ao todo somaram-se oito tabelas, sendo elas numeradas a partir da tabela 28 até a 35. A ordem de discussão das tabelas, segue a ordem das perguntas apresentadas no questionário.

Os valores das tabelas do questionário foram apresentados tanto em valores absolutos, considerando os 19 participantes, quanto em percentuais de frequência para esta participação. Segue abaixo os resultados da tabela 28, referente a opinião dos entrevistados sobre a visão estereotipada de animais presentes nos contos infantis.

A tabela 28 abaixo apresenta os resultados encontrados no questionário feito após a aplicação da oficina de atividades sobre o porco cateto e o lobo-guará com as discentes do curso normal.

Tabela 28. Resultados encontrados sobre a opinião dos entrevistados referente a visão estereotipada dos animais presentes nos contos infantis.

Antes deste estudo, você já tinha conhecimento que os contos infantis interferem na visão estereotipada dos animais, inclusive dos animais brasileiros, podendo não desenvolver o sentimento de cuidado e valorização dos mesmos?	Absoluto	Percentual
Sim	5	26,31
Não, nunca pensei a respeito	5	26,31
Não, mas já imaginava	9	47,38
Total	19	100

Fonte: Elaborada pelas autoras

Quando questionadas se anteriormente a este estudo já tinham conhecimento de que os contos infantis podem influenciar na visão estereotipada dos animais, os resultados demonstram que apenas 26,31% afirmaram que sim. Outras 26,31% afirmaram que nunca haviam pensado a respeito, e 47,38% afirmaram que não, mas que já imaginavam.

Pensando que estes entrevistados irão possivelmente trabalhar os animais com as crianças, é de suma importância que elas adquiram tais conhecimentos antes de realizar o estágio supervisionado, assim, oportunidades como esta enriquecem seus conhecimentos e concepções a respeito dos estereótipos presentes na literatura infantil, mais especificamente nos personagens animais. Com isso, um olhar mais crítico e voltado ao ensino de ciências poderá contribuir na desconstrução de estereótipos destes personagens animais.

Por trás de todo estereótipo tem um histórico que contribui para tal. Se pensarmos no caso do lobo, animal lendário e mitológico, o qual é considerado como símbolo de crueldade por boa parte da humanidade, vamos perceber que acontecimentos do passado influenciaram e ainda influenciam muito nesta visão. De acordo com Oliveira (2019, p.54):

Quando o homem começou a domesticar os animais e o lobo, um insubordinável, se transfigurou em um ladrão desses animais domesticados dos homens pré-históricos e dos camponeses antigos e medievais. Essa é a imagem desse arquétipo mitológico construído na literatura infantil durante séculos, porém, que vem sendo desconstruído gradativamente, principalmente nas narrativas publicadas na contemporaneidade.

Esses acontecimentos do passado foram sustentando esta visão estereotipada do lobo. Contudo, a literatura contemporânea já busca minimizar esta visão. Na literatura infantil, já é possível encontrar essa desconstrução de estereótipos, e pensando no lobo e demais animais, o ensino de ciências pode atuar como um grande aliado desta desconstrução.

Quanto ao personagem lobo, temos uma versão contemporânea intitulada:

“*Chapeuzinho Vermelho e o Lobo-Guará*”, de Ângelo Machado (1993). Essa história acontece no bioma Cerrado, e o lobo-guará é vegetariano. A Chapeuzinho Vermelho vai visitar sua vovó, no caminho desvia-se das flores e vai apreciar animais e plantas do Cerrado. De repente Chapeuzinho encontra o lobo-guará, o qual estava de olho em um araticum. O lobo-guará percebe que a Chapeuzinho tem jaboticaba e logo pega para comer. Chapeuzinho segue para a casa vovó e o lobo-guará de repente encontra Anhangá (o espírito do mal), que tenta convencer o lobo-guará a fazer maldades como o lobo mau, mas ele não consegue, pois prefere comer frutas no lugar da Chapeuzinho (FELIPE, 2007). Pensando que essas versões contemporâneas muitas vezes, desconstruem estereótipos de personagens, é importante que o professor procure por estas versões para trabalhar em sala de aula, para além das versões clássicas da literatura infantil.

A tabela 29 demonstra os resultados encontrados quando questionados sobre achar importante, enquanto professores, estudos que associam a literatura infantil a visão estereotipada de animais.

Tabela 29. Resultados encontrados sobre a opinião dos entrevistados referente a achar importante ou não os estudos que associam a literatura infantil ao ensino de ciências.

Você acha que estudos sobre estes conhecimentos que associam a literatura infantil e como esta interfere na visão estereotipada dos animais, inclusive dos animais brasileiros, sejam importantes para o professor atuar na sala de aula?	Justificativas	Absoluto	Percentual
Sim	Conhecimento dos animais da fauna brasileira	9	47,38
	Visão mais ampla e realista	5	26,32
	Quebra de estereótipos	3	15,78
	Aprendizado leve e prazeroso	2	10,52
Não	-	0	0
Total	-	19	100

Fonte: Elaborada pelas autoras

Todos os entrevistados afirmaram ser importante os estudos que relacionam a literatura infantil ao ensino de ciências. Entre as justificativas, 47,38% afirmou ser importante pelo fato de conhecer os animais da fauna brasileira. Citamos aqui, as respostas encontradas para essa categoria: “*Sim, para as crianças conhecer mais sobre os animais brasileiros*”; “*Sim, a criança cria novas visões dos animais, e não só a dos contos*”; “*Sim, pois são fatos importantes*”

que podemos passar para os alunos em formas de história ou contos, para eles ter consciência da situação que está nosso país”. Essas justificativas nos demonstram a dimensão de conhecimentos que a fauna brasileira pode proporcionar aos alunos. Conhecendo a fauna do Brasil, a criança pode ampliar suas visões referentes aos animais, e perceber o quão importantes eles são para a natureza, não se restringindo apenas as características apresentadas em um conto infantil, que muitas vezes, podem demonstrar somente uma visão negativa destes animais, e isso, acaba criando um estereótipo para o mesmo. Além de todos os conhecimentos ecológicos e fisiológicos do animal, também é importante demonstrar a criança o quanto estes animais também são constantemente ameaçados na natureza, e o quanto a ação antrópica interfere nisso.

Outra categoria encontrada nas justificativas dos entrevistados foi intitulada de *visão mais ampla e realista*, com 26,32%: “*Sim, para o professor passar uma visão mais ampla assim digamos, passar mais conhecimentos para os alunos; “Sim, pois assim as crianças terão uma visão mais real de como as coisas são*”. Para que o professor consiga passar uma visão mais ampla e realista a seus alunos, ele precisa de muito conhecimento para isso, inclusive de conhecimento relacionado a todas as áreas de ensino, visto que o professor que atua nos anos iniciais do ensino fundamental, é considerado polivalente, e por isso, deve lecionar nas sete diferentes áreas do conhecimento: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Educação Física e Arte, o que torna, de fato, o exercício da docência desafiadora e complexa, visto que nem sempre uma formação adequada para tal demanda é oferecida nos cursos de Pedagogia (LIMA, 2012).

O papel principal do professor dos anos iniciais, mencionado nos dados empíricos, é a formação integral da criança, com a ênfase para ensinar a ler, a escrever e a contar, que envolve as áreas de Língua Portuguesa e Matemática. A formação integral consiste em formar o aluno como sujeito crítico e questionador, discutir as questões sociais e a formação da cidadania, propiciar-lhe compreender a sociedade atual e atuar em sua transformação (LIMA, 2012, p.152).

Com isso, é importante que enquanto professores oportunizamos a nossos alunos, momentos de discussões em que eles possam expressar suas opiniões e argumentá-las. Nesse sentido o ensino de ciências pode promover muitos debates e ajudar nessa formação integral da criança.

Outra categoria encontrada foi intitulada *quebra de estereótipos*, com 15,78%, na qual um dos entrevistados afirmou: “*sim, o estereótipo de que o lobo seja sempre um vilão deve ser quebrado, assim como as cobras, ursos e outros, acho que isso deve ser apresentado aos alunos, essa quebra de estereótipos de vilão*”. Com base na resposta, percebemos que esse

futuro professor conseguiu perceber que essa quebra e reconstrução de visões estereotipadas deve ser feita para todo e qualquer personagem que possui algum tipo de estereótipo, como o de vilão. Esse olhar atento do professor aos estereótipos permite com que discussões e reflexões ganham espaço em sala de aula, e com isso, novas concepções são formadas.

A última categoria encontrada esteve relacionada aos benefícios de utilizar a literatura infantil a favor, tanto do professor quanto do aluno, com 10,52%. As seguintes respostas foram evidenciadas: “*Sim, por que ela aprende várias coisas de uma forma divertida e que ela gosta*”; “*Sim, pois é um modo diferente de se trabalhar assuntos importantes com as crianças de modo que elas se interessem pelo assunto*”. A literatura infantil, de fato torna o aprendizado da criança mais leve e prazeroso. As crianças adoram ouvir histórias, então porque não utilizarmos deste recurso para ensinar ciência a nossos alunos?! Vamos nos atentar a explorar a ciência presente nessas histórias infantis, e com isso, proporcionar um ensino prazeroso e ao mesmo tempo necessário e relevante para a criança.

A tabela 30 demonstra os resultados encontrados quando estes futuros professores, foram questionados sobre o que acharam da proposta de atividades apresentada. Os resultados se assemelham aos encontrados aqui na tabela 29.

Tabela 30. Resultados encontrados sobre a opinião dos entrevistados referente a proposta de atividades apresentada.

Como futuro professor (a) você acredita que essa proposta de atividades com enfoque nos animais lobo-guará e porco cateto seja relevante para trabalhar a ciência, aliada à literatura infantil nos anos iniciais?	Justificativas	Absoluto	Percentual
Sim	Conhecimento dos animais da fauna brasileira	12	63,18
	Atividade criativa/desperta o interesse dos alunos	3	15,78
	Oportunidade de formação	2	10,52
	Visão fictícia e realista	2	10,52
Não	-	0	0
Total		19	100

Fonte: Elaborada pelas autoras

Novamente encontramos a categoria *conhecimento dos animais da fauna brasileira* com 63,18%, o que evidencia que os entrevistados conseguiram perceber a importância de trabalhar

e valorizar em sala de aula animais presentes na fauna brasileira. Entre as respostas evidenciadas, citamos algumas aqui: *“sim, é muito importante pois os alunos já tem contato com a biologia desde cedo e tem diversas formas de introduzir os animais e o estudo deles na literatura; “Sim, são animais que estão em extinção e que é de suma importância que elas saibam de sua existência”*.

Trabalhar a fauna brasileira em sala de aula, deve envolver um trabalho com enfoque na educação ambiental, a qual envolve um processo permanente. Para Dias (2004, p.523) por meio da educação ambiental: “os indivíduos e a comunidade tomam consciência de seu meio ambiente e adquirem conhecimentos, valores, habilidades, experiências e determinação que os tornem aptos a agir e resolver problemas ambientais, presentes e futuros”.

Sendo assim, a educação ambiental pode atuar como um importante agente modificador de atitudes, a partir do momento que percebemos o quanto a ação antrópica é responsável pela degradação da fauna e flora. Segundo Destro (2012) o Brasil possui das maiores biodiversidades do mundo, inclusive da fauna. Porém, cada vez mais vem sofrendo com as inúmeras ações criminosas ao meio ambiente, como a problemática dos animais silvestres, abrangendo a caça, maus tratos, tráfico e cativo ilegal, dentre outros.

Tendo em vista, todas essas problemáticas ambientais, devemos oportunizar momentos de reflexões sobre a importância da preservação da nossa fauna e flora, no intuito de conscientizar as crianças, e contribuir na formação de um cidadão mais consciente para com suas ações. Como vimos, por meio de uma história infantil, muitas vezes conseguimos abordar e trabalhar aspectos da educação ambiental em sala de aula, de uma maneira atraente com as crianças. Inclusive como segunda categoria desta tabela, os entrevistados citaram ser uma *atividade criativa/desperta o interesse dos alunos*, com 15,78%. Entre as respostas apresentadas citamos um aqui: *“Sim, pois atividades criativas como essas são excelentes para despertar o interesse dos alunos”*. Trouxemos o lobo-guará e o porco cateto para trabalhar a ciência, e por meio de uma sequência didática de atividades conseguimos abordar todas as características das espécies, sua importância ecológica, assim como seu estado de conservação e medidas de preservação. Assim, uma das atividades era a contação das versões adaptadas com esses animais da Chapeuzinho Vermelho e dos Três Porquinhos, o que atrai o interesse da criança, pois partimos de algo que ela já tem grande apreço, e isso faz com que o aprendizado se torna mais leve e prazeroso.

Além disso, a criança aprende a diferenciar o *fictício* da *realidade*, a qual foi a última categoria apresentada nesta tabela, com 10,52%. Quando ela percebe que o lobo “mau” é apenas um personagem, e conhece outros lobos, ela começa a perceber que nem todo

lobo é mau, e que o lobo-guará por exemplo, traz muitos benefícios a natureza como a dispersão das sementes que contribui na propagação das espécies vegetais.

Ainda, a categoria *oportunidade de formação* foi evidenciada com 10,52%, demonstrando que este entrevistado reconheceu a importância de oportunidades que venham a somar em nossa prática docente.

A tabela 31 apresenta os resultados encontrados sobre a opinião dos entrevistados referente a proposta de atividades do lobo-guará, os questionando se esta contribui para a diminuição da visão estereotipada do lobo personagem.

Tabela 31. Resultados encontrados sobre a opinião dos entrevistados referente a proposta de atividades do lobo-guará tendo em vista a diminuição da visão estereotipada do lobo personagem.

Você acredita que a proposta de atividades apresentadas com enfoque no lobo-guará pode contribuir para diminuir a visão estereotipada do lobo personagem?	Justificativas	Absoluto	Percentual
Sim	Conhecimento amplo sobre o lobo	11	57,91
	Instinto selvagem	2	10,52
	Versão reescrita dos contos	2	10,52
Não	-	0	0
Um pouco	Falta de conhecimento sobre o assunto/não sei responder	4	21,05
Total		19	100

Fonte: Elaborada pelas autoras

Os resultados demonstram que todos os participantes afirmaram que a sequência didática de atividades referentes ao lobo-guará, pode ajudar a contribuir na diminuição da visão estereotipada do lobo. A maioria dos participantes 57,91% afirmou que a sequência de atividades sobre o lobo-guará pode contribuir no sentido de ampliar o conhecimento referente ao lobo, e como consequência, também diminuir essa estereotipação, uma vez que o lobo-guará pode contribuir muito na natureza, e ao contrário de que muitas crianças acreditam, ele não se alimenta somente de carne, ele é considerado onívoro, sendo a fruta-do-lobo seu alimento preferido. Como percebemos nos resultados iniciais, as crianças associam a fama de vilão do lobo principalmente pelo fato dele ser carnívoro nos contos infantis, e o lobo-guará pode nos ajudar a diminuir essa visão, uma vez que sua dieta é composta principalmente por frutos.

Outra categoria encontrada foi *instinto selvagem*, com 10,52% na qual foram apresentadas as seguintes respostas: “*Sim, porque mostra que nem todos os lobos são maus, apenas é instinto selvagem*”; “*Sim, porque apesar das histórias/contos colocar ele como um*

vilão, ele é um animal como outro qualquer que luta para sua sobrevivência no dia a dia". Essa concepção referente ao instinto selvagem é de suma importância para que o professor consiga abordar em sala de aula tais conceitos, no sentido de que a criança compreenda o instinto como uma necessidade fisiológica do animal e não como um ato de maldade. Inclusive, durante a oficina discutimos a respeito disto, no sentido de clarificar tais conceitos, para que sejam discutidos em sala de aula de maneira apropriada.

Por fim, outra categoria evidenciada foi a *versão reescrita dos contos*, com 10,52%, a qual foi uma das atividades da oficina. As versões adaptadas da Chapeuzinho Vermelho e dos Três Porquinhos, trazem como personagens o lobo-guará e o porco cateto. Buscamos por meio destas narrativas, abordar as características, a importância ecológica, as constantes ameaças a essas espécies e também exemplos de preservação das mesmas. Por conta disso, as entrevistadas acreditam que por meio destas versões, a visão estereotipada destes animais pode ser amenizada. Duas respostas apresentadas evidenciam isso: *"sim, a modificação da história feita pela profe já muda muito a imagem do lobo para uma criança pois percebem que o lobo pode ser diferente, e não um vilão como em outras histórias"*; *"sim, as crianças vão aprender que o lobo não é mau, como diz no conto"*.

Alguns participantes 21,05% afirmaram não ter muito conhecimento sobre o assunto, e por isso, responderam um pouco, não sabendo justificar suas respostas. Os participantes também foram questionados na pergunta de número cinco se os recursos didáticos utilizados na proposta de sequência didática (atividades) eram relevantes. Para esta pergunta resolvemos discutir apenas qualitativamente, uma vez que todos afirmaram ser importante. Entendemos que a utilização de diferentes recursos didáticos em sala de aula torna a aula mais dinâmica e atrativa, e como consequência acabam contribuindo para a aprendizagem e motivação dos alunos. De acordo com Souza (2007, p. 111): *"um recurso didático é todo material utilizado como auxílio no ensino aprendizagem do conteúdo proposto para ser aplicado, pelo professor, a seus alunos"*.

Dessa forma, é de suma importância que o professor reflita sobre quais objetivos pretende alcançar utilizando tais recursos em sala de aula. Se pensarmos na contação de histórias por exemplo há inúmeros recursos didáticos que o professor pode utilizar, os quais inclusive ressaltamos durante a oficina aos alunos do curso normal. Entre eles, podemos citar os fantoches, dedoches, caixa com os personagens no palito, avental com personagens, o guarda-chuva com personagens, o qual utilizamos na sequência apresentada aqui, entre vários outros. As crianças ficam fascinadas e com certeza, a utilização de um recurso didático além do livro, atrai muito mais a atenção e o interesse das crianças, além de tornar a atividade muito

mais dinâmica e interativa. De acordo Castoldi e Polinarski (2009, p. 685): “com a utilização de recursos didático-pedagógicos, pensa-se em preencher as lacunas que o ensino tradicional geralmente deixa, e com isso, além de expor o conteúdo de uma forma diferenciada, fazer dos alunos participantes do processo de aprendizagem”.

Na pergunta de número seis, igualmente a anterior, optamos por discuti-la apenas qualitativamente. A pergunta foi a seguinte: “Você consegue associar, para além dos animais, a possibilidade da ciência ser explorada por meio de outros temas presentes na literatura infantil?”. Todos os participantes afirmaram que sim e a tabela 32, a seguir irá demonstrar um pouco sobre as possibilidades que os participantes citaram, ao justificarem temáticas relacionadas à ciências que poderiam ser trabalhadas em histórias infantis. Os resultados evidenciados nesta tabela, demonstram que os participantes conseguem associar algumas histórias infantis ao ensino de ciências.

Tabela 32. Resultados encontrados sobre as histórias e temas relacionados a ciência que os participantes acreditam ser possível de trabalhar a ciência.

Cite uma possível história que você acredita ser possível de trabalhar a ciência. Quais temas relacionados a ciência essa história poderia abordar para relacionar à ciência?	Justificativas	Absoluto	Percentual
João e o Pé de Feijão	Crescimento das sementes /solo/clima/fotossíntese	5	26,35
O grande Rabanete	Partes constituintes da planta/cuidado diário com as plantas	2	10,52
O Patinho feio	Aves (nicho ecológico)	1	5,26
A Cigarra e a Formiga	Insetos (nicho ecológico)	1	5,26
O Galo e a Raposa	-	1	5,26
Ariel	Poluição nos oceanos e a ação desta sobre a fauna ali presente.	1	5,26
O Rato e a montanha	Montanhas e o animal rato	1	5,26
Chapeuzinho Vermelho	Lobos/instinto animal	1	5,26
O Leão e o Rato		1	5,26
Rei Leão	Fauna e flora	1	5,26
Não lembrou	-	4	21,05
Total		19	100

Fonte: Elaborada pelas autoras

A maioria dos participantes 26,35% citou a história do João e o Pé de Feijão, justificando que por meio desta é possível trabalhar o crescimento das sementes, preparo do solo, clima e também a fotossíntese. Com isso, inúmeras atividades podem ser exploradas por meio desta

história, como a clássica plantação do feijão no algodão em um recipiente transparente para que a criança possa anotar nos eu diário de observações todas as mudanças que acontecem. Além disso, é possível fazer o plantio da semente de feijão em diferentes tipos de substratos, discutindo as diferenças e composição de cada um. Com isso, fatores como o clima, a energia solar e a água também podem ser estudados. Até mesmo, conceitos mais complexos como a fotossíntese podem ser estudados, podendo trazer alguma prática adicional que facilite a compreensão das crianças, como por exemplo a experiência sobre os gases envolvidos na fotossíntese, na qual com apenas quatro materiais é possível fazer: um vidro com água e a planta Elodea, bicarbonato de sódio e uma lâmpada de 100 W. Após trinta minutos é possível observar a formação de bolhas ao redor da planta. Isso se dá pelo fato da Elodea recebe o gás carbônico (CO₂) junto com a água que resulta na formação de glicose e oxigênio que é liberado por meio das bolhas. Essas são apenas algumas das atividades relacionadas com a ciência, possíveis de ser explorada por meio do conto João e o Pé de Feijão.

Outra história citada e que pode contribuir muito no ensino de ciências foi o Grande Rabanete, a qual relata a história de um casal de vovôs que cultivava várias hortaliças em sua horta, sendo uma delas o rabanete, o qual era tão grande que o vovô teve que chamar a vovó, a neta e os demais animais da fazenda para conseguirem arrancar o rabanete. Nessa história, é possível trabalhar as partes constituintes da planta, ressaltando que algumas hortaliças, como as raízes, os tubérculos e os bulbos, nascem debaixo da terra, e o rabanete consiste em uma raiz. Além disso, é possível trabalhar a importância do cultivo orgânico em casa, e sem o uso de agrotóxicos, incentivando as crianças a construïrem suas hortinhas em suas casas, e também a usufruir desta alimentação saudável. Além disso, outra alternativa super válida é a horta escolar, é claro se escola apresentar estrutura para a mesma.

A horta inserida no ambiente escolar torna-se um laboratório vivo que possibilita o desenvolvimento de diversas atividades pedagógicas em educação ambiental e alimentar, unindo teoria e prática de forma contextualizada, auxiliando no processo de ensino-aprendizagem e estreitando relações através da promoção do trabalho coletivo e cooperado entre os agentes sociais envolvidos. A horta orgânica desenvolve um papel bastante importante, auxiliando a comunidade escolar no planejamento, execução e manutenção das hortas, levando até ela princípios de horticultura orgânica, compostagem, formas de produção dos alimentos, o solo como fonte de vida, relação campo-cidade, entre outros (PIMENTA & RODRIGUES, 2011).

São inúmeras as atividades teóricas e práticas que podem ser desenvolvidas na horta escolar, inclusive atividades interdisciplinares neste ambiente muito rico e propício para a aprendizagem.

Outras histórias também foram citadas como a do Patinho Feio, a qual pode abordar todas as características das aves; a fábula da Cigarra e a Formiga onde podemos explorar os insetos; O Galo e a Raposa, aonde também é possível trabalhar estes animais, além dos conceitos de presa e predador; Ariel, por meio da qual podemos abordar a problemática ambiental da poluição nos oceanos, e como está afeta a fauna ali presente; O Rato e a montanha, no qual podemos trabalhar as características dos mamíferos, exploração dos recursos naturais (importância da água);

O conto da Chapeuzinho Vermelho também foi mencionado, por meio do qual é possível trabalhar o animal lobo (trazendo o lobo-guará como na sequência que apresentamos), bem como o conceito de instinto selvagem.

A fábula, o Leão e o Rato foi citado por um participante, por meio da qual é possível trabalhar a cadeia alimentar, bem como as interações que os animais estabelecem na natureza. Além disso, também é possível abordar as ameaças presentes na natureza contra os animais, como a caça, a qual é retratada na história.

Na tabela 33 a seguir, apresentamos os resultados referentes a qual atividade apresentada na oficina os participantes mais gostaram.

Tabela 33. Resultados encontrados quando questionados sobre qual atividade da oficina os participantes mais gostaram.

Qual atividade você mais gostou?	Justificativas	Absoluto	Percentual
Aula expositiva sobre o lobo-guará e o porco cateto	-	1	5,26
Contação das versões adaptadas das histórias da Chapeuzinho Vermelho e dos Três Porquinhos	Conscientização da natureza/ história diferente	4	21,05
Confecção de cartazes em grupos referente a pesquisas sobre estes animais	-	0	0
Máscara dos animais para desfile	-	-	0
Origami dos animais	Trabalhar a arte/atividade lúdica/ coordenação motora e imaginação	7	36,86
Confecção dos animais com materiais reutilizáveis	Trabalhar a sustentabilidade/ Material acessível/ Atrativo as crianças	5	26,31
Confecção dos animais com folhas secas	Criatividade	2	10,52
Total		15	100

Fonte: Elaborada pelas autoras

Os resultados demonstram que 36,86% dos participantes afirmaram ter gostado mais do origami, justificando que por meio desta dobradura é possível trabalhar a arte, a coordenação motora e a imaginação, sendo assim uma atividade lúdica que as crianças apreciam. Para Genova (2008), o origami é uma maneira de se expressar e consiste em uma arte japonesa, que consiste na dobradura do papel, no intuito de obter formas identificáveis, de animais, pessoas ou objetos. A manipulação do papel faz haver comunicação com os pares, além de valorizar o movimento das mãos, estimulando as articulações assim como o cérebro. Sendo assim, os benefícios desta dobradura são importantes para o desenvolvimento da criança, tendo em vista todos os aspectos já citados.

Na oficina apresentamos aos participantes, um modelo de origami do lobo-guará, o qual inclusive confeccionamos durante a oficina; apresentamos também outro modelo de origami para o porco cateto, e uma dobradura por meio de dois círculos para a chapeuzinho vermelho. Acreditamos que o fato de ter confeccionado em conjunto com a turma esses origamis pode ter sido um dos motivos para uma maior apreciação dos mesmos, uma vez que sabemos que o saber, é diferente do saber fazer, até mesmo para nós professores, nem sempre a teoria que estudamos sai exatamente como desejamos na prática, com isso, antes de fazer o origami em sala de aula, ou qualquer outra atividade é importante que o professor teste primeiro, para não correr o risco de dar algo errado no momento. Carvalho e Gil-Pérez (2001) propõem a organização do saber e do saber fazer dos professores em três áreas, sendo elas: 1) os saberes conceituais e metodológicos da área específica: neste, o professor precisa dominar os conhecimentos da área que vai ensinar, incluindo os conteúdos, suas questões fundamentais, a forma de produzir e desenvolver conhecimento na área; 2) os saberes integradores: correspondem aos saberes que irão permitir ao professor ensinar, ou seja, transformar os conteúdos científicos em conteúdos escolares. Isso inclui saber planejar e desenvolver atividades de ensino que levem em conta as concepções prévias dos alunos, a mudança na linguagem, a argumentação, a construção de habilidades e atitudes; 3) os saberes pedagógicos: compreendem o saber avaliar, as interações professor-aluno e os problemas da profissionalização do professor.

A confecção dos animais com materiais reutilizáveis também foi citada por 26,31% dos participantes. Os participantes citaram como justificativas a possibilidade de trabalhar a sustentabilidade e também a questão de utilizar materiais acessíveis a todos, além de ser atrativo para as crianças. As respostas dos participantes evidenciam isso: *“Confecção dos animais com materiais recicláveis, mais na verdade gostei de todos, porém escolhi essa que pode trazer o tema para a sala de aula sobre a reutilização dos materiais recicláveis; “Confecções dos*

animais com materiais recicláveis, por que são interessantes e é possível todos terem em casa. Além de ser algo muito usado e não irá se estragar com o tempo”; “confeções de animais recicláveis, por que reutiliza materiais e ainda é muito atrativo para a criança”. São inúmeras as abordagens ligadas a educação ambiental que podem ser feitas por meio desta confecção dos animais com materiais reutilizáveis. De acordo com Cruz, Antunes e Faria (2011, p. 03):

A EA na instituição escolar pode trabalhar com propostas pedagógicas que sensibilizem os estudantes para a redução do consumismo e conseqüentemente para redução da produção de lixo. Além disso, a EA pode conscientizar a comunidade escolar para a importância da coleta seletiva e da reciclagem e reutilização de materiais. Dessa forma, a EA pode mudar a concepção e prática das pessoas em relação a suas atitudes na gestão de resíduos sólidos.

Todos esses temas e outros que abrangem a EA, são possíveis de serem trabalhados por meio desta atividade de confecção dos animais com materiais reutilizáveis. Outros 21,05 % afirmaram que gostaram mais da atividade de contação das versões adaptadas das histórias da Chapeuzinho Vermelho e dos Três Porquinhos, apresentando as seguintes respostas: *“Eu gostei de todos, mais escolhi a segunda opção pois fala muito sobre a conscientização da natureza.”*; *“Contação de histórias adaptadas, porque eu acho que as crianças vão adorar escutar histórias diferentes das que elas costumam escutar”*. Como já mencionado por meio das versões reescritas buscamos retratar todas as características do lobo-guará e do porco cateto, seu nicho ecológico, importância ecológica e também aspectos ligados aos riscos de extinção, bem como a preservação destes animais. Com isso, além de oportunizar todos estes conhecimentos, as crianças também estarão conhecendo uma nova versão destas histórias.

Outra atividade citada foi a confecção de animais utilizando folhas secas com 10,52%, a qual desenvolve a criatividade, pois a criança precisa imaginar e construir as partes constituintes do animal, escolhendo diferentes formatos de folhas, de acordo com a estrutura que pretende representar. Além disso, essa atividade também se torna acessível por utilizar somente folhas, as quais as crianças podem coletar e levar para a escola. Com 5,26% a aula expositiva também foi citada.

Na tabela 34 a seguir, serão apresentados os resultados referentes as histórias reescritas contribuir ou não para a mudança de estereótipos.

Tabela 34. Resultados encontrados sobre a opinião dos entrevistados quando questionados se as histórias reescritas podem contribuir para a mudança de estereótipos dos animais.

As histórias reescritas podem ser uma forma de contribuir para mudança dos estereótipos dos animais?	Absoluto	Percentual
Sim, somente as histórias podem contribuir	1	5,26
Não, acho necessário a aplicação de atividades conjuntas a história	2	10,52
Acredito que somente as histórias ajudariam, mas com o acréscimo de atividades conjuntas os resultados se potencializam	16	84,22
Total	19	100

Fonte: Elaborada pelas autoras

Os resultados demonstram que 84,22% afirmaram que as histórias reescritas ajudariam, mas que com o acréscimo de atividades conjuntas a contação, os resultados se potencializam. Pensando nisso, trabalhos com uma sequência didática de atividades sobre o lobo-guará e o porco cateto. De acordo com Kobashigawa et al., (2008) uma sequência didática consiste em um conjunto de atividades, estratégias e intervenções planejadas etapa por etapa pelo docente para que o entendimento do conteúdo ou tema proposto seja alcançado pelos discentes. A sequência pode abordar várias estratégias de ensino e aprendizagem e envolver vários dias de atividades. Assim, por meio da realização de uma sequência didática de atividades, o aluno tem várias oportunidades de consolidar seu aprendizado, por meio de diferentes estratégias de ensino.

Ainda, 10,52% dos participantes afirmaram que somente a história sozinha não é capaz de provocar essa mudança, sendo necessário o acréscimo de mais atividades conjuntas. Outro participante, 5,26% afirmou que somente as histórias podem contribuir. Enquanto docente, acreditamos no potencial da sequência didática para proporcionar um aprendizado mais significativo ao aluno, sendo assim, somente a história pode contribuir, mas não com a mesma intensidade se esta vir acompanhada de demais atividades. A tabela 35 a seguir, apresenta os resultados encontrados sobre a atividade que os entrevistados acreditam que mais contribuiu para a mudança de estereótipos.

Tabela 35. Resultados encontrados sobre a opinião dos entrevistados referente a atividade que mais contribuiria para a mudança de estereótipos.

Qual das atividades propostas você acredita que mais contribuiria para essa mudança de estereótipos?	Absoluto	Percentual
Aula expositiva/dialogada sobre o lobo-guará e o porco cateto;	5	26,31

Contação das versões adaptadas das histórias da Chapeuzinho Vermelho e dos Três Porquinhos.	7	36,86
Confecção de cartazes em grupos referente a pesquisas sobre estes animais;	4	21,05
Máscara dos animais para desfile;	0	0
Origami dos animais;	1	5,26
Confecção dos animais com materiais reutilizáveis;	1	5,26
Confecção dos animais com folhas secas;	1	5,26
Total	19	100

Fonte: Elaborada pelas autoras

A nossa última pergunta questiona os entrevistados sobre qual das atividades propostas contribuiria mais para a mudança de estereótipos. Obtivemos 26,31% de respostas para a aula expositiva dos animais, e 36,86% para a contação das versões adaptadas. As aulas expositivas e dialogadas dos animais lobo-guará e porco cateto, serão feitas em dias distintos, sendo reservado um dia para cada aula (animal). Nesta aula serão abordadas todas as características dos animais, além das ameaças e meios de preservação destas espécies. Utilizamos muitas imagens para ilustrar a aula e torná-la mais dinâmica as crianças, além disso a aula contém alguns questionamentos para as crianças, para que elas interajam com o professor.

A contação das versões reescritas também será realizada em dias distintos, assim, por meio da contação o professor estará transmitindo conhecimento referente a esses animais as crianças, de uma forma leve e atrativa as crianças. A utilização de um recurso para fazer a contação é de extrema importância, sugerimos utilizar o guarda-chuva com os personagens, mas o professor pode ficar à vontade para escolher qual recurso se identificar melhor.

A confecção de cartazes em grupos referente a pesquisas sobre estes animais, foi escolhida por 21,05% dos participantes. Nesta atividade os alunos poderão formar grupos, e cada grupo poderá pesquisar sobre algum tema que envolva estes animais. Por meio desta atividade a criança se envolve na atividade e se torna ativa, além de trabalhar a cooperação e socialização em grupo. O origami, a arte com as folhas secas e a confecção dos animais com materiais recicláveis também obtiveram porcentagens iguais de 5,26%.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura infantil consiste em uma atraente e versátil ferramenta de ensino, podendo ser explorada em todas as áreas do conhecimento, sob diferentes enfoques e objetivos. Com base na proposta apresentada, acreditamos que os contos clássicos podem atuar como importantes ferramentas no ensino de ciências nos anos iniciais do ensino fundamental. Sobre isso, Lorenzetti (2000, p.17) corrobora afirmando:

O ensino de Ciências com seus métodos, linguagem e conteúdos próprios deve promover a formação integral do cidadão, como ser pensante e atuante, e como corresponsável pelos destinos da sociedade. A criança, desde as Séries Iniciais, é cidadã que se constrói através de inúmeros atos interativos com os outros e com o meio em que vive. Ela é sujeito de seus conhecimentos.

Pensando nisso, uma das alternativas para promover alfabetização científica nos anos iniciais, é por meio dos contos clássicos, os quais são muito apreciados pelas crianças e consistem em um material muito rico para explorar a ciência. Além disso, a partir dos contos também podem ser exploradas diversas outras atividades como demonstramos na sequência didática temática referente aos animais lobo-guará e porco cateto, as quais vem para enriquecer ainda mais esse processo de ensino-aprendizagem com enfoque na literatura infantil e na ciência.

Por meio da nossa investigação voltada as concepções prévias dos participantes, referente aos personagens e animais reais lobo e porco, conseguimos perceber que as crianças possuem concepções, por vezes, fragmentadas a respeito desses personagens, o que nos reforça a necessidade de trabalhar em sala de aula temas como a estereotipação de personagens animais. A concepção apresentada pelas crianças, referente aos personagens lobo e os três porquinhos, é fortemente influenciada pelos contos infantis. As crianças acreditam que o personagem lobo é vilão, principalmente pelo fato de ser carnívoro, e os três porquinhos são bonzinhos, apresentando somente características boas. Nesse contexto, acreditamos que uma alternativa possível para modificar essas visões fragmentadas, é por meio dos animais lobo-guará e porco cateto presentes na fauna brasileira. O lobo-guará e o porco cateto atuam como personagens desses contos clássicos, no intuito de promover alfabetização científica por meio de sua ecologia, hábitat, nicho ecológico e características em geral.

A investigação realizada com o curso normal, demonstrou que alguns participantes já conseguem perceber a presença da estereotipação de alguns personagens, contudo, antes de apresentar a nossa investigação e proposta da sequência didática temática, a maioria dos participantes ainda não havia percebido esta possibilidade de explorar da ciência e a literatura

infantil em sala de aula, com seus futuros alunos. Com isso, a partir desta proposta, acreditamos ter contribuído na formação docente destes alunos.

Desta forma, a inclusão da alfabetização científica, já nos anos iniciais do ensino fundamental, seja por meio da literatura infantil, ou por meio de outra ferramenta, é imprescindível para alcançarmos melhores resultados, principalmente se esta continuar a ser trabalhada nos demais níveis de ensino, pois assim estaremos potencializando o aprendizado de nossos alunos, de maneira gradual, e que permita ao aluno fazer associações e ampliar seu conhecimento científico, desse modo, concepções fragmentadas da ciência podem ser evitadas, pois este aluno já terá na sua infância um conhecimento base que o auxiliará a entender melhor a complexa “linguagem da natureza”. De acordo com Lorenzetti (2000, p.18):

O ensino de Ciências nas Séries Iniciais deverá propiciar a todos os cidadãos os conhecimentos e oportunidades de desenvolvimento de capacidades necessárias para se orientarem nesta sociedade complexa, compreendendo o que se passa à sua volta, tomando posição e intervindo na sua realidade.

Sendo assim, a ciência, quando trabalhada nos anos iniciais deve se preocupar com a formação de cidadãos críticos, conscientes e que já consigam perceber a ciência presente no seu cotidiano. Ressaltamos aqui, que os contos literários contemporâneos também consistem em excelentes opções para explorar a ciência, uma vez que muitos deles já fazem menção a desconstrução de estereótipos presentes nos contos literários clássicos, e trazem aspectos relevantes da ciência.

Como perspectivas futuras dessa pesquisa, desejamos que os professores de anos iniciais apliquem com seus alunos essa sequência didática temática, referente aos animais lobo-guará e porco cateto, uma vez, que inicialmente essa sequência didática foi planejada para ser aplicada com as crianças, como continuidade a nossa investigação feita inicialmente com elas, para avaliar as concepções prévias. Porém, a pandemia da Covid-19 nos impediu de estarmos presencialmente em sala de aula desenvolvendo o restante de nossa pesquisa. As aulas foram suspensas devido a gravidade da pandemia, e com isso, tivemos de repensar em nossa proposta e em nosso público alvo. Aplicamos então, a nossa sequência didática temática de maneira remota com uma turma de alunos do curso normal, futuros professores, tendo em vista que poderíamos contribuir em sua formação docente. Outra sugestão para essa pesquisa, é que ela seja aplicada em outros níveis escolares do ensino fundamental, para podermos analisar e comparar os resultados encontrados em ambas.

Por fim, esperamos ter contribuído no ensino de ciências nos anos iniciais do ensino fundamental, demonstrando que a divulgação da ciência por meio da contação de histórias e

outras atividades relacionadas, pode contribuir para a compreensão de temas científicos para o público infantil, uma vez que, acreditamos que esta associação entre a literatura infantil e o ensino de ciências torna o aprendizado de conhecimentos científicos mais prazeroso e encantador ao aluno.

REFERÊNCIAS

AMARAL, L. A. **Sobre crocodilos e avestruzes:** falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). *Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summum, 1998. p. 12-13-15-17-18 -26.

ANTOGLA, D. C. **A articulação entre a literatura infantil e o ensino de ciências nos anos iniciais do ensino fundamental.** 2014, 151 p. Dissertação (Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação) -Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ), Chapecó, SC, 2014.

AGUIAR, A. C, et al. Os contos de fadas na construção do imaginário infantil. I Mostra de Iniciação Científica Curso de Psicologia da FSG, 2014 [s.l]. **Anais**, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/User1/Downloads/1421-Texto%20do%20artigo-4288-1-10-20150424%20(2).pdf > Acesso em 19 de ago. 2019.

ALVES, R. **O desejo de ensinar e a arte de aprender.** Campinas: Fundação EDUCAR DPaschoal, 2004.

ALVES, Rubem. **Por uma educação romântica.** 9º edição. Campinas-SP: Papyrus, 2012.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

BNCC. BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR. **Educação é a base.** Ministério da Educação, 600p. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf> Acesso em: 15 de mai.2020.

BETTELHEIM. B. **A psicanálise dos contos de fadas.** 16ª Edição. [s.l]: Ed. Paz e terra, 2002. 335p. Disponível em: <http://fernandomaues.com/noigandres/textos/ensino/a_psicanalise_dos_contos_de_fadas.pdf> Acesso em 19 de ago. 2019.

BRASIL. Pacto Nacional da Alfabetização na idade certa. **Caderno de Apresentação/** Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2015. Disponível em: <<https://www.novaconcursos.com.br/blog/pdf/pacto-nacional-alfabetizacao-idade-certa-apresentacao.pdf>> Acesso em: 14 de dez. 2020.

BOSSO, P. L. Tipos de enriquecimento ambiental. Disponível em <http://www.zoologico.sp.gov.br/>

CADERMATORI, L. **O que é literatura infantil.** São Paulo: Editora Brasiliense, 2017. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=aGgvDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT4&dq=fun%C3%A7%C3%A3o+da+literatura+infantil+na+vida+da+crian%C3%A7a&ots=75PKEhsHb-&sig=cS2gGCfOJMAO8ymgEso82pibYf8#v=onepage&q=fun%C3%A7%C3%A3o%20da%20literatura%20infantil%20na%20vida%20da%20crian%C3%A7a&f=false>> Acesso em: 12 de dez. 2019.

CALDIN, C. F. **Biblioterapia:** um cuidado com o ser. São Paulo: Porto de Ideias, 2010.

CARVALHO, Anna Maria; GIL-PÉREZ, Daniel. O saber e o saber fazer do professor. In: CASTRO, Amélia D.; CARVALHO, Anna Maria P. (Org.). **Ensinar a ensinar: didática para a escola fundamental e média**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001. p. 107-124.

CASTOLDI, R.; POLINARSKI, C. A. A utilização de Recursos didácticopedagógicos na motivação da aprendizagem. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE ENSINO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 1, Ponta Grossa, 2009. **Anais do I SINECT**. Disponível em: . Acesso em: 22 mar. 2016.

CASTRO, J.L, et al. Mata ciliar: importância e funcionamento. 2017, Campo Grande. **Anais... Campo Grande: IBEAS, 2017.** Disponível em: <<https://www.ibeas.org.br/congresso/Trabalhos2017/XI-016.pdf>> Acesso em: 12 de dez. 2019.

CHASSOT, A. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, N° 22, p. 89-100, Jan./Abr. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000100009> Acesso em: 20 de fev. 2020.

COELHO, N.N. **O conto de fadas: símbolos mitos arquétipos**. São Paulo: Paulinas, 2012. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=fRRSDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT4&dq=origem+dos+contos+de+fadas+e+hist%C3%B3rias&ots=kZ57oojDQh&sig=A3MjgollpmgPMxH9RJ45vww1xa0#v=onepage&q&f=false>> Acesso em: 11 de dez. 2019.

COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Ed. Moderna, 2000.

COUTINHO, F. Os animais que todos somos: ou a vida dos bichos na literatura infantil contemporânea. **Revista estação literária**. Londrina, Volume 17, p.73-85, jul. 2016. Disponível em: <<file:///C:/Users/User/Desktop/mestrado%20Ufsm/Disserta%C3%A7%C3%A3o/cateto/os%20animais%20que%20tds%20somos.pdf>> Acesso em: 09 de fev. 2020.

COMO fazer porco. Origami. A arte de dobrar o papel. **Youtube**, (3min.51s.), 25 de jan. de 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qXTSRGFTAz0>> Acesso em 20 de maio de 2021.

COSTA, J.S. Uma visão crítica dos contos de fadas dos Grimm. **Caderno da Escola Superior de Gestão Pública, Política, Jurídica e Segurança**. Curitiba, vol. 2, n. 2, p.82-97, jul./dez. 2019. Disponível em: <<file:///C:/Users/User/Desktop/mestrado%20Ufsm/Disserta%C3%A7%C3%A3o/876-2867-1-PB.pdf>> Acesso em: 30 de jun. 2020.

CRUZ, V.R; ANTUNES, A.M; FARIA, J.C. Oficina de produção de materiais pedagógicos e lúdicos com reutilizáveis: uma proposta de educação ambiental no ensino de ciências e biologia. **Enciclopédia Biosfera**, Centro Científico Conhecer - Goiânia, vol.7, N.12; 2011.

DARNTON, R. **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. São Paulo, v. 13, Ed. Graal, p. 13-103, 2011. Disponível em:

<[Http://volobuef.tripod.com/op_darnton_historias_camponeses_contam.pdf](http://volobuef.tripod.com/op_darnton_historias_camponeses_contam.pdf)> Acesso em: 30 de jun. 2020.

DESBIEZ, A. L. J, et al. Avaliação do risco de extinção do cateto Pecari tajacu Linnaeus, 1978, no Brasil. **Biodiversidade Brasileira**. Ano II, n. 3, p. 74-83, 2012.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação Ambiental: princípios e práticas**. 9 ed. São Paulo: Gaia, 2004.

EMMERT, Luciano. Dieta e uso do habitat pelo lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*, Illiger, 1815) na Floresta Nacional de Brasília. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais) - Universidade de Brasília, Faculdade de Tecnologia, Brasília, 2012.

FALCONI, I.M; FARAGO, A.C. Contos de Fadas: origem e contribuições para o desenvolvimento da criança. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**. Bebedouro, São Paulo, p. 85-111, 2015. Disponível em: <http://repositorio.unifafibe.com.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/455/2015_IMF.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 11 de dez. 2019.

Fauna da Austrália. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre, 2019. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fauna_da_Austr%C3%A1lia> Acesso em: 15 de fev. 2020.

FARIA, N.O. **Bioma cerrado e a extinção do lobo-guará**. 2012, 33 f. Monografia (licenciatura em Biologia) - Universidade de Brasília, Luziânia-Goiás, 2012. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/4390/1/2012_NilzaOliveiradeFaria.pdf> Acesso em: 16 de fev.2020.

FARIAS, F.R.A; RUBIO, J.A.S. Literatura Infantil: A Contribuição dos Contos de Fadas para a Construção do Imaginário Infantil. **Revista eletrônica saberes da educação**. [s.l], V. 3, nº 1, 2012. Disponível em: <<http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/Francy.pdf>> Acesso em 20 de ago. 2019.

FARIA, M. A representação dos animais na literatura infantil: realismo e fantasia, humor e estilização. **Instrumento Crítico**. Vilhena, n.2, p. 33-47, nov. 1999. Disponível em: <<file:///C:/Users/User/Downloads/3766-13151-1-SM.pdf>> Acesso em 10 de fev. 2020.

FELIPE, J. **O lobo mau que é bom: a re-versão do mito nas histórias infantis**. 2007. 92 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2007.

FERNANDES, E.F; CENTURIÓN, D. A Literatura Infantil: Contos de Fadas na Formação Integral da Criança. **Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia**. V.13, N. 45, p. 392-414, 2019. Disponível em: <<file:///C:/Users/User/Downloads/1848-7082-1-PB.pdf>> Acesso em 04 de fev. 2020.

FERREIRA, M.L. **Desenvolvimento Visual de Cenário para Animação: A Floresta no conto de Chapeuzinho Vermelho**. 2017, 122 p. Trabalho de conclusão de curso. (Bacharel em Comunicação Social) - Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2017. Disponível em: <http://www.bdm.unb.br/bitstream/10483/18258/1/2017_MarianneDeLazariFerreira.pdf> Acesso em: 14 de fev. 2020.

FREIRE, P. (2005). **A importância do ato de ler – em três artigos que se completam**, São Paulo: Cortez (1980). **Educação como prática da liberdade**, São Paulo: Paz e Terra.

FILIPE, R.I.B. **A Promoção do Ensino das Ciências Através da Literatura Infantil**. 2012, 153 p. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade de Lisboa, 2012.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**: Apostila. Ceará: Curso de especialização em comunidades virtuais de aprendizagem-informática educativa, 2002. 127 p.

FUTUYMA, D. J. **Biologia evolutiva**. FUNPEC, Editora. São Paulo, Ribeirão Preto, 1998. Acesso em: 05 mar. 2017.

FREUD, S. **Os chistes e suas relações com o inconsciente**. Tradução de Margarida Salomão. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1969.

GAMBOA, S. S. Os métodos na pesquisa em educação: uma análise epistemológica. In: **Pesquisa em educação: métodos e epistemologias**. 1ª Edição. Chapecó: Ed. Argos. p.23-43. 2007.

GENOVA, C. **Origami**: a milenar arte das dobraduras. 8º edição. São Paulo: Escrituras Editora, 2008.

GUERRA, I. C. Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo. Sentidos e formas de uso. **CIDADES, comunidades e territórios**. Estoril, N. 12/13, Ed. Principia, 2006.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2008. 220 p. Disponível em: <<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>> Acesso em: 08 de jul. 2020.

GOLDSCHMIDT, A. I. et al. Despertando o Interesse por Charles Darwin e pela Evolução Biológica através da Investigação Científica. **Revista de Ensino de Ciências e Matemática**. v 13. n 2. p.145-162. jul./dez. 2011.

HAMBURGER, E.W. (2007). Alguns apontamentos sobre o ensino de Ciências nas séries escolares iniciais. **Estudos Avançados**, 21 (60), 93-104. Retirado em 12/11/2008, no World Wide Web: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142007000200007&lng=pt&nrm=iso&tlng=en.

HIGASHI, A, M, F. **Ciência e literatura em textos infantis de Angelo Machado**. 2010, 127 p. Dissertação (Programa de pós-graduação em Filogenia e Língua Portuguesa)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas da Universidade de São Paulo, SP, 2010.

HISADA, S. **A utilização de histórias no processo psicoterápico**: uma visão winnicottiana. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Revinter, 1998.

KOBASHIGAWA, A.H.; ATHAYDE, B.A.C.; MATOS, K.F. de OLIVEIRA; CAMELO, M.H.; FALCONI, S. Estação ciência: formação de educadores para o ensino de ciências nas séries iniciais do ensino fundamental. In: **IV Seminário Nacional ABC na Educação Científica**. São Paulo, 2008. p. 212-217. Disponível em: . Acesso em: 31/07/2016.

LIMA, M.R, et al. Influência da literatura infantil no desenvolvimento da leitura e da oralidade. **Ciências Humanas e Sociais**, Aracaju, v. 3, n.2, p. 161-174, março 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/2443-9531-1-PB%20(1).pdf> Acesso em 20 de jan.2020.

LIMA, V.M.M. A complexidade da docência nos anos iniciais na escola pública. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, SP, v. 22, n. 23, p. 148-166, maio/ago. 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/1767-5247-3-PB.pdf> Acesso em: 07 de jun. 2021.

LIMA, N. R. W.; SODRE, G. A.; LIMA, H. R. R.; MANCEBO, S. S. S.; CAMPOS. L. V.; GIBSON, A., SOUZA, V.; COUTO, W.; GIACOMO, L. NARCIZO; A., LOBAO, A. Q.; DELOU, C. M. C. The Efficacy of a practical activity in the construction of knowledge of the concepts of species and phenotypic plasticity using the boldo mirim (*Plectranthus neochilus* Schltr). **Creative Education**, v. 8, n. 13, p. 2036-2048, 2017c. Disponível em: https://file.scirp.org/pdf/CE_2017101714215128.pdf Acesso em: 30 nov. 2017.

LEMKE, J.L. (2006). **Investigar para el Futuro de la Educación Científica: Nuevas Formas de Aprender, Nuevas Formas de Vivir**, Enseñanza de las Ciencias, v.24, n.1, 5-12.

ICMBIO. INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE. **Sumário executivo do plano de ação nacional para a conservação do lobo-guará**. Disponível em: <<https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/docs-pan/pan-lobo-guara/1-ciclo/pan-lobo-guara-sumario.pdf>> Acesso em 20 de jan. 2019.

INTERNATIONAL UNION FOR CONSERVATION OF NATURE. *Chrysocyon brachyurus*, Maned Wolf: the IUCN Red List of Threatened Species. [S. l.]: IUCN, 2008.

IUCN (International Union for Conservation of Nature). 2003. **Guidelines for application of IUCN Red List criteria at regional levels. Version 3.0**. IUCN Species Survival Commission. Gland and Cambridge: IUCN. ii + 26 pp.

JACOBUCCI, D.F.C. Contribuições dos espaços não formais de educação para a formação da cultura científica. **Em extensão**, Uberlândia, v.7, 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/20390/10860>> Acesso em: 23 de jun. 2020.

LAJOLO, M. ZILBERAN, R. **Literatura infantil brasileira: histórias e histórias**. 6 ed. São Paulo: Ed. Ática, 2007.

LEIRA, M.H, et al. Bem-estar dos animais nos zoológicos e a bioética ambiental. **Pubvet**. Minas Gerais, v.11, n.6, p.545-553, Jul. 2017. Disponível em: <<https://www.pubvet.com.br/uploads/e30fd9b0d58c7b2fd3720bbe63040981.pdf>> Acesso em: 13 de jan.2020.

LOBO-GUARÁ de origami- Criarte em casa. **Youtube**. 28 de abr. de 2020. 7 min. 46 seg. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=a4y1y-qioAg&t=2s>> Acesso em 20 de maio de 2021.

LORENZETTI, L; DELIZOICOV, D. Alfabetização científica no contexto das séries iniciais. **Revista Ensaio**. Belo Horizonte, v.03, n.01, p.45-61, jan-jun 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/epec/v3n1/1983-2117-epec-3-01-00045>> Acesso em: 12 de jan.2020.

LORENZETTI, L. **Alfabetização científica no contexto das séries iniciais**. 2000, 143p. Dissertação. (Mestrado em Educação e Ciência) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2000.

MACHADO, G.V; FONSECA, C.C; NEVES, M.T. Topografia do cone medular no lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus* Illiger, 1815). **R. bras. Ci. Vet.**, v. 9, n. 2, p. 107-109, maio/ago. 2002. Disponível em: <<file:///C:/Users/User1/Downloads/7548-31546-1-PB.pdf>> Acesso em: 04 de jan. 2019.

MARQUES, J.C. **Modelos para dispersão de javalis (*Sus scrofa*)**. 2019. 80 f. Tese (doutorado Matemática Aplicada) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2019. Disponível em: <<file:///C:/Users/User/Desktop/mestrado%20Ufsm/Disserta%C3%A7%C3%A3o/cateto%20javalis%20queixada.pdf>> Acesso em: 08 de jul. 2020.

MARQUES, L.P.F. **A constituição do fantástico em o livro dos lobos, de Rubens Figueiredo**. 2019, 136 f. Tese (Doutorado em Letras)- Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2019. Disponível em: <<http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/4169/5/Lu%c3%ads%20Paulo%20Fi%c3%baz%20Marques.pdf>> Acesso em 18 de jan. 2021.

MARQUES, R; XAVIER, C. R. Análise da alfabetização científica de estudantes numa sequência didática de educação ambiental no ensino de ciências. Simpósio Nacional de Ensino de Ciência e Tecnologia (VI SINECT). 2018, Ponta Grossa/PR, **Anais...Ponta Grossa/PR: UTFPR**, 2018. p. 1-13. Disponível em: <<file:///C:/Users/User/Downloads/01529620500.pdf>> Acesso em 16 de jul.2020.

MARTELLO, A. Banco Central lança nota de R\$ 200, com imagem de lobo-guará. **G1**, Brasília, 2 de set. 2020, G1 economia.

MATEUS, et al. A importância da contação de história como prática educativa na educação infantil. **Pedagogia em ação**. Minas Gerais, v. 5 n. 1. p. 54-69, 2014. Disponível em: <[file:///C:/Users/User/Downloads/8477-Texto%20do%20artigo-30743-3-10-20150514%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/8477-Texto%20do%20artigo-30743-3-10-20150514%20(1).pdf)> Acesso em: 08 de fev. 2020.

MAUÉS, M, S; IANELLA, P; **Inventário de Recursos Genéticos Animais da Embrapa**. Brasília, DF: Embrapa 2016.

MAZZOLI, M. 2006. **Persistência e riqueza de mamíferos focais em sistemas agropecuários no planalto meridional brasileiro**. 2006, 105 f. Tese (Doutorado em Ecologia) -Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, 2006.

MELGAÇO, I.C.P. **Ética animal no ensino de ciências e biologia: uma análise de livros didáticos da educação básica**. 2015, 132 f. Tese (Doutorado em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2015.

MEREGE, A.L. **Os Contos de Fadas: Origens, História e permanência no mundo moderno.** São Paulo: Ed. Claridade, 2010. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=y7aIDwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false> Acesso em: 17 de abr. 2019.

MENASCHE, R. **A agricultura familiar a mesa.** Saberes e práticas de alimentação no Vale do Taquari. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2007.

MILITÃO, C. Enriquecimento Ambiental – Escola profissional agrícola. Portugal, 2008.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Coronavírus.** Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/como-se-protger>> Acesso em 16 de abr. 2021.

MONDEK, S.A; ROCHA, Z.F; LIMA, J. P. Serões de dona benta monteiro lobato e o ensino de ciências. **REnCiMa**, v. 10, n.1, p. 184-193, 2019. Disponível em: <<file:///C:/Users/User1/Downloads/1365-6622-1-PB.pdf>> Acesso em 29 de dez. 2019.

MOREIRA, Marco Antônio. Pesquisa em ensino: aspectos metodológicos. **Actas del PIDEC:** textos de apoio do Programa Internacional de Doutorado em Ensino de Ciências da Universidade de Burgos. Porto Alegre, v. 5, p. 101-136. 2003.

NEVES, A.A.L. Lobo-mau: o malandro dos contos de fadas. **Vernaculum: Flor do Laço.** v. 2, n. 1, 2016. Disponível em: <<file:///C:/Users/User/Downloads/904-2491-1-SM.pdf>> Acesso em: 30 de jun. 2020.

NUNES, A. C. **A importância da leitura dos contos de fadas em sala de aula na formação crítica e reflexiva da criança.** 2018. 22 p. Trabalho de conclusão de curso. (Graduação de licenciatura em letras) - Universidade do Estado do Amazonas-UEA, Parintins-Am, 2018.

OLIVEIRA, H.T; FIGUEIREDO, A.N; TULLIO, A. **Educação ambiental para a conservação da biodiversidade: animais de topo de cadeia** [livro eletrônico] - São Carlos, SP: Diagrama Editorial, 2016.

OLIVEIRA, S.S. **Argumentação e linguagem 2.** Ponta Grossa, PR: Atena, 2020. Cap. 8. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Marcelo-Purificacao/publication/346875447_Argumentacao_e_Linguagem_2/links/600a140345851553a05fdc57/Argumentacao-e-Linguagem-2.pdf#page=67> Acesso em: 06 de jun. 2021.

ORSINI, H; BONDAN, E.F. Fisiopatologia do estresse em animais selvagens em cativeiro e suas implicações no comportamento e bem-estar animal – revisão da literatura. **Rev Inst Ciênc Saúde** 2006; 24(1):7-13. Disponível em: <https://www2.unip.br/presencial/comunicacao/publicacoes/ics/edicoes/2006/01_jan_mar/V2_5_N1_2006_p7-14.pdf> Acesso em: 24 de nov. 2020.

OVIGLI, D.F; BERTUCCI, M.C. A formação para o ensino de ciências naturais nos currículos de pedagogia das instituições públicas de ensino superior paulistas. **Ciências & Cognição.** v. 14, n. 2, p. 194-209, 2009. Disponível em: <<file:///C:/Users/User1/Desktop/mestrado%20Ufsm/Disserta%C3%A7%C3%A3o/134-761-1-PB.pdf>> Acesso em 13 de dez. 2019.

PAULA, R. C.; RODRIGUES, F. H. G.; QUEIROLO, D.; JORGE, R. P. S.; Lemos, F. G.; RODRIGUES, L. A. Avaliação do Estado de Conservação dos Carnívoros. *Biodiversidade Brasileira*, v. 03, n. 01, p. 146-159, 2013.

PAULA, R.C, et al. Avaliação do estado de conservação do Lobo-guará *Chrysocyon brachyurus* (Illiger, 1815) no Brasil. **Biodiversidade Brasileira**. 3(1), p. 146-159, 2013.

PEREIRA, S.G. et al. Lobo-Guará (*Chrysocyon brachyurus*): características gerais, mitológicas e seu conhecimento popular na região noroeste de Minas Gerais. **Revista acadêmica ciência animal**. V. 12, 2019.

PIAGET, Jean e BARBEL, Inhelder. **A Psicologia da criança**. Tradução de Octavio Mendes Cajado. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

PIMENTA, J.C. & RODRIGUES, K.S.M. **Projeto horta escola**: ações de Educação Ambiental na escola Centro Promocional Todos os Santos de Goiânia (GO). In: II SEAT – Simpósio de Educação Ambiental e Transdisciplinaridade. Goiânia, GO, 2011.

PIRÔPO, V.F; BOCCARDO, L. Alfabetização Científica e a Literatura Infantil: Desafios para o Ensino da Biodiversidade e Conservação Animal. XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XI ENPEC Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC – 3 a 6 de julho de 2017. <http://www.abrapecnet.org.br/enpec/xi-enpec/anais/resumos/R2367-1.pdf> CONFERIR NORMAS

POZO, J. I. CRESPO, M. Á. G. **A aprendizagem e o ensino de ciências**: do conhecimento cotidiano ao conhecimento científico. Tradução Naila Freitas. 5. ed. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2009.

PRADA I.L.S. In: Tréz T (org). Instrumento Animal: O uso prejudicial de animais no ensino superior. **Os animais são seres sencientes**. Bauru: Canal 6, p. 15-41, 2008.

PRADO, Adélia. Poesia reunida. São Paulo: ARX, 1991.

RAMOS, D.O; SILVA, D.C; PASCARELLI, B.M. O papel da substituição do cerrado por áreas de agropecuária e a extinção do lobo-guará. **Semioses: Inovação, Desenvolvimento e Sustentabilidade**. Rio de Janeiro, v.12, n. 2, abr./jun. 2018. Disponível em: <<http://revistas.unisiam.edu.br/index.php/semioses/article/view/15/36>> Acesso em: 03 de fev. 2020.

RAVEN, P; EVERT, R. F.; EICHHORN, S.E. **Biologia vegetal**. 8.ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 2014.

REIS, J. O que é divulgação científica? **Revista espiral**, São Paulo, n.32, 2007.

REZENDE, N.; FIGUEIREDO, M. S. L.; GRELE, C. E. V. Características determinantes do risco de extinção global de mamíferos. **Oecologia Australis**. v. 15, n. 2, 275-290, 2011.

Robinson, O. (2004). Rymes and reasons in the Grimms Kinder und hausmarchen. **The German Quarterly**, 77 (1), 47-58.

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO SEPÉ TIARAJU. **Regimento Escolar Ensino Médio Curso Normal**. Tenente Portela, RS, 2021.

RICKLEFS, R.E. **A Economia da Natureza**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

RISO, Don Richard; HUDSON, Russ. **A Sabedoria do Eneagrama**. São Paulo: Cultrix, 2003. 400 p.

RODRIGUES, M.L; FAGALI, E.Q. “Era uma vez... um medo que não queria ir embora: o uso do conto na intervenção psicopedagógica infantil”. **Revista Construção Psicopedagógica**. 25 (26): 57-69, 2017.

SANTOS, J.O. **O impacto dos contos infantis na formação social, emocional e psicológica das crianças na educação infantil**. 2020, 72 p. Trabalho de conclusão de curso. (Graduação em Pedagogia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

SARKAR, S. From the reaktionsnorm to the adaptive norm: the norm of reaction, 1909-1960. **Biology and Philosophy**, v. 14, p. 235-252, 1999. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.700.901&rep=rep1&type=pdf> Acesso em: 03 mar. 2017.

SASSERON, L.H; CARVALHO, A.M.P. Almejando a alfabetização científica no ensino fundamental: a proposição e a procura de indicadores do processo. **Investigações em Ensino de Ciências** – V13(3), pp.333-352, 2008.

SASSERON, L.H; CARVALHO, A.M.P. Alfabetização científica: uma revisão bibliográfica. **Investigações em Ensino de Ciências** – V16(1), pp. 59-77, 2011.

SERRA, Lina. Trabalhos de outono com folhas secas. **Artes divertidas na escola**. 2009. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/617837642604012250/>> Acesso em 20 de maio de 2021.

SINTRA, A.C. **A participação ativa da criança no processo de ensino-aprendizagem**. 2018, 63 p. Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada (Mestrado em Educação pré-escolar) - Campus Universitário de Almada Escola Superior de Educação Jean Piaget, 2018.

SISTEMA NACIONAL DE INFORMAÇÕES FLORESTAIS. Serviço Florestal Brasileiro. **Os Biomas e Suas Florestas - Mata Atlântica - Tabelas e Gráficos**. 2020. Disponível em: <http://snif.florestal.gov.br/pt-br/os-biomas-e-suas-florestas/250-tabelas-e-graficos>. Acesso em: 26 maio 2020.

SOARES, U.L. O ANIMAL HUMANO: Os paradigmas da Zoomorfização social e sua representação. **In: Festival Literário de Paulo Afonso – FLIPA**, 2017, Bahia. **Anais....Bahia: Faculdade Sete de Setembro - Paulo Afonso-Bahia**, 2017, p. 48-63.

SOUZA, J.F, et al. Os contos de fadas e a sua importância simbólica numa perspectiva da psicologia analítica. **Revista Científica Univiçosa**. V.10, n. 1, Viçosa-MG - jan/dez 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/User1/Downloads/1136-1513-1-PB.pdf> Acesso em: 10 de dez. 2019.

SOUZA, S. E. O uso de recursos didáticos no ensino escolar. In: I ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, IV JORNADA DE PRÁTICA DE ENSINO, XIII SEMANA DE PEDAGOGIA DA UEM, Maringá, 2007. **Arq. Mudi. Periódicos.**

SCALFI, G; BARATA, G. Fauna brasileira no cotidiano da educação infantil: uma abordagem necessária. **Revista Ciências & Ideias.** V.10, n.3, 2019. Disponível em: <<https://revistascientificas.ifrj.edu.br/revista/index.php/reci/article/view/1046/693>> Acesso em 20 de jan. 2020.

SCLAFI, G.A; CORRÊA, A.M. A arte de contar histórias como estratégia de divulgação da ciência para o público infantil. **Revista de Educação, Ciência e Cultura.** Canoas, v. 19, n. 1, jan./jul. 2014. Disponível em: <<file:///C:/Users/User/Downloads/1595-5219-1-PB.pdf>> Acesso em: 07 de mai. 2021.

SILVA, A.L. Trajetória da literatura infantil: da origem histórica e do conceito mercadológico ao caráter pedagógico na atualidade. **REGRAD - Revista Eletrônica de Graduação do UNIVEM.** v. 2 - n. 2 - jul/dez 2009. Disponível em: <<file:///C:/Users/User1/Downloads/234-1-759-1-10-20100625.pdf>> Acesso em 19 de dez. 2019.

SILVA, E.V. K. Quem tem medo do lobo mau? A representação do lobo em contos e recontos. **LING. – Est. e Pesq.,** Catalão-GO, vol. 19, n. 1, p. 97-113, jan./jun. 2015.

SILVA, N. H. **Avaliar a diversidade e distribuição espacial do gênero liogenys (coleóptera melolonthidae) em três localidades do cerrado brasileiro.** 2018. 45f. Monografia (Curso de Graduação em Agronomia) -Universidade de Brasília, Brasília, DF. 2018.

SILVA, D.P. **Canis familiaris:** aspectos da domesticação (origem, conceitos, hipóteses). 2011, 46 f. Monografia (conclusão do curso de Medicina Veterinária) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2011. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/3053/1/2011_DaniloPereiradaSilva.pdf> Acesso em: 10 de jan. 2020.

SCHNEIDER, R. E.F; TOROSSIAN, S, D. Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea. **Psicologia em Revista,** Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 132-148, ago. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/P.1678-9563.2009v15n2p132/873>> Acesso em: 19 de set. 2019.

SHARF, R.F. **A escola e a leitura:** Prática Pedagógica da Leitura e Produção Textual. 2000, 205 p. Dissertação (Mestrado em Educação) -Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, Tubarão, SC, 2000. Disponível em: <http://gephisnop.weebly.com/uploads/2/3/9/6/23969914/a_escola_e_a_leitura.pdf> Acesso em 19 de dez. 2019.

SOWLS, L.K. **Javelinas and other peccaries:** their biology, management, and use. Texas A e M University Press. College Station. 2 ed, 1997, 325 p.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** 17 ed. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2014.

TATAR, M. **Contos de Fada**. Edição comentada e ilustrada, Rio de Janeiro: Ed. Ltda, 2002, 386 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Ph-m2osh3_8C&oi=fnd&pg=PA8&dq=hist%C3%B3rico+dos+contos+de+fadas&ots=Akpyb5fhy&sig=9bI-W-yhFKrS0OFNsZdPWexl_tE#v=onepage&q=hist%C3%B3rico%20dos%20contos%20de%20fadas&f=false> Acesso em 10 de dez. 2019.

TOLKIEN, J.R.R. **Árvore e folha**. São Paulo: Ed. Wmf martins fontes, 2013.

VARISE, E.M, et al. Revisão dos conceitos sobre a evolução bípede e aplicação na Fisioterapia. **Revista Neurociências**. 2009, 17(3), 246-254. Disponível em: <<https://periodicos.unifesp.br/index.php/neurociencias/article/view/8549/6083>> Acesso em: 07 de fev.2020.

VELOSO, A.C. **Dieta e dispersão de sementes de lobeira pelo lobo-guará (Chrysocyon brachyurus) em área de Cerrado, com reflorestamento de eucalipto como matriz de entorno - Minas Gerais**. 2019. 77 p. Dissertação. (Mestrado, área de concentração em Meio Ambiente e Qualidade Ambiental) -Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, 2019.

VIECHENESKI, P. J; LORENZETTI, L; CARLETTO, R.M. Desafios e práticas para o ensino de ciências e alfabetização científica nos anos iniciais do ensino fundamental. **Atos de pesquisa em educação**. [s.l], v. 7, n. 3, p. 853-876, set/dez. 2012.

VIEIRA, V; BIANCONI, M; DIAS, M. Espaços não-formais de ensino e o currículo de ciências. **Ciência e Cultura**. São Paulo, vol.57, n.4, Oct/Dec. 2005.

VYGOTSKY, L. **Pensamento e linguagem**. Edição eletrônica: Ed Ridendo Castigat Mores, 2002.

<http://www.institutoelo.org.br/site/files/publications/5157a7235ffccfd9ca905e359020c413.pdf>

ZAMBON, S.A. **Reflexões sobre a construção estereotipada de heróis e heroínas das histórias infantis**. Monografia (especialização em Educação Infantil e a Escola de Nove Pesquisas e Gestão do Cotidiano Escolar) -Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

ZILBERMAN, R. A Literatura Infantil na Escola. **Via Atlântica**, n.14, 2009, p.11-22. Disponível em: <<file:///C:/Users/User/Downloads/50376-Texto%20do%20artigo-62341-1-10-20130122.pdf>> Acesso em: 14 de jan.2020.

ANEXO A- IMAGENS DO QUESTIONÁRIO









APÊNDICE A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, Eduarda Tais Breunig, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde pela Universidade Federal de Santa Maria- UFSM, venho por meio deste convidá-lo a participar como voluntário do meu projeto de pesquisa intitulado: **“Alfabetização Científica por meio de Contos de Fada: uma Proposta para os Anos Iniciais”**, orientado pela Professora Doutora Andréa Inês Goldschmidt. Se os pais ou responsáveis pelo aluno (a) permitir a participação do mesmo, favor assinar abaixo. Em caso de recusa você não sofrerá nenhuma penalidade. Agradecemos a sua autorização e fico à disposição para esclarecimentos adicionais pelo telefone: (55) 99984-7120.

Assinatura do Pesquisador Responsável

Assinatura do responsável pelo participante

APÊNDICE B- QUESTIONÁRIO PRÉVIO

Questionário para os anos iniciais referente ao Projeto.

Alfabetização científica por meio de contos de fada: uma proposta para os anos iniciais.

Turma: _____ Nível de ensino: _____ Idade: _____

1. Ao mostrar a imagem do lobo-guará (Imagem A), a expressão observada é:

Pavor/ Pânico	Medo/ Angústia	Nojo	Espanto	Alegria/Euforia/ Encantamento	Surpresa	Indiferença	Outro Qual?

2. Você conhece este animal da figura (Imagem A)?

Sim, e diz que é o lobo	Sim, e diz que é o lobo -guará	Sim, mas erra o animal. Qual?	Não sabe que animal é

3. Ele é bom ou mau (Imagem A)?

Bom	Mau	Às vezes bom, as vezes mau	Não sei	3.1 PORQUE?

4. Onde ele mora (Imagem A)?

Na mata/floresta	No zoológico	Na cidade	No meio rural	Outro	Não sei

5. Você entraria na floresta com o lobo que vive lá (Imagem A)?

Sim	Não	Não Sei	5.1 PORQUE?

6. Na cidade tem lobo (Imagem A)?

Sim	Não	Não Sei	6.1 PORQUE?

7. Você sabia que os lobos estão desaparecendo por conta do desmatamento? Você tem pensa do lobo ou acha que é bom eles desaparecem (Imagem A)?

Sim	Não	Não Sei	7.1 PORQUE?

8. O que o lobo come (Imagem A)?

Plantas e frutos	Os outros animais	As pessoas	Come de tudo	Não sei	Outro. Qual?

9. O que você faria se visse um destes animais (Imagem A)?

Fugiria	Ficaria observando	Tentaria chegar perto	Mataria	Espantaria	Pediria ajuda	Ia querer brincar	Jogaria algo	Não daria bola	Outro. Qual?

10. Ao mostrar a imagem do lobo de contos de fada, a expressão observada é (Imagem B):

Pavor/Pânico	Medo/Angústia	Nojo	Espanto	Alegria/ Euforia/ Encantamento	Surpresa	Indiferença	Outro. Qual?

11. Você conhece este animal da figura (Imagem B)?

Sim, e diz que é o lobo	Sim, e diz que é o lobo mau	Sim, mas erra o animal. Qual?	Não sabe que animal é

12. Ele é bom ou mau (Imagem B)?

Bom	Mau	Às vezes bom, as vezes mau	Não sei	12.1 PORQUE?

13. O que o lobo come (Imagem B)?

Plantas e frutos	Os outros animais	As pessoas	Come de tudo	Não sei	Outro. Qual?

14. Onde ele mora (Imagem B)?

Só nos contos de fadas/Não existe	Na mata/floresta	No zoológico	Na cidade	No meio rural	Outro	Não sei

15. Você entraria na floresta com o lobo que vive lá (Imagem B)?

Sim	Não	Não Sei	15.1 PORQUE?

16. O que você faria se visse um destes animais (Imagem B)?

Fugiria	Ficaria observando	Tentaria chegar perto	Mataria	Espantaria	Pediria ajuda	Ia querer brincar	Jogaria algo	Não daria bola	Outro. Qual?

17. Mostrar as duas figuras e perguntar se são os mesmos (Imagem B)?

Sim	Não	Não Sei	17.1 PORQUE?

26. Ao mostrar a imagem dos Três porquinhos (dos contos de fada), a expressão observada é (Imagem D):

Pavor/ Pânico	Medo/ Angústia	Nojo	Espanto	Alegria/Euforia/ Encantamento	Surpresa	Indiferença	Outro. Qual?

27. Você conhece este animal da figura (Imagem D)?

Sim, e diz que é os três porquinhos	Sim, mas erra o animal. Qual?	Não sabe que animal é	Outro

28. Eles são bons ou maus (Imagem D)?

Bom	Mau	Às vezes bom, as vezes mau	Não sei	28.1 PORQUE?

29. Onde eles moram (Imagem D)?

Nas casinhas da floresta	Só nos contos de fadas/Não existe	No zoológico	Na cidade	No meio rural/fazenda/sítio	Na mata/floresta	Outro	Não sei

30. Você entraria na floresta com estes animais lá (Imagem D)?

Sim	Não	Não Sei	30.1 PORQUE?

31. Na cidade tem eles (Imagem D)?

Sim	Não	Não Sei	31.1 PORQUE?

32. O que você faria se visse um destes animais (Imagem D)?

Fugiria	Ficaria observando	Tentaria chegar perto	Mataria	Espantaria	Pediria ajuda	Ia querer brincar	Jogaria algo	Não daria bola	Outro. Qual?

33. Você conhece histórias com eles? (Mostrar as quatro imagens)

Lobo- guará	Qual?	Lobo mau	Qual?	Cateto	Qual?	Três porquinhos	Qual?
----------------	-------	-------------	-------	--------	-------	--------------------	-------

APÊNDICE C- TRANSCRIÇÃO DOS ÁUDIOS SOBRE A CONTAÇÃO DO CONTO DA CHAPEUZINHO VERMELHO E AS PERGUNTAS REALIZADAS APÓS A CONTAÇÃO- ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL AYRTON SENNA

P: Era uma vez uma linda menina, que morava com sua mãe em uma bela casinha. Ela sempre usava uma capa com um chapeuzinho bem vermelho. Certo dia, sua mãe pediu que ela fosse...

A1: ao bosque;

P: fazer o que?

A2: ver a vovó!

P: Mais alto! Falam bem alto!

A2: e encontrou o lobo.

P: hum! Encontrou o lobo...

A3: e o lobo seguiu ela.

P: hum

A4: o lobo queria enganar ela para ir pelo caminho mais longe para ele comer a vovozinha;

A5: Não me lembro de nada da história.

A6: o lobo mau escondeu a vovozinha e fingiu ser ela;

A7: aí a chapeuzinho entrou, daí ela e pediu: vovó porque esses dentes tão grandes?

A8: para mastigar melhor;

A9: vovó porque você está com os olhos tão grandes? É para enxergar melhor;

A8: Porque você tem os dentes tão afiados? Para comer você melhor!

P: hum, e daí?

A1: Aí ela chama o caçador e tira a vovó do armário.

P: Quem é o lobo? Falam bem alto!

A8: um animal;

P: Ok, mais alguma coisa?

A8: não.

P: quem é o lobo para vocês e porquê?

A6: O lobo é um bicho que aparece na noite.

P: pode terminar o que você ia falar!

A6: passa para ele, eu não sei o resto!

A5: o lobo é para dar um desenho animado nos desenhos, pra ficar mais legal;

A3: ele come porquinho;

P: hum!

A4: o lobo é um personagem dessa história;

P: hum!

A5: o lobo é carnívoro;

P: hum, quem é o lobo?

A2: é um bicho;

P: Duda quem é o lobo para você?

A9: um animal!

P: um animal, ok!

P: quem já viu um lobo?

A5: eu!

P: já viu?

A5: sim!

P: Você já viu?

A6: Eu, mil vezes eu vi!

P: e como que ele é?

A5: peludo.

A8: O lobo é bem peludo, tem pelo preto e dentes afiados.

P: hum!

P: Já viu? Não?

A3: não vi!

A4: nunca vi!

A5: eu vi o lobo já comendo animais.

P: hum! Já viu?

A1: não!

P: Já viu?

A9: Já!

P: Já? E como ele é?

A9: tem pelo muito grande.

P: hum, ok!

P: Ok pessoal, terminamos por aqui hoje! Obrigada e até próxima!

APÊNDICE D- TRANSCRIÇÃO DOS ÁUDIOS SOBRE A CONTAÇÃO DO CONTO DA CHAPEUZINHO VERMELHO E AS PERGUNTAS REALIZADAS APÓS A CONTAÇÃO- ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO SEPÉ TIARAJU.

P: Era uma vez uma linda menina, que morava com sua mãe em uma bela casinha. Ela sempre usava uma capa com um chapeuzinho bem vermelho. Certo dia, sua mãe pediu que ela fosse levar...

A1: doces para a vovó;

P: fala mais alto!

A1: doces para a vovó!

P: uhum!

A2: e daí quando ela estava no caminho não foi no lugar certo que a mãe mandou ir, foi na floresta e o lobo mau estava lá;

P: hum. Falam bem alto! O lobo tava lá e daí?

A3: eu tenho vergonha prof!

P: eu não estou te gravando Róger, é só a voz de vocês tá! Olha não tá aparecendo vocês, só a voz!

Outra prof: quando o lobo mau apareceu o que aconteceu?

A3: hum, eu não lembro;

P: tá, não tem problema!

P: eu acho que vocês sabem! Podem ir falando!

A4: aí o lobo mau se aproximou dela e disse: nossa que doces gostosos você deve ter aí na sexta, aí ela foi colher flores e o lobo mau pegou a sexta, aí ela chegou e disse: sai daí seu lobo mau levado; daí ela foi indo...não sei mais.

A5: aí quando o lobo mau pegou a cesta foi para a casa da vovó, prendeu ela no armário e se fingiu de vovó. Quando a chapeuzinho chegou, falou: que olho grande você tem vovó, aí o lobo disse é para te olhar melhor; daí ela disse, mas que nariz grande você tem: aí o lobo mau disse é pra te cheirar melhor; ai ela disse que boca grande você tem: é pra te comer melhor, o lobo mau disse!

P: hum.

A6: aí ele engoliu a chapeuzinho vermelho e o caçador apareceu e tirou a vovó e a chapeuzinho de dentro da barriga do lobo mau e viveram felizes para sempre.

P: hum, podem contar o que vocês sabem!

P: Quem conhece outro final para a história da Chapeuzinho Vermelho?

A5: quando o caçador tirou a vovó e a chapeuzinho da barriga do lobo, o caçador mandou ele varrer o chão para ficar bonito como estava antes e apareceu os coelhos de volta.

P: hum.

A5: aí chapeuzinho viu os coelhos e pegou flores para sua mãe na volta.

P: hum isso?

A5: explodiu a barriga do lobo e o caçador chamou a polícia e a polícia prendeu o lobo e a polícia mandou o lobo varrer a prisão;

P: hum, ok!

A6: eles abriram a barriga do lobo mau tiraram a chapeuzinho e a vovó e colocaram pedra dentro da barriga dele e ele morreu;

P: hum!

A5: eles colocaram pedra na barriga do lobo e jogaram o lobo no rio.

P: hum!

A8: tiraram a vovó e a chapeuzinho vermelho da barriga do lobo e comeram doces e tomaram chá;

P: hum, esse?

A8: sim!

P: Quem conhece outras versões?

A4: chapeuzinho verde, chapeuzinho redondo, não me lembro mais;

A1: chapeuzinho azul!

A3: chapeuzinho vermelho, amarelo;

A2: chapeuzinho cinza e só.

A7: chapeuzinho redondo, verde e só.

P: quem é o lobo?

A6: o lobo mau é um personagem da história da chapeuzinho vermelho porque ele pega a cesta, abre e pega um doce dela, depois em outra parada pega outro doce;

A4: o lobo mau ele fica em toda história da chapeuzinho vermelho, nas florestas e também de um caçador que tava vendendo doces para as crianças;

P: Quem mais quer falar sobre o lobo? Quem é o lobo?

A5: o lobo aparece naquelas que ela falou e também nos três porquinhos;

P: hum. Quem mais quer falar do lobo?

A8: Eu. O lobo é um animal;

P: ok!

A5: tem o lobo mau, os três porquinhos e a Dorati, aí quando todos foram junto o lobo mau não

sabia nadar, ai eles salvaram ele e o lobo mau aprendeu que não podia ser mau;

A6: eu lembro que a vovó tava andando de carro e o lobo mau passou por lá e a vovó atropelou ele e disse: pobre cachorro!

P: ok!

A10: o lobo mau é carnívoro;

P: Quem já viu um lobo?

A1: não!

P: já viu? E como ele é?

A2: já vi, era cinza;

P: cinza, ok.

A3: era cinza.

A4: já vi, um cachorro lobo;

P: hum, cachorro lobo.

P: Viu e como ele era?

A12: peludo.

A11: é preto;

P: não vale mentir!

A9: cinza.

A10: preto.

A4: na verdade não lembro muito bem, mas eu vi que ele é peludo e marrom;

P: hum!

A8: eu vi um lobo que era cinza e tinha a fêmea e o filhote que era preto;

P: hum! E aonde você viu ele?

A8: eu vi no zoológico;

P: hum, legal.

A7: eu vi um lobo branco.

P: branco. Aonde você viu ele?

A7: quando eu fui caça com meu pai.

A11: eu já vi em lobo, ele é preto, tem olhos azuis e sempre vivem em muitos.

P: isso?

A11: Sim!

P: Ok pessoal, terminamos por aqui hoje! Obrigada e até próxima!

**APÊNDICE E- TRANSCRIÇÃO DOS ÁUDIOS SOBRE A CONTAÇÃO DO CONTO
DA CHAPEUZINHO VERMELHO E AS PERGUNTAS REALIZADAS APÓS A
CONTAÇÃO- ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL TENENTE
PORTELA**

P: Era uma vez uma linda menina, que morava com sua mãe em uma bela casinha. Ela sempre usava uma capa com um chapeuzinho bem vermelho. Certo dia, sua mãe pediu que ela fosse levar uma cesta de doces para sua vovó...

A1: aí no meio do caminho apareceu o lobo para pegar os doces e ele falou: Oi Chapeuzinho Vermelho o que você tem aí dentro?

A2: eu tenho alguns doces lobo mau, era para minha vovó;

A3: aí o lobo disse: Doooces? Aí chapeuzinho disse: sim doces! Aí chapeuzinho foi e o lobo tentou convencer chapeuzinho a ir pelo outro caminho e tentou rouba os doces dela e ela tirava dele.

A4 bom: no meio do caminho ela chegou na casa da vovó e tocou a campainha, bateu na porta e falou: oi vovó! E o lobo mau respondeu: oi minha querida, entre!

A5: que olhos grande você tem? É para enxergar melhor! Que orelhas grandes você tem! É para te cheirar melhor! Que boca grande você tem! É para te comer melhor!

A6: aí o lobo comeu chapeuzinho e a vovó e chegou o caçador...

A7: e abriu a barriga do lobo tirou a vovó e a Chapeuzinho Vermelho.

P: Se alguém conhece outro final da história do chapeuzinho eu quero que conte agora.

A3: eu conheço; chapeuzinho sai correndo e chama o caçador e o caçador mata o lobo.

P: chamei a atenção dos alunos, muita conversa!

A4: era um filme na vida real dela. Aí ela canta uma musiquinha, ai ela chega lá o lobo mau comeu a vovozinha e deixou a roupa dela arrumada na cama como se estivesse dormindo, ai a chapeuzinho abre a porta e o lobo está escondido no guarda-roupa, ai ela fala: vovozinha, vovozinha? Aí ela puxa a camiseta da vovó e não tem nada, o lobo mau corre atrás dela e ela chama o caçador que dá um tiro no lobo mau, corta a barriga do lobo e tira a vovozinha. Essa história é na vida real e não no conto.

P: ok! Alguém mais conhece outro final?

A2: tem um livro meu que eles sentam na mesa e comem doce;

P: alguém mais conhece outro final? Vamos para a próxima pergunta

P: Quem é o lobo para vocês?

A4: como assim quem é o lobo?

P: quem é o lobo da historinha para vocês?

A4: o lobo mau?

P: como que ele é?

A4: mau!

A5: na historinha ele come a vovó e a chapeuzinho;

P: ok! Quem é o lobo para você?

A4: Malvado!

P: porque ele é malvado?

A4: Porque ele come os três porquinhos!

A3: mas não é essa história!

A2: ela fala do jeito que quiser!

P: ok! Pode fala.

A3: o lobo é mau porque ele queria os doces da chapeuzinho vermelho e comeu a vovó e se passou pela vovó para comer a chapeuzinho vermelho.

P: Para você quem é o lobo?

A7: vou no banheiro!

P: rapidinho!

P: quer pensar mais um pouquinho e no final da roda você fala? Então vai o próximo.

A4: o lobo mau ele só era um lobo faminto, mas por conta do nome dele que era a única coisa que ele não conseguia disfarçar, então todo mundo já sabia, no filme ele era o lobo mais perigoso da região, aí o caçador prendeu ele no final. O lobo era bonzinho só que ele ficou faminto, aí ele pensou bem e virou do mau. Ele era um lobo do bem daí ele virou mau.

P: Muito bem! João para você quem é o lobo?

A8: um dentuço!

P: um dentuço! Porque?

A8: porque tem dentes grandes!

P: para você quem é o lobo?

A9: malvado!

P: ok! E para você?

A7: ele é malvado porque comeu a vovó!

P: ok!

P: Alguém já viu um lobo?

P: eu quero saber se **alguém já viu um lobo**, vai começar por aqui, cada um vai responder de uma vez! Respeitar a vez que o colega está falando! Falar bem alto pra prof entender! Você já

viu um lobo?

A4: na vida real ou no vídeo?

P: nos dois!

A2: eu já vi!

P: e como ele era?

A2: meio preto e meio cinza!

P: você já viu?

A4: Não!

A7: Não!

A3: na imagem do questionário!

P: Ok! E na vida real já viu?

A3: quase isso! No meu vô tem um cachorro desse tamanho (grande).

P: mas aí é cachorro ou é lobo?

A3: vou saber!

P: risos! Confere lá com o teu vô se é cachorro ou lobo! Você já viu?

A4: eu tava acampando com meu pai, minha mãe, meu tio e meus primos, ai a gente foi no rio, no mato procurar lenha pra fazer fogo ai a gente viu um lá, era um lobo com o filhote.

P: então você viu quando foi acampar!

A4: sim, mas eles passaram de longe no mato.

P: aah! Mas como que ele era, deu para ver?

A4: sim, era da cor das folhas, amarelada, mas não deu para ver muito bem porque estava longe e no mato daí atrapalhou.

P: ok! Você já viu?

A9: Não.

P: pessoal eu tenho mais uma pergunta, agora vamos começar responde aqui pelo Luigi, eu quero saber **se o lobo da história é o mesmo lobo da vida real? O que você acha?**

A2: não! Porque aquele era meio branco e esse da história era meio marrom!

P: ok! Você acha que o lobo da história é o mesmo lobo da vida real?

A6: não! A mesma coisa que o Luigi disse, a cor é diferente!

P: hum! Mas só a cor?

A6: as patas são pretas!

P: ok! Você, o lobo da história é o mesmo lobo da vida real?

A2: Não! Porque é da mesma cor que o Luigi disse.

P: ok! Vamos para próxima! O lobo da história é o mesmo lobo da vida real?

A3: não porque na vida real tem uns lobos meio dóceis e também por causa da cor, é isso!

P: Ok! O lobo da história é o mesmo lobo da vida real?

A7: não!

P: porque não?

A7: porque o da historinha foi criado por um desenho e o real é real.

P: um de cada vez! Não estou ouvindo! Murilo, O lobo da história é o mesmo lobo da vida real?

A9: não! Porque o lobo da história é bípede, tem duas patas e o outro não!

P: Ah, muito bom! Bípede é duas patas, em pé igual a nós!

A4: eu sei porque primeiro por causa da cor que todo mundo já falou, segundo ele foi criado em desenho animado, e terceiro porque o lobo não é do mau ele é do bem, ele não morde, não corre atrás, só se provocar ele. O lobo é do bem na verdade ele não é do mau!

P: muito bem!

A4: e também sabe porque prof, porque o lobo consegue fazer um monte de coisa e na história ele quer pegar porquinhos e na vida real ele nem come porcos, ele come tipo, carne podre, bichos, lagarto, cobra, quem come porco mesmo...

A6: é o ser humano!

P: ok! Quem tá falando é o colega! Terminou?

A4: sim!

P: Agora é o João! O lobo da história é o mesmo lobo da vida real?

A7: não!

P: porque?

A7: porque é muito diferente!

P: diferente como?

A7: porque os dentes dos lobos nas histórias são mais pequenos que o normal.

P: hum, só os dentes? Mais alguma coisa?

A7: não!

P: para você o lobo da história é o mesmo lobo da vida real?

A8: não sei!

P: Você Luis! Para você o lobo da história é o mesmo lobo da vida real?

A9: não! Porque o lobo da história fica em pé e o da vida real anda em quatro patas!

P: muito bom! Mais alguma coisa?

A9: não!

A5: ele não é igual o da história, não fica em pé e também ele não tem os dentes tão grande, tem olhos pequenos.

P: isso?

A5: sim!

A2: pode falar!

A9: não sei!

A4: prof eu sei mais uma coisa do lobo

P: pode falar

A4: o lobo não tem olhos grandes mas consegue ver bem de longe, e também nem orelha ele tem mas consegue escutar igual o cachorro, pode falar bem baixinho que ele vai escutar.

P: parabéns! Você sabe muito sobre o lobo!

A4: eu pesquiso, olho.

P: muito bom Érik! Tá sabendo bastante! Parabéns!

P: pessoal hoje é um pouco mais curto tá, amanhã a prof vai ter bem mais perguntas que hoje então amanhã vocês vem bem descansados, correm bastante de manhã para de tarde chegar aqui e ficar calminho. Andem de bicicleta.

**APÊNDICE F- TRANSCRIÇÃO DOS ÁUDIOS SOBRE A CONTAÇÃO DO CONTO
DOS TRÊS PORQUINHOS E AS PERGUNTAS REALIZADAS APÓS A
CONTAÇÃO- ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL AYRTON
SENNÁ.**

P: Hoje nós vamos contar a história dos Três Porquinhos, a prof vai começar o colega conta um pouquinho e passa a vez, como a gente já fez. Era uma vez três porquinhos que viviam em uma floresta com a sua mãe. Um dia como já estavam muito crescidos decidiram ir viver cada um em sua casa.

A1: e daí um construiu uma casa de palha, outro de madeira e outro de tijolos;

P: e aí?

A2: e daí outro dia veio um lobo e daí ele...

A3: passo a vez;

A4: e o lobo mau assoprou, assoprou a casa de palha.

P: e aí?

A4: a casa caiu!

P: bem alto!

A5: Aí o lobo assoprou e a casa de madeira caiu!

P: e aí?

A6: aí o lobo assoprou a casa de tijolo e não caiu, assoprou muito forte mas não caiu.

P: e aí Duda?

A7: não sei!

P: não terminou a roda, eu quero ouvir as meninas aqui!

A9: não sei!

P: você?

A3: e daí o lobo saiu correndo e colocou o bumbum no lago e nunca mais voltou.

P: alguém mais?

P: vamos para a primeira pergunta! Todos vão falar porque todos tem capacidade.

P: Se alguém de vocês conhece outro final para a história dos três porquinhos gostaria que contasse agora? Você sabe?

A1: não;

A2: não!

P: Gabriel você sabe um final diferente?

A3: aí os três porquinhos voltaram para sua mãe;

P: só isso?

A4: tem uma história que ouvi dos três porquinhos que quando termina a mãe dos 3 porquinhos vai lá, corta a barriga do seu lobo, tira os 3 porquinhos e coloca pedra.

Nenhum outro colega conhecia outro final.

P: agora a prof quer saber quem conhece porco? Vai pela ordem da fila!

P: Quem conhece porco?

A1: eu conheço! Eles gostam de lama e se sujam todo.

P: você conhece?

A2: eu conheço! Ano passado ganhei um de presente de natal, no meu vô tem um monte.

P: aham, vão falando. Quem conhece. Conhece Luis?

A3: o meu vô tem 3 porquinhos pequenininhos.

P: todos conhecem então né?

Todos os alunos: sim!

P: agora eu quero saber se existe somente um tipo de porco?

A1: não existem vários!

P: vários? E quais tipos você conhece?

A1: porco da índia, porco do mato, e alguns porcos são diferentes dos outros porque possuem manchinha preta;

P: hum, tá bom. Existe somente um tipo de porco?

A3: não existem vários!

P: Vários? Quais?

A3: Javali, porco da índia, porco do mato.

P: Gabriel qual você conhece?

A4: vários!

P: quais?

A4: javali, porquinho que mora na floresta e porco da índia;

P: aham!

A5: eu conheço porco branco, preto, porco espinho, da índia, porco do mato e só.

P: aham, não conhece? Existe somente um tipo de porco?

A7: não! Eu conheço o porco da Índia.

P: Está bem. Existe somente um tipo de porco? Qual você conhece?

A8: não existe só um.

A9: existe porco preto, branco, da índia, javali, da floresta e conheço porco que corre...

P: Tá bom! Vamos ouvir a Duda agora. Existe só um tipo de porco?

A10: não, existem vários. Tem o porco do chiqueiro que são vermelho e dão um fedor, não dá nem para entrar no chiqueiro com aquele fedor.

P: hum, e como que ele é Duda, qual a cor dele?

A10: são preto, tem pequeno e grande

P: ok, Luis senta!

P: vamos para próxima? Eu só quero ouvir o colega que está na vez de falar senão eu não escuto nada!

P: Existem porcos nas matas?

P: começa aqui! Porque existe na mata?

A1: sim, existem vários!

P: porque?

A1: porque ele nasceu na mata, Deus criou ele selvagem!

P: hum, ok! Existem porcos nas matas?

A2: sim, porque eles nasceram na mata.

P: Existem porcos nas matas?.

A3: sim, porque ele nasceu na mata.

P: hum, todos vivem na mata?

A3: alguns não, alguns sim!

A4: porque Deus criou, deu filhote e existe.

P: Existem porcos nas matas?

A5: eu não sei!

P: Existem porcos nas matas?

A6: existe, mas eu não sei porque.

P: ok. Existem porcos nas matas?

A7: existe porco na mata, só que são selvagens;

P: selvagens? Hum mas todos são da mata?

A7: alguns vivem no chiqueiro.

P: pode falar. Existem porcos nas matas?

A8: sim, eles são selvagens.

P: Luís, existe porco na mata?

A10: sim!

P: porque?

A10: porque Jesus criou e eles deram filhotinhos e continuaram crescendo.

P: ok. Duda existe porco na mata?

A11: sim.

P: porque?

A11: existe na mata porque eles são muito cruéis;

P: existe porco na mata?

A12: não sei.

P: tem umas mocinhas muito inteligentes que não querem falar aqui. Vamos abrir o reco agora? Para começar de falar um pouquinho.

Meninas: Vamos!

P: agora eu quero saber se existe porco na cidade?

A1: existe alguns porque eles vão sem querer!

P: ah porque vão sem querer? Só por causa disso?

A1: porque eles seguem a mata e gostam de maçã.

P: existe porco na cidade?

A2: eles seguem a mata e vão pra cidade.

P: hum, só por acaso então?

A2: sim!

P: Gabriel existe porco na cidade?

A3: não, só no sítio?

P: porque?

A3: porque eles vivem no sítio.

P: Nicolas existe porco na cidade?

A4: sim, existe umas espécies que é feita pra cidade, nos interiores nas chácaras.

P: hum, existe porco na cidade?

A5: as vezes eles fogem de casa e podem vim sem querer.

P: existe porco na cidade?

A6: não sei.

P: agora vou começar por aqui que elas vão abrir o reco: quem já viu um porco. Você já viu?

Todos falam que sim!

P: todos já viram, agora vocês vão me falar aonde vocês viram?

A2: na vó!

P: tá aonde você viu?

A3: na vó!

A3: na nona!

A4: eu vi uns porcos fazendo uma fila na floresta.

P: aonde você viu?

A5: no meu padastro!

A6: no pai e na mãe!

A7: no namorado da minha mãe!

P: aonde você viu?

A8: na cidade, em Braço forte;

P: você?

A9: eu vi lá na minha vó!

A10: no nono, na vó e em um chiqueirão.

A11: onde minha mãe trabalha.

A12: na chácara!

P: ok.

P: Como que o porco era? Falam bem alto!

A1: branco e preto;

A2: preto e marrom!

A3: preto e marrom!

A4: preto, cinza, branco, da cor da pele e rosa.

P: vamos ouvir a Isa agora, como ele era?

A5: branco!

P: hum, e o teu?

A6: preto, e marrom com preto.

A7: marrom mais claro.

A8: preto, branco, cinza.

A9: eu já vi um chiqueiro só de cor de pele.

A10: um porco com chifre no nariz (javali).

A12: era preto e cinza e as orelhas rosinhas.

P: agora eu quero saber outra coisa sobre o porco. **O porco que vocês conheceram é o mesmo da historinha?**

A1: o meu não, era um javali.

P: hum. E o da história era qual?

A1: três porquinhos.

P: o porco que vocês conheceram é o mesmo da historinha?

A2: não sei.

P: Duda o porco que vocês conheceram é o mesmo da historinha?

A3: não.

P: não, porque?

A3: não sei.

P: o porco que vocês conheceram é o mesmo da historinha?

A4: não, era marrom.

P: o porco que vocês conheceram é o mesmo da historinha?

A5: não, era mais grande e todo preto.

P: hum, e o da história era como?

A5: rosinha e meio marrom.

P: o porco que você viu é o mesmo da historinha?

A6: não, era muito mais grande.

P: hum, e o teu?

A7: o meu era muito maior e era preto.

P: hum, tá bom!

A8: a cor era diferente.

P: Gabriel?

A9: não era igual da história, era comprido e da cor da pele e tinha chapéu e roupa;

P: entendi! E o teu porco era o mesmo?

A10: não, era mais grande e preto.

P: o porco que você viu é o mesmo da historinha?

A11: a orelha era rosinha e a cor dele era preta e cinza.

P: e você, o **porco que você viu é o mesmo da historinha? Não porque?**

A12: o tamanho deles era diferente.

P: hum, só o tamanho?

A12: sim.

P: ok!

P: Agora eu quero saber se vocês gostam de porco?

A1: eu gosto!

P: porque você gosta?

A1: porque eles tem cores diferente;

P: hum, só por causa das cores?

A1: sim eu queria ter um de cada cor e ia dar comida pra eles;

P: Duda, gosta de porco?

A2: sim, eu gosto muito de porco!

P: você gosta de porco?

A3: sim!

P: porque?

A3: não sei.

P: você gosta de porco?

A4: não, porque são fedidos.

P: você gosta de porco?

A5: não, porque são selvagem!

P: você gosta de porco?

A6: porque acho bonitinho, fofinho, até tenho um de estimação em casa;

P: você gosta de porco?

A7: sim, por causa da cara deles.

P: você gosta de porco?

A8: mais ou menos!

P: você gosta de porco?

A9: sim, porque quando nascem são muito fofinhos.

P: hum, e quando crescem não são?

A9: são!

P: você gosta de porco?

A10: porque eu gosto de comer;

P: você gosta de porco?

A11: eu gosto porque quando eles nascem são muito bonitinhos e quando crescem muito fofos.

P: O porco é importante na natureza? Porque?

A1: sim, porque ninguém pode matar porcos, precisa deixar eles viver.

A2: quem mata animal é covarde.

P: O porco é importante na natureza? Porque?

A3: sim, não pode simplesmente matar eles.

A4: claro que pode. Se é pra comer pode!

P: O porco é importante na natureza? Porque?

A5: eles são importantes na natureza porque a protegem dos animais agressivos.

P: O porco é importante na natureza? Porque?

A6: são importantes!

P: O porco é importante na natureza? Porque?

A8: são importantes para reproduzir e ter mais e quando tiver grande para carnear.

A9: só são importantes para comer mesmo.

P: O porco é importante na natureza? Porque?

A10: eles são importantes porque protegem a natureza.

A11: eles são importantes, e quando crescem dá pra comer tudo eles inteiro, só não dá pra matar os pequenos que são muito fofinhos.

P: hum, mas os grandes podem?

A11: pode só quando não tem comida no freezer!

P: mas eles só servem para comer?

A11: não, para ter no chiqueiro também!

P: Aonde os porcos moram?

A1: no chiqueiro, uns moram na floresta;

P: ok. Aonde os porcos moram?

A2: no chiqueiro, nas florestas e embaixo das árvores;

P: ok. Aonde os porcos moram?

A3: na floresta, no chiqueiro e as vezes até perto de um lago porque ele tem que beber;

P: aonde os porcos moram?

A4: no chiqueiro, no mato.

P: aonde os porcos moram?

A5: no chiqueiro e na mata (3 respostas).

A6: no chiqueiro.

P: O que os porcos comem?

A1: milho, cenoura abacaxi e outras coisas;

P: hum, o que os porcos comem?

A2: farelo;

P: hum, o que os porcos comem?

A3: farelo, quirela e leite.

P: hum, o que os porcos comem?

A4: lavagem, repolho cenoura.

A5: várias coisas mas eu não sei dizer.

A6: Pasto, fruta, lavagem e ração.

Perguntas referentes ao Lobo.

P: Quem conhece lobo?

A1: eu conheço lobo que tem roupa.

P: de roupa? Hum, só de roupa?

A1: sim!

P: conhece lobo?

Somente duas meninas não conhecem.

P: Existe somente um tipo de lobo?

A1: eu conheço vários tipos, eles gostam de comer porco, pessoas, pessoas...

P: Existe somente um tipo de lobo?

A2: não, existem vários! Tem lobo que come porco, uns que comem pessoas que vivem na mata, outros que comem animais.

P: Existe somente um tipo de lobo?

A3: não existem vários, o lobisomem, lobo que pega animais, lobo que escapa das armadilhas que fica muito bravo, lobo do Alasca que comem urso.

P: Existe somente um tipo de lobo?

A4: não, existe o lobo selvagem, lobo que só come carne, lobo da neve;

P: uhum, isso ai!

P: Existe somente um tipo de lobo?

A5: não, meu pai tem um preso lá em casa que é branco e tem os dentes bem afiados.

P: Existe somente um tipo de lobo?

A6: não, existem vários, branco, marrom e cinza;

P: Existe somente um tipo de lobo?

A7: não, marrom, preto.

P: Existe somente um tipo de lobo?

A8: sim.

P: Existem lobos nas matas? Porque?

A1: existem!

P: porque?

A1: porque eles nasceram na mata.

P: Existem lobos nas matas? Porque?

A2: não, porque eles vivem na neve.

P: Existem lobos nas matas? Porque?

A3: sim, porque eles precisam achar comida pra comer;

P: Existem lobos nas matas? Porque?

A4: sim, eles nasceram na mata e pegaram coelho esses animais.

P: Existem lobos nas matas? Porque?

A5: sim, porque Deus criou uma loba que deu filhotinhos pra comer as coisas que tem no mato e não pessoas.

P: Existem lobos nas matas? Porque?

A6: sim porque eles nasceram na mata.

P: Existem lobos nas matas? Porque?

A7: sim, porque lá ele tem mais vida.

P: Existem lobos nas matas? Porque?

A7: sim, a vida do lobo é na mata.

P: Existem lobos nas cidades? Porque?

A1: não, não existe, só quando eles seguem a mata e acham a cidade.

P: existem lobos nas cidades? Porque?

A2: não, porque eles vivem na mata.

P: existem lobos nas cidades? Porque?

A3: não, porque na cidade não tem animais pra eles comer.

P: existem lobos nas cidades? Porque?

A4: não, mas existe no galpão que é parte da cidade;

P: existem lobos nas cidades? Porque?

A5: não existe, mas já vi um.

P: existem lobos nas cidades? Porque?

A6: existe num rio que tem na cidade.

P: existem lobos nas cidades? Porque?

A7: a casa da minha vó é na cidade e lá tem lobo.

P: existem lobos nas cidades? Porque?

A8: não, porque eles querem ficar no mato para sobreviver.

P: existem lobos nas cidades? Porque?

A9: não porque ele gosta de viver na mata.

P: Alguém já viu um lobo?

A1: sim.

A2: não.

A3: não.

Maioria não viu.

P: Aonde você viu?

A1: na mata.

P: só quem já viu vai responder.

A2: eu e o meu pai, ele era caçador, si eu vi um lobo na mata.

P: hum, e como ele era?

A2: cinza.

A3: eu vi na outra cidade que eu morava, era preto

A4: eu já vi na floresta era preto bem escuro e tinha dentes afiados;

A5: vi na mata, meu pai matou para comer a carne;

A6: eu vi um morto, que tinha sido caçado, era cinza.

P: O lobo que vocês já viram é o mesmo da história?

A1: sim, porque é da mesma cor e vive na mata;

P: quem mais já tinha visto lobo?

A2: não, porque as cores eram diferentes.

P: O lobo que vocês já viram é o mesmo da história.

A3: não, porque muda a cor e o tamanho, bem maior.

P: Você gosta de lobo? Porque?

A1: não, porque são malvados!

P: Luís, você gosta de lobo?

A2: não!

P: você gosta de lobo?

A3: não.

P: você gosta de lobo?

A4: não sei!

P: você gosta de lobo?

A5: eu gosto, que tem uns bem fofinho e mansinho, não são bravo.

P: você gosta de lobo?

A6: eu gosto são mansinho, fofinho, dá até pra brincar.

P: você gosta de lobo?

A7: não!

P: você gosta de lobo?

A8: mais ou menos!

P: porque?

A8: uns são ruim e outros bom!

P: Aonde os lobos moram?

A1: na floresta!

P: somente na floresta?

A1: sim, e no Alasca.

A2: na neve.

P: Aonde os lobos moram?

A3: na floresta e na neve.

P: Aonde os lobos moram?

A4: eu tenho um lobo que mora na minha casa.

P: hum, mas todos moram na tua casa?

P: não alguns na neve, floresta.

A5: os lobos antigamente moravam na caverna, agora moram na floresta, no Alasca, polo Norte;

P: Aonde os lobos moram?

A6: na floresta, neve, Alasca e cascatas.

P: Aonde os lobos moram?

A7: na floresta e na neve (5 respostas).

P: O que os lobos comem?

A1: carne de porco, vaca;

P: ok, só isso?

A1: também carne de galinha e só;

P: O que os lobos comem?

A2: carne de porco, boi e frutas;

P: O que os lobos comem?

A3: carne.

P: O que os lobos comem?

A4: carne de galinha, porco, algumas frutas;

P: O que os lobos comem?

A5: carne de galinha e boi.

P: O que os lobos comem?

A6: carne e fruta.

P: O que os lobos comem?

A7: carne e farelo

P: O que os lobos comem?

A8: só carne

P: Esse lobo da história é bom ou mau?

A1: mau, porque matam animais;

P: Esse lobo da história é bom ou mau?

A2: mau, porque come os animais e porco

P: Esse lobo da história é bom ou mau?

A3: mau, porque assoprou a casa dos porcos

P: Esse lobo da história é bom ou mau?

A4: mau, porque comeu os 3 porquinhos.

P: Esse lobo da história é bom ou mau?

A5: mau, porque ele sempre tá matando os gado

P: Esse lobo da história é bom ou mau?

A6: mais ou menos mau

P: Esse lobo da história é bom ou mau?

A7: mau porque come os 3 porquinhos! (6 respostas)

P: O lobo da vida real é bom ou mal?

A1: alguns são bons (mansinhos) e outros mau (comem animais).

P: O lobo da vida real é bom ou mau?

A2: tem uns que são bom e outros mau (2 respostas)

P: O lobo da vida real é bom ou mau?

A3: mau, porque come de vaca e cachorro.

P: O lobo da vida real é bom ou mau?

A4: mau, porque comem carne de vaca, boi e touro.

P: O lobo da vida real é bom ou mau?

A5: bom, porque ele não é tão selvagem e não fica matando os animais, é mansinho

P: O lobo da vida real é bom ou mau?

A6: mau, porque morde as pessoas e gosta de carne (2 respostas).

P: O lobo da vida real é bom ou mau?

A7: alguns são bons e outros maus

P: O lobo da vida real é bom ou mau?

A8: bom porque ele é legal.

**APÊNDICE G- TRANSCRIÇÃO DOS ÁUDIOS SOBRE A CONTAÇÃO DO CONTO
DOS TRÊS PORQUINHOS E AS PERGUNTAS REALIZADAS APÓS A
CONTAÇÃO- ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO SEPÉ TIARAJU.**

P: Era uma vez três porquinhos que viviam em uma floresta com a sua mãe. Um dia como já estavam muito crescidos decidiram ir viver cada um em sua casa. Agora eu passo a vez pro meu colega.

A1: e aí eles andaram e acharam um lugar bom pra fazer a casa e fizeram;

A1: aí o lobo mau falou abre essa porta, e eles não abriram, aí ele derrubou e o porquinho correu pra casa do irmão; ai eles trancaram a porta e o mais medroso foi embaixo da cama;

A1: aí ele pediu pra abrir e eles não abriram, ai os porquinhos correram pra última casa e o lobo falou: abre essa porta, e os porquinhos não abriram, então o lobo resolveu entrar pela chaminé, ai os porquinhos colocaram fogo.

P: Era uma vez três porquinhos que viviam em uma floresta com a sua mãe. Um dia como já estavam muito crescidos decidiram ir viver cada um em sua casa. Agora eu passo a vez pro meu colega.

A2: aí o lobo mau apareceu, eles acharam um lugar pra fazer as casinhas, fizeram uma casinha de madeira, uma de palha e uma de tijolos.

A3: aí o lobo mau apareceu e falou: abre essa porta senão vou assoprar e essa casa vai voar e vou te comer, aí ele não abriu e o lobo mau assoprou, assoprou até que a casa caiu;

A4: aí o porquinho foi correndo pra casa do seu irmão, a casa era de madeira;

A5: aí o lobo assoprou a casa de madeira e os dois porquinhos foram pra casa do irmão mais velho que era de tijolos, ai ficou tudo bem e o porquinho mais velho acendeu a fogueira e o lobo mau tentou descer pela chaminé e ele caiu e pegou fogo.

A6 da prof: aí pegou fogo no rabo dele e ele saiu correndo pra um lago e ele pulou dentro da agua pra não queimar o rabo dele.

A7: aí ele se sentiu melhor depois que se jogou no lago;

A8: aí o lobo nunca mais voltou na casa deles pra incomodar eles.

P: Era uma vez três porquinhos que viviam em uma floresta com a sua mãe. Um dia como já estavam muito crescidos decidiram ir viver cada um em sua casa. Agora eu passo a vez pro meu colega.

A9: daí um fez uma casa de madeira, outro de palha e outro de tijolo, daí o lobo mau achou eles construindo a casa deles, aí o de madeira já acabou.

A10: o nome do porquinho que fez de madeira era Madeirota, o de palha Palhota e o de tijolo

Tijolota.

A11: aí o lobo mau veio lá e disse pro de palha, abre essa porta! Ai o porquinho não abriu e o lobo mau assoprou!

A12: assoprou e a casa caiu, daí o porquinho foi pra casa do amigo dele.

A13: aí o lobo mau assoprou, assoprou e a casa voou, aí os porquinhos da casa de madeira correram pra casa de tijolos;

A14: e daí o lobo entrou na chaminé e os porquinhos acenderam o fogão.

A15: aí o lobo desceu até que sentiu o calor, se queimou e correu pra um lago, e nunca mais queria voltar na casa dos porquinhos.

P: Se alguém de vocês conhece outro final da história dos três porquinhos eu gostaria que contasse agora.

A1: o lobo mau desceu a chaminé e eles ascenderam o fogo na lareira e o lobo queimou o rabo, aí ele saltou pela chaminé e nunca mais foi na casa dos 3 porquinhos.

A2: o lobo subiu na chaminé, daí eles ascenderam fogo e colocaram uma panela, e eles deixaram o lobo lá dentro um pouco aí ele saiu correndo e foi pro lago.

A3: eles ascendem a chaminé, o lobo mau se queima, corre pro lago e volta pra casinha dos 3 porquinhos e diz que um dia desses ele vai voltar de novo;

A4: ele queima o rabo, depois pula e se veste de vendedor de tapete e volta vender tapete na casa dos porquinhos, aí o porquinho mais velho compra um tapete e joga o tapete pra fora ai o lobo mau resbala e cai.

A5: daí ele se vestiu de vovozinha e foi na casa do de tijolo e disse: deixa eu entrar pra tomar uma xícara de chá, mas o porquinho já sabia que era o lobo, ai o lobo subiu a chaminé, ai o lobo desceu e queimou o rabo no caldeirão

P: Quem conhece porco? Existe somente um tipo?

A1: existem vários tipos, pintados, cor de pele, javali, porco do mato

A2: existem um porco mais gordinho que é preto e branco, e outro que é o porco javali que tem chifres e é meio carnívoro

P: Quem conhece porco? Existe somente um tipo? Muita conversa!

A3: pintado, cor de pele, pequenininho, javali, porco do mato

P: ok. Você conhece porco? Existe somente um tipo?

A4: porco marrom, preto, vermelho, javali e porco do mato

P: Você conhece porco. Existe somente um tipo?

A5: porco do mato, pequenininho, javali

P: Você conhece porco. Existe somente um tipo?

A6: porco do mato, porco pintado e marrom.

P: Você conhece porco. Existe somente um tipo?

A7: porco grande, médio, pequeno e da índia

P: Você conhece porco. Existe somente um tipo?

A8: javali, porquinho da índia, rosinha fraco pequeno, preto, branco, marrom, porco do mato, outros meio laranja e amarelo

A9: porco do mato, selvagem, marrom, preto, sem gordura, branco e da índia

P: Você conhece porco. Existe somente um tipo?

A10: porco da índia, porco pintado, javali, porco do mato, porco preto com bolinha branca

A11: porquinhos pequeno, médio, gordo e magro, uns são td preto, outros de cor de pele, cinza, e outro cinza com bolinhas pretas, javali e porquinho da índia

A12: porquinhos pequeno, médio, marrom, porco da índia

A13: porquinho da índia, pequeno, médio, grande, cor de pele e meio rosa

P: Existem porcos nas matas?

A1: sim, porque os porcos nas matas não são acostumados com chiqueiros e são mais violentos

A2: existe o porco javali que é acostumado a ficar no mato, que lá tem bastante água pra ele ficar lá.

P: e porque ele vive lá?

A2: porque não acostumado a ficar em chiqueiro

A3: existe o porco javali que não é acostumado no chiqueiro, e tem bastante mata e é violento porque não é acostumado com chiqueiros

P: Existem porcos nas matas?

A4: os porcos da mata não gostam de pessoas

A5: sim, tem o javali porque eles não são acostumados com as pessoas, e os outros porcos, são mais feroz com as pessoas

A6: javali e o porco selvagem, os caçadores que pegam animais pra vender pelos pegam os javalis porque eles tem mais pelo, eles são bem brabos quando tem filhotes

A7: o porco bege que vive na lama.

A8; javali, o porco do mato e não gostam de ficar no chiqueiro porque podem brigar com os outros, são mais carnívoros

P: Existem porcos na cidade?

A1: só no interior porque fazem muita sujeira

A2: os porcos existem na cidade porque tem gente que tem de estimação.

A3: não, só no interior

A4: não, porque podem fazer muita bagunça

A5: existe, mas tem mais no interior

A6: não tem, porque eles são acostumados a comer ração no interior.

A7: só no interior porque a cidade não é um lugar apropriado para os porcos

P: porque não é apropriado?

A7: porque fazem muita sujeira.

A8: só no interior.

A9: não tem, são acostumados com o ar livre, a grama e a lama

A10: tem no interior e na cidade nas granjas e chiqueiros.

A11: tem o porquinho da índia e o porco do chiqueiro e na mata.

A12: sim, ele fica em fazendas.

A13: sim, no interior.

P: Você já viu um porco?

A1: sim,

P: aonde?

A1: no meu tio.

P: como ele era?

A1: rosinha com preto.

P: e esse porco que você viu é o mesmo do da história?

P: porque ele tem o rabo igual, a cor igual, cor do olho igual.

P: ok!

Você já viu um porco?

A2: sim.

P: como ele é?

A2: bege, preto.

P: aonde você viu?

A2: em 5 lugares, fazenda, chiqueirão, granja e campo.

P: e esse porco que você viu é o mesmo do da história?

A2: a cor era diferente

P: Você já viu um porco?

A3: sim, era nude, preto, rosinha, preto e branco.

P: aonde você viu?

A3: em uma amiga da minha mãe.

P: e esse porco que você viu é o mesmo do da história?

A3: não porque os porcos reais não são comparados aos contos de fadas.

P: Você já viu um porco?

A4: sim, a irmã do meu pai tem um porco, ele é meio sapequinha, é rosinha, médio e tem rabo pequeno.

P: e esse porco que você viu é o mesmo do da história?

A4: não porque o porco da historinha faz casas e caminha com as pernas e o porco da vida real não caminha igual a nós.

P: Você já viu um porco?

A5: já, lá no meu vô.

P: como ele era?

A5: cor de pele, tinha pouco pelo e tava todo sujo de lama.

P: e esse porco que você viu é o mesmo do da história?

A5: sim, porque o da história também era cor de pele.

P: Você gosta de porco?

A5: sim.

P: Você já viu um porco?

A6: sim, era vermelho com bastante pelo, vi lá no meu vô.

P: e esse porco que você viu é o mesmo do da história?

A6: não, porque a cor era diferente.

P: Você gosta de porco?

A6: sim.

P: Você já viu um porco.

A7: já vi três tipos, branco e preto, meio branquinho e o pintado.

P: ok, aonde você viu?

A7: na minha casa.

P: e esse porco que você viu é o mesmo do da história?

A7: não, porque eram diferente, os da historinha falavam e por causa da cor.

P: Você já viu um porco?

A8: sim, na minha casa.

P: como ele é?

A8: branco

P: e esse porco que você viu é o mesmo do da história?

A8: não, cor diferente

P: você gosta de porco

A8: sim a carne é boa e nós temos criação de porco.

P: Você já viu um porco?

A9: sim, era cor de pele, vi no interior.

P: e esse porco que você viu é o mesmo do da história?

A9: não porque ele era bem nervoso e se chegasse perto ele morderia nós

P: você gosta de porco

A9: sim, porque mesmo sendo bravos eles fazem o ronco deles e são bem legais.

P: O porco é importante na natureza?

A1: sim, ele é selvagem, e se não tivesse porco não teria sitio quase

P: ok! O porco é importante na natureza? Porque?

A2: sim, porque ele pode dar carne pra nós

P: ok! O porco é importante na natureza? Porque?

A3: sim, porque eles podem procriar, e a gente pode conseguir carne e recursos deles, e também couro

P: ok! O porco é importante na natureza? Porque?

A4: ele também ajuda a gente com a carne, comida, a língua que tem pessoas que gostam de comer, o couro e se eles reproduzem dão muitos porquinhos.

P: ok! O porco é importante na natureza? Porque?

A5: sim, porque a natureza precisa de animais e a gente precisa de carne pra sobreviver

P: ok! O porco é importante na natureza? Porque?

A6: é importante por causa da carne, e porque senão só ia existir outros animais

P: ok! O porco é importante na natureza? Porque?

A7: sim, porque ele dá bacon e carne pra gente

P: ok! O porco é importante na natureza? Porque?

A8: não, porque tem outros animais muito mais importantes que ele.

P: Aonde os porcos moram?

A1: chiqueiros, granjas e sítios;

A2: no interior, e nos chiqueiros, mato- todas as respostas

P: O que os porcos comem?

A1: ração, milho, pasto ou lavagem

A2: feno, soja

A3: adubo, resto de comida.

A4: ração, quirela, folha de bananeira, mandioca, milho.

A5: ração, quirela, milho, lavagem e pasto.

A6: cenoura, feno, mandioca, lavagem.

Respostas repetidas se resumem a isso!

P: Quem conhece o lobo?

A1: sim!

P: Existe somente um tipo?

A1: não, tem vários, tem lobo da África, selvagem.

P: Conhece o lobo?

A2: sim.

P: Existe somente um tipo?

A2: não, tem o lobo da América do Norte, da selva que caçam coelho, gostam de carne fresca.

A3: eu conheço um cachorro lobo e lobo da floresta, lobo da neve e um lobo que caça pinguim.

A4: o lobo da neve e o lobo normal.

A5: lobo vermelho e africano.

A6: lobo da neve e da selva (4 respostas).

P: Existem lobos nas matas? Porque?

A1: porque a gente precisa dos lobos, para eles proteger as florestas de alguns animais que querem matar os lobos mais novos e velhos.

A2: os lobos vivem nas florestas para comer carne fresca.

A3: os lobos existem na floresta pra proteger a floresta dos humanos para não derrubar as árvores.

A4: existe na mata, porque eles lutam contra os caçadores, protegem as florestas.

A5: existe porque lá tem água pra eles beber e comida (6 respostas).

A6: existe porque lá tem carne e tem vários lobos pra eles ter filhotes

A7: existe porque lá tem lugares para eles colocar seus ovos

A8: existe, porque lá tem água e coisas pra eles matar e comer.

P: Existe lobo na cidade?

A1: não, porque senão pode comer nós, é carnívoro.

A2: ele não vive na cidade, porque é perigoso e raivoso.

A3: não existe porque eles são carnívoros.

A4: não porque se tiver na cidade vai comer cada dia uma pessoa-9

A5: é carnívoro e pode matar as pessoas

A6: existe nos zoológicos-2

A7: alguns existem, que são de estimação, o cachorro lobo.

P: Alguém já viu um lobo?

A1: vi no zoológico um branco e outro preto

P: e esse lobo que você viu é o mesmo da história?

A1: não porque o do zoológico não soprava e não come porco.

A2: eu já vi no zoológico, é peludo, preto.

P: e esse lobo que você viu é o mesmo da história?

A2: não porque ele tinha 4 patas e não só duas

P: Você gosta de lobo?

A2: sim, eu já passei a mão nele e ele pode ser bom se você cuidar bem dele

P: aah, ok!

P: você gosta de lobo? Porque?

A3: eu gosto porque eles são carnívoros e eu gosto de bichos carnívoros só não gosto quando eles matam a gente

P: você gosta de lobo? Porque?

A4: eu amo! Porque são muito bonitos

P: você gosta de lobo? Porque?

A5: eu gosto porque são bem bonitinho e quando não são carnívoros dá pra passar a mão neles;

P: você gosta de lobo? Porque?

A6: não porque ele pode comer as pessoas

P: você gosta de lobo? Porque?

A7: não porque é muito brabo

P: você gosta de lobo? Porque?

A8: não porque pode comer as criação e as pessoas.

P: você gosta de lobo? Porque?

A9: porque é fofinho e gosto da cor dele

P: você gosta de lobo? Porque?

A10: eu gosto porque ele é fofinho e bonito

P: você gosta de lobo? Porque?

A11: não porque podem atacar a pessoas

P: você gosta de lobo? Porque?

A12: gosto porque tem uma raça parecida com cachorros, são bem fofos

P: você gosta de lobo? Porque?

A13: sim, eu acho eles bem bonitos.

P: você gosta de lobo? Porque?

A14: eu nunca vi um lobo, mas se eu ver vou achar ele fofinho eu acho.

P: você gosta de lobo? Porque?

A15: eu gosto porque ele parece bom, e você tem que cuidar dele para ele gostar de você.

P: você gosta de lobo? Porque?

A16: sim, porque tem uma espécie muito bonita, é meio vermelho e preto nas patas, só não gosto quando fazem mal pros animais.

P: Porque o lobo é importante na natureza?

A1: o lobo ajuda a natureza pros caçadores não destruir ela.

P: porque o lobo é importante na natureza?

A2: porque eles podem proteger a família deles.

P: porque o lobo é importante na natureza?

A3: eles cuidam da floresta.

P: porque o lobo é importante na natureza?

A4: o lobo é importante pra gente porque quando tem gente mal ele sente o cheiro, e sente o cheiro de roupa falsa e vai lá avançar, e assim protege os seus filhotes.

P: porque o lobo é importante na natureza?

A5: sim, porque ele cuida da selva.

P: porque o lobo é importante na natureza?

A6: sim porque ele cuida.

P: porque o lobo é importante na natureza?

A7: não ele só piora a natureza, mata os animais e faz coco por tudo que lado.

P: porque o lobo é importante na natureza?

A8: ele não é importante, porque mata os animais e as pessoas.

P: porque o lobo é importante na natureza?

A9: eu acho que ele é importante porque ele é um animal e se não tivesse o lobo na natureza não ia existir o ciclo da vida, só ia ter bichos herbívoros aí ia acaba o mato e eles iam morrer.

P: parabéns, muito bem! Porque o lobo é importante na natureza?

A10: é importante porque ele tem que viver na natureza.

P: porque o lobo é importante na natureza?

A11: o lobo não é importante porque pode matar as pessoas.

P: porque o lobo é importante na natureza?

A12: é, porque é carnívoro e não tem muitos animais que são iguais a eles, então a natureza ia acabar e não ia mais ter bichos.

P: porque o lobo é importante na natureza?

A13: não porque é bravo e pode pegar as pessoas.

P: porque o lobo é importante na natureza?

A14: é importante porque espanta os que querem desmatar as florestas.

P: porque o lobo é importante na natureza?

A15: é importante porque espanta os caçadores e ele também é um animal, ajuda a floresta.

P: porque o lobo é importante na natureza?

A16: não sei.

P: porque o lobo é importante na natureza?

A17: o lobo é importante porque ele mata os animais que nós não precisamos também.

P: Aonde os lobos moram?

A1: na floresta, no zoológico, em umas casas;

A2: o lobo mora no zoológico, floresta e África.

A3: floresta, neve, zoológico (5 respostas).

A4: no Sul, norte, floresta, zoológico.

A5 floresta, caverna, selva, zoológico, tocas, ou criados (4 pessoas).

P: O que os lobos comem?

A1: carne, caçam aves, bois, javalis e outras carnes.

A2: comem carne de coelho, javali e porquinho.

A3: come carne, carne humana, é carnívoro.

A4: carne, zebra.

A5: é carnívoro e come aves.

A6: carne, pasto, feno.

A7: carne e galinhas.

A8: come galinha, filé e carne fresca.

A9: carne, galinha (2 respostas).

A10: carne, galinha e feno.

A11: porco, galinha e feno.

A12: carne e quirera (2 respostas).

A13: carne, coelhos e lebres, peixe (2 respostas).

A14: carne cru, coelho morto, passarinhos bife e ração.

P: Ele é bom ou mau? E na vida real o lobo é bom ou mau?

A1: mau, porque come pessoas.

A2: mau porque quando tá solto no zoológico pode morder as pessoas (2 respostas).

A3: um pouco bom.

A4: o lobo da história é bom e da vida real mau.

A5: o da história é mau, e da vida real também porque são chatos e egoístas.

A6: bom e mau porque se provocar é mau senão não.

A7: mau o da história (come os porquinhos), e da vida real pode ser bom ou mau (se provocar ele) se encontrar um lobo tem que ficar parado senão ele ataca por movimento (8 respostas).

A8: é mau porque pode comer as pessoas e os três porquinhos (7 respostas).

**APÊNDICE H- TRANSCRIÇÃO DOS ÁUDIOS SOBRE A CONTAÇÃO DO CONTO
DOS TRÊS PORQUINHOS E AS PERGUNTAS REALIZADAS APÓS A
CONTAÇÃO- ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL TENENTE
PORTELA.**

P: Era uma vez três porquinhos que viviam em uma floresta com a sua mãe. Um dia como já estavam muito crescidos decidiram ir viver cada um em sua casa. Agora eu passo a vez pro meu colega.

A1: Daí veio o lobo mau e queria derrubar as casas dos três porquinhos.

A2: o primeiro porquinho foi a uma loja e comprou palha para construir sua casinha, o segundo foi em uma loja um pouquinho melhor e comprou madeira para construir a segunda casa e o porquinho que era mais seguro comprou o material de tijolo.

A3: e eles cobriram a casinha, uma de palha, uma de tijolos e uma de madeira.

A4: não sei, mas o porquinho que construiu a de palha era muito preguiçoso e ficava tocando instrumento musical o dia todo ao invés de reforçar sua casinha.

A5: aí enquanto ele tocava os outros continuavam a construir sua casa para ficar mais bonita e segura, aí o lobo chegou e derrubou a casa do de palha.

A6: então a segunda casa o lobo falou: abre essa porta senão vou bufar e bufar e derrubar essa casa. E o porquinho falou não vou abrir não vou abrir, então o lobo bufou, bufou e derrubou a casa, aí o lobo foi pra segunda casa e falou a mesma coisa.

A7: o lobo assoprou, assoprou e a casa não caiu;

A8: aí o lobo resolveu ir pela chaminé, e o porquinho na casa bem sabidão colocou uma panela de água quente e o lobo se queimou e nunca mais incomodou os 3 porquinhos.

P: muito bom! Estou gostando de trabalhar com vocês! Agora vamos para as perguntas!

P: Se alguém de vocês conhece outro final da história dos três porquinhos gostaria que contasse agora.

A1: é um filme que assisti que ele tenta bufar, bufar, fica tudo vermelho e a casa nem balança, aí ele pega um ventilador gigante e nada acontece, aí o lobo tenta assoprar a porta e o porquinho abre a porta e joga uma água gelada, aí o lobo cai no chão e sai correndo.

P: Quem conhece porco? Todos conhecem?

A1: sim, eu conheço porquinho da índia, já tive um;

A2: conheço porco da índia, espinho e normal.

P: Existe somente um tipo de porco?

A1: não!

P: Quais tipos você conhece?

A1: porco espinho, normal e da índia.

P: Existe somente um tipo de porco?

A2: porco normal.

P: como é o porco normal?

A2: pode ter várias cores, conheço também o da índia, do mato (4 respostas).

A3: javali.

P: Existe somente um tipo de porco?

A4: porco da índia, espinho.

A5: porco normal, da índia, espinho, javali, selvagem, diabo da Amazônia que é um porco selvagem.

P: Existe somente um tipo de porco? Quais você conhece?

A6: porco normal que é rosa, o da índia, do mato.

P: Existe porco nas matas?

A1: tem, porque as vezes tem cachorro que mata outros bichos e os porcos vão lá e comem.

A2: tem vários tipos porque o mundo as pessoas prendem os bichos, todos os bichos o primeiro animal do mundo nasceu lá, porque é lá a casa deles, ele veio e pode ir quando quiser lá. E também porque o diabo da floresta é da mata mas posso achar ele em qualquer lugar, também tem o porco da índia. O mundo está sendo muito poluído, estão tentando limpar o mundo então eles vão pra floresta porque lá é a casa deles.

P: Existe porco nas matas?

A2: sim, porque eles querem viver na mata;

P: Existe porco nas matas?

A3: sim, porco da mata nascem na mata, como os javalis;

P: Existe porco nas matas? Porque?

A4: sim, não sei porque.

P: Existe porco na cidade? Porque?

A1: sim, existe no chiqueiro;

A2: sim, porquinho da índia, e em algumas cidades tem dentro de casa;

P: Existe porco na cidade? Porque?

A3: sim. Não sei.

P: Existe porco na cidade? Porque?

A4: acho que não, porque nunca vi.

P: Existe porco na cidade? Porque?

A5: não, porque os porcos nascem na floresta, na cidade tem mas eles são da floresta e vieram pra cidade;

P: Existe porco na cidade? Porque?

A6: sim, o porquinho da índia, normal.

P: Quem já viu um porco?

A1: já vi, meu vô tem.

P: Quem já viu um porco?

A2: já vi na minha vó, meu tio.

Todos já viram!

P: Como é o porco que vocês viram?

A1: preto, gordo, e uma cabeçona;

A2: o da minha vó é salmon com bolinha preta;

A3: meio salmom, rosado e gordo;

A4: rosinha (2 respostas).

A5: rosinha com marrom;

A6: rosa claro.

A7: marrom, preto, rosa, rosa, cinza, preto e rosa, branco.

P: O porco que você já viu é o mesmo porco da historinha?

A1: acho que sim, porque

A2: não, porque o porco não fica de pé e também não trabalha;

A3: não, porque tem cor diferente

A4: não;

A5: não, são diferentes, não faz casa

A6: não, porque o da historinha é bípede e o normal não;

A7: não, cores diferentes;

A8: não, cores diferentes

A9: não, porque ele foi criada uma história, depois virou desenho e ele nasceu na natureza, eles não trabalham, e nem todos tem mãe...

A10: será que nem todos tem mãe? Mas como eles nasceram?

A9; mas o primeiro porco surgiu lá na natureza ele não tinha mãe

A8: deus que mandou o primeiro porco;

P: outras coisas também explicam.

P: Você gosta de porco?

A1: sim, porque o porco faz várias coisas, se sobra comida ele come, ele suja mas não precisa limpar porque é no chiqueiro, e se ele suja a casa você tem que limpar igual então vai lá passar um pano

A2: não, porque ele é fedorento

A3: não, na verdade eu odeio porque é fedorento e caga

P: mas e você não caga?

A3: sim

P: Então. Você gosta de porco?

A4: não, porque eu cutuco ele faz sujeira!

A5: eu gosto do porco!

A6: eu gosto deles, por mais que são fedorento!

A7: eu gosto porque são fofinhos, eu pegava eles no colo.

A8: não gosto!

A9: quando era pequena não gostava porque tinha medo, é fedorento agora não vejo mais.

P: O porco é importante na natureza?

A1: não sei;

A2: sim, porque é um animal selvagem;

A3: sim, porque ele faz adubo, come o resto de comida

A4: sim, porque ele nasceu na natureza, é selvagem

A5: não sei (2 respostas).

A6: é importante porque nasceu lá;

A7: é, mas não sei porque (2 respostas).

A8: é importante porque nasceu lá, cuida da natureza, dos animais;

P: Aonde os porcos moram?

A1: ele pode se mudar a qualquer momento, não tem moradia fixa, podem cavar um buraco e ficar lá na floresta, na cidade ou no interior;

A2: na floresta, interior, chiqueiro (2 respostas).

A3: não sei;

A4; nos matos, chiqueiro e outros lugar

A5: vários lugares

A6: em qualquer lugar

A7: no chiqueiro

P: O que os porcos comem?

A1: lavagem

A2: lavagem, legumes, ração

A3: lavagem, mandioca, ração, casca de melancia

A4: restos de comida e ração

A5: lavagem, restos de comida, racao-2

A6: lavagem, mandioca, casca de melancia

A7: lavagem, casca de melancia, melão, legumes, alface estragada, ração, carne

A8: ração, mamão, melancia, coisa estragada como alface, cenoura, coco. O porco come coisas vencidas e nós não.

P: Quem conhece lobo?

A1: sim, só o que você mostrou (2 respostas).

A2: conheço!

Maioria não conhece!

P: Existe somente um tipo de lobo?

A1: não sei (2 respostas).

A2: não existem vários, mas não conheço

A3: sim, existem vários, um cinza e o resto não conheço

A4: acho que não, conheço o cinza e o laranjado

A5: não,

A6; tem vários mas não conheço (2 respostas).

A7: não tem vários tipos, tem espécies de diferentes cores e hábitos, tem o que ataca e o que não ataca fácil em uma espécie que o olho brilha no escuro e outra que muda de cor no sol.

P: Existe lobos nas matas?

A1: sim, os lobos são de lá (5 respostas).

A2: sim, porque foram criados lá e o lugar de viver deles é lá (2 respostas).

A3: sim (3 respostas).

P: Existe lobo na cidade?

A1: não, porque não sei;

A2: não, porque só existe na mata (5 respostas).

A3: não porque é selvagem e mora na mata-2

A4: no zoológico, mas ele não é da cidade.

P: Alguém já viu um lobo?

A1: sim, nas fotos, eu não tenho certeza se eu vi, porque era de longe então poderia ser outro animal;

A2: na floresta com meu pai, era meio cinza e preto.

Só viram em foto, desenho, filme

P: O lobo que vocês já viram é o mesmo da história?

Não viram!

P: Você gosta de lobo? Porque?

A1: não, porque são malvado!

A2: não.

A3: eu gosto, porque eles são animais da natureza, são fofos (2 respostas).

A4: não, porque ele morde e aranha;

A5: gosto, são bonitos e legais

A6: sim, porque é um animal muito legal, eu queria ter um lobo;

A7: não gosto!

P: O lobo é importante na natureza?

A1: se ele não matar os bichos pode ser importante.

A2: é, muito importante!

A3: não, não ia mudar nada, até ia ser melhor pra floresta, porque ele mata uns animais, é faminto.

A4: não sei (3 respostas).

A5: sim, porque não sei.

A6: sim, porque ele é um ser vivo, é legal, bonito dá um tcham na natureza.

A7: é porque nasceu na natureza, é fofo (2 respostas).

A8: sim, porque é um animal, é da natureza.

P: Aonde que os lobos moram?

A1: na floresta (5 respostas).

A2: floresta, zoológico, vários lugares (5 respostas).

A3: floresta, zoológico, fazenda, África

A4: floresta, zoológico, Amazônia, outros Países.

P: O que os lobos comem?

A1: carne podre, outros animais, galinha, gavião, cobra, jacaré.

A2: carne, carne podre, carne crua, assada, carne de galinha, porco, gado (5 respostas).

A3: carne e planta.

A4: carniça.

P: Se a história fosse verdadeira, na vida real o lobo é bom ou mau?

A1: mau,

P: porque?

A1: não sei!

A2: mau, não sei!

A3: bom, porque é um animal da natureza!

A4: bom!

A5: mau, não sei!

A6: não sei!

A7: depende se incomoda ele é mau senão não (4 respostas).

APÊNDICE I- PERGUNTAS DA RODA DE CONTAÇÃO DA CHAPEUZINHO VERMELHO E DOS TRÊS PORQUINHOS.

Questões sobre o lobo feitas após a roda de contação da Chapeuzinho Vermelho

1. Quem conhece outro final da história da Chapeuzinho Vermelho?
2. Quem é o lobo?
Por quê?
3. Alguém já viu um lobo?
4. Como ele é?

Questões feitas após a roda de conversa dos Três Porquinhos

Questões sobre o porco:

1. Se alguém de vocês conhece outro final da história dos três porquinhos gostaria que contasse agora?
2. Quem conhece porco?
3. Existe somente um tipo?
4. Existem porcos nas matas?
Por quê?
5. Existem porcos nas cidades?
Por quê?
6. Quem já viu um porco?
7. Aonde você viu?
8. Como ele é?
9. O porco que vocês já viram é o mesmo da história?
Por quê?
10. Vocês gostam de porcos?
Por quê?
11. O porco é importante na natureza?
Por quê?
12. Aonde os porcos moram?
Somente nas matas?
13. O que os porcos comem?

Questões sobre o lobo:

1. Quem conhece lobo?
2. Existe somente um tipo?
3. Existem lobos nas matas? Por quê?
4. Existem lobos nas cidades? Por quê?
5. Alguém já viu um lobo?
6. Aonde você viu?
7. Como ele é?
8. O lobo que vocês já viram é o mesmo da história? Por quê?
9. Vocês gostam de lobos? Por quê?
10. O lobo é importante na natureza? Por quê?

11. Aonde os lobos moram? Somente nas matas?

12. O que os lobos comem?

13. O lobo da história é bom ou mau?

Se essa história fosse verdadeira, na vida real o lobo que existe é bom ou mal?

**APÊNDICE J- QUESTIONÁRIO PARA ANALISAR AS CONCEPÇÕES PRÉVIAS
DO CURSO NORMAL**

1. Você conhece esse animal da imagem?

() Sim

() Não

2. Qual é o nome dele? _____



3. Ele é bom ou mau?

() Bom

() Mau

() Às vezes bom, às vezes mau

() Não sei

Justifique sua resposta _____

4. Você conhece esse animal da imagem?
() Sim
() Não



5. Qual é o nome dele? _____
6. Ele é bom ou mau?
() Bom
() Mau
() Às vezes bom, às vezes mau
() Não sei
Justifique sua resposta _____

7. Você conhece esse animal da imagem?
() Sim
() Não



8. Qual é o nome dele? _____
9. Ele é bom ou mau?
() Bom
() Mau
() às vezes bom, às vezes mau
() Não sei
Justifique sua resposta _____

10. Você conhece os personagens desta imagem?

- Sim
 Não



11. Qual é o nome deles? _____

12. Eles são bons ou maus?

- Bom
 Mau
 Às vezes bom, às vezes mau
 Não sei

Justifique sua resposta _____

13. Você conhece histórias com o personagem lobo, e os personagens Três Porquinhos?
- Sim, conheço histórias com ambos os personagens.
 - Conheço apenas histórias com o lobo personagem.
 - Conheço apenas histórias com os Três Porquinhos.
 - Não conheço nenhuma história com esses personagens.

Se você conhece, cite quais: _____


14. Você consegue perceber a ciência presente nos contos infantis?
- Sim
 - Não
 - Um pouco

Se você percebe indique em quais contos consegue perceber a ciência _____


15. Como futuro professor (a) você pretende trabalhar a ciência em sala de aula na educação infantil ou anos iniciais?
- Sim
 - Não
 - Nunca pensei a respeito ainda

Que possibilidades você consegue perceber para isso? _____

APÊNDICE K-AULA REFERENTE AO PRIMEIRO ENCONTRO COM O CURSO NORMAL



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS:
QUÍMICA DA VIDA E SAÚDE



**CLÁSSICOS DA LITERATURA INFANTIL SOB UM OLHAR DO ENSINO
DE CIÊNCIAS: UMA PROPOSTA PARA OS ANOS INICIAIS**

Mestranda: Eduarda Tais Breunig
Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Andréa Inês Goldschmidt

Questionário prévio

<https://forms.gle/7vD5xNovsk6aq3zt6>

- Façam com calma e atenção;
- Só pode responder uma vez;
- Perguntas objetivas (marcar uma alternativa) e outras descritivas.

Continuem aqui na chamada, qualquer dúvida é só chamar!

INTRODUÇÃO

➔ Os contos infantis são importantes na infância?

- Amplitude muito variada de significados;
 - Meio de informação e formação;
- (ANTOGLA, 2014);
- Descoberta das fadas (FARIAS, RUBIO, 2012);



Fonte: encurtador.com.br/hCDHL

- Estereotipação de personagens (AMARAL, 1998);
- Desconstrução de imagens estereotipadas por meio de contos infantis que promovam a alfabetização científica;



Fonte: encurtador.com.br/stuOQ



Fonte: encurtador.com.br/acoKT

Problema da pesquisa:

Como as representações estereotipadas dos personagens animais presentes em clássicos infantis podem interferir ou promover uma alfabetização científica?

**Objetivo geral:**

- Investigar as representações estereotipadas dos personagens animais lobo e porco presentes em clássicos infantis, e as implicações destas sobre animais nativos brasileiros.



Fonte: encurtador.com.br/icDTV

1.2 A função da literatura infantil na vida da criança

- Educativa;
- Entretenimento;
- Aventura estética e subjetiva;
- Reordenação dos próprios conceitos e vivências;
- Padrões de leitura do mundo;



Fonte: encurtador.com.br/kqDX3

(CADERMATORI, 2017).

1.3 O ensino de ciências nos anos iniciais e a alfabetização científica

Barreiras encontradas



Lacunas na formação inicial de pedagogos
(OVIGLI e BERTUCCI, 2009);

- Ciência → linguagem que a natureza está escrita (CHASSOT, 2003).



Fonte: encurtador.com.br/iaDTV

Capítulo 2- A articulação entre a literatura infantil e o ensino das ciências para a promoção da alfabetização científica

- O ensino de ciências naturais é **obrigatório** na vida da criança nos nove primeiros anos do ensino fundamental.
- Aparece timidamente, e o **português e matemática** tem um maior espaço.
- Os alunos possuem **vivências, experiências, interesses e curiosidades** sobre o **mundo natural** e tecnológico, as quais devem ser **valorizadas** e discutidas em sala de aula (BRASIL, 2017);

- São notórias as **contribuições** que a literatura infantil traz para o ensino de ciência.
- Formação de **leitores críticos, construção da cidadania e o repensar de atitudes.**



(MONDEK et al, 2019)

2.2 Possibilidade dos contos clássicos infantis para a alfabetização científica e a investigação de estereótipos

- A ciência está presente em muitos contos (implícita);
- Professor deve identificá-la e discuti-la com os alunos;
- Contos da *Chapeuzinho Vermelho e os Três Porquinhos* construções estereotipadas de animais (lobo e porco).



Fonte: encurtador.com.br/acoKT



Fonte: encurtador.com.br/stuOQ

- Há muitos tipos de estereótipos ligados à literatura infantil (**gênero, raça, estética, entre outros**).
- Contos serão reescritos com o **lobo-guará** (*Chrysocyon brachyurus*) e o **porco-cateto** (*Pecari tajacu*) como personagens, os quais estão presentes na fauna brasileira.



Figura 1- Lobo-guará
Fonte: encurtador.com.br/tzDRW

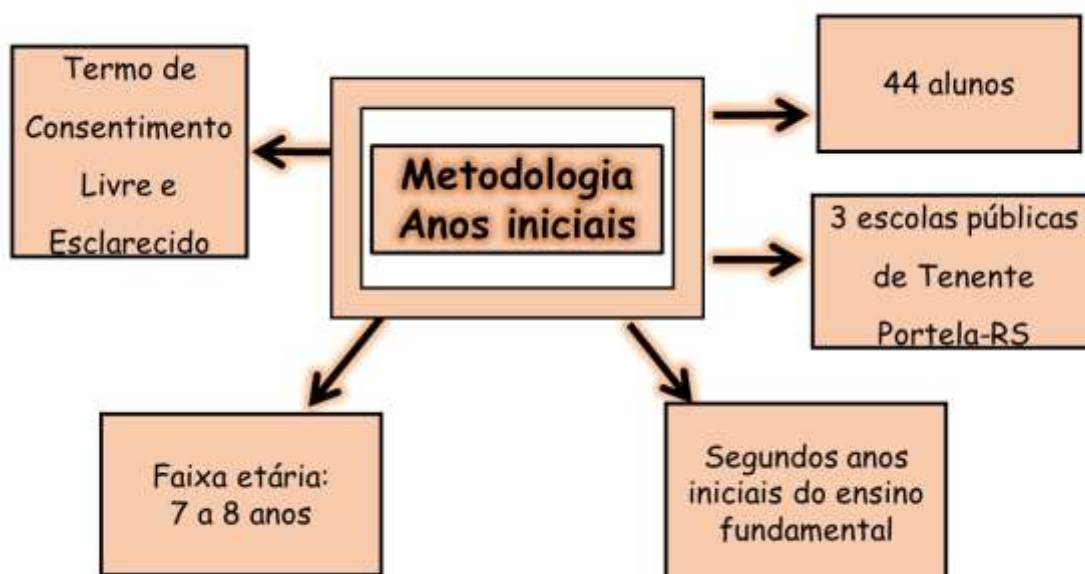


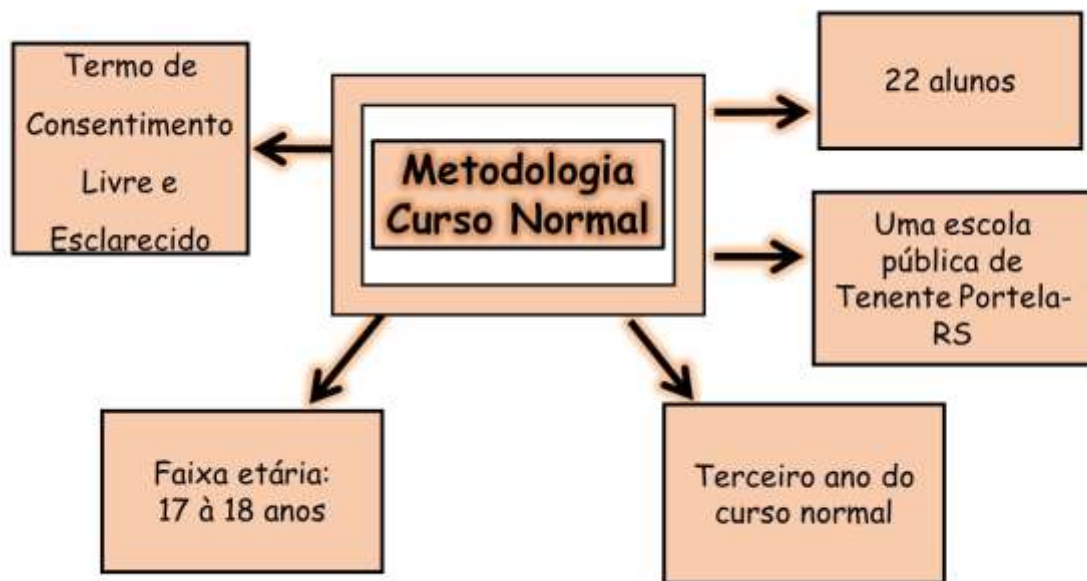
Figura 2- Porco cateto
Fonte: encurtador.com.br/ptBFJ

Capítulo 3- Percurso Metodológico

3.1 A pesquisa qualitativa

Moreira (2003) esclarece que apesar da pesquisa ser qualitativa, por vezes, o pesquisador transforma os dados e os expõem por meio de tabelas, sumários e classificações.





Sequência didática realizada com o segundo ano do ensino fundamental

3.3 Análise dos contos;

- Chapeuzinho Vermelho e os Três Porquinhos.

3.4 Investigação inicial das concepções dos alunos sobre os personagens selecionados.

- Aplicação do questionário prévio;
- Roda de contação de história;

Imagens utilizadas no
questionário



Figura 1- Lobo-guará

Fonte: encurtador.com.br/tzDRW



Figura 2- Lobo personagem

Fonte: encurtador.com.br/hmpDS



Figura 3- Porco cateto

Fonte: encurtador.com.br/ptBFJ



Figura 4- Três porquinhos

Fonte: encurtador.com.br/xtuOQ

Roda de contação de história



Figura 5- Roda de contação de história.
Fonte: Arquivo pessoal

3.5 Oficina de sequência didática como proposta para o terceiro ano do curso normal

1. Questionário inicial para analisar as concepções prévias;
2. Aula expositiva/dialogada sobre o lobo-guará e o porco cateto;
3. Confeção da máscara do lobo-guará e do porco cateto para desfile destes animais;
4. *Contação dos contos reescritos da Chapeuzinho Vermelho e dos Três Porquinhos intitulados: "Chapeuzinho vermelho em uma aventura na natureza"; "Os três porquinhos Catetos e o Lobo-Guará";*

5. Reconto das versões pelos alunos;
6. Confeção do lobo-guará e do porco cateto com materiais recicláveis;
7. Origami do lobo-guará e do porco cateto, e, dobradura da chapeuzinho vermelho;
8. Confeção dos personagens utilizando diferentes tipos de folhas;
9. Questionário final.

Capítulo 4- Resultados prévios, constituição dos dados e discussões iniciais

- **Questionário prévio- Análise de conteúdo (BARDIN, 2011);**
- **Roda de contação das histórias da Chapeuzinho Vermelho e dos Três Porquinhos gravadas em áudio, além das respostas das perguntas sobre o porco e o lobo.**
- **Os valores foram calculados em percentuais, individualmente para cada animal e escola.**

Tabela 1. Percentual de ocorrência dos resultados encontrados sobre a **expressão** dos entrevistados ao observarem as imagens dos animais lobo-guará e porco cateto e dos personagens lobo e três porquinhos.

Expressão	Lobo-guará	Lobo personagem	Cateto	Três porquinhos
Pavor/Pânico	0	0	0	0
Medo/Angústia	0	0	0	0
Nojo	0	0	0	0
Espanto	0	2,27	0	0
Alegria/Euforia	27,27	31,81	29,54	52,27
Surpresa	0	0	6,81	0
Indiferença	70,45	59,09	59,09	47,72
Outro.	2,27	6,81	4,54	0
Total	100	100	100	100

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Tabela 2. Percentual de ocorrência dos resultados encontrados sobre **terem ou não reconhecido as imagens** dos animais lobo-guará e cateto e dos personagens lobo e três porquinhos.

Reconhecimento do lobo-guará	Total	Reconhecimento do porco cateto	Total
Sim, e diz que é o lobo-guará	13,63	Sim, e diz que é um porco selvagem	44,08
Sim, e diz que é uma raposa	38,63	Sim, e diz que é cateto	20,45
Sim, e diz que é uma hiena	18,18	Sim, e diz que é javali	11,36
Sim e diz que é uma gazela	2,27	Sim, e diz que é queixada	2,27
Sim, e diz que é uma cão selvagem	2,27	Sim, e diz que é porquinho da Índia	13,63
Não sabe que animal é	27,27	Sim, e diz que é porco espinho	13,63
Total	100	Não sabe que animal é	2,27
		Total	100
Reconhecimento do lobo personagem		Reconhecimento do porco personagem	
Sim, e diz que é o lobo	45,45	Sim, e diz que é os três porquinhos	100
Sim, e diz que é o lobo mau	45,45		
Outro. Diz que é um lobisomem	2,27		
Não sabe que animal é	6,81		
Total	100	Total	100

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Tabela 3- Percentual de ocorrência dos resultados encontrados sobre o lobo-guará, lobo personagem, porco cateto e os três porquinhos, ao serem considerados **bons ou maus**.

Alternativas	Lobo-guará	Lobo personagem	Porco cateto	Três porquinhos
Bom	27,27 Vive na floresta	0	63,63 Características boas	100 Características boas
Mau	61,33 Hábito predador	97,72 Hábito predador	20,45 Hábito predador	0
Às vezes bom, às vezes mau	2,27 Instinto animal	2,27 Instinto animal	13,63 Instinto animal	0
Não sei	9,09	0	2,27	0
Total	100	100	100	100

Fonte: Elaborado pelas autoras

Tabela 4. Percentual de ocorrência dos resultados encontrados sobre o **hábitat** do lobo-guará, lobo personagem, cateto e três porquinhos.

Alternativas	Lobo-guará	Lobo personagem	Porco cateto	Três porquinhos
Na mata/floresta	70,50	79,54	68,18	89,08
Zoológico	0	0	2,27	0
Na cidade	0	0	0	0
No meio rural	0	0	6,81	15,92
Não sei	0	0	4,54	0
Outro	29,50	20,46	18,20	-
Total	100	100	100	100

Fonte: Elaborado pelas autoras

Tabela 5. Percentual de ocorrência dos resultados encontrados sobre a possibilidade de **entrarem em uma floresta** com um destes, seja lobo-guará, lobo personagem, cateto e três porquinhos.

Alternativas	Lobo-guará	Lobo personagem	Porco cateto	Três porquinhos
Não	81,82 -Lobo malvado	88,64 -Lobo malvado	34,09	9,10
Sim	18,18	9,09	61,36 -Porco bonzinho	90,90 -Porco bonzinho
Não sei	0	2,27	4,55	0
Total	100	100	100	100

Fonte: Elaborado pelas autoras

Tabela 6. Percentual de ocorrência dos resultados encontrados sobre a **dieta do lobo-guará e do lobo personagem**.

Alternativas	Lobo-guará	Lobo personagem
Plantas e frutos	4,54	0
Outros animais	22,72	45,47
As pessoas	2,27	11,36
Come de tudo	0	0
Não sei	2,27	13,63
Outro, qual?	0	0
Carne	61,39	27,27
Ovo, insetos, ração	2,27 para cada item	0
Carne, pão de mel, vovó e chapeuzinho	0	2,27

Fonte: Elaborado pelas autoras.



Fonte: encurtador.com.br/DZ456



Fonte: encurtador.com.br/pC6X5

Lobeira *Solanum lycocarpum*



Fonte: encurtador.com.br/eJLOQ

(FARIA, 2012).

Considerações finais prévias

Contos de fada como importantes ferramentas do ensino de ciências nos anos iniciais do ensino fundamental;

Ensino de ciências deve promover a **formação integral do cidadão** (ser pensante e atuante) (LORENZETTI, 2000);

Romper visões fragmentas e estereotipadas por meio da alfabetização científica;

Promover alfabetização científica por meio dos animais **lobo-guará e porco cateto** presentes na fauna brasileira por meio dos contos da *Chapeuzinho Vermelho* e dos *Três Porquinhos*

Referências bibliográficas

- AMARAL, L. A. **Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação.** In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). *Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas.* São Paulo: Summum, 1998. p. 12-13-15-17-18 -26.
- ANTOGLA, D. C. **A articulação entre a literatura infantil e o ensino de ciências nos anos iniciais do ensino fundamental.** 2014, 151 p. Dissertação (Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação) -Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ), Chapecó, SC, 2014.
- BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas.** 16ª Edição. [s.l]: Ed. Paz e terra, 2002. 335p. Disponível em: <http://fernandomaues.com/noigandres/textos/ensino/a_psicanalise_dos_contos_de_fadas.pdf> Acesso em 19 de ago. 2019.
- BNCC. **BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR. Educação é a base.** Ministério da Educação, 600p. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf> Acesso em: 15 de mai.2020.
- CADERMATORI, L. **O que é literatura infantil.** São Paulo: Editora Brasiliense, 2017. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=a6gyDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT4&dq=fun%C3%A7%C3%A3o+da+literatura+infantil+na+vida+da+crian%C3%A7a&ots=75PKEhsHb-&sig=c52g6CfOJMAO8ymgEso82pibYf8#v=onepage&q=fun%C3%A7%C3%A3o%20da%20literatura%20infantil%20na%20vida%20da%20crian%C3%A7a&f=false>> Acesso em: 12 de dez. 2019.
- CASTRO, J.L, et al. **Mata ciliar: importância e funcionamento.** 2017, Campo Grande. *Anais... Campo Grande: IBEAS, 2017.* Disponível em: <<https://www.ibeas.org.br/congresso/Trabalhos2017/XI-016.pdf>> Acesso em: 12 de dez. 2019.
- CHASSOT, A. **Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social.** *Revista Brasileira de Educação.* Rio de Janeiro, Nº 22, p. 89-100, Jan./Abr. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000100009> Acesso em: 20 de fev. 2020.
- COSTA, J.S. **Uma visão crítica dos contos de fadas dos Grimm.** *Caderno da Escola Superior de Gestão Pública, Política, Jurídica e Segurança.* Curitiba, vol. 2, n. 2, p.82-97, jul./dez. 2019. Disponível em: <<file:///C:/Users/User/Desktop/mestrado%20Ufsm/Disserta%C3%A7%C3%A3o/876-2867-1-PB.pdf>> Acesso em: 30 de jun. 2020.
- COUTINHO, F. **Os animais que todos somos: ou a vida dos bichos na literatura infantil contemporânea.** *Revista estação literária.* Londrina, Volume 17, p.73-85, jul. 2016.
- FARIA, N.O. **Bioma cerrado e a extinção do lobo-guará.** 2012, 33 f. Monografia (licenciatura em Biologia) - Universidade de Brasília, Luziânia-Goiás, 2012.
- FARIAS, F.R.A; RUBIO, J.A.S. **Literatura Infantil: A Contribuição dos Contos de Fadas para a Construção do Imaginário Infantil.** *Revista eletrônica saberes da educação.* [s.l], V. 3, nº 1, 2012. Disponível em: <<http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/Francy.pdf>> Acesso em 20 de ago. 2019.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica:** Apostila. Ceará: Curso de especialização em comunidades virtuais de aprendizagem-informática educativa, 2002. 127 p.
- ICMBIO. INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE. **Sumário executivo do plano de ação nacional para a conservação do lobo-guará.** Disponível em: <<https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/docs-par/pan-lobo-guara/1-ciclo/pan-lobo-guara-sumario.pdf>> Acesso em 20 de jan. 2019.
- MEREGE, A.L. **Os Contos de Fadas: Origens, História e permanência no mundo moderno.** São Paulo: Ed. Claridade, 2010. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=y7aIDwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false> Acesso em: 17 de abr. 2019.
- MONDEK, S.A; ROCHA, Z.F; LIMA, J. P. **Serões de dona benita Monteiro labato e o ensino de ciências.** *REnCiMa,* v. 10, n.1, p. 184-193, 2019. Disponível em: <<file:///C:/Users/User1/Downloads/1365-6622-1-PB.pdf>> Acesso em 29 de dez. 2019.
- MOREIRA, Marco Antônio. **Pesquisa em ensino: aspectos metodológicos.** *Actas del PIDEC: textos de apoio do Programa Internacional de Doutorado em Ensino de Ciências da Universidade de Burgos.* Porto Alegre, v. 5, p. 101-136. 2003.

- NUNES, A. C. **A importância da leitura dos contos de fadas em sala de aula na formação crítica e reflexiva da criança**. 2018. 22 p. Trabalho de conclusão de curso. (Graduação de licenciatura em letras) - Universidade do Estado do Amazonas-UEA, Parintins- Am, 2018. Disponível em: <<http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/bitstream/riuea/1438/1/A%20import%C3%A2ncia%20da%20leitura%20dos%20contos%20de%20fadas%20em%20sala%20de%20aula%20na%20forma%C3%A7%C3%A3o%20cr%C3%ADtica%20e%20reflexiva%20da%20crian%C3%A7a.pdf>> Acesso em: 10 de dez. 2019.
- OVIGLI, D.F; BERTUCCI, M.C. A formação para o ensino de ciências naturais nos currículos de pedagogia das instituições públicas de ensino superior paulistas. **Ciências & Cognição**, v. 14, n. 2, p. 194-209, 2009. Disponível em: <<file:///C:/Users/User1/Desktop/mestrado%20Ufsm/Disserta%C3%A7%C3%A3o/134-761-1-PB.pdf>> Acesso em 13 de dez. 2019.
- PRADA ILS. In: Tréz T (org). **Instrumento Animal: O uso prejudicial de animais no ensino superior. Os animais são seres sencientes**. Bauru: Canal 6, p. 15-41, 2008.
- RAMOS, D.O; SILVA, D.C; PASCARELLI, B.M. O papel da substituição do cerrado por áreas de agropecuária e a extinção do lobo-guara. **Semioses: Inovação, Desenvolvimento e Sustentabilidade**. Rio de Janeiro, v.12, n. 2, abr / jun, 2018. Disponível em: <<http://revistas.unisiam.edu.br/index.php/semioses/article/view/15/36>> Acesso em: 03 de fev. 2020.
- RICKLEFS, R.E. **A Economia da Natureza**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
- RODRIGUES, M.L; FAGALI, E.Q. "Era uma vez... um medo que não queria ir embora: o uso do conto na intervenção psicopedagógica infantil". **Revista Construção Psicopedagógica**. 25 (26): 57-69, 2017.
- SCALFI, G; BARATA, G. Fauna brasileira no cotidiano da educação infantil: uma abordagem necessária. **Revista Ciências & Ideias**. V.10, n.3, 2019. Disponível em: <<https://revistascientificas.ifrrj.edu.br/revista/index.php/reci/article/view/1046/693>> Acesso em 20 de jan. 2020.
- SILVA, N. H. **Avaliar a diversidade e distribuição espacial do gênero liogenys (coleóptera melonithidae) em três localidades do cerrado brasileiro**. 2018. 45f. Monografia (Curso de Graduação em Agronomia) -Universidade de Brasília, Brasília, DF. 2018.
- SOWLS, J.K. **Jaguars and other peccaries: their biology, management, and use**. Texas A e M University Press. College Station. 2 ed, 1997, 325 p.
- ZAMBON, S.A. **Reflexões sobre a construção estereotipada de heróis e heróínas das histórias infantis**. Monografia (especialização em Educação Infantil e a Escola de Nove Pesquisas e Gestão do Cotidiano Escolar) -Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

Lembretes para quinta-feira!

Próximo encontro: 03/06 às 19 horas;

Ter em mãos para a oficina de quinta-feira:

- Uma folha de ofício;
- Tesoura;
- Giz de cera laranja e preto;

Mandarei o link aqui no grupo uns minutos antes de iniciarmos.

Espero todos vocês! 😊



Obrigada pela atenção!

APÊNDICE L- AULA REFERENTE AO SEGUNDO ENCONTRO COM O CURSO
NORMAL

**Oficina de Atividades sobre
o Lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*)
e o Porco Cateto (*Pecari tajacu*);**



Fonte: encurtador.com.br/tzDRW



Fonte: encurtador.com.br/ptBF7

“Os animais despertam a curiosidade e o carisma das crianças. Assim, desde a tenra idade, o cotidiano da criança está repleto do contato direto ou indireto com os animais”.

(SCALFI e BARATA, 2019, p.32)



Fonte: encurtador.com.br/hmRZ



Fonte: encurtador.com.br/uwxQ2

Lista de atividades da oficina:

1. Aula expositiva/dialogada sobre o lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*);
 2. Aula expositiva/dialogada sobre o porco cateto (*Pecari tajacu*);
 3. Confeção de cartazes em grupos sobre pesquisa de temas relacionados aos animais;
 4. Confeção da máscara do lobo-guará para desfile dos lobos;
 5. Confeção da máscara do porco cateto para desfile dos catetos;
 6. Contação da versão reescrita do conto da Chapeuzinho Vermelho, intitulada: "*Chapeuzinho Vermelho em uma aventura na natureza.*" (recurso utilizado para contação: guarda-chuva com personagens);
-
6. Contação da versão reescrita do conto dos Três Porquinhos, intitulada: "*Os três Porquinhos Catetos e o Senhor Lobo-guará.*"
 7. Reconto das versões pelos alunos;
 8. Confeção do lobo-guará com materiais reutilizáveis;
 9. Confeção do porco cateto com materiais recicláveis;
 10. Origami do lobo-guará e da chapeuzinho vermelho;
 11. Origami do porco cateto;
 12. Confeção dos personagens utilizando diferentes tipos de folhas;
 13. Questionário final.

VAMOS APRENDER A FAZER ESSAS ATIVIDADES FUTUROS PROFESSORES?

A ciência é uma linguagem e o indivíduo que é alfabetizado cientificamente tem a capacidade de ler essa linguagem, linguagem esta que a natureza está escrita, assim, um analfabeto científico é aquele que é incapaz de fazer uma leitura do universo.
(CHASSOT, 2003, p.91).



Fonte: encurtador.com.br/xKLW6

Atividade 1

1. Aula expositiva/ dialogada feita no PowerPoint sobre o lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*);

QUE ANIMAL É ESSE?

LOBO GUARÁ
Chrysocyon brachyurus



Fonte: encurtador.com.br/sABE4

CARACTERÍSTICAS

- MAIOR CANÍDEO DA AMÉRICA DO SUL;
- 20 A 30 KG DE PESO;
- ATÉ 90 CM NA ALTURA DA CERNELHA.
- PERNAS LONGAS E FINAS;
- Densa pelagem avermelhada e conferem uma aparência inconfundível.



Fonte: encurtador.com.br/lluGH

AMBIENTE PREFERIDO DO LOBO!

- BIOMA CERRADO;
- ÁREAS ABERTAS E CAPOEIRAS;
- VEGETAÇÃO RASTEIRA;
- GRAMAS COM A COR PARECIDA A DO LOBO ONDE ELE PODE SE ESCONDER DOS PREDADORES;



Fonte: encurtador.com.br/gAJNW

ESTADOS BRASILEIROS QUE ENCONTRAMOS O LOBO-GUARÁ:

- GOIÁS;
- MATO GROSSO;
- MATO GROSSO DO SUL E DISTRITO FEDERAL;
- MINAS GERAIS;
- SÃO PAULO;
- PARANÁ;
- TOCANTINS;
- BAHIA;
- MARANHÃO E PIAUÍ.



Fonte: encurtador.com.br/FNPQR

O QUE O LOBO-GUARÁ COME?



Fonte: encurtador.com.br/bsmDF3



Fonte: encurtador.com.br/jlTW4



Fonte: encurtador.com.br/aovXZ

- A ÁRVORE DE LOBEIRA PRESENTE NO CERRADO PRODUZ A FRUTA PREFERIDA DO LOBO (FRUTA-DO-LOBO);



Fonte: encurtador.com.br/m557



Fonte: encurtador.com.br/DZ4%6

O QUE ESTÁ CAUSANDO A MORTE/EXTINÇÃO DO LOBO-GUARÁ?

CAÇA;
DESMATAMENTO;
QUEIMADAS;
ATROPELAMENTOS;



Fonte: encurtador.com.br/bkEGL



Fonte: encurtador.com.br/kyP12
















Fonte: encurtador.com.br/aAN13



Fonte: encurtador.com.br/mGL15

DEMAIS SLIDES DA AULA SOBRE O LOBO-GUARÁ!

<p>ÁRVORES DO CERRADO</p>  <p>ACÁCIA MANGRIM</p>	<p>REPRODUÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> • ACONTECE UMA VEZ POR ANO E A GESTAÇÃO PODE DURAR APROXIMADAMENTE 47 DIAS • NORMALMENTE NASCEM DE 2 A 5 FILHOTES; • INICIALMENTE APRESENTAM PELAGEM PRETA, EXCETO NA PONTA DA CAUDA, QUE OS PELOS SÃO BRANCOS. 	<p>LIVRO VERMELHO</p> <ul style="list-style-type: none"> • LIVRO QUE CONTEMAS ESPÉCIES DE ANIMAIS QUE APRESENTAM RISCO DE EXTINÇÃO OU ENTÃO JÁ ESTÃO EXTINTAS. • LOBO-GUARÁ ENCONTRA-SE NA CATEGORIA VULNERÁVEL-AMEAÇADO; • A ESPÉCIE É CONSIDERADA QUASE AMEAÇADA (NT) PELA IBUN DESDE 1996. 
<ul style="list-style-type: none"> • VERÃO ÚMIDO E INVERNO SECO; • DIFERENTES SOLOS; • GRANDE QUANTIDADE DE ÁGUA. 	<p>FILHOTES</p> <ul style="list-style-type: none"> • NASCEM ENTRE JUNHO E SETEMBRO; • PESAM ENTRE 140 E 410 GRAMAS, ATÉ CHEGAREM UM ANO DE IDADE, QUANDO SÃO CONSIDERADOS ADULTOS; • SÃO CUIDADOS PELA FÊMEA, QUE NÃO SAI DA TOCA E O MACHO OS ALIMENTA DURANTE ESSE PERÍODO. 	<p>O QUE PODEMOS FAZER PARA O LOBO-GUARÁ NÃO SETORNAR EXTINTO?</p> <p>REDUZIR OS DESMATAMENTOS!</p>  
<p>AUMENTAR A FISCALIZAÇÃO E CUMPRIMENTO DAS LEIS AMBIENTAIS.</p> 	<p>LOBO VERMELHO</p> 	<p>LOBO ETÍOPE</p> 
<p>AMPLIAR ESTUDOS SOBRE AS DOENÇAS QUE ACOMETEM A ESPÉCIE.</p> 	<p>EXISTEM VÁRIAS ESPÉCIES DE LOBOS</p>  <p>LOBO-DO-ÁRTICO, TAMBÉM CHAMADO DE LOBO-POLAR E LOBO-BRANCO</p>	<p>PORQUE OS LOBOS UIVAM?</p> 

Atividade 2

2. Aula expositiva feita no PowerPoint sobre o porco cateto (*Pecari tajacu*);

VAMOS CONHECER MELHOR
UMA ESPÉCIE DE PORCO?



Fonte: encurtador.com.br/1oyAV

CARACTERÍSTICAS

- MEDEM DE 75 A 100 CM DE COMPRIMENTO;
- APROXIMADAMENTE 45 CM DE ALTURA;
- PESO VARIA DE 14 A 30 KG; 38 DENTES;
- CAUDA PEQUENA E UM FOCINHO ALONGADO;
- PATAS CURTAS E DELGADAS E PÉS PEQUENOS.
- PELAGEM É LONGA E ÁSPERA, GERALMENTE DE TONALIDADE CINZA MESCLADA DE PRETO, COM UMA FAIXA DE PELOS BRANCOS AO REDOR DO PESCOÇO QUE DÁ O ASPECTO DE UM COLAR.
- VISÃO RUIM, MAS O OLFATO BASTANTE DESENVOLVIDO.



Fonte: encurtador.com.br/1oyAV

O QUE O PORCO CATETO COME?



Fonte: encurtados.com.br/muGNP

MANDIOCA, MILHO, PEQUENOS
INVERTEBRADOS, ENTRE OUTROS.



Fonte: encurtados.com.br/qwxFU



Fonte: encurtados.com.br/FP546



Fonte: encurtados.com.br/CHP45

MECANISMO DE DEFESA

- BATER OS DENTES QUANDO SE SENTEM AMEAÇADOS;
- CRINA NA REGIÃO DORSAL DE PELOS MAIS LONGOS E ESCUROS, QUE ERIÇAM EM SITUAÇÕES DE ESTRESSE OU QUANDO DEMONSTRAM COMPORTAMENTOS DE AMEAÇA.



Fonte: encurtados.com.br/CHP45



Fonte: encurtados.com.br/CHP45

- PREDADORES E DISPERSORES DE SEMENTES;
- INDICADORES DA **QUALIDADE AMBIENTAL**.
- TOLERANTES A AMBIENTES ALTERADOS, EXCETO QUANDO MUITO ALTERADOS.
- GLÂNDULA NA REGIÃO DORSAL QUE PRODUZ FORTE ODOR;
- UTILIZADA PARA MARCAÇÃO TERRITORIAL;



Fonte: encurtador.com.br/1oyAV

PODE SER CONFUNDIDO!



Fonte: encurtador.com.br/egjK

COMO DIFERENCIÁ-LOS?

CATETO:

- POSSUI UM TIPO DE COLAR BRANCO AMARELADO, PESA APROXIMADAMENTE 20KG;
- ALTURA VARIA ENTRE 40CM E 50CM. PODE ATINGIR CERCA DE 1M DE COMPRIMENTO.
- VIVE EM BANDOS QUE VARIAM DE SEIS ATÉ 30 INDIVÍDUOS.
- QUANDO ESSE BANDO SE APROXIMA PRODUZEM UM BARULHO COM O BATER DOS DENTES.

QUEIXADA:

- DIFERENTE DO CATETO NO TAMANHO, COLORAÇÃO DO PELO E COMPORTAMENTO.
- PODE PESAR EM TORNO DE 35KG.
- TEM PELAGEM DAS COSTAS BEM LONGA E POSSUI BASTANTE PELOS BRANCOS NA MANDÍBULA E FOCINHO. OS GRUPOS EM QUE VIVEM VARIAM, GERALMENTE, ENTRE 50 E 100 INDIVÍDUOS (MARQUES, 2019, P.08).

JAVALI:

- PESO QUE VARIA DE 30KG A 190KG PARA MACHOS ADULTOS E DE 15KG A 110KG PARA AS FÊMEAS.
- COLORAÇÃO DA PELAGEM VARIA DE ACORDO COM A FAIXA ETÁRIA, ENQUANTO ADULTOS, APRESENTAM PELOS LONGOS E DE COR PRETA, ALÉM DAS PRESAS.
- JÁ ENQUANTO JOVEM, APRESENTAM LISTRAS LONGITUDINAIS MARROM AVERMELHADA COM PRETO.

PODE SER ENCONTRADO NAS ÁREAS COM COBERTURA VEGETAL
EM TODOS OS BIOMAS



DEMAIS SLIDES DA AULA SOBRE O PORCO CATETO

REPRODUÇÃO

- SEGUEM SUAS MÃES DEPOIS DE 1 HORA DO PARTO E MAMAM POR APROXIMADAMENTE 6 SEMANAS.
- 2 VEZES AO ANO, COM MÉDIA DE 1,5 FILHOTE POR PARTO.
- GESTAÇÃO DE 147 DIAS (1 MÊS E MEIO) QUANDO NASCEM 1 A 4 FILHOTES, NORMALMENTE?
- AOS 3 MESES, OS FILHOTES DEVEM SER DESMAMADOS, MARCADOS E SEXADOS.



AMEAÇAS!



AGRICULTURA PLANTAÇÕES- LADO POSITIVO E NEGATIVO



HABITAM UMA GRANDE DIVERSIDADE DE HÁBITATS

FLORESTAS



REGIÕES SECAS



INDÚSTRIAS



HIDRELÉTRICAS



RODOVIAS



LIVRO VERMELHO

PORCO CATETO
ENCONTRA-SE NA MAIORIA DAS REGIÕES NA CATEGORIA MENOS PRIORITÁRIA (LC).

PORÉM NA REGIÃO ATLÂNTICA ENCONTRA-SE NA CATEGORIA QUASE AMEAÇADO (NT).



CRIAÇÃO DE NOVAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DE PROTEÇÃO INTEGRAL



QUEM CONHECE ESSES PORQUINHOS?



CRIAÇÃO DE NOVAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DE PROTEÇÃO INTEGRAL



EXISTEM OUTRAS ESPÉCIES DE PORCOS?

- OS 3 PORQUINHOS SÃO IGUAIS AO PORCO QUE ESTUDAMOS? PORQUÊ?
- OS 3 PORQUINHOS SÃO MAIS PARECIDOS COM QUE PORCO?



Atividade 3

3. Confeção de cartazes em grupos sobre pesquisa de temas relacionados aos animais;

Momento 1: dividir a turma em grupos e propor um tema por grupo, exemplo: nicho ecológico; estado de conservação; hábitat; ameaças as espécies;

Os alunos podem utilizar imagens, desenhos e também a escrita para confeccionar seus cartazes.

Momento 2: cada grupo apresentará seu cartaz para os demais colegas.

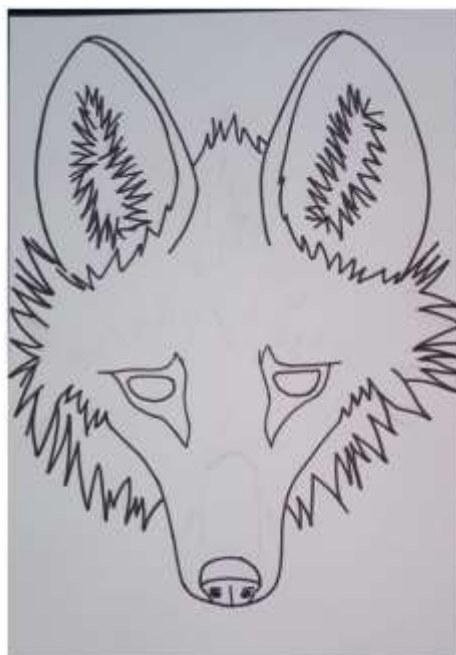
Atividade 4

4. Confeção da máscara do lobo-guará para desfile dos lobos;

Momento 1: confeção das máscaras;

Momento 2: formação de grupos para se apresentar aos demais colegas;

Momento 3: cada aluno (lobo-guará) deverá falar o que aprendeu durante as aulas sobre o Lobo-guará.



Fonte: Arquivo pessoal

Atividade 5

5. Confeção da máscara do porco cateto para desfile dos catetos;

Momento 1: confecção das máscaras;

Momento 2: formação de grupos para se apresentar aos demais colegas;

Momento 3: cada aluno (lobo-guará) deverá falar o que aprendeu durante as aulas sobre o Lobo-guará.



Fonte: Arquivo pessoal

Atividade 6

6. Contação da versão reescrita do conto da Chapeuzinho Vermelho, intitulada: *“Chapeuzinho Vermelho em uma aventura na natureza.”* (recurso utilizado para contação: guarda-chuva com personagens);

Momento 1: conversar com as crianças sobre a história infantil da Chapeuzinho Vermelho e explicá-las que conhecerão uma nova versão desta história;

Momento 2: contação da versão reescrita;

Momento 3: os alunos poderão formar grupos para fazer o reconto da história pelos alunos;



Fonte: Arquivo pessoal

Sinopse da Versão reescrita:
“Chapeuzinho Vermelho em uma Aventura na Natureza.”

Era uma vez uma menina chamada Chapeuzinho Vermelho que adorava se aventurar na natureza. Certo dia, Chapeuzinho Vermelho pegou sua capa vermelha, que a protegia dos insetos, sua mochila com acessórios para estudo a campo e foi para a mata coletar materiais como flores, folhas e fungos para estudo...



Fonte: Arquivo pessoal

Atividade 7

7. Contação da versão reescrita do conto dos Três Porquinhos, intitulada: *“Os três Porquinhos Catetos e o Senhor Lobo-guará.”*

Momento 1: conversar com as crianças sobre a história infantil dos Três Porquinhos e explicá-las que conhecerão uma nova versão desta história;

Momento 2: contação da versão reescrita;

Momento 3: os alunos poderão formar grupos para fazer o reconto da história pelos alunos;



Fonte: Arquivo pessoal

Sinopse da Versão reescrita:
“Os Três Porquinhos Catetos e o Lobo-Guará”

ERA UMA VEZ três porquinhos catetos irmãos que viviam na floresta com um grande bando de catetos e sua mãe...



Fonte: Arquivo pessoal

Aspectos importantes a serem levados em consideração na hora da contação:

- Conhecer a história antes de fazer a contação;
- Entonação da voz (alterar conforme as falas e momentos);
- Utilizar onomatopéias (sons naturais-pedir para as crianças imitar algum som);
- Gesticular e encenar;
- Pedir para as crianças adivinhar o que vai acontecer na sequência da história;
- Utilizar um recurso didático para a contação (guarda-chuva, fantoches/dedoques, avental, caixa com personagens, etc);
- Explorar as áreas do conhecimento após a contação;



Atividade 8

8. Confeção do lobo-guará com materiais recicláveis;

Materiais utilizados:

- Uma garrafa pet de 500 mL;
- Tinta guache na cor preta e laranja (mistura da cor vermelha com amarelo);
- Rolo de papel higiênico para fazer o olho e as orelhas do lobo-guará;
- Um pedaço de caixa de papelão para as pernas;
- Um pouco de estopa para fazer o rabo;
- Cola quente;
- Um pedaço de caixa de papelão para fazer o cenário com substrato para o porco;
- Folhas secas, palhas e gramíneas secas para o substrato.



Fonte: Arquivo pessoal

Atividade 9

9. Confeção do cofrinho do porco cateto com materiais recicláveis

Materiais utilizados:

- Uma garrafa pet de 1 litro;
- Tinta guache na cor cinza (mistura da cor preta e branca), e rosa (mistura da cor vermelha e branca);
- Rolo de papel higiênico para fazer o olho e as orelhas do lobo-guará;
- Um pedaço de caixa de papelão para as patas;
- Um pouco de estopa para fazer o rabo;
- Cola quente;
- Um pedaço de caixa de papelão para fazer o cenário com substrato para o porco;
- Folhas, gramíneas ou palhas secas para o substrato;



Fonte: Arquivo pessoal

Atividade 10

10. Origami do lobo-guará e da chapeuzinho vermelho;

Materiais utilizados:

- Duas folhas de ofício A4;
- Giz de cera ou lápis de cor e canetinha;
- Tesoura e cola;



Fonte: Arquivo pessoal

Vamos fazer o origami do lobo-guará?

- Peguem suas folhas de ofício e seus giz de cera na cor laranja e preto;
- Vamos assistir o vídeo juntos para ir fazendo passo à passo, vou pausando o vídeo em cada etapa da dobradura.

Mãos à obra! Prestam atenção!

<https://www.youtube.com/watch?v=a4y1y-qioAg&t=2s>

Atividade 11

11. Origami do porco cateto

Materiais utilizados:

- Duas folhas de ofício A4;
- Giz de cera ou lápis de cor e canetinha;
- Tesoura e cola;



Fonte: Arquivo pessoal

Atividade 12

12. Confeção dos personagens lobo-guará e porco cateto utilizando diferentes tipos de folhas;

Materiais utilizados:

- Folhas secas em diferentes formatos;
- Cola quente;
- Canetinha;
- Folha de ofício;



Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal

Atividade 13

13. Questionário final.

- Façam com calma e atenção;
- Percebam que em algumas perguntas vocês terão que repetir a resposta da pergunta anterior antes de justificar o por quê.

<https://forms.gle/Sdg3dWjXiAegThsZ9>

Referências

COMO fazer porco. Origami. A arte de dobrar o papel. **Youtube**, (3min.51s.), 25 de jan. de 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qXTSRGFTa0>> Acesso em 20 de maio de 2021.

COFRINHO de garrafa pet- porquinho. **Showdeartesexato.com.br. Youtube** (12 min.), 08 de jan. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2TNXjokdglk&list=RDCMUICzmFKKPyYquVdA2clpdNA&index=1>> Acesso em: 30 de maio de 2021.

CHASSOT, A. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, N° 22, p. 89-100, Jan./Abr. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000100009> Acesso em: 20 de fev. 2020.

LOBO-GUIARÁ de origami- Criarte em casa. **Youtube**. 28 de abr. de 2020. 7 min. #6 seg. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=a4y1y-qioAg&t=2s>> Acesso em 20 de maio de 2021.

MARQUES, J.C. **Modelos para dispersão de javalis (Sus scrofa)**. 2019. 80 f. Tese (doutorado Matemática Aplicada) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2019. Disponível em: <<file:///C:/Users/User/Desktop/mestrado%20UFsm/Disserta%C3%A7%C3%A3o/cateto%20javal%20queixada.pdf>> Acesso em: 08 de jul. 2020.

SERRA, Lina. **Trabalhos de outono com folhas secas. Artes divertidas na escola**. 2009. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/617837642604012250/>> Acesso em 20 de maio de 2021.

SCALFI, G; BARATA, G. Fauna brasileira no cotidiano da educação infantil: uma abordagem necessária. **Revista Ciências & Ideias**. V.10, n.3, 2019. Disponível em: <<https://revistascientificas.ifrrj.edu.br/revista/index.php/reci/article/view/1046/693>> Acesso em 20 de jan. 2020.



**APÊNDICE M- QUESTIONÁRIO FINAL DE VALIDAÇÃO DA SEQUÊNCIA
DIDÁTICA TEMÁTICA APLICADA NO CURSO NORMAL**

1. Antes deste estudo, você já tinha conhecimento que os contos infantis interferem na visão estereotipada dos animais, inclusive dos animais brasileiros, podendo não desenvolver o sentimento de cuidado e valorização dos mesmos?
 Sim
 Não, nunca pensei a respeito
 Não, mas já imaginava

2. Você acha que estudos sobre estes conhecimentos que associam a literatura infantil e como esta interfere na visão estereotipada dos animais, inclusive dos animais brasileiros, sejam importantes para o professor atuar na sala de aula?
 Sim
 Não
 Um pouco
Repita a sua resposta da questão anterior e diga por quê? _____

3. Como futuro professor (a) você acredita que essa proposta de atividades com enfoque nos animais lobo-guará e porco cateto seja relevante para trabalhar a ciência, aliada à literatura infantil nos anos iniciais?
 Sim
 Não
Repita a sua resposta da questão anterior e diga por quê? _____

4. Você acredita que a proposta de atividades apresentadas com enfoque no lobo-guará pode contribuir para diminuir a visão estereotipada do lobo personagem?
 Sim
 Não
 Um pouco
Repita sua resposta da questão anterior e justifique por quê? _____

5. Os recursos didáticos utilizados na proposta de sequência didática (atividades) são relevantes?
 Sim
 Não

6. Você consegue associar, para além dos animais, a possibilidade da ciência ser explorada por meio de outros temas presentes na literatura infantil?
 Sim
 Não
 Nunca pensei a respeito

7. Agora pensando na possibilidade da pergunta anterior:

- a) Cite uma possível história que você acredita ser possível de trabalhar a ciência.
- b) Cite quais temas relacionados a ciência essa história poderia abordar para relacionar à ciência.

8. Comente qual atividade você mais gostou?

- Aula expositiva sobre o lobo-guará e o porco cateto;
- Contação das versões adaptadas das histórias da Chapeuzinho Vermelho e dos Três Porquinhos.
- Confecção de cartazes em grupos referente a pesquisas sobre estes animais;
- Máscara dos animais para desfile;
- Origami dos animais;
- Confecção dos animais com materiais recicláveis;
- Confecção dos animais com folhas secas;

Diga qual atividade escolheu na questão anterior e por quê? _____

9. As histórias reescritas podem ser uma forma de contribuir para mudança dos estereótipos dos animais?

- Sim, somente as histórias podem contribuir;
- Não, acho necessário a aplicação de atividades conjuntas a história;
- Acredito que somente as histórias ajudariam, mas com o acréscimo de atividades conjuntas os resultados se potencializam.

10. Qual das atividades propostas você acredita que mais contribuiria para essa mudança de estereótipos?

- Aula expositiva sobre o lobo-guará e o porco cateto;
- Contação das versões adaptadas das histórias da Chapeuzinho Vermelho e dos Três Porquinhos.
- Confecção de cartazes em grupos referente a pesquisas sobre estes animais;
- Máscara dos animais para desfile;
- Origami dos animais;
- Confecção dos animais com materiais recicláveis;
- Confecção dos animais com folhas secas;

APÊNDICE N- AULA EXPOSITIVA/DIALOGADA SOBRE O LOBO-GUARÁ E O
PORCO CATETO

VOCÊS GOSTAM DE LOBOS? POR QUÊ?

**VAMOS CONHECER MELHOR UMA ESPÉCIE DE
LOBO PRESENTE AQUI NO BRASIL?**



Fonte: encurtador.com.br/tzDRW

QUE ANIMAL É ESSE?

LOBO-GUARÁ
*Chrysocyon
brachyurus*



Fonte: encurtador.com.br/xABL4

O LOBO-GUARÁ TAMBÉM É CONHECIDO COMO:

- GUARÁ,
- AGUARÁ;
- AGUARAÇU;
- LOBO-DE-CRINA, LOBO-DE-JUBA OU LOBO-VERMELHO;



Fonte: encurtador.com.br/tzDRW

CARACTERÍSTICAS

- MAIOR CANÍDEO DA AMÉRICA DO SUL;
- 20 A 30 KG DE PESO;
- ATÉ 90 CM ENTRE OS OSSOS DO OMBRO E A BASE DO PESCOÇO;
- PERNAS LONGAS E FINAS;
- DENSA PELAGEM AVERMELHADA LHE CONFEREM UMA APARÊNCIA INCONFUNDÍVEL.



Fonte: encurtador.com.br/fthuGH

AMBIENTE PREFERIDO DO LOBO!

- BIOMA CERRADO;
- BIOMA É UM CONJUNTO DE VIDA VEGETAL E ANIMAL COM DETERMINADAS CARACTERÍSTICAS DE VEGETAÇÃO, CLIMA E GEOLOGIA;



Fonte: encurtador.com.br/fuJQ0

- O BIOMA CERRADO APRESENTA ÁREAS ABERTAS E CAPOEIRAS;
- VEGETAÇÃO RASTEIRA;
- GRAMAS COM A COR PARECIDA A DO LOBO ONDE ELE PODE SE ESCONDER DOS PREDADORES;



Fonte: encurtador.com.br/gAJNW



CERRADO:

- VERÃO CHUVOSO E INVERNO SECO;
- VARIEDADE DE SOLOS;
- GRANDE QUANTIDADE DE ÁGUA.



Fonte: encurtador.com.br/hinqF

AONDE ENCONTRAMOS O LOBO-GUARÁ?

- GOIÁS;
- MATO GROSSO;
- MATO GROSSO DO SUL E DISTRITO FEDERAL;
- MINAS GERAIS;
- SÃO PAULO;
- PARANÁ;
- TOCANTINS;
- BAHIA;
- MARANHÃO E PIAUÍ.



Fonte: encurtador.com.br/hin9F

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA



O QUE O LOBO-GUARÁ COME?



Fonte: encurtador.com.br/tzDRW

PEQUENOS ANIMAIS



Fonte: encurtador.com.br/jTW4



Fonte: encurtador.com.br/nzEYS

CAPINS E GRAMAS



Fonte: encurtador.com.br/pDW48

ARATICUM



Fonte: encurtador.com.br/nuGP5

LOBEIRA= FRUTA DO LOBO



Fonte: encurtador.com.br/DZ456

POLPA DO FRUTO MADURO PODE SER CONSUMIDA E FAZER GELEIA;



Fonte: encurtador.com.br/mt557



Fonte: encurtador.com.br/mt557



Fonte: encurtador.com.br/pC6X5



Fonte: encurtador.com.br/mt557

MUITOS RUMINANTES, COMO O GADO COMIAM ATÉ O CAROÇO, OU MELHOR, A "TAMPA", QUE PROVOCAVA A SUA MORTE, POIS FECHAVA O ESTÔMAGO;

ALGUNS LOBOS ATACAM O GADO E OUTROS ANIMAIS DOMÉSTICOS COMO A GALINHA;

FAZENDEIROS COSTUMAM OFERECER RECOMPENSAS POR SUAS PELES, TORNANDO-OS BASTANTE CAÇADOS.



Fonte: encurtador.com.br/crPSY



Fonte: encurtador.com.br/mtS57

- LOBO DISPERSA AS SEMENTES POR MEIO DO SEU COCO E COM ISSO VÁRIAS OUTRAS ÁRVORES DE LOBEIRA SE PROPAGAM;
- LOBEIRA PRODUZ FRUTOS O ANO TODO;
- POSSUI AS ÉPOCAS DE MAIOR E MENOR PRODUÇÃO.



Fonte: encurtador.com.br/eJLOQ

REPRODUÇÃO

- ACONTECE UMA VEZ POR ANO E A GESTAÇÃO PODE DURAR APROXIMADAMENTE **65 DIAS**.
- NORMALMENTE NASCEM DE **2 A 5 FILHOTES**;
- INICIALMENTE APRESENTAM PELAGEM PRETA, EXCETO NA PONTA DA CAUDA, QUE OS PELOS SÃO BRANCOS.



Fonte: encurtador.com.br/bkAB4

FILHOTES

- NASCEM ENTRE **JUNHO E SETEMBRO**;
- PESAM ENTRE 340 E 410 GRAMAS, ATÉ ATINGIREM UM ANO DE IDADE, QUANDO SÃO CONSIDERADOS **ADULTOS**;
- SÃO CUIDADOS PELA FÊMEA, QUE NÃO SAI DA TOCA E O MACHO OS ALIMENTA DURANTE ESSE PERÍODO.



Fonte: encurtador.com.br/ckW2

LOBO JOVEM



**O QUE ESTÁ CAUSANDO A MORTE
DO LOBO-GUARÁ?**



O QUE O AMEAÇA?

CAÇA



Fonte: encurtador.com.br/mGL15

DESMATAMENTO



Fonte: encurtador.com.br/bkEGL

QUEIMADAS



Fonte: encurtador.com.br/kyP12

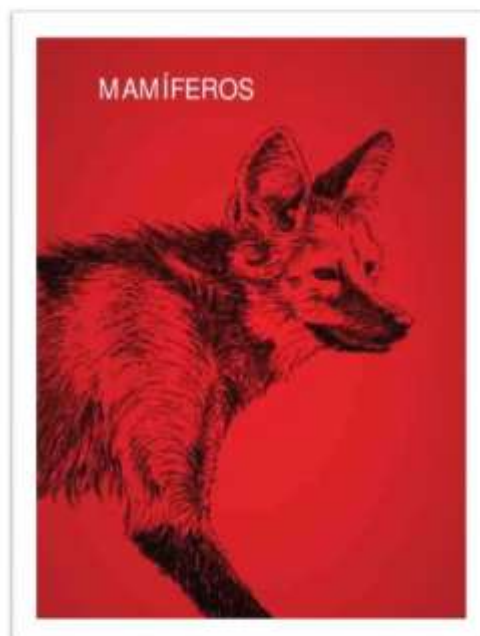
ATROPELAMENTOS



Fonte: encurtador.com.br/aAN13

LIVRO VERMELHO

- LIVRO QUE CONTÉM AS ESPÉCIES DE ANIMAIS QUE APRESENTAM RISCO DE EXTINÇÃO OU ENTÃO JÁ ESTÃO EXTINTAS;
- LOBO-GUARÁ ENCONTRA-SE NA CATEGORIA VU-VULNERÁVEL AMEAÇADO;
- A ESPÉCIE É CONSIDERADA QUASE AMEAÇADA (NT) PELA IUCN DESDE 1996;
- IUCN= UNIÃO INTERNACIONAL PARA A CONSERVAÇÃO DA NATUREZA- ORGANIZAÇÃO CIVIL DEDICADA À CONSERVAÇÃO DA NATUREZA.



O QUE PODEMOS FAZER PARA O LOBO-GUARÁ NÃO SE TORNAR EXTINTO?

DIMINUIR OS
DESMATAMENTOS!



Fonte: encurtador.com.br/eqxJR

AUMENTAR A FISCALIZAÇÃO E CUMPRIMENTO DAS LEIS AMBIENTAIS.



Fonte: encurtador.com.br/adJOV

AMPLIAR ESTUDOS SOBRE AS DOENÇAS QUE ACOMETEM A ESPÉCIE.



Fonte: encurtador.com.br/nSWZ0

CURIOSIDADES SOBRE OS LOBOS!



Fonte: encurtador.com.br/aAG47

EXISTEM VÁRIAS ESPÉCIES DE LOBOS



LOBO-CINZENTO

Fonte: encurtador.com.br/DGQW7



**LOBO-DO-ÁRTICO , TAMBÉM
CHAMADO DE LOBO-POLAR E
LOBO-BRANCO**

Fonte: encurtador.com.br/ntxHK

LOBO VERMELHO



Fonte: encurtador.com.br/gnwF7

O lobo-guará uiva ou late?

MOSTRAR VÍDEO:

https://www.youtube.com/watch?v=E_UmOBLGQa0



Fonte: encurtador.com.br/mRUXZ

OUTRAS ESPÉCIES DE LOBO UIVAM!



POR QUE ALGUNS LOBOS UIVAM?

- **CHAMAR SEU GRUPO PARA A CAÇA;**
- UIVAM COM MUITO MAIS FREQUÊNCIA EM NOITES DE **LUA CHEIA PORQUE O CLARÃO DO LUAR** É UMA CONDIÇÃO ALTAMENTE PROPÍCIA PARA LOCALIZAREM SUAS PRESAS;
- OS LOBOS SÃO CAPAZES DE RECONHECER UNS AOS OUTROS APENAS PELO UIVO DE CADA UM.
- **UIVAM PARA MARCAR SEU TERRITÓRIO**, ASSIM COMO OS CÃES;



QUEM CONHECE ESSE LOBO?
ELE É PARECIDO COM O LOBO-GUARÁ?



Fonte: encurtador.com.br/hmpD5



asia

VAMOS CONHECER MELHOR UMA ESPÉCIE DE PORCO?



Fonte: encurtador.com.br/joyAV

CARACTERÍSTICAS

- MEDEM DE 75 A 100 CM DE COMPRIMENTO;
- APROXIMADAMENTE 45 CM DE ALTURA;
- PESO VARIA DE 14 A 30 KG; 38 DENTES;
- CAUDA PEQUENA E UM FOCINHO ALONGADO;
- PATAS CURTAS E DELGADAS E PÉS PEQUENOS.
- PELAGEM É LONGA E ÁSPERA, GERALMENTE DE TONALIDADE CINZA MESCLADA DE PRETO, COM UMA FAIXA DE PELOS BRANCOS AO REDOR DO PESCOÇO QUE DÁ O ASPECTO DE UM COLAR.
- VISÃO RUIM, MAS O OLFATO BASTANTE DESENVOLVIDO.



Fonte: encurtador.com.br/joyAV

O QUE O PORCO CATETO COME?

MANDIOCA, MILHO, PEQUENOS
INVERTEBRADOS, ENTRE
OUTROS.



Fonte: encurtador.com.br/nwG1P



Fonte: encurtador.com.br/FP146



Fonte: encurtador.com.br/qwxFU



Fonte: encurtador.com.br/CHP45

COMPORTAMENTO

SE ESCONDEM EM
BURACOS NO CHÃO
OU EM TRONCOS
OCOS.



Fonte: encurtador.com.br/pHTX2

- BANDOS DE CATETO: 5 A 25 MEMBROS E DIVIDEM-SE EM SUBGRUPOS TEMPORÁRIOS;
- DURANTE O DIA O GRUPO PODE CONTER DE UM A TRÊS INDIVÍDUOS.
- MAIS ATIVOS NO INÍCIO DA MANHÃ E FINAL DA TARDE, REPOUSANDO NO MEIO DO DIA.



Fonte: encurtador.com.br/pKX48



Fonte: encurtador.com.br/ehDLM

MECANISMO DE DEFESA

- BATER OS DENTES QUANDO SE SENTEM AMEAÇADOS;
- CRINA NA REGIÃO DORSAL DE PELOS MAIS LONGOS E ESCUROS, QUE ERIÇAM EM SITUAÇÕES DE ESTRESSE OU QUANDO DEMONSTRAM COMPORTAMENTOS DE AMEAÇA.



Fonte: encurtador.com.br/gnwF7



Fonte: encurtador.com.br/CHP45

- GLÂNDULA NA REGIÃO DORSAL QUE PRODUZ FORTE ODOR;
- UTILIZADA PARA MARCAÇÃO TERRITORIAL;



Fonte: encurtador.com.br/kuyNR

- PREDADORES E DISPERSORES DE SEMENTES;
- INDICADORES DA **QUALIDADE AMBIENTAL**.
- TOLERANTES A AMBIENTES ALTERADOS, EXCETO QUANDO MUITO ALTERADOS.



Fonte: encurtador.com.br/loyAV

PODE SER CONFUNDIDO!



Fonte: encurtador.com.br/q9i23

COMO DIFERENCIÁ-LOS?

CATETO:

- POSSUI UM TIPO DE COLAR BRANCO AMARELADO, PESA APROXIMADAMENTE 20KG;
- ALTURA VARIA ENTRE 40CM E 50CM. PODE ATINGIR CERCA DE 1M DE COMPRIMENTO.
- VIVE EM BANDOS QUE VARIAM DE SEIS ATÉ 30 INDIVÍDUOS.
- QUANDO ESSE BANDO SE APROXIMA PRODUZEM UM BARULHO COM O BATER DOS DENTES.

QUEIXADA:

- DIFERENTE DO CATETO NO TAMANHO, COLORAÇÃO DO PELO E COMPORTAMENTO.
- PODE PESAR EM TORNO DE 35KG.
- TEM PELAGEM DAS COSTAS BEM LONGA E POSSUI BASTANTE PELOS BRANCOS NA MANDÍBULA E FOCINHO. OS GRUPOS EM QUE VIVEM VARIAM, GERALMENTE, ENTRE 50 E 100 INDIVÍDUOS (MARQUES, 2019, P.08).

JAVALI:

- PESO QUE VARIA DE 30KG A 190KG PARA MACHOS ADULTOS E DE 15KG A 110KG PARA AS FÊMEAS.
- COLORAÇÃO DA PELAGEM VARIA DE ACORDO COM A FAIXA ETÁRIA, ENQUANTO ADULTOS, APRESENTAM PELOS LONGOS E DE COR PRETA, ALÉM DAS PRESAS.
- JÁ ENQUANTO JOVEM, APRESENTAM LISTRAS LONGITUDINAIS MARROM AVERMELHADA COM PRETO.

PODE SER ENCONTRADO NAS ÁREAS COM COBERTURA VEGETAL EM TODOS OS BIOMAS



REPRODUÇÃO

- SEGUEM SUAS MÃES DEPOIS DE 1 HORA DO PARTO E MAMAM POR APROXIMADAMENTE 6 SEMANAS.
- 2 VEZES AO ANO, COM MÉDIA DE 1,5 FILHOTE POR PARTO;
- GESTAÇÃO DE 142 DIAS (3 MESES E MEIO) QUANDO NASCEM 1 A 4 FILHOTES, NORMALMENTE 2
- AOS 3 MESES, OS FILHOTES DEVEM SER DESMAMADOS, MARCADOS E SEXADOS ;



Fonte: encurtador.com.br/fCDL8

HABITAM UMA GRANDE DIVERSIDADE DE HÁBITATS

FLORESTAS



Fonte: encurtador.com.br/cABIR

REGIÕES SECAS



Fonte: encurtador.com.br/gQSX2

ÁREAS DEVASTADAS



Fonte: encurtador.com.br/fgvL5

AMEAÇAS!

QUEIMADAS



Fonte: encurtador.com.br/kyP12



INDÚSTRIAS

Fonte: encurtador.com.br/mvAHY

HIDRELÉTRICAS



Fonte: encurtador.com.br/swzUS

AGRICULTURA



Fonte: encurtador.com.br/nLV06

RODOVIAS



Fonte: encurtador.com.br/mwWY9

LIVRO VERMELHO

- PORCO CATETO ENCONTRA-SE NA MAIORIA DAS REGIÕES NA CATEGORIA *MENOS PREOCUPANTE (LC)*;
- PORÉM NA MATA ATLÂNTICA ENCONTRA-SE NA CATEGORIA *QUASE AMEAÇADO (NT)*;



MEDIDAS PARA PRESERVAÇÃO DO PORCO CATETO

CRIAÇÃO DE NOVAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DE PROTEÇÃO INTEGRAL



Fonte: encurtador.com.br/mvxJ7

CURIOSIDADES SOBRE OS PORCOS!



Fonte: encurtador.com.br/doGI7

EXISTEM OUTRAS ESPÉCIES DE PORCOS?

- OS 3 PORQUINHOS SÃO IGUAIS AO PORCO QUE ESTUDAMOS? POR QUÊ?
- OS 3 PORQUINHOS SÃO MAIS PARECIDOS COM QUE PORCO?



Fonte: encurtador.com.br/wFPUZ

QUEM CONHECE ESSE PORQUINHO?



Fonte: encurtador.com.br/doGI7



Referências

Biologia e Conservação do Lobo-Guará na Estação Ecológica de Águas Emendadas, DF. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/316286/1/Rodrigues_FlavioHenriqueGuimaraes_D.pdf> Acesso em 20 de out. 2019.

Sumário executivo do plano de ação nacional para a conservação do lobo-guará. Disponível em:

file:///C:/Users/User1/Desktop/mestrado%20Ufsm/projeto%20contos%20de%20fada/sumario_lobo-guara.pdf> Acesso em 20 de out. 2019.

MATHIAS, J. HOSKEN, F.M. **Como criar cateto**: A venda de matrizes para novos criadouros ou para o abate é o objetivo da atividade, que pode ser explorada em sítios e chácaras.

Globo Rural, 2016. Disponível em: <https://revistagloborural.globo.com/vida-na-fazenda/como-criar/noticia/2016/02/como-criar-cateto.html>> Acesso em 20 de out. 2019.

LATIDO do lobo-guará. **Youtube**, (1 min), 23 de nov. de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E_UmOBLGQa0> Acesso em 31 de maio de 2021.

Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume I / -- 1. ed. -- Brasília, DF: ICMBio/MMA, 2018. Disponível em: <http://icmbio.gov.br/portal/images/stories/comunicacao/publicacoes/publicacoes-diversas/livro_vermelho_2018_vol1.pdf> Acesso em: 20 de out. 2019.

APÊNDICE O- MÁSCARA DO LOBO-GUARÁ E DO PORCO CATETO





APÊNDICE P- VERSÃO REESCRITA DA CHAPEUZINHO VERMELHO- CHAPEUZINHO VERMELHO EM UMA AVENTURA NA NATUREZA.

Era uma vez uma menina muito curiosa que adorava se aventurar na natureza para estudar tudo o que lhe despertava interesse.

Certo dia, Chapeuzinho Vermelho pegou sua capa vermelha, que a protegia dos insetos, sua mochila com acessórios para estudo a campo e foi para a mata coletar materiais como flores, folhas e fungos para estudo. Chapeuzinho sorridente saiu cantarolando pela floresta (pela estrada afora eu vou bem sozinha levar esses seres vivos para a professorinha...todos cantam) enquanto observava e admirava a natureza ao seu redor.

De repente começou a ouvir um barulho de folhas secas, que se aproximava lentamente logo percebeu que era um animal peludo e avermelhado. Chapeuzinho, esperta pegou sua câmera para fotografar, e em passos curtos e lentos começou a se aproximar. Então viu que era o lobo-guará, com seu andar desajeitado e seus sons agudos. Quando chapeuzinho finalmente conseguiu registrar uma foto do lobo, o barulho da câmera fez com que o lobo percebesse a presença da Chapeuzinho ali.

A menina assustada começa a correr, e de repente: *paft! paft!* Chapeuzinho tropeçou em um galho e acabou caindo. Desesperada pensou, é agora que o lobo me devora e começou apavorada a chorar (*Buá, Buá, Búa!*). O lobo então, mais assustado ainda, com seu caminhar lento e desajeitado, se aproximou da menina e falou:

-Olá menina do capuz vermelho! Posso saber porque você está me vigiando?

Chapeuzinho Vermelho soluçando respondeu:

-Eu, *euu* não estavaaa lhe vi vigiando *seu seu* lobo, eu apenas *que queria* uma foto sua. O lobo pensativo respondeu:

-Tudo bem então mocinha! Sendo assim não tem problema, você precisa se acalmar! Mas não era mais fácil ter me perguntado? E o meu direito de imagem? Nem me consultou? O lobo ajudou Chapeuzinho a levantar e falou:

- Veja só, rasgou até sua capa, e esta toda esfolada! Vou lhe levar até a sua casa, para cuidar desses machucados. Chapeuzinho agora mais tranquila, disse:

- Ai lobo, confesso que fiquei assustada com você e nem sabia mais se estava chorando de dor do meu tombo ou de medo de que fosse me devorar!

- (*Quá! Quá! Quá!*). Ria o lobo. Devorar? Quem pode pensar numa coisa dessas? Seria um tanto indigesta, além de meus dentes nem suportarem uma presa grande! Não teria como comer uma menina, e além do mais, minha alimentação inclui tanto uma dieta vegetal como animal., mas quando esta, muito pequenos. Sem contar que gosto mesmo é de frutos!

Os dois então dão altas gargalhadas da situação (*Quá! Quá! Quá!*). O lobo então disse:

- Não precisa ter medo de mim Chapeuzinho, sou apenas um bom lobo que está tentando sobreviver e resistir a tantas ameaças aqui na natureza. Nós é que estamos em perigo!

- Nossa lobo, eu sinto muito! Confesso para você que sempre quis saber mais sobre vocês! Você pode tirar algumas dúvidas?

- Óoh! Mas é claro Chapeuzinho!

- Como é morar aqui na floresta? Onde você dorme?

- É muito bom morar aqui, mas confesso que já foi melhor Chapeuzinho.

- Por que lobo-guará? O que aconteceu?

- Ah Chapeuzinho, nós lobos estamos em constante perigo, e podemos morrer a qualquer momento, há muitos caçadores e muito desmatamento por aqui.

- Nossa, eu sinto muito! Afinal as árvores das matas são seu abrigo, sua casa não é mesmo?

- Sim Chapeuzinho, mas há muitas pessoas desmatando, e com isso todos os animais presentes aqui sofrem e ficam sem moradia, e também com a falta de alimento, já que o meu alimento preferido é o fruto da árvore da lobeira, é muito delicioso e ainda posso ajudar na dispersão do mesmo por meio das minhas fezes;

- Uuuuu! Nossa! Isso Eu não Sabia! Você é muito importante aqui na natureza, eu sinto muito por todos vocês, mas acho que sei como ajudar, vou falar com a minha professora de ciências e vamos pensar em algo para protege-los.

De repente Chapeuzinho e o lobo escutam tiros (*Pow! Pow! Pow!*)!

- O lobo apavorado fala a chapeuzinho que é um caçador e precisa fugir.

Chapeuzinho fala, para o lobo que já estão chegando na casa da sua vovó e lá ele pode se esconder do caçador.

Chegando na casa da vovó, Chapeuzinho bate na porta: *toc toc toc!*

–Sou eu vovó, a Chapeuzinho Vermelho, preciso que você abra a porta o mais rápido possível. Vovó? Você está aí? *Vovóooooooooooooo.*

E nada da vovó abrir. Chapeuzinho então teve uma ideia. Nos fundos da casa da vovó sempre te uma janela que a vovó costuma deixar aberta, e ela teve a ideia de irem por lá e entrarem. E os tiros do caçador se aproximavam cada vez mais (*Pow! Pow! Pow!*) O lobo então disse:

- Depressa Chapeuzinho, vamos pular a janela antes que eu vire o churrasco do caçador!

Chapeuzinho então subiu nas costas do lobo e pulou para dentro da casa! Depois o lobo segurando nas mãos de Chapeuzinho, conseguiu entrar também. Chapeuzinho então disse:

- Até que enfim! Deu certo! Aqui você estará seguro.

Com todo aquele barulho, a vovó apareceu e apesar do susto que levou, após ver que era sua neta, perguntou a Chapeuzinho o que estava acontecendo. Com toda sabedoria quetinha, já conhecia o lobo-guará, e sabia que se tratava de um animal indefeso. Chapeuzinho explicou tudo a vovó e respondeu que estavam fugindo do caçador.

A vovó então tranquilizou os dois e falou que ali estariam seguros. Vovó imaginou que estavam com fome e trouxe um bolo de fubá que tinha acabado de tirar do forno. Para o lobo, troxe frutas fresquinha que tinha coletado. Após Chapeuzinho comer o bolo, disse que precisava voltar para casa, pois teria de ir para escola e conversar com sua professora para encontrarem uma solução para a problemática contada pelo lobo-guará.

- Tudo bem minha neta, eu fico orgulhosa que você queira proteger os lobos, pois eles precisam mesmo! E quanto a você lobo, sempre que precisar pule a janela de minha casa! (Todos riem! *Quá! Qué! Qué!*)

-Obrigada vovozinha, as frutas estavam deliciosas! O lobo então abraçou a Chapeuzinho Vermelho e sua avó com muita força que chegou a dar estalos! A menina então disse:

-Calma lobo! Não precisa nos espremer também, apesar de estar velhinho você ainda está bem forte! Acho que você é mais forte que qualquer caçador! Os três dearm risada da situação (*Quá! Qué!*)

No dia seguinte Chapeuzinho Vermelho chegou na escola e encontrou a professora, na aula de ciências com várias flores, folhas e materiais de estudo. No entanto, em um primeiro momento, Chapeuzinho queria mostrar a sua professora a foto do lobo para que juntos encontrassem uma solução.

Olhando para a foto a professora já identificou a espécie de lobo, e falou que esse era o **lobo-guará** e que realmente ele está ameaçado na natureza. A professora aproveitou a oportunidade ministrou uma aula sobre o lobo-guará para toda a classe, explicando todas as suas **características, alimentação, moradia, comportamento, reprodução** e a problemática ligada a sua **ameaça de extinção**. Chapeuzinho perguntou à professora durante a aula.

-O que vamos fazer para ajudar os lobos professora?

-Vamos fazer um trabalho para preservar as áreas verdes, conscientizar a comunidade para evitar o desmatamento, e ainda devemos aumentar a fiscalização ambiental para que os caçadores, queimadas, desmatamento sejam extremamente punidos, afinal são proibidos em lei!

-Adorei a ideia professora, vou hoje mesmo contar ao lobo.

Chapeuzinho então voltou para casa da escola e correu para a floresta para avisar o lobo que haviam encontrado uma solução. Quando Chapeuzinho o avistou logo percebeu que lobo estava muito triste chorando (*Buá, Buá Buá!*). Chapeuzinho se aproximou e perguntou o que estava acontecendo, e ele muito entristecido respondeu:

- Meu amigo, foi pego por um caçador, ele não resistiu e acabou morrendo!

-Nossa eu sinto muito lobo e deu um abraço carinhoso no lobo, e comentou com ele que tinha uma notícia boa para os lobos e que irão fazer de tudo para acabar com essas ameaças!

O lobo, chorando perguntou:

Qual é a notícia Chapeuzinho Vermelho?

-Eu avisei a minha professora de ciências sobre a problemática de vocês e nós encontramos uma solução. Vamos realizar campanhas e patrulhas para preservar as áreas verdes, conscientizando e cobrando dos órgãos responsáveis ações contra o desmatamento; e assim vocês terão alimento e abrigo. Vamos também aumentar solicitar maior fiscalização ambiental para que caçadores, queimadas e o desmatamento sejam extremamente punidos, afinal a professora falou que é proibido em lei.

- Não tenho como lhe agradecer Chapeuzinho vermelho. Muito obrigada, você já uma grande amiga para mim!

Chapeuzinho satisfeita falou ao lobo que irão começar o quanto antes e que ele não precisa se preocupar pois não irá mais perder amigos dessa forma.

Chapeuzinho vermelho e o lobo se tornam grandes amigos e comemoraram a realização do trabalho. Chapeuzinho aventureira como sempre, subiu nas costas do lobo e os dois percorram a floresta cantando felizes. No dia seguinte, Chapeuzinho voltou à escola e relatou à professora o triste acontecido, o que só motivou ainda mais toda a turma a iniciar logo o projeto de conservação dos lobos.

FIM!

APÊNDICE Q- VERSÃO REESCRITA DOS TRÊS PORQUINHOS- OS TRÊS PORQUINHOS CATETOS E O LOBO-GUARÁ.

Os Três Porquinhos Catetos e o Lobo-Guará

Era uma vez três porquinhos irmãos muito travessos que viviam na floresta junto a um grande bando, com a sua mãe e outros catetos. Um dia, como já estavam muito crescidos, decidiram conhecer novos lugares, pois se adaptam muito bem em diferentes ambientes. A mãe concordou, e os aconselhou: - Chamam o sábio lobo-guará, um grande conhecedor das matas, para lhes ajudar na escolha de um bom local para esta nova morada, ele conhece muito bem as florestas por ser um dos primeiros moradores daqui e os ajudará da melhor forma.

- Pode deixar mamãe! Responderam os três catetos ao mesmo tempo. Os três porquinhos catetos saíram pela floresta a procura do lobo-guará, e sabendo do quando gosta de se alimentar de frutos de árvores foram a uma área de floresta que tem ainda um grande reservatório de espécies frutíferas. E foi lá mesmo, quando menos esperavam, que se depararam com ele!

Os Três porquinhos empolgados falaram:

- Olá sábio lobo-guará! Estávamos procurando por você. Nós queremos ter uma nova morada e construir um abrigo e sabemos que você saberá nos orientar!

O lobo se virou atentamente para os catetos e respondeu:

- Olá Três porquinhos catetos, pois é, que estava aqui comendo minhas deliciosas frutas e estava sentindo o cheiro inconfundível de vocês (quá, quá, quá)! E, logo pensei, devem ser os irmãozinhos catetos por perto. Óra, será uma honra ajudá-los, sabem o quanto prezo pelo cuidado dessa floresta, morei aqui a vida inteira aqui! E pelos meus pelos brancos, no meio de uma pelagem vermelha, além de demonstrar que já sou velhinho, também demonstrem o quão bem conheço esse lugar (quá, quá, quá)!

Os Três porquinhos ficaram curiosos e sentaram-se ao pé do lobo e então falaram:

- Nossa lobo-guará, é muito saber disso, e agora queremos saber mais, morando tanto tempo aqui, como tem se conseguido ainda manter esta floresta tão bem preservada?

Disse o sábio lobo:

- Pois vou dividir com vocês, um dos segredos desta floresta! Temos aqui nesta mata, muitos animais plantadores! Bom, para manter as árvores, principalmente as frutíferas, como a da lobeira, que eu aaaaamo o fruto! Nossa! Já me deu água na boca só de lembrar! Ai, eu como o fruto e depois elimino as sementes deles por meio do meio das minhas fezes...

- Do cocô? Pergunto rápido um dos catetos!

- Isso mesmo! Continuou o lobo. Elimino no cocô, ele fica repolto de sementes e com isso, vou disseminando muitas por aí, e estas vão germinar e nascer novas árvores. Desta forma, muitas espécies frutíferas vão se propagando, o que ajuda a manter uma floresta cheinha de árvores, que ajuda na manutenção do meio ambiente, a diminuir o aquecimento do planeta, a oferecer mais abrigo a diversos pássaros e outros tantos animais, a aproveitar aquela sombrinha tão deliciosa nos dias de calor, além de também fornecer alimento para nós, assim como a lobeira fornece para mim. E vocês, também comem frutos e acabam dispersando sementes por ai também!

- Nossa, é verdade, lobo-guará! Disseram os Três catetos e ainda continuaram:

- Não tínhamos nos dado conta disso ainda! E precisamos muito das árvores e por isso, nós queremos muitas árvores ao redor do nosso abrigo!!!

- Óh, mas é claro! Venham comigo que vou levá-los para um lugar ideal para esta morada de vocês. Disse o lobo, enquanto já ia caminhando desajeitado a frente, seguido pelos Tres Catetos.

Enquanto o lobo guará e os Três porquinhos caminhavam até o local, conversam e trocavam muitas ideias sobre a floresta e abrigos ideais. Chegando ao local, eles se deparam com muitas árvores caídas e desmatadas; porém, ninguém estava mais por lá. Apavorados e inconformados com a situação, o lobo e os três porquinhos decidiram vigiar o local e aguardar, para tentarem descobrir o que estava acontecendo ou que aparece algum culpado. Um porquinho, cansado de esperar acabou pegando no sono e começou a roncar (ronc, ronc, ronc).

Após uma hora de espera, eles escutam um ronco (vrum, vrum, vrum) que se aproxima cada vez mais. De repente apareceu um homem, que começa a carregar a madeira em sua caminhonete. O lobo-guará inconformado, resolveu aparecer e foi questionando:

-O que está acontecendo aqui? Como pode estar a desmatar esta mata aqui? Indagou o lobo.

-Óh Lobo-guará, mas que surpresa, já ouvi falar muito de você! Não é o que você está pensando, eu posso explicar! Disse o lenhador!

-Acho que não precisa explicar, nós já entendemos tudo, e vamos lhe denunciar! Disse o lobo!

-Quem? Vocês? (*quá, quá, quá!*) ninguém acreditará em vocês (*quá, quá quá!*)! Ria sem parar o lenhador!

-Os porquinhos então enfurecidos, rangiram os dentes (*Nhec, nheec*), exalam seu odor e rodearam o lenhador, tem certeza? Chamaremos o nosso bando! E demonstram uma câmera com fotos que tiraram dele praticando o crime!

O homem apavorado e com medo dos três catetos, saiu correndo depressa, tampando seu nariz porque não aguentava mais o fedor dos porquinhos. O Lobo-guará e os três catetos, no mesmo momento, foram até a cidade demonstrar as autoridades as fotos do crime e como forma de agradecimento ao lobo o convidaram para se torna o novo fiscal ambiental daquela área e os três porquinhos catetos, os seus assessores.

A multa que resultou do crime cometido pelo lenhador que desmatou aquela área foi repassada a eles e com este valor foram compradas novas mudas de espécies nativas florestais e plantadas na área que havia sido desmatada. E junto, neste local, foi construída uma casa sustentável, com materiais oriundos de reaproveitamento para que os três porquinhos, junto com o lobo pudessem dar palestras e orientar a população sobre a importância das florestas e dos animais. O lenhador foi o primeiro a realizar o curso de preservação e inclusive ajudou a plantar as novas mudas de árvores na área.

FIM!